



LORETTA CHASE

As Modistas - 2

Escândalo de cetim



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

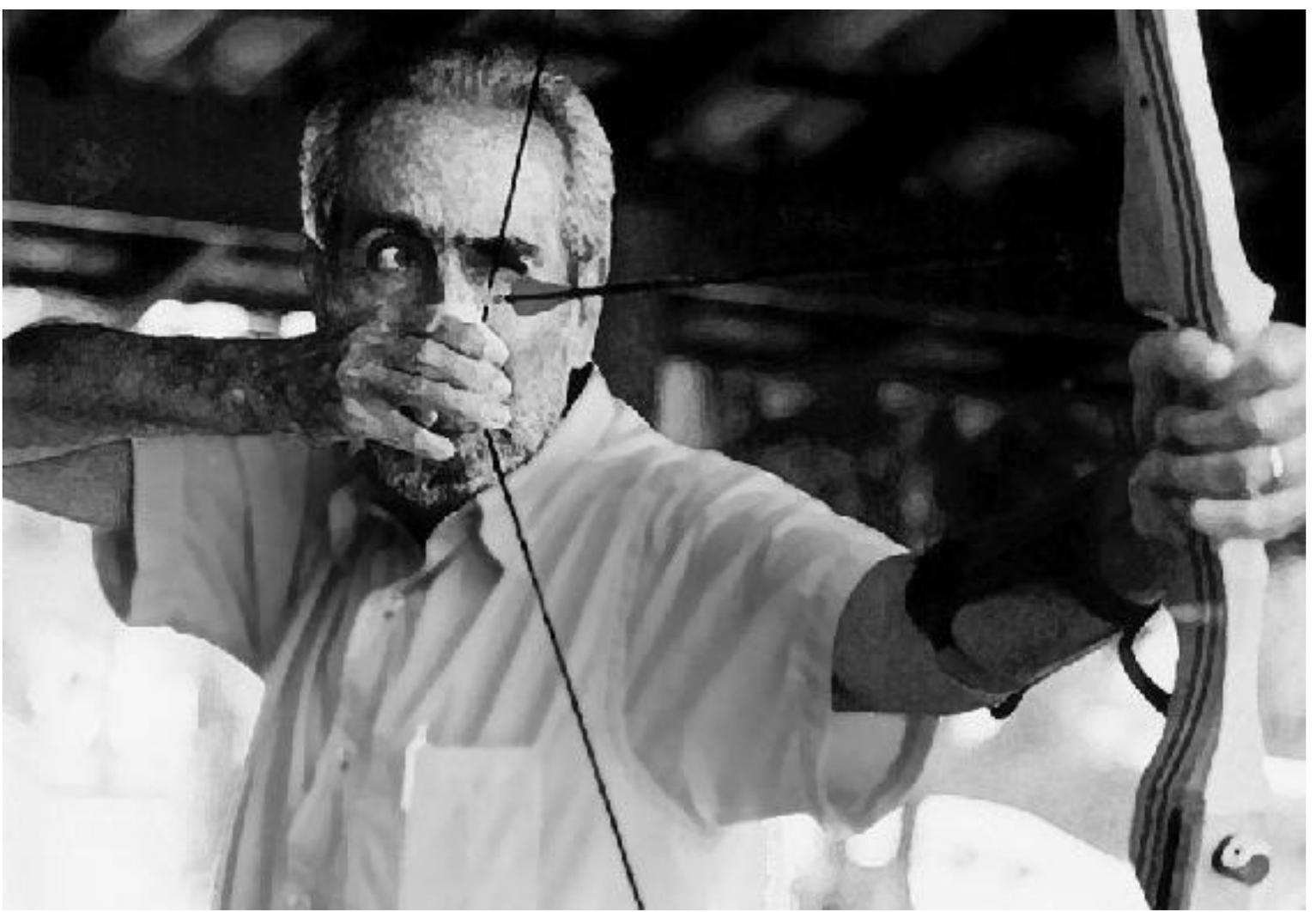
Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Escândalo de cetim



O Arqueiro

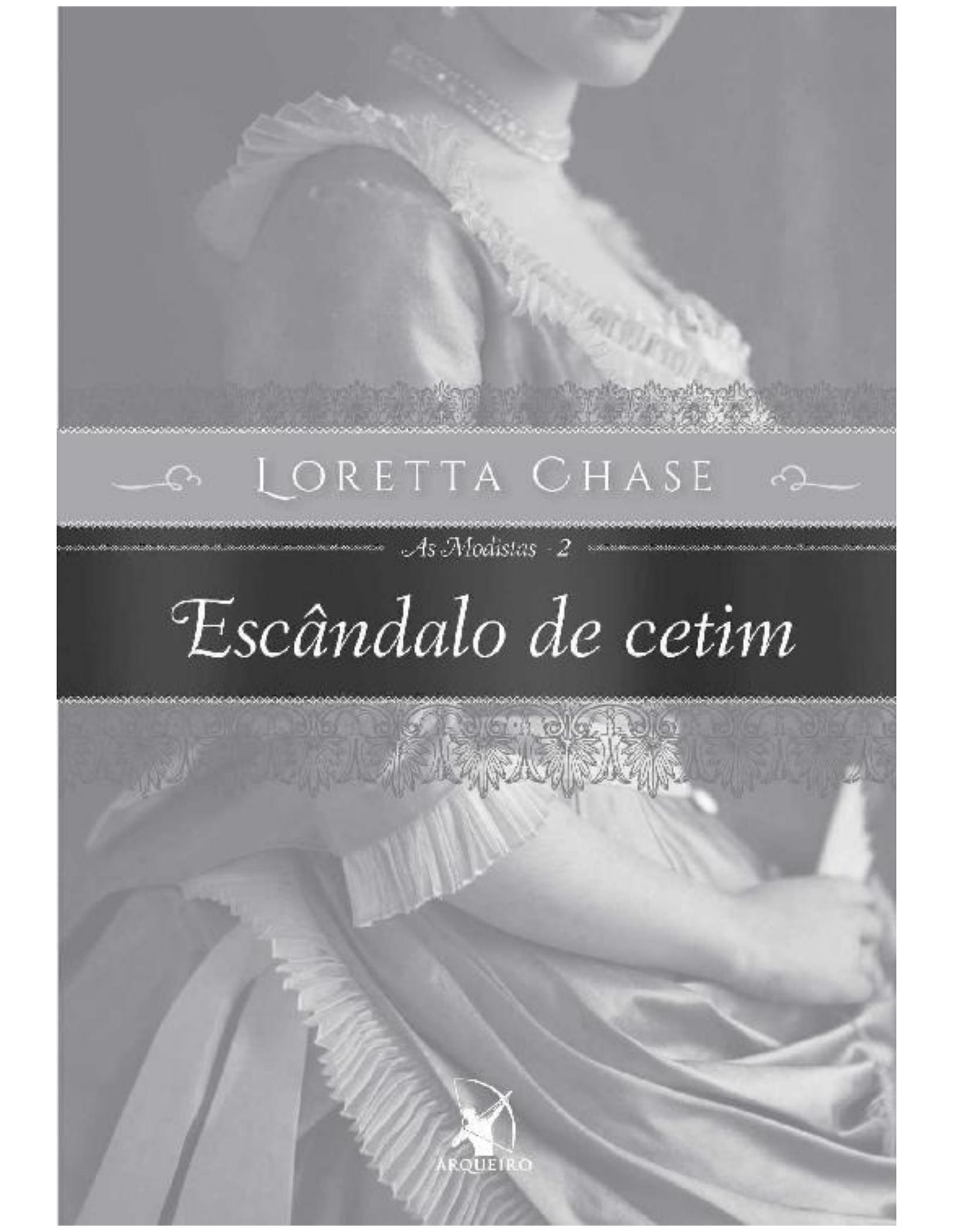
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



LORETTA CHASE

As Modistas - 2

Escândalo de cetim



Título original: *Scandal Wears Satin*

Copyright © 2012 by Loretta Chekani

Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Reisner

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Juliana Souza e Suelen Lopes

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: DuatDesign

imagem de capa: Lee Avison/ Trevillion Images

foto da autora: © 2008 Walter M. Henritze

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C436e

Chase, Loretta

Escândalo de cetim [recurso eletrônico]/ Loretta Chase; tradução de Simone Reisner. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (As modistas; 2)

Tradução de: Scandal wears satin

Sequência de: Sedução da seda

Continua com: Volúpia de veludo

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-640-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Reisner, Simone. II. Título. III. Série.

16-36564

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Prólogo

Observe seu ar indomado e seus cachos de cigano, negros como carvão. Note seu semblante aristocrático (para não dizer arrogante), esteja ele sorrindo para uma bela dama ou olhando com malgrado para um credor servil.

Revista da Corte. “Esquetes da vida real”, 1835.

Londres.

Quinta-feira, 21 de maio de 1835, de manhã bem cedo.

Os imorais sabiam como dar uma festa.

Nas noites de quarta-feira, após dançar ou jogar cartas com o *crème de la crème* da sociedade no Clube Almack’s, o grupo mais sem regras de Londres se divertia em outro lugar.

Além da mesa de roleta e dos jogos de azar, a casa de Carlotta O’Neill oferecia atividades mais apimentadas, com mulheres de reputação duvidosa que trabalhavam como damas de companhia da maior cortesã de Londres.

Harry Fairfax, o conde de Longmore, naturalmente estava presente, embora aquele não fosse o tipo de lugar que seu pai, o marquês de Warford, gostaria que seu herdeiro frequentasse. Entretanto, Longmore tinha concluído havia muito tempo que atender aos desejos do pai era o caminho mais fácil para o tédio mortal.

Com 27 anos, ele era completamente diferente dos pais, em todos os aspectos. Havia herdado do tio-avô, lorde Nicholas Fairfax, não apenas a aparência – cabelos e olhos negros, além da altura e de um físico atlético –, mas também o talento para fazer o que não devia.

Por isso, ali estava lorde Longmore, na casa de Carlotta.

Ela, por sua vez, se encontrava caída sobre ele, exalando a fragrância de seu perfume e, por enquanto, conversando.

– Mas o senhor os conhece intimamente – disse ela. – Precisa nos contar como é a nova duquesa de Clevedon.

– Morena – respondeu ele, observando a roleta girar. – Bonita. Diz que é inglesa, mas age como uma francesa.

– Meu caro, isso nós teríamos descoberto lendo o *Spectacle*.

O *Foxe’s Morning Spectacle* era o principal jornal de escândalos de Londres. O marquês de Warford o achava asqueroso, mas o lia. Embora relutassem em confessar, todos liam o *Spectacle*, desde alcoviteiras e cafetões até a Família Real. Longmore sabia que cada detalhe publicado a respeito da esposa do duque de Clevedon fora minuciosamente trabalhado por Sophia Noiro, a irmã loura da nova duquesa: malévola modista pela manhã, espiã do editor Tom Foxe à noite.

Longmore se perguntou onde Sophia estaria naquela noite. Ele não a vira no Almack’s. Modistas, em especial as que pareciam francesas, tinham tanta chance de conseguir um convite para o clube quanto de

se tornarem invisíveis. Mas Sophia Noiroth tinha os próprios truques e, disfarçada de serviçal, era capaz de entrar com aquele corpo elegante e curvilíneo em qualquer lugar que desejasse. Era assim que descobria os vários segredos publicados no escandaloso jornal de Foxe.

A roleta parou de girar, um dos sujeitos à mesa praguejou, e a meretriz que atuava como crupiê arrastou uma pilha de fichas na direção de Longmore.

Ele pegou as fichas e as entregou a Carlotta.

– Quer que eu guarde seus ganhos em um lugar seguro? – perguntou ela.

Ele riu.

– Sim, minha cara, mantenha-os em segurança. E também compre uma lembrancinha para você.

As sobrelhas bem delineadas dela se ergueram.

Até um instante atrás, quando visões de Sophia Noiroth passavam em um intenso fluxo por sua mente, o plano de Longmore era o mesmo que o de Carlotta: ir para o quarto. Carlotta deveria estar a serviço de lord Gorell, mas ele, embora bastante rico, não era animado o suficiente para lhe oferecer uma diversão completa.

Dependente de uma mesada e dos ganhos na roleta, Longmore provavelmente não era rico o suficiente para conseguir manter uma amante como Carlotta. Além disso, embora não duvidasse de que possuía a energia e a inventividade necessárias para manter o interesse dela, ocorreu-lhe que a mulher não seria capaz de sustentar o seu interesse por mais que cinco minutos. Até para seus imprudentes padrões, essa possibilidade não justificava o grande investimento financeiro nem o tédio subsequente de ser obrigado a ouvir o discurso do pai sobre gastos superiores ao valor das mesadas.

Em outras palavras, Longmore havia se cansado dela em poucos minutos.

Alguns minutos depois de abandonar seus ganhos na roleta, partiu com dois de seus amigos e duas das funcionárias de Carlotta. Encontraram uma carruagem de aluguel e, depois de breves considerações, dirigiram-se para uma casa de jogos de péssima reputação, nas cercanias da St. James Street. Longmore conseguiria uma boa briga naquele local.

Entediado com a conversa dentro da carruagem, ele olhou pela janela. O sol nascia cedo nessa época do ano e, embora o vidro estivesse sujo, ele conseguia enxergar bem. Viu uma mulher malvestida carregando uma cesta velha, o que deixava claro que não era uma das numerosas rameiras de Londres, mas uma pessoa a caminho do trabalho, enquanto seus superiores da alta classe voltavam de alguma festa.

Ela se movia com rapidez, mas não o suficiente. De repente, saindo de um beco, uma figura agarrou sua cesta e a derrubou no chão, no meio da rua.

Longmore abriu a porta da carruagem e pulou para fora do veículo em movimento, ignorando os gritos e apelos dos companheiros. Tropeçou, recuperou o equilíbrio e correu atrás do ladrão.

Em um horário de maior movimento, ele teria perdido o sujeito de vista, mas era de manhã bem cedo e não havia quase ninguém no caminho. Ele não raciocinava, apenas corria com uma fúria cega. Quando o homem entrou em um paço estreito, Longmore não pensou na possibilidade de aquilo ser uma emboscada.

O sujeito estava prestes a alcançar uma porta. Provavelmente seus comparsas o aguardavam do outro lado. Longmore chegou primeiro. Agarrou o ladrão e o jogou contra a parede mais próxima. O sujeito bateu com a cabeça, deixando a cesta cair. Embora não pudesse estar muito ferido, o bandido permaneceu onde estava, de olhos fechados.

– Eu não me levantaria se fosse você – alertou Longmore. – Covarde imundo! Atacando *mulheres*!

Longmore pegou a cesta e olhou ao redor do paço. Os cúmplices do ladrão poderiam aparecer para ajudar o amigo.

Mas o bandido não teve essa sorte. A área permanecia silenciosa, embora Longmore tivesse consciência de que estava sendo observado. Saiu andando e entrou na Piccadilly.

Poucos minutos depois, encontrou a dona da cesta. Ela estava recostada na frente de uma loja, chorando.

– Não precisa mais chorar. Aqui estão seus pertences.

Ele tirou algumas moedas do bolso e as colocou nas mãos da moça, junto com a cesta velha.

– Onde você estava com a cabeça, correndo por aí sem prestar atenção no que se passa ao seu redor?

– E-eu precisava chegar ao trabalho... milorde.

Ele não perguntou como ela sabia que ele era um lorde.

Todos na cidade conheciam o conde de Longmore.

– Ladrões e aristocratas bêbados perambulando pelas ruas, procurando problemas, e você sem uma arma – disse ele. – O que há de errado com as mulheres nos dias de hoje?

– Nã-não sei.

Ela tremia. Por causa da queda, estava cheia de hematomas e sujeira. Teve sorte de não ter sido atropelada por nenhum dos inúmeros arruaceiros bêbados que voltavam para casa após uma noite de excessos.

– Venha comigo – convidou Longmore.

Fosse por estar perturbada demais para raciocinar ou por sentir-se intimidada – ele costumava causar esse efeito, até mesmo em seus iguais –, ela o seguiu até a carruagem, parada do outro lado da rua. Os amigos bêbados de Longmore poderiam ter seguido em frente, mas continuaram ali para assistir ao espetáculo.

– Todos para fora – ordenou Longmore.

Os companheiros emitiram alguns sons de protesto, mas saíram cambaleando do veículo, todos encarando a insípida moça.

– Não faz seu tipo, Longmore – disse Hempton.

Crawford balançou a cabeça.

– Devo dizer que seus padrões estão ficando muito baixos.

Longmore os ignorou.

– Para onde estava indo? – perguntou à moça.

Ela olhou para Longmore, depois para os amigos dele e em seguida para as meretrizes.

– Não se importe com eles. Ninguém está interessado nas suas coisas. Só queremos chegar à próxima festa. Aonde você quer que o cocheiro a leve?

Ela engoliu em seco.

– Por favor, milorde, eu estava a caminho da Sociedade das Costureiras para Educação de Mulheres Desafortunadas.

– Que nome longo... – disse Crawford.

– Eu trabalho lá. Vou chegar tarde.

Ela deu o endereço a Longmore, que o passou ao cocheiro, com ordens para deixar a moça em seu destino na metade do tempo que seria o usual. Caso contrário, ele o encontraria e lhe daria um excelente

motivo para se mover devagar.

O conde ajudou a moça a subir na carruagem, bateu a porta e fez sinal para o cocheiro partir. Ao fazer isso, pensou nas costureiras. Uma em particular: a loura.

Deixando os companheiros com a função de encontrar outra carruagem, Longmore continuou a pé, sozinho, percorrendo a curta distância até a St. James Street. Para chegar ao Crockford's Club, ele precisava passar pelo White's Club, do outro lado da rua e, mais adiante, pela Maison Noirof, onde residiam as modistas francesas.

Longmore passou diante da porta da loja. Parou e olhou para trás, para cima, observando os andares superiores onde, por motivos que não conseguia entender, duas das três irmãs Noirof ainda moravam.

Seguiu em frente até o Crockford's, onde perdeu enormes quantias de dinheiro em alguns minutos, antes de ver sua sorte mudar. Após cerca de uma hora de crescente monotonia, ele saiu do clube. Para os padrões da alta sociedade, ainda era inacreditavelmente cedo. No entanto, havia movimento na St. James Street: alguns poucos veículos e pedestres subiam e desciam. As lojas ainda não estavam abertas.

Longmore sabia que a Maison Noirof só abria às dez horas, muito embora as costureiras – um regimento delas – entrassem às nove. Ao longo das últimas semanas, ele havia adquirido uma noção geral dos hábitos de Sophia Noirof.

Ele esperou.

Capítulo um

Nas últimas semanas, a alta sociedade ficou em estado de ebulição devido à fuga da filha de sir Colquhoun Grant com o Sr. Brinsley Sheridan... Na sexta-feira à tarde, perto das cinco horas, o jovem casal tomou emprestada a carruagem de um amigo e partiu a toda a velocidade para o Norte.

Jornal da Corte, 23 de maio de 1835.

Londres.

Quinta-feira, 21 de maio de 1835.

Brandindo uma cópia do *Morning Spectacle*, Sophia Noirot entrou correndo para falar com o duque e a duquesa de Clevedon, que tomavam o café da manhã na sala de desjejum da Residência Clevedon.

– Vocês viram isto? – disse ela, jogando o jornal na mesa, entre a irmã e o cunhado. – A cidade está no maior frenesi... e estão culpando as três irmãs de Sheridan. Não é hilário? Três irmãs conspirando, fazendo tramas perversas... e não somos *nós*! Ah, minha querida, pensei que ia morrer de tanto rir quando li isso.

Nos últimos tempos, certos membros da sociedade compararam, mais de uma vez, as três proprietárias da Maison Noirot – que Sophia decidira transformar no mais importante estabelecimento de roupas femininas de Londres, mesmo que isso lhe custasse a vida – às três bruxas de *Macbeth*. Segundo rumores, o duque de Clevedon jamais teria se casado com uma *lojista* se não tivesse sido enfeitiçado por elas.

As cabeleiras negras de Suas Graças se inclinaram por cima do jornal, cuja tinta mal secara. O mexerico sobre a fuga de Sheridan e da Srta. Grant, para se casarem sem o consentimento dos pais, já estava na boca de toda a sociedade, mas o *Spectacle*, como sempre, foi o primeiro a confirmá-lo em letras impressas.

– Estão dizendo que o pai da Srta. Grant irá processar Sheridan – apontou Marcelline. – Uma história animada, sem dúvida.

Naquele momento, um laçao entrou e anunciou:

– Lorde Longmore, Vossa Graça.

Maldição!, pensou Sophia. Sua irmã havia causado um tumulto, transformando uma das mulheres mais poderosas da alta sociedade – por acaso, a mãe de Longmore – em inimiga mortal. Inúmeras clientes estavam abandonando o ateliê, e Sophia não tinha ideia de como reparar o prejuízo.

Agora, *ele*.

O conde de Longmore adentrou o salão de desjejum, trazendo um jornal sob o braço. A pulsação de Sophia se acelerou. Era impossível controlá-la.

Cabelos pretos, brilhantes olhos negros... a boca cáustica e rígida... o nariz de um nobre, que já devia ter sido quebrado uma dúzia de vezes e, mesmo assim, permanecia obstinadamente reto e

arrogante... a compleição de quase 1,90 metro.

Toda essa beleza máscula. Ah, se ele também tivesse um cérebro..., pensou.

Não, melhor não. Em primeiro lugar, um cérebro em um homem não era algo muito conveniente. Segundo, ela não tinha tempo para homens. Precisava salvar sua loja da ruína iminente.

– Trouxe comigo a última edição do *Spectacle* – disse ele ao casal sentado à mesa. – Mas não fui rápido o bastante, pelo que vejo.

– Sophia já o tinha trazido – explicou Marcelline.

Os olhos negros de Longmore pousaram em Sophia. Com frieza, ela meneou a cabeça e dirigiu-se ao aparador. Olhou para as travessas quentes e se concentrou em encher o próprio prato.

– Srta. Noirot, já acordada e trabalhando. A senhorita não esteve no Almack's na noite passada.

– É claro que não. A Inquisição Espanhola não me concedeu autorização.

– E desde quando a senhorita depende de alguma permissão? Fiquei muito decepcionado. Estava ansioso para ver que disfarce iria adotar. Meu predileto até agora é o de criada de Lancashire.

Aquele também era o predileto de Sophia. Entretanto, suas omissões em eventos importantes, para coletar mexericos e contar para Foxe, deveriam ser secretas. Ninguém prestava atenção em serviços, e ela era uma Noirot, uma mulher habilidosa tanto em se fazer invisível quanto em atrair as atenções.

Mas *ele* percebera.

Provavelmente havia desenvolvido poderes incomuns de audição e visão para compensar o cérebro minúsculo. Ela levou o prato até a mesa e se sentou ao lado da irmã.

– Estou consternada por ter estragado sua noite – afirmou.

– Não foi um problema. Achei outra coisa para fazer.

– Parece que sim – disse Clevedon, olhando para o amigo. – Deve ter sido uma festa e tanto. Como você nunca está acordado e em atividade a essa hora da manhã, só posso concluir que passou por aqui quando estava a caminho de casa.

Como a maioria de seus pares, lorde Longmore raramente se levantava antes do meio-dia. Os cabelos desalinhados, o lenço torto no pescoço, o casaco, o colete e as calças amassados revelavam a Sophia que ele ainda não fora se deitar – pelo menos não na própria cama.

Em sua mente, vislumbrou o imponente conde nu, em meio a um emaranhado de lençóis. Ela nunca o vira sem roupa, e era melhor que continuasse assim. No entanto, tinha uma imaginação fértil.

Com firmeza, afastou aquele pensamento.

Um dia ela se casaria com um homem respeitável, que não se meteria em seu trabalho. Longe de ser respeitável, Longmore era um grande tolo que sempre se metia na vida dos outros. Além disso, era o filho mais velho de uma mulher que queria ver as irmãs Noirot varridas da face da Terra.

Somente uma tonta se envolveria com ele.

Sophia desviou a atenção para as roupas de Longmore. Em relação à alfaiataria, eram impecáveis: o ajuste confortável delineando cada musculoso centímetro de seus ombros e peito largos, a cintura fina, os quadris estreitos, descendo para as longas e vigorosas pernas...

Forçou-se a sair daquele devaneio, lembrou-se de que as roupas eram a sua vida e analisou o traje dele com objetividade, como um profissional criticando o trabalho de outro.

Ela sabia que ele, em geral, se vestia com muita elegância. Seu pajem, Olney, tomava essas providências. Mas Longmore nem sempre se comportava com elegância, e o que acontecia depois que ele

saía de casa estava fora do controle do pobre pajem.

Pela aparência do conde, muita coisa acontecera desde que o pajem vira o patrão.

– Você sempre foi o intelectual da família – disse Longmore ao duque. – E deduziu corretamente. Parei no Crockford’s. E em outros lugares. Precisava de algo para conseguir tirar da cabeça aquelas horas deprimentes que passei no Almack’s.

– Você odeia esses eventos – disse Clevedon. – Só posso concluir que uma mulher o atraiu até lá.

– Minha irmã – respondeu Longmore. – Ela é uma idiota em relação aos homens. Meus pais reclamam disso o tempo todo. Até eu já percebi que os pretendentes dela são um bando de coitados. Uma corja de devassos e falidos. Para desencorajá-los, fico perto dela, fazendo cara de poucos amigos.

Sophia não teve a menor dificuldade para imaginar a cena. Ninguém conseguiria fazer uma cara mais ameaçadora do que ele, olhando para o mundo de cima a baixo com os olhos semicerrados, como se fosse uma enorme e sombria ave de rapina.

– Muito fraternal de sua parte – comentou Clevedon.

– Aquele palerma do Adderley estava querendo propor casamento a ela. – Longmore se serviu de café e se sentou ao lado de Clevedon, de frente para Marcelline. – Ela o acha atraente. E eu acredito que ele está atraído apenas pelo dote dela.

– Dizem por aí que Adderley está mergulhado em dívidas – concordou Clevedon.

– E eu não gosto do sorriso afetado e malicioso dele – afirmou Longmore. – E nem acho que Adderley goste muito de Clara. Meus pais o detestam por diversas razões. – Ele apontou para o jornal com a xícara de café. – Ninguém vai olhar com condescendência para esse golpe do Sheridan, mas foi bem conveniente para vocês, ousou dizer. Uma excelente maneira de desviar a atenção de suas emocionantes núpcias.

Seus olhos negros se moveram na direção de Sophia.

– O momento não poderia ter sido mais apropriado. Tem algo a ver com isso, Srta. Noirot?

– Se tivesse, ia exigir uma garrafa do melhor champanhe do duque e faria um brinde a mim mesma – respondeu Sophia. – Adoraria ter imaginado um plano tão *perfeito*.

Embora as três irmãs Noirot fossem modistas de igual talento, cada uma delas possuía qualidades específicas. Marcelline, a mais velha, de cabelos negros, era uma talentosa artista e desenhista. A ruiva, Leonie, a mais nova de todas, era o gênio financeiro. Sophia, a loura, era a vendedora. Ela era capaz de amolecer corações de pedra e arrancar grandes somas de dinheiro das pessoas. Conseguia convencê-las de que preto era branco. Suas irmãs costumavam dizer que ela conseguiria vender areia para beduínos.

Se fosse capaz de criar um escândalo que mudasse o foco da alta sociedade, desviando-o de Marcelline para outra pessoa, Sophia o teria feito. Por mais que amasse Marcelline e estivesse feliz por ela ter se casado com um homem que a adorava, Sophia ainda se ressentia da perturbação que isso causara aos seus negócios. Ela não estava certa de que Marcelline e Clevedon realmente entendiam as dificuldades que seu recente casamento havia criado para a Maison Noirot, ou o perigo que ameaçava a loja.

Mas eles eram recém-casados, e o amor parece nublar a mente das pessoas com mais eficiência que a luxúria. No momento, Sophia não toleraria arruinar a felicidade deles compartilhando as ansiedades dela e de Leonie.

Os recém-casados trocaram olhares.

– O que você acha? – perguntou Clevedon. – Quer aproveitar essa mudança de foco para retornar ao trabalho?

– Eu tenho que voltar a trabalhar, com ou sem mudança de foco – respondeu Marcelline. Ela olhou para Sophia. – Vamos sair depressa, *ma chère sœur*. As tias descerão para o desjejum em breve.

– As tias? – espantou-se Longmore. – Ainda estão aqui?

A Residência Clevedon era ampla o suficiente para acomodar várias famílias com muito conforto. Quando as tias do duque vinham à cidade para uma visita, não ficavam em hotéis, e sim na ala norte da casa.

Recentemente, o motivo da visita fora impedir o casamento.

A princípio, Marcelline e Clevedon planejavam se casar no dia seguinte ao que ele havia pedido sua mão – ou a seduzido. Mas as ideias menos emocionais de Sophia e Leonie prevaleceram.

O casamento, segundo elas, causaria um rebuliço espetacular, possivelmente fatal para os negócios. Contudo, se alguns dos parentes de Clevedon participassem da cerimônia, sinalizando que tinham aceitado a noiva, o ultraje seria abrandado.

Assim, Clevedon resolvera convidar as tias, que vieram correndo para evitar aquela chocante união. Mas nenhuma grande dama, nem mesmo a rainha, era páreo para a arma secreta das três irmãs Noirot: Lucie Cordelia, a filha de 6 anos de Marcelline. As tias se renderam em poucas horas.

Agora, estavam tentando encontrar uma forma de tornar Marcelline respeitável. Elas acreditavam que podiam apresentá-la à rainha. Sophia não tinha certeza de que isso traria algum benefício à Maison Noirot, muito pelo contrário; ela suspeitava que esse encontro alimentaria as chamas do ódio de lady Warford.

– Ainda aqui – respondeu Clevedon. – Não conseguem ir embora.

Marcelline se levantou e os outros a acompanharam.

– É melhor ir antes que desçam. Elas ainda não aceitaram totalmente minha volta ao trabalho.

– O que significa que há muito mais intromissões do que você gostaria – disse Longmore. – Eu entendo.

Ele deu um sorriso irônico para Marcelline e curvou-se. Longmore parecia preencher a sala toda. Estava descabelado e tinha péssima reputação, mas fazia reverências com a graça de um dândi.

Era irritante observar sua postura, tão graciosa e à vontade naquele enorme e truculento corpo. Era realmente azucrinante sua maneira de exalar virilidade. Sophia era uma Noirot, uma raça finamente sintonizada com a excitação animal – e não muito dotada de princípios morais. Se ele descobrisse quanto ela era fraca, seria o seu fim.

Ela fez uma pequena reverência e pegou a irmã pelo braço.

– Sim, bem, é melhor não perdermos tempo. Prometi a Leonie que não me ausentaria por mais de meia hora.

Ela apressou a irmã para saírem da sala.



Longmore as observou enquanto saíam. Na verdade, observou Sophia, que era uma atraente mistura de energia e astúcia. Quando elas estavam longe o suficiente para não ouvi-lo, comentou:

– Sem qualquer desrespeito à sua duquesa, mas... elas são loucas?

– Depende do ponto de vista – respondeu Clevedon.

– Elas podem fechar a loja e viver aqui. Não faltam aposentos nesta casa. Por que desejam continuar a ser subservientes e humildes diante das mulheres?

– Paixão – explicou Clevedon. – O trabalho é a paixão delas.

Longmore não tinha certeza do que era exatamente paixão. Podia quase jurar que nunca havia experimentado tal sentimento. Desde os 18 anos, nem sequer sentira algum interesse maior por uma mulher.

Clevedon, seu amigo mais próximo, sabia disso. Assim, Longmore não comentou mais nada. Apenas balançou a cabeça e foi até o aparador. Serviu-se de uma montanha de ovos, grandes fatias de bacon e pão, além de uma boa quantidade de manteiga para ajudar a comida a descer. Levou o prato até a mesa e começou a comer.

Ele sempre considerara a casa de Clevedon como sua, e o amigo garantiu que deveria continuar a ser assim. A duquesa parecia gostar dele. A irmã loura, entretanto, tinha vontade de matá-lo – o que a tornava ainda mais interessante e divertida.

Tinha sido por isso que esperara por ela. Tinha sido por isso que a seguira, desde a Maison Noiroi até Charing Cross. Vira o jornal na mão dela e deduzira o que era.

Por algum truque de mágica – provavelmente um pacto com o diabo –, o *Morning Spectacle* costumava circular nas ruas de Londres antes dos concorrentes e contendo os escândalos mais recentes. Embora grande parte da diversão dos membros da classe alta só começasse depois das onze horas da noite, ou antes do amanhecer, Foxe se organizava para encher as páginas de seu animado jornal com detalhes sobre o que as pessoas haviam feito havia pouquíssimas horas.

Isso não era um feito qualquer, mesmo levando-se em consideração que “manhã” era uma unidade de tempo flexível entre a elite, geralmente se estendendo até bem depois do meio-dia.

Curioso sobre o que a levava à Residência Clevedon tão cedo, ele comprou o jornal do moleque que o anunciava na esquina e deu uma lida. Agora que estava familiarizado com o estilo de escrita de Sophia, Longmore sabia que não era algo para ser ingerido de estômago vazio. Mesmo assim, insistiu. Embora não soubesse como ela poderia ter tido alguma influência no escândalo envolvendo Sheridan, não o surpreenderia se ela tivesse a ver com o caso. Ela fazia muitas coisas que ele achava intrigantes – começando pelo seu jeito de andar. Ela se portava como uma lady, como as mulheres da classe dele, embora o balanço das cadeiras promettesse algo tentadoramente vulgar.

– Eu me casei com Marcelline sabendo que ela jamais abriria mão do trabalho – explicou Clevedon. – Se desistisse da carreira, seria como qualquer outra. Não seria a mulher por quem me apaixonei.

– Amor – disse Longmore. – Uma péssima ideia.

Clevedon sorriu.

– Um dia, o amor vai surgir em sua vida e vai dar um coice no seu traseiro. E eu vou ficar olhando, rindo até não poder mais.

– O amor não vai encontrar espaço em minha vida. Não sou como você. Não sou *sensível*. Se o amor quiser tomar conta de mim, ele terá que se esforçar mais. Além de me dar um coice no traseiro, terá que me amarrar e me bater para chegar ao meu cérebro.

– O que fará com que o momento seja ainda mais divertido – retrucou Clevedon.

– Você vai ter que esperar – disse Longmore. – Por enquanto, o problema é a vida amorosa de Clara.

– Ouso afirmar que, desde o meu casamento, a situação em casa não tem sido muito agradável para vocês dois.

Clevedon sabia mais do que ninguém. Lorde Warford fora seu guardião. Clevedon e Longmore cresceram juntos. Mais do que amigos, eram como irmãos. E Clevedon amava Clara desde quando eram crianças. O casamento dos dois, um com o outro, era dado como certo. Então, o duque encontrou sua modista. E Clara, para o espanto dos pais, irmãos e de toda a alta sociedade, reagiu com desdém.

– Meu pai já se conformou – explicou Longmore. – Minha mãe, não.

Ele estava sendo gentil. A mãe de Longmore ficara enlouquecida. A mínima referência ao duque ou à sua nova esposa a fazia chorar. Ela brigava com Clara o dia inteiro. Estava deixando a moça tonta, sempre trazendo Clevedon para a conversa. Quase todo dia, Longmore recebia uma mensagem da irmã implorando que fosse até lá e fizesse algo.

Longmore e Clara foram ao casamento de Clevedon – o que significava que abençoavam a união. Esse fato, que foi logo relatado no *Spectacle*, transformou a Residência Warford em um campo de batalha.

– Eu entendi muito bem quando Clara me rejeitou – disse Clevedon.

– Não vejo como você não entenderia. Ela explicou em detalhes, bem alto, diante de metade da cidade.

– O que não entendo é por que ela não manda Adderley catar coquinhos.

– Alto, louro, um ar poético – disse Longmore. – Ele sabe o que dizer às mulheres. Os homens o enxergam como ele é de verdade. As mulheres, não.

– Não tenho ideia do que se passa na cabeça de Clara. Minha esposa e as irmãs dela vão querer entender isso direitinho. Faz parte do trabalho delas conhecer suas clientes, e Clara é uma cliente especial. Desfila as criações de Marcelline como ninguém. Não desejarão que ela se case com um homem de bolsos vazios.

– Elas também se dedicam a encontrar casamentos? – indagou Longmore. – Se for assim, gostaria que encontrassem um sujeito à altura de Clara e me poupassem das tediosas noites no Almack's.

– Deixe isso com Sophia. Ela é quem vai às festas. Pode ver o que acontece melhor do que qualquer um.

– Inclusive um monte de coisas que as pessoas prefeririam que ela não visse – acrescentou Longmore.

– Ela tem um olho excepcional para os detalhes – comentou Clevedon.

– E uma escrita excepcionalmente rápida. É fácil reconhecer o trabalho dela no *Spectacle*. Um enorme fluxo de palavras sobre fitas, laços, rendas e pregas aqui e franzidos acolá. Nenhum fio de linha deixa de ser mencionado.

– Ela também percebe gestos e aparências – acrescentou Clevedon. – Ninguém conta uma história como ela.

– Sem a menor sombra de dúvida – concordou Longmore. – Uma jovem cheia de adjetivos e advérbios.

Clevedon sorriu.

– É o que atrai as clientes: a combinação de mexerico com os intrincados detalhes sobre os vestidos, todos relatados com dramaticidade. Isso exerce nas mulheres o mesmo efeito que é provocado nos

homens quando eles olham para uma mulher nua. – Ele tamborilou no *Spectacle*. – Vou pedir a Sophia que fique de olho em Clara. Com vocês dois vigiando, tenho certeza de que minha irmã permanecerá longe de problemas.

Longmore não tinha objeção a nenhuma atividade que envolvesse Sophia Noirot. Muito pelo contrário. Ficar de olho na própria irmã lhe daria uma boa desculpa para ficar ao lado dela e, com um pouco de sorte, em cima também.

– Não posso pensar em ninguém que seja melhor para o trabalho – disse Longmore. – A Srta. Noirot será perfeita.

Em sua mente, ela era *Sophia*, mas ela jamais lhe dera confiança para usar seu nome. Assim, mesmo com Clevedon, as boas maneiras exigiam que Longmore usasse a forma correta de se referir à dama solteira mais velha da família.

– Com os dois mantendo guarda, os devassos e falidos não terão a menor chance. Nem próprio Argus faria melhor.

Longmore tentou lembrar.

– O cachorro?

– Não. O gigante com muitos olhos – explicou Clevedon. – “E coloque o grande e forte Argus para vigiá-la, que, com quatro olhos, enxerga em todas as direções. E a deusa suscitou nele incansável força: o sono jamais caiu sobre seus olhos, ficando sempre vigilante.”

– Isso me soa excessivo. Mas... você sempre foi um romântico.



Uma semana depois.

– Warford, como você *pôde* fazer uma coisa dessas?

– Minha querida, você sabe que não posso dar ordens a Sua Majestade...

– Isso é inaceitável! Aquela *criatura* com quem ele se casou... apresentada à *corte*! E durante a comemoração do aniversário do rei, como se fosse uma visitante da própria realaleza!

Longmore estava preso em uma carruagem junto com a mãe, o pai e Clara, saindo do palácio de St. James. Embora os eventos da corte o entediassem, ele fora à celebração na esperança de ver certa “visita inesperada”, mas só encontrara a irmã de Sophia – a “criatura” que causava tamanha irritação em sua mãe. Pouco tempo depois, ao constatar que Sophia não estava presente, ficou em dúvida entre sair sem ser notado ou tentar achar uma esposa ou viúva que também estivesse entediada. O palácio possuía um bom sortimento de cantos escuros, convidativos a uma rápida diversão.

Nenhuma sorte com as mulheres. O mar de plumas e diamantes era formado por uma abundância excessiva de virgens e matronas hipócritas. E virgens eram mulheres com quem se casar, não candidatas a uma diversão sob as escadas.

– Estranho, eu concordo – disse lorde Warford, com cautela. Embora tivesse desistido de se sentir ofendido pelo casamento de Clevedon, ele também desistira de fazer com que a esposa voltasse à razão.

– Não me pareceu estranho – discordou Longmore.

– Não lhe pareceu estranho? – berrou a mãe. – Não lhe pareceu estranho? *Ninguém* é apresentado na

comemoração do aniversário do rei.

– Ninguém, a não ser dignitários estrangeiros – respondeu lorde Warford.

– O simples fato de requerer uma exceção foi uma violação chocante das regras de etiqueta – disse lady Warford, esquecendo-se, convenientemente, de que ela mesma pedira ao marido que cometesse uma violação chocante das regras de etiqueta ao pedir ao rei que não reconhecesse a duquesa de Clevedon.

Mas era função do filho, e não do marido, apontar esse fato. Anos de casamento haviam ensinado a lorde Warford o sentido da palavra covardia.

– Não consegui acreditar que Sua Majestade faria uma coisa dessas, nem mesmo por lady Adelaide – prosseguiu a mãe. – Mas a rainha gosta muito da tia mais nova de Clevedon. – Ela olhou para a filha. – Lady Adelaide Ludley poderia ter usado sua influência a favor de você e de sua família. Mas, não, você precisava ser a filha mais ingrata e desobediente do mundo. Você tinha que romper o noivado com o duque de Clevedon!

– Eu não rompi o noivado com ele, mamãe – rebateu Clara. – Não se pode romper um noivado quando não se está noiva.

Longmore já escutara aquela discussão tantas vezes que odiava estar preso em uma carruagem, ouvindo tudo de novo, a voz da mãe cada vez mais alta e a de Clara subindo na mesma proporção. Normalmente, teria pedido ao cocheiro que parasse a carruagem para que pudesse descer.

Ele sabia que Clara era capaz de se defender. O problema era que isso só levava a mais discussões, gritos e pedidos para que ele fosse à Residência Warford antes que ela cometesse um matricídio.

Ele pensou bastante e disse:

– Ficou bem claro para mim que eles fizeram a apresentação nos bastidores, digamos assim, para poupar seus sentimentos.

Seguiu-se aquele silêncio furiosamente intenso que costumava acontecer quando os pais estavam decidindo se o filho, contra quaisquer racionalidade e evidência, havia dito alguma coisa na qual valesse a pena prestar atenção.

– Com as tias e toda a situação – prosseguiu Longmore –, a rainha ficaria em uma situação difícil. Ela não poderia rejeitar toda a família de Clevedon, que é o que estaria fazendo, uma vez que as tias aceitaram sua esposa.

– Sua esposa – repetiu a mãe, com amargor. – Sua esposa.

Ela lançou para Clara aquele mesmo olhar que César deve ter lançado a Brutus quando a faca foi cravada em seu corpo.

– Dessa maneira, pelo menos o fato ocorreu nos bastidores e não na frente de toda a cidade.

Enquanto a mãe refletia sobre aquelas palavras em sua mente fervilhante, a carruagem chegou à Residência Warford. Os lacaios abriram a porta e a família saiu, as damas agitando suas saias quando pisaram no chão.

Longmore não disse nada. Clara também não, mas lançou ao irmão um olhar de agradecimento antes de entrar em casa atrás da mãe. O pai, entretanto, permaneceu na entrada, com Longmore.

– Você não vai entrar?

– Acho que não – respondeu Longmore. – Fiz o melhor que pude. Tentei acalmar a situação.

– Isso não vai ter fim – disse o pai, em voz baixa. – Não para sua mãe. Sonhos partidos, orgulho ferido, sensibilidades afrontadas e tudo mais. Você está vendo como é. Não teremos paz na família

enquanto Clara não encontrar um substituto para Clevedon que esteja à altura dele. Isso não vai acontecer enquanto ela continuar encorajando aquela corja de fracassados. – Ele fez um gesto de desdém. – Você tem que fazer com que se afastem dela.



*Baile da condessa de Igby.
Sábado, 30 de maio de 1835.*

Uma hora da manhã.

Longmore estava procurando lorde Adderley havia algum tempo. Como Adderley já provara ser muito ignorante para entender que não era bem-vindo, Longmore decidira que a melhor abordagem seria dar uma surra nele até que entendesse que devia ficar longe de Clara.

O problema era que Sophia Noirost também estava na festa de lady Igby, e Longmore, diferentemente de Argus, tinha o mesmo número de olhos que os outros homens.

Ele se distraía observando Sophia passar, sem que ninguém prestasse a mínima atenção – exceto pelos idiotas de sempre, que achavam que as criadas existiam apenas para seu prazer. Como queria usá-la para o *próprio* prazer, Longmore começou a ir atrás dela, a fim de protegê-la, mas acabara descobrindo que ela não precisava de ajuda com possíveis interessados.

Ela havia “acidentalmente” despejado chá quente no colete de um cavalheiro que se aproximara demais. Outro a seguira até uma antecâmara, acabando por tropeçar em algo e cair de cara no chão. Um terceiro a seguira por um corredor até um quarto. Pouco depois, saía mancando.

Preocupado com as aventuras de Sophia, Longmore não apenas perdera Adderley de vista, como também não conseguia localizar a irmã, a quem devia estar protegendo dos devassos e falidos. Isso não seria um problema tão grande se Sophia também a estivesse vigiando de perto. Mas Sophia precisava se livrar dos próprios devassos.

Longmore não estava pensando nisso. Pensar não era seu esporte favorito e pensar em mais de um assunto ao mesmo tempo perturbava seu equilíbrio. No momento, sua mente estava focada nos homens que estavam invadindo o que julgava ser sua propriedade. Infelizmente, isso significava que não estava ciente de que sua mãe também perdera Clara de vista. Isso se deveu ao fato de lady Warford estar mantendo uma venenosa conversa com sua melhor amiga e pior inimiga, lady Bartham.

Em resumo, ninguém estava de fato prestando atenção quando lorde Adderley conduziu Clara, enquanto valsavam, na direção do outro lado do salão de baile, para as portas que levavam à varanda. Entre os que deveriam ficar de vigia, ninguém percebeu quando Adderley piscou para os amigos.

Foi o movimento da multidão que trouxe Longmore de volta ao seu principal motivo para estar ali. A agitação não foi muito óbvia. Pareceu algo natural. Entretanto, homens como Longmore estavam sempre sintonizados nessas pequenas alterações. Ele não teve trabalho para sentir algo diferente no ar, uma mudança no foco de atenção de alguns grupos de convivas, um movimento em direção a um lugar comum. Era uma mudança de atmosfera que se tornava quase palpável quando uma briga estava para acontecer.

E essa corrente fluía na direção da varanda. Seus instintos lhe disseram que havia algo errado. Ele

não sabia exatamente o quê, mas o aviso era vigoroso e ele era um homem que agia por instinto. Longmore se moveu sem demora.

Não precisou abrir caminho na multidão. Os que o conheciam sabiam que era melhor sair da frente, ou seriam empurrados com veemência. Ele chegou à varanda. Um pequeno público havia se juntado. Todos saíram de seu caminho.

Capítulo dois

NOVO ESTILO – ALTA COSTURA – Madame e a Sra. Follett gostariam de requerer a honra da presença das damas que ainda não vieram conhecer seu trabalho (e aproveitam para agradecer às que já o fizeram). A incontestável superioridade de seu estilo e caimento, junto aos preços moderados, nunca deixam de satisfazer até mesmo as mulheres mais exigentes. – New Bond Street, 33, Londres, e Rua Richelieu, Paris.

Jornal da Corte, 28 de março de 1835.

Adderley e Clara estão em um canto escuro da varanda.

Não tão escuro que Longmore não pudesse ver Adderley tentando, desajeitadamente, colocar no lugar o corpete de sua irmã. O decote do vestido branco havia sido cortado bem baixo, de maneira ousada, o que permitia que todos os desprezíveis sujeitos presentes no baile ficassem boquiabertos diante de uma pequena visão daquela peça feita de renda que Clara estava usando por baixo. Entretanto, no processo de apalpá-la, lorde Adderley havia trazido as mangas do vestido e as fitas que prendiam o corpete para bem abaixo dos ombros, quase nos cotovelos. Pelo jeito, ele havia conseguido afrouxar o corpete.

Quando Clara afastou as mãos desajeitadas dele, Adderley ficou na frente dela para protegê-la, mas ele não era grande o suficiente. Lady Clara Fairfax era uma formosa loura de olhos azuis, mas estava longe de ser uma mulher do tipo mignon. Como resultado, sua caríssima roupa de baixo – para não mencionar a pele que não costumava ser mostrada naquela proporção em público – ficou à vista de qualquer paspalho que estivesse por perto. Esse grupo incluía uma dúzia ou mais dos que haviam se dirigido para a varanda e que agora circulavam como urubus ao redor da carcaça da reputação de lady Clara Fairfax.

– A criada dela nunca mais vai conseguir tirar os vincos daquelas pregas – murmurou a serviçal que estava ao lado de Longmore.

Em algum canto distante de sua mente, ele ficou chocado pelo fato de alguém perceber, em um momento tão decisivo, algo tão trivial quanto os vincos do traje de Clara. Quando se virou, descobriu que não havia nada com que se impressionar, uma vez que reconhecera a serviçal: Sophia Noirot.

Mas isso foi apenas uma consciência distante. A parte mais importante de seu cérebro só prestava atenção na cena diante dele.

– Eu vou tirar os vincos da cara desse cachorro! – rosou.

– Não seja idi...

Mas ele já estava atravessando a varanda, tomado pela fúria, derrubando qualquer um que entrasse em seu caminho. A maioria, ao vê-lo se aproximar, saiu da frente o mais depressa possível.

Ele marchou na direção de Adderley e acertou um soco no meio de sua cara.

–... ota – concluiu Sophia.

Devia ter segurado a língua. Sua função ali era de criada. Serviçais não chamavam seus superiores de *idiota*. Pelo menos não em voz alta. Mas aquele era o problema de Longmore. Ele se metia em tudo e

nunca pensava antes de agir.

Ela afastou a reação emocional e trouxe de volta seu lado prático, aquele que prima Emma havia lhe ensinado. Sendo prima por casamento, Emma era completamente diferente dos velhos pais de Sophia. Não era uma encantadora perdulária, como os sogros, mas uma parisiense pragmática e realista.

A situação se tornava um verdadeiro desastre. Lady Clara era a cliente mais importante da Maison Noiroit. Sem fazer economia – e apesar da hostilidade da mãe –, ela comprava as criações mais caras da loja. Quem pagava as contas era o administrador de lorde Warford e suas ordens eram para pagar imediatamente e à vista, e não para ficar fazendo distinção entre as costureiras.

Lorde Adderley estava falido, ou bem perto disso, graças aos jogos. Se tivesse que perder sua reputação por causa de alguém, Adderley não seria a primeira opção de Sophia. Em sua lista dos Dez Mil Mais Endinheirados, a posição dele era a de número 9.956.

Se Longmore fosse mais inteligente e menos impetuoso, além de muito menos arrogante, ela o teria aconselhado a não se intrometer e a não massacrar o namorado da irmã. Como lorde Longmore não se qualificava em nenhuma dessas categorias, ela não gastou sua saliva para lembrá-lo que um assassinato só complicaria a situação e arruinaria para sempre a reputação de lady Clara.

Ele estava furioso e precisava bater em alguém, e Adderley merecia levar um soco. Até Sophia sentiu vontade de bater nele. Mas esse não foi o único motivo pelo qual ela não fechou os olhos nem se virou para não ver.

Ela já testemunhara uma luta de Longmore e era uma visão capaz de acelerar o coração de qualquer mulher, desde que ela não fosse cheia de melindres. O golpe deveria ter derrubado lorde Adderley, mas ele apenas cambaleou e deu alguns passos para trás.

O homem era mais forte do que aparentava. Entretanto, tudo o que fez foi não cair. Não ofereceu nenhum sinal de que iria revidar. Sophia não sabia se ele estava seguindo algum código de honra ou se preferia cuidar de manter a impressão geral de seu belo rosto do jeito que era, sem perder nenhum dos dentes. Por sua vez, Longmore estava furioso demais para perceber, ou se importar, se lorde Adderley pretendia ou não se defender.

Mais uma vez, ele avançou sobre o infame, os punhos levantados.

– Não ouse, Harry! – gritou lady Clara. Ela se colocou na frente do namorado para protegê-lo. – Não encoste um dedo nele!

Em seguida, explodiu em lágrimas – e eram lágrimas bem convincentes. A própria Sophia não teria feito melhor, e ela era uma especialista. Sussurrando inclinada sobre o namorado ferido – que estava a caminho de ficar com um magnífico olho roxo –, as lágrimas descendo de seu rosto perfeito, seu colo macio amplamente à mostra, lady Clara cumpriu seu papel com perfeição.

Milady despertaria a simpatia e também os instintos mais básicos de todos os cavalheiros presentes. As outras damas, satisfeitas por terem testemunhado a queda da mulher mais bonita de Londres, permitiriam a si mesmas sentir pena dela.

“Ela podia ter tido um duque”, – diriam elas. “E agora, terá que se *contentar* com um lorde que não tem onde cair morto.”

A alta sociedade londrina ainda não se cansara de repetir partes do discurso de lady Clara ao rejeitar o duque de Clevedon. Um dos trechos favoritos era o final: *Por que eu deveria aceitar você?*

Por um instante, parecia que lorde Longmore ia empurrar a irmã para o lado. Entretanto, ele deve ter

percebido que isso não o levaria a nada. Revirou os olhos e suspirou, enquanto Sophia observava o movimento de seu peito amplo, subindo e descendo.

Ele jogou as mãos para cima e virou de costas.

A multidão se fechou ao redor do tumulto, bloqueando a visão de Sophia. Não fazia diferença. A qualquer minuto, a marquesa de Warford saberia do descuido da filha e Sophia tinha a obrigação de estar lá quando isso acontecesse para relatar ao *Spectacle*. E, em algum momento, ela precisaria se informar mais sobre um perturbador boato que ouvira no toailete feminino.

A noite prometia ser longa.

Ela se virou para tentar achar uma rota discreta até o outro lado do salão de baile. Diferentemente dos criados do sexo masculino, as criadas nunca deviam chamar a atenção. Tinham que ficar do lado de fora dos salões de entretenimento e usar as passagens internas ou atender às damas nos toaletes, onde consertavam bairras e meias. Corriam de um lado para outro para buscar xales e cachecóis, aplicavam sais de cheiro nas que desmaiavam e limpavam a sujeira deixada pelas que bebiam demais.

Sophia estava decidindo qual das duas portas ofereceria a melhor posição para ouvir o que os outros diziam, quando Longmore cruzou seu caminho.

– Você! – disse ele.

– Eu, milorde? – respondeu ela, a língua enrolando para imitar as vogais abertas do sotaque de Lancashire.

Ela sabia que se esquecera disso há poucos minutos, mas não passava de uma mentirosa descarada, como o resto de sua família. Sophia olhou para ele, seus grandes olhos azuis bem abertos e tão inocentes quanto os das mulheres ignorantes que ela tanto se orgulhava de saber imitar.

– Sim, você! Eu a reconheceria a um quilômetro de distância, senhorita...

– Oh, não, milorde. Não sou nenhuma senhorita. Apenas eu, Norton. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Não, não estou com disposição para encenações.

– O senhor vai me criar problemas – disse ela. Mas não acrescentou “seu estrupício”. Manteve a compostura e lançou um sorriso largo, abrindo os olhos, esperando que ele entendesse a mensagem. – Não posso me estender com nenhum convidado.

– Como ele pôde fazer uma coisa dessas? – indagou Longmore. – Como *ela* pôde fazer uma coisa dessas?

Sophia analisou a área ao redor. Os convidados estavam ocupados espalhando a notícia do lapso de virtude de lady Clara. Lorde Longmore, aparentemente, não era apenas interessante – ele era, isso sim, aterrador o suficiente para desencorajar qualquer um de olhar para ele de uma maneira que pudesse desagradá-lo. Uma vez que deixara seu estado de espírito bem claro para todos, ninguém que tivesse uma gota de sanidade ousaria desafiá-lo.

Sophia o agarrou pelo braço.

– Por aqui – disse ela.

Se ele se recusasse, a possibilidade de Sophia arrastar aquele imenso corpo era a mesma que teria de conseguir deter uma locomotiva em movimento.

Mas a última coisa que ele esperava era ser rebocado pela mão de uma mulher. Se estava confuso ou apenas se divertindo, ele a seguiu com obediência. Ela o guiou por uma das passagens dos criados. Como a maioria deles estava usando desculpas para chegar mais perto dos protagonistas do escândalo, Sophia

duvidava que alguém ia passar ali por um bom tempo.

Mesmo assim, examinou a passagem de um lado ao outro. Quando não teve mais dúvidas de que o lugar estava livre, soltou o braço de Longmore.

– Agora, preste atenção – pediu ela.

Ele olhou para o próprio braço sem entender nada e, em seguida, para ela.

– Até que enfim alguma coisa positiva. Abandonamos a imitação da ignorante de Lancashire.

– O senhor tem ideia do que aconteceria se eu fosse descoberta?

– E o que lhe importa? Sua irmã é casada com um duque – retrucou Longmore.

– *Eu me importo, seu... seu grande paspalho!*

A cabeça dele se virou um pouco para trás e suas sobrancelhas se ergueram.

– Eu disse algo errado?

– Sim! – respondeu ela. – Portanto, não diga mais nada. Apenas *ouça*.

– Santo Deus, nós não vamos conversar aqui, vamos?

– Vamos, sim, se quiser ajudar sua irmã.

Ele fechou a cara, mas não disse nada.

– Acredite, eu também não fiquei feliz com essa virada dos acontecimentos. O senhor faz ideia de quanto isso é ruim para os nossos negócios?

– Seus negócios?

Ele falava baixo, mas ela percebia que ele não estava calmo. A violência que guardava no peito vibrava no ar. Ela entendeu por que as pessoas saíam de seu caminho quando ele cismava com alguém ou alguma coisa.

A violência não seria útil no momento. Ela precisava distraí-lo e, pelo menos essa vez, a verdade seria uma boa saída.

– Adderley está afundado até o pescoço em empréstimos. Os que emprestaram o dinheiro vão cobrar de seu primeiro, segundo e terceiro filhos – disse ela. – Leonie pode lhe dizer melhor quanto ele deve. Ficarei surpresa se ele valer uma única moeda.

– Eu sei disso. O que quero saber é como minha irmã foi parar na varanda com ele. Eu sei que ela é ingênua, mas nunca pensei que fosse tão idiota.

– Não sei como aconteceu – respondeu Sophia. – Eu poderia jurar que ela estava apenas praticando suas habilidades de sedução. Ela nunca deu liberdade a ninguém.

– Tem certeza disso?

Ela não gostou do tom da voz de Longmore. Era um presságio de maus momentos para Adderley. Por mais que desejasse que o pretendente de Clara se visse em péssima situação, não poderia permitir que Longmore o quebrasse em mil pedaços, como parecia ser o desejo de Longmore.

– Ouvi dizer que ele pode ser bastante persuasivo – explicou ela. – E sei que ela tem se sentido...

– Que ótimo. Vamos conversar sobre *sentimentos*.

Se tivesse um objeto pesado à mão, Sophia o teria usado para bater em Longmore. Ele nem sentiria, mas o gesto a faria sentir-se melhor.

– Sim, vamos, sim. Vou poupá-lo dos complicados porquês e portantos e irei direto ao ponto. Lady Clara está meio rebelde, e ousou dizer que estava esperando uma chance de fazer alguma coisa imprópria quando a mãe não estivesse olhando. Aparentemente, Adderley enxergou a oportunidade e transformou

uma peraltice em algo mais sério.

Ela franziu o cenho. Alguma coisa estava errada naquela cena, mas teria que pensar nisso mais tarde. A prioridade era o homem que estava a poucos centímetros dela. Ele parecia ter parado de soltar fogo pelas narinas.

– Terei que chamar aquele porco imundo para um duelo – disse ele. – O que quer dizer que iremos para algum ponto distante da mata ao raiar do dia. Isso vai estragar minhas botas, sem mencionar a confusão que Olney cria quando tem que tirar marcas de pólvora dos punhos de minha camisa.

Sophia o agarrou pela lapela.

– Preste atenção.

Ele olhou para as mãos dela com a mesma surpresa com que, momentos antes, olhara para o próprio braço.

– O senhor não pode matá-lo a sangue-frio.

– E por que não?

Que Deus me dê paciência.

– Porque ele vai morrer... – explicou ela, com a maior dose de paciência que encontrou –... e a reputação de lady Clara ficará manchada *para sempre*. Não faça *nada*, eu imploro, lorde Longmore. Deixe isso conosco.

– Conosco?

– Minhas irmãs e eu.

– O que propõe? Vesti-lo até ele sufocar? Amarrá-lo e obrigá-lo a ouvir descrições de roupas?

– Se for necessário – disse ela. – Mas eu lhe peço, não se preocupe com isso.

Ele a olhou fixamente.

– Seja lá o que faça, milorde, não o machuque nem o mate – reiterou ela, no caso de ele não tê-la ouvido direito. – O murro que ele levou no queixo foi magnífico. Expressou com magnificência a ira de um irmão...

– Foi mesmo? Não me diga. Você, por acaso, não estaria compondo o seu discurso fúnebre para o enterro da reputação de minha irmã? Aquele que vai aparecer na edição de amanhã do *Spectacle*?

– Se eu não escrever, alguém o fará. Melhor que seja o diabo que o senhor já conhece, milorde. Deixe-me apenas fazer o que sei fazer muito bem... e o senhor vá embora e seja viril e protetor das suas mulheres.

– Ah. – Seus olhos negros se arregalaram de modo teatral. – Então é isso o que eu preciso fazer?

– Sim. O senhor consegue?

– Com uma das mãos amarrada às costas.

– Eu lhe peço que o faça da maneira usual. Não fique se exibindo.

– Certo. – Ele continuou olhando para Sophia.

– Sim – disse ela. – Hora de ir embora. Sua mãe vai receber a notícia daqui a pouco, se é que já não a recebeu.

Ela fez um sinal para ele ficar quieto. Longmore continuou parado, ainda olhando para ela, de maneira bastante concentrada. Sophia sentiu um calor e uma urgência interiores, além de ter tido a sensação de não estar completamente vestida.

Ah, pelo amor de Deus. Agora não.

– O senhor precisa ir.

Ela tentou empurrá-lo. Era como tentar empurrar um muro de pedras.

– Isso me fez cócegas – brincou ele.

– Vá – disse ela. – *Agora*.

Ele partiu.



Há poucos minutos, Longmore estava se preparando para matar Adderley. Agora, sentia dificuldade para se controlar e não cair na gargalhada.

Lá estava Sophia, em sua acanhada roupa de serviçal, a expressão assustada e tola se desvanecendo quando perdeu a paciência e o chamou de paspalho. Em seguida, a encantadora mocinha agarrou seu braço, tentando manipulá-lo. Aquela foi uma das coisas mais engraçadas que ele já vira.

Deixe conosco.

Pouco provável, pensou ele. Mas, se ela tinha prazer em pensar que sim, ele ficava feliz por agradá-la. Nesse aprazível estado de espírito, Longmore foi procurar a mãe e a irmã. Não foi difícil localizá-las. Ele só precisou andar na direção de um grito.

Um grito apenas, antes de lady Warford recobrar a dignidade e perder os sentidos.

Ele arranhou a saída mais elegante possível para a mãe e a irmã. Agiu como um homem viril e protetor, exatamente como fora orientado a fazer.

Mais tarde, ele se ocuparia de Adderley. Depois, de Sophia.



Residência Warford.

Sábado à tarde.

– Clara, como você *pôde*? – gritou lady Warford, não pela primeira vez. – Aquele *falido*!

Ela estava deitada na *chaise longue* de sua sala de estar; uma bandeja com um tônico fora colocada na mesinha perto de seu braço.

Clara precisava muito mais do tônico do que a mãe. Ela desejava ser homem e poder resolver todos os problemas como eles: bebendo até cair, brigando, jogando e dormindo com rameiras. Mas ela era uma lady. Portanto, ficou sentada e ereta em sua cadeira.

– Que tipo de pergunta é essa, mamãe? A senhora acha que causei uma humilhação a mim mesma de propósito?

– Você fez o que não deveria ter feito de propósito – respondeu sua mãe. – Quanto a isso, não tenho a menor dúvida.

Na hora, não lhe parecera algo malicioso. Clara e lorde Adderley estavam dançando uma valsa quando ela se sentiu tonta. Talvez por causa de champanhe em excesso. Ou talvez ele a tivesse conduzido por um número excessivo de rodopios. Ou ambos. Ele sugeriu um pouco de ar fresco, e foi emocionante ir até a varanda sem que ninguém percebesse. Então ele disse palavras muitos doces, e parecia muito

apaixonado por ela.

E então...

Se estivesse sozinha nesse instante, Clara cobriria o rosto e cairia em prantos. Mas isso seria uma reação típica de sua mãe. Ela sim chorava, berrava e desmaiava. Clara se sentou ainda mais ereta, as mãos cruzadas, desejando poder voar pela janela e ir para bem longe. A porta se abriu e Harry entrou.

Ela queria pular e correr na direção dele, do jeito que costumava fazer quando eram crianças e ela sentia tristeza por causa de um ninho de passarinho caído no chão, um cachorrinho doente ou um cavalo ferido que precisaria ser sacrificado.

Mas eles não eram mais crianças e Harry já tinha muito com o que lidar.

– Aí está você, finalmente! – gritou a mãe. – Você precisa lutar com Adderley, Harry. Você precisa matá-lo.

– Matá-lo? Que estranho. Papai me informou que o salafrário propôs casamento a Clara. – Ele deu um leve beijo na testa da mãe. – Eu deveria tê-lo matado quando tive a chance, mas Clara entrou no meio.

Que opção Clara teria? Temia que Harry matasse Adderley, um homem que não tentara se defender. Harry seria enforcado ou teria que fugir e viver em outro país pelo resto da vida – tudo porque ela fora uma verdadeira tola. Ela arruinara a própria vida. Não pretendia destruir também a vida do irmão.

– Mamãe, se Harry matar lorde Adderley, minha reputação ficará desmantelada para sempre – disse Clara, com firmeza. – A única maneira de consertar isso é o casamento. Lorde Adderley propôs, eu aceitei e está acabado.

Harry olhou para ela.

– Está mesmo?

– Sim. Uma vez que mamãe está nervosa demais para agir e sei que não está pronta para sair em público, peço a você que me leve para comprar o meu enxoval.

– Enxoval? – gritou a mãe. – Você pensa demais em roupas. E o mundo inteiro sabe demais sobre elas. No meu tempo, as jovens de bem não faziam de si mesmas um espetáculo, anunciando cada peça que usam. Um absurdo você ter sua camiseta íntima descrita em detalhes em um jornal, como se fosse uma cortesã! Você devia estar morrendo de vergonha. Mas nada a deixa envergonhada, não é mesmo? Não me surpreende que, na noite passada, tenha agido como uma mundana. A culpa é daquelas costureiras francesas. Se você colocar os pés na loja delas outra vez, eu a deserdo!

– Meu Deus, que diferença isso faz? – perguntou Harry. – A menos que Adderley sofra algum acidente fatal, ela terá que se casar com ele, gostando ou não. Ela poderia muito bem ter umas roupas de que gosta agora, já que não vai ter muitas após o casamento.

– Adderley pode se casar com ela usando qualquer coisa – retrucou a mãe. – Ele não passa de um caçador de dotes e de um sedutor barato. Ah, nunca imaginei que esse dia chegaria! Um *barão* sem nenhuma herança, nadando em dívidas e cuja mãe é filha de um estalajadeiro irlandês. Quando penso que ela poderia ter se casado com o duque de Clevedon!

– Eu a aconselho a não pensar mais nisso – disse Harry. – Eles teriam sido infelizes juntos.

– E Adderley vai fazê-la feliz?

A mãe se afundou nas almofadas e fechou os olhos.

– Clara irá colocá-lo na linha – falou Longmore. – E, se ela não conseguir mudar o comportamento desregrado dele, quem sabe? Talvez ele caia em alguma vala, ou seja atropelado por uma carruagem, e

ela se torne uma jovem viúva. Tente ver as coisas pelo lado positivo.

Ele devia saber que essa não era a melhor abordagem a se adotar. A mãe não saberia se ele estava brincando ou não, e isso só traria mais uma dose de irritação a todo aquele melodrama.

Clara, por sua vez, adotou uma abordagem mais eficiente.

– Imagine o que lady Bartham dirá quando descobrir que vou sair de casa sem um enxoval, sem ao menos um vestido de noiva.

Lady Bartham e a mãe de Clara eram ferozes rivais, mas fingiam ser melhores amigas uma da outra.

– Meus desejos não podem prevalecer. Devemos considerar a posição de seu pai. Vou persuadi-lo a permitir que você tenha seu enxoval. – Ela acenou com o lençinho. – Mas não daquelas rameiras francesas! Você vai procurar a Sra. Downes.

– A Sra. Downes? – gritou Clara. – Você está delirando? Ela fechou a loja.

Clara prendeu a respiração. Ela deveria ser a mais calma de todos. Tinha que ser, pois tinha um irmão impetuoso e uma mãe histérica. Felizmente, a mãe estava envolvida demais com as próprias emoções para prestar atenção às emoções dos outros.

– Isso foi apenas temporário. Ela me enviou uma mensagem ontem, dizendo que reabriu a loja, graças ao bom Deus. Você vai falar com ela. Sua moral pode estar despedaçada, mas é preciso vestir-se com respeito.

– Está bem, mamãe – concordou Clara, com calma.

Harry lhe lançou um olhar de esguelha. Ela revidou com um olhar de aviso.



Enquanto isso, no número 56 da St. James Street, as irmãs Noirot estavam lendo, sem acreditar, um minúsculo anúncio. A edição do *Spectacle* só chegou algum tempo depois de a loja abrir. Como a manhã fora bastante movimentada, elas não tiveram tempo de dar mais do que uma olhadela no jornal.

Naquele momento, porém, Selina Jeffreys estava atendendo no salão principal da loja. Reunidas no andar superior, as três modistas se debruçaram sobre a mesa de trabalho, os olhos fixos em doze linhas impressas em uma das páginas de anúncios do *Spectacle*.

Ali, uma jubilosa Sra. Downes avisava que, após um breve período de “reformas”, ela havia reaberto seu estabelecimento comercial. Sophia ouvira falar sobre isso na noite anterior, na festa. Ela mencionara o fato às irmãs. Todas desejaram que não passasse de boato.

Elas já tinham problemas suficientes com a situação do jeito que estava.

– Maldita seja – disse Marcelline. – Devíamos ter acabado com ela. Downes fechou a loja. Disse que era para reformas, mas demitiu todos os empregados. Eu tinha certeza de que ela sairia rastejando de Londres, fazendo jus à víbora que é.

A víbora era Hortence Downes, proprietária de uma loja batizada pela Maison Noirot de “Trapos”. Poucas semanas antes, ela e uma de suas asseclas as haviam levado à beira da ruína. Mas as irmãs usaram os próprios truques e a expuseram ao mundo como uma farsa. Ou, pelo menos, foi o que pensaram.

Marcelline balançou a cabeça.

– Aquele negócio de roubar meus croquis tinha que ter acabado com ela.

– Ela colocou a culpa nas costureiras – explicou Sophia. – Disse às clientes que mandou todas embora e contratou novas.

– Que o diabo a carregue! – exclamou Marcelline. – Quem diria que Hortence, a Horrorosa, era esperta o bastante para recuperar sua reputação?

– É o que eu teria feito no lugar dela – respondeu Sophia. – Colocaria a culpa nos empregados, limparia a casa e faria com que minhas clientes soubessem da “verdade”, sobre como eu fora vítima de pessoas maldosas, que não tinham a mínima gratidão. Depois, mandaria mensagens pessoais à clientela, antes do anúncio público.

– Isso é muito ruim – afirmou Marcelline. Ela olhou para as irmãs. – Quantos negócios perdemos por minha causa?

Sophia e Leonie se entreolharam.

– Entendi – disse Marcelline. – Pior do que pensei.

– Lady Warford tem um enorme prestígio social – falou Leonie. – Ninguém faz compras em um lugar criticado por ela.

– Mas ela se veste tão mal! – comentou Marcelline.

– Ela não acha e ninguém tem coragem de dizer isso a ela – disse Sophia. – Não que a maioria das amigas dela tenha noção de como se vestir. Elas são como carneirinhos. Ela é a líder e as outras a seguem.

– E ela me odeia – concluiu Marcelline.

– Um ódio puro e ardente, o tipo de sentimento que os da espécie dela costumam reservar para anarquistas e republicanos – acrescentou Sophia.

Marcelline começou a andar de um lado para outro.

– Não seria tão ruim se lady Clara tivesse se metido em problemas com o homem certo – salientou Leonie. – Ela poderia se tornar uma líder da moda pelo próprio mérito e nos ajudar a construir uma clientela com a geração mais jovem.

– Mas ela escolheu o homem errado – disse Marcelline. Voltou à mesa de trabalho, afastou o jornal para o lado, pegou seu caderno e começou a desenhar com linhas fortes e raivosas. – Diga-me a verdade, Leonie.

– Estamos perto da ruína.

Ninguém disse uma única palavra sobre o marido de Marcelline, que poderia comprar e vender a loja muitas e muitas vezes usando apenas o dinheiro que tinha no bolso.

Elas não queriam ser compradas. Era a loja *delas*. Há três anos, chegaram de Paris, depois de perder tudo. Chegaram com uma criança doente, algumas moedas e seus talentos. Marcelline ganhara dinheiro nas mesas de jogo. Isso lhes dera o suficiente para começar.

Agora, ela sentia que havia destruído tudo pelo qual trabalharam. Tudo por causa do amor. Mas Marcelline tinha o direito de amar e ser amada. Ela havia trabalhado arduamente. Sofrera muito e cuidara de todas elas. Marcelline merecia ser feliz.

– Já estivemos perto da ruína antes – disse Sophia. – Isso não é pior do que Paris e a cólera.

– Sobrevivemos a uma catástrofe aqui também – lembrou Leonie.

– Com a ajuda de Clevedon – disse Marcelline –, a qual não queríamos aceitar. Mas concordamos porque não tínhamos escolha.

– E ele nos fez um *empréstimo* – ressaltou Leonie.

– Que, agora, parece que não poderemos pagar – ponderou Marcelline, com o lápis ainda se movimentando com raiva. – Estamos tão longe de conseguir pagar que temos que pedir mais um. Ou aceitar o fracasso. Leonie estava certa. Mordemos mais do que poderíamos engolir.

Semanas antes, quando o duque de Clevedon conseguira para elas aquele novo endereço, Leonie as alertara de que não tinham uma clientela grande o suficiente para manter uma loja grande na St. James Street.

– Nós *sempre* mordemos mais do que conseguimos engolir – comentou Sophia. – Viemos de Paris sem nada e construímos um negócio em apenas três anos. Decidimos ir atrás de lady Clara e conseguimos... embora não da maneira como pretendíamos. Não seríamos quem somos se agíssemos como mulheres normais. Não vejo por que deveríamos começar a agir normalmente agora, só porque nossa melhor cliente cometeu um erro com um homem ou porque a mãe dela guarda mágoas. Não pretendo me sentar e me render só por causa de um pequeno revés.

Marcelline ergueu o olhar do croqui e finalmente sorriu.

– Só você chamaria uma ruína iminente de um “pequeno revés”.

– O problema com você é que está apaixonada e se sente culpada em relação a isso, o que é incrivelmente ridículo em uma Noirot – comentou Sophia.

– Ela tem razão – afirmou Leonie. – Você se casou com um duque. Deveria estar incrivelmente satisfeita consigo mesma. Foi uma grande façanha. Que eu saiba, ninguém, em nenhum dos lados de nossa família, conseguiu nada parecido.

– Não apenas um duque, mas um colossalmente rico – acrescentou Sophia. – Sua filha tem castelos de verdade onde brincar.

– Portanto, pare de se preocupar – disse Leonie.

– Estou diante do fracasso – respondeu Marcelline. – Um fracasso gigantesco e catastrófico, do qual aquele horrível réptil da Trapos vai achar graça. Isso me dá o direito de me preocupar.

– Não, não dá – discordou Sophia. – Ela não vai rir e nós não vamos fracassar. Vamos pensar em alguma coisa. Nós sempre conseguimos.

– Nós só precisamos pensar depressa – disse Leonie. – Porque temos menos de um mês até o fim do trimestre.

O solstício de verão: dia 24 de junho. Dia em que os aluguéis devem ser pagos e as dívidas, liquidadas. Alguém bateu de leve à porta.

– Sim? – indagou Marcelline.

A porta se abriu um pouquinho, revelando uma pequena parte do corpo de Mary Parmenter, uma de suas costureiras.

– Com licença, Vossa Graça e madames. Lady Clara Fairfax está aqui. Com lorde Longmore.

Capítulo três

Existe, por certo, alguma conexão entre o vestido e a mente; um observador cuidadoso pode traçar algumas correspondências. Tanto os fracos quanto os fortes de espírito nunca deixam de ser influenciados por um vestido, seja ele bonito ou feio.

Revista *Lady's Magazine & Museum*, anúncio de junho de 1835.

O lugar devia ser um tipo de bordel para mulheres, concluiu Longmore.

A loja possuía até mesmo uma discreta entrada pelos fundos, reservada, sem dúvida, para amantes de alta classe e os homens que as sustentavam. Alguns minutos antes, uma mulher vestida de maneira simples, porém elegante, os deixara naquela passagem e indicou para que subissem um lance de escadas acarpetadas, com iluminação discreta. Pequenos quadros de paisagens e pratos antigos e decorativos estavam pendurados nas paredes verde-claras. Ele já estivera no salão principal da Maison Noiro, mas aquele era um mundo completamente diferente.

O local para onde a moça os havia encaminhado parecia uma sala de estar. Pinturas em pequenos quadros em paredes rosa-claras. Belas peças de porcelana. Peças de renda adornando mesas e encosto de cadeiras. O ar cheirava a mulheres, mas era algo sutil. Suas narinas só captavam um rastro, como se um buquê de flores e ervas tivesse passado por ali havia poucos segundos. Tudo ao redor era leve, luxuoso e convidativo. Ele se sentiu tentado a se deitar no tapete e ordenar que lhe trouxessem haxixe e dançarinas.

A porta se abriu. Todos os sentidos de Longmore entraram em estado de alerta, mas era apenas uma moça elegantemente vestida trazendo uma bandeja. Ela a colocou em uma bela mesa de centro. Longmore observou que na bandeja havia uma travessa com biscoitos. Uma garrafa estava no local onde deveria haver um bule de chá. Quando a moça saiu, ele comentou:

– Então é assim que elas fazem. Manipulam você com álcool.

– Não, elas manipulam *você* com álcool, sabendo que ficará entediado. Embora eu bem que precise de um revigorante. – Clara se sentou em uma das cadeiras. – Ai, Harry, o que farei?

O rosto dela assumiu um semblante de angústia. Ele conhecia aquela expressão. Significava que lágrimas logo viriam. Longmore foi pego de surpresa. Ela parecia perfeitamente bem durante o trajeto até a loja. Queixo empinado e olhos brilhantes. Ele não se surpreendera quando a irmã lhe pedira que a levasse à Maison Noiro. O jeito manso de concordar com a mãe não o enganara.

Clara tinha uma beleza angelical e as pessoas pensavam que ela era doce e submissa. Confundiam indiferença com docilidade. Ela era o tipo de mulher que não costumava se importar muito com as coisas. Mas, quando se importava, podia ser tão teimosa quanto uma mula.

Depois que as irmãs Noiro colocaram as garras nela, Clara havia se tornado uma pessoa obstinada em relação a roupas.

Ele abafou o pânico.

– Que diabo, Clara. Não comece a se debulhar em lágrimas. Diga qual é o problema.

Ela tomou um lenço e secou depressa os olhos.

– Ah, é mamãe. Ela me deixa com os nervos à flor da pele.

– É só isso?

– E não é o bastante? Eu sou o maior motivo de chacota da sociedade, estou para me casar às pressas e minha mãe não faz outra coisa senão relembrar cada pequeno erro que cometi.

– Vir para cá é mais um.

– Que diferença faz? Isto, pelo menos, vai me animar um pouco. Ao contrário de uma visita àquela incompetente da Bedford Square, por quem mamãe nutre uma devoção irracional.

Ele a levava ali porque era aonde ela queria ir... e também porque era onde *ele* preferia estar. A Maison Noiroth era inacreditavelmente cara, as proprietárias eram especialistas de primeira grandeza em sedução (no que se refere a roupas), a loja era de inspiração extremamente *francesa* e, acima de tudo, era o lar de Sophia Noiroth.

Se um homem fosse obrigado a passar algum tempo em uma loja de vestidos, a Maison Noiroth seria o lugar certo.

– Nossa mãe vai espumar de raiva. E a maior parte da raiva será dirigida a você.

– As roupas valerão a pena.

E aquela seria sua última chance de fazer extravagâncias nesse aspecto, a menos que encontrassem alguma forma de se livrar de Adderley e recuperar a reputação de Clara ao mesmo tempo. Longmore não tinha certeza de que Clara queria se livrar de Adderley. Ela seria idiota ou louca se não quisesse.

Ele deve ter franzido a testa sem perceber, porque ela comentou:

– Será divertido para mim, mas sei que você vai ficar morto de tédio. Não precisa me esperar, Harry.

Alugo uma carruagem para voltar.

– Alugar uma carruagem? Ficou louca? Nem quero ouvir falar nisso. – Ele bateu com a mão na testa, elevou a voz e, no tom que sua mãe executava à perfeição, disse: – “Como pôde, Harry? Sua própria irmã, largada e obrigada a entrar em um veículo público nojento? Só Deus sabe quem pode tê-la visto, andando pelas ruas de Londres como uma vendedora de loja. Como vou olhar na cara das minhas amigas?”

À suas costas, Longmore ouviu o farfalhar de anáguas... e quem sabe uma risada abafada.

Ele se virou, o pulso acelerado. Três mulheres jovens – uma morena, uma loura e uma ruiva – o olhavam com expressões de delicado interesse. As duas últimas tinham olhos inacreditavelmente azuis. Somente nos olhos era possível detectar qualquer sinal do divertimento que pensou ter ouvido, e não foi um sinal dos mais claros.

Teria sido mais exato dizer que ele só detectou isso nos olhos *dela*, já que as irmãs de Sophia Noiroth poderiam ser sombras, um coro grego ou cortinas que ele nem as veria.

Estavam todas muito bem arrumadas e lindíssimas, cada uma recebendo as visitas à sua maneira. Mas seu interesse estava em Sophia. Por quê? Era só olhar para ela. Cabelos cacheados em um tom pálido de ouro, sob um chapéu adornado com renda. Olhos enormes e expressivos cor de safira. Um narizinho arrebitado. Lábios fartos e convidativos. Um queixo altivo e obstinado. Abaixo do pescoço... ah, isso era ainda melhor. Delicioso, na verdade, apesar do estilo de roupa da última moda.

– Duquesa – disse Clara, levantando-se de sua cadeira e fazendo uma mesura.

– Por favor, não me trate como duquesa – disse Sua Graça. – Isso são negócios. Por que não fingimos

que estamos na França, onde você chamaria uma duquesa de *madame*, da mesma maneira que se dirigiria a uma modista? Pense em mim apenas como sua modista.

– A *maior* modista do mundo – acrescentou Sophia.

– E isso faz de você...? – indagou Longmore.

– A *outra* maior modista do mundo – respondeu Sophia.

– Alguém precisa lhe dar uma explicação sobre superlativos – disse ele. – Mas, por outro lado, sei que o inglês não é a sua primeira língua.

– Não é a minha única primeira língua, milorde. *Le français est l'autre*.

– Talvez alguém devesse lhe explicar também a diferença entre única e primeira.

– Ah, sim, por favor, ensine-me, milorde – pediu Sophia, arregalando os olhos extremamente azuis. –

Eu nunca tive boa cabeça para números. Leonie sempre reclama disso. “Você nunca vai aprender a fazer contas?”, é o que ela sempre diz.

– E mesmo assim... – começou ele.

Foi então que Longmore percebeu que ela o havia afastado da irmã, que estava se dirigindo à outra sala com as outras duas Noirots.

– Para onde estão indo? – indagou ele.

– Vamos ver alguns tecidos – disse Clara. – Você vai achar extremamente entediante.

– Isso depende – retrucou ele.

– De quê? – indagou Sophia.

– De quanto eu estiver enfadado. – Ele olhou ao seu redor. – Não há muito com o que se divertir por aqui.

– O clube fica a poucos passos da loja – indicou Sophia. – Talvez o senhor prefira esperar lá.

Podemos mandar buscá-lo quando lady Clara terminar.

– Não sei. Sinto que preciso ficar por aqui e exercer alguma influência tranquilizadora.

– O senhor? – perguntou Sophia. – Uma influência tranquilizadora?

– Mulheres muito agitadas. Roupas. A possibilidade de violação e pilhagem da conta de nosso pai. A cabeça fria de um homem parece ser necessária.

– Harry, você sabe que nosso pai não se importa com quanto gasto em roupas – reagiu Clara. – Ele gosta que nos apresentemos bem. E sei que você não se importa com o que compro. Foi gentil de sua parte me trazer aqui, mas não precisa ficar me vigiando. Estou perfeitamente a salvo.

O olhar de Longmore passou pelas três irmãs, mas parou em Sophia. Ele refletiu depressa e escolheu as palavras com cuidado.

– Muito bem. Um homem pode pensar com mais clareza quando não está cercado de mulheres, e preciso criar um álibi.

Ela mordeu a isca e seu olhar se aguçou.

– Álibi? – indagou ela. – Está planejando matar alguém?

– Ainda não, já que você não me deixou assassinar o noivo. Não, preciso de um álibi para Clara, que não deveria estar aqui.

– Mamãe disse que eu tinha que ir à Downes – explicou Clara –, mas meu irmão teve pena de mim.

– Eu tive pena de *mim* – retrucou ele. Seu olhar fixou-se em Sophia. – Eu a trouxe aqui para evitar repreensões e choros. Só isso.

– Então, o mínimo que posso fazer em gratidão é lhe oferecer um álibi – sugeriu Sophia.

– Algum que não seja muito mirabolante – disse ele.

Ela revirou os grandes olhos azuis.

– Eu sei disso.

– Sou um homem simples.

– Isso é tão simples que até um pateta poderia se lembrar. Quando lady Clara voltar para casa, ela dirá que o senhor bebeu demais e a trouxe aqui, em vez de ir até a Downes, insistindo que era o lugar certo.

– Ah, perfeito! – exclamou Clara.

– Vai funcionar muito – concordou ele. – Ela poderá dizer que insisti muito e a obriguei a encomendar sessenta ou setenta vestidos e doze dúzias de camisas...

A mente dele ficou turva e imagens de musselina e roupas de baixo feitas de renda espalharam-se por seu cérebro. Em meio àquele desalinho, havia a figura de um anjo diabólico, de olhos azuis, e quase sem roupa. Ele balançou a cabeça para afastar a imagem. Agora não era hora. Estava apenas começando o seu cerco e sabia que estava diante de uma fortaleza cheia de arapucas com todo tipo de passagens ocultas, distrações e armadilhas.

Por outro lado, se fosse fácil, seria muito monótono. Ele prosseguiu.

– Quando nossa mãe recobrar a consciência e exigir que Clara cancele os pedidos, minha irmã apelará ao nosso muito consciente progenitor, que dirá que não se pode cancelar encomendas enormes simplesmente por puro capricho.

Sophia cruzou os braços. Algo brilhava em seus olhos azuis. Fora isso, sua expressão estava impenetrável.

– Bom – disse ela. – Vamos ficar com essa desculpa. Não a enfeite demais.

– Não há perigo. Só preciso ir até o clube e beber sem parar até vocês terminarem de levar meu pai à falência. Então, quando eu levar Clara de volta à Residência Warford, ninguém terá problemas para acreditar na teimosia de um ébrio.

Ele saiu da sala de estar, caminhou até as escadas e começou a descer. No entanto, parou ao ouvir passos apressados e saias farfalhantes atrás de si.

– Lorde Longmore.

Ela disse o seu nome como todos faziam, não exatamente do jeito que era escrito, mas da forma que tantos nomes antigos eram pronunciados, com vogais trocadas e consoantes agrupadas. Entretanto, também não falava igual aos outros, pois a dicção de Sophia carregava um leve sinal da língua francesa.

Ele olhou para cima. Ela estava no topo das escadas, apoiada no corrimão. A visão foi maravilhosa: ele podia ver os sapatos de seda que ela usava e as fitas entrecruzadas que chamavam a atenção para o fino arco do peito do pé e os graciosos tornozelos. Ele viu a delicada meia de seda delineando o pouquinho de pé e perna que estavam à mostra: o lugar acima dos joelhos, onde se colocam as ligas – que, aliás, ele imaginou como sendo vermelhas, bordadas com frases libidinosas em francês.

Por um instante, Longmore não disse nada, apenas absorveu aquela imagem.

– Essa foi uma excelente saída – disse ela.

– Achei que seria – concordou ele.

– Odeio estragá-la, mas tive uma ideia – retrucou ela.

- Você é um prodígio. Um álibi e uma ideia. Tudo no mesmo dia.
- Achei que o senhor poderia me ajudar.
- Ouso dizer que sim – falou ele, contemplando os tornozelos de Sophia.
- Com sua mãe.

Ele levantou o olhar e o fixou no rosto dela.

- O que você quer fazer com a minha mãe?
- Na verdade, eu gostaria de vesti-la.
- Isso seria muito difícil, se levarmos em consideração o fato de que ela a odeia.
- Eu sei, mas estou certa de que podemos convencê-la. Isto é, *eu* posso convencê-la. Com um pouco de ajuda.

– O que está propondo, Srta. Noirot? Devo drogá-la e trazê-la até seu covil, desmaiada, para que a enfie à força em vestidos arrojados?

– Só em último caso – respondeu Sophia. – O que tenho em mente para o senhor, por enquanto, é algo bastante simples... e ninguém jamais saberá que o senhor ajudou e instigou o inimigo.

– Estamos em Londres. Aqui não existe nada parecido com “ninguém jamais saberá”.

– Não, é verdade, prometo...

– Não que eu me importe com o que os outros sabem ou deixam de saber – prosseguiu ele.

– Certo. Eu tinha me esquecido de um detalhe, mas é que *não posso* ser reconhecida.

– Está pensando em usar um disfarce?

– Somente eu – explicou Sophia. – Preciso visitar a Trapos e...

– E Trapos é...?

– O covil do réptil, Hortence Horrorosa, o monstro que coloca sua mãe naquelas roupas lúgubres.

Preciso entrar na loja dela.

Ele sabia que, no mundo de Sophia, as roupas eram o começo e o fim de tudo, e mundos poderiam ficar perdidos devido à má colocação de um laço.

– Está me propondo uma expedição espiã atrás das linhas inimigas?

– Sim. *Exatamente* isso.

– A senhorita pretende explodir a loja dela?

– Só em último caso – respondeu Sophia.

Ele ficava feliz em levá-la, mesmo que ela não fosse explodir o local. Ficaria feliz em acompanhá-la a qualquer lugar. Mas, se concordasse de imediato, Sophia logo sairia dali e ele ainda não se cansara de admirar os tornozelos dela.

Longmore fingiu refletir sobre o pedido.

– É só por cerca de uma hora, ou um pouco mais. Isso não irá atrapalhar seus inúmeros compromissos.

– Normalmente, não atrapalharia mesmo – assentiu ele. – Mas tenho que trabalhar nesse problema com Adderley e isso exige profunda e longa reflexão.

– O senhor não precisa se preocupar com Adderley – disse ela. – Já não lhe disse que minhas irmãs e eu resolveremos isso?

– Não é o tipo de questão que quero deixar para mulheres resolverem. A situação pode ficar confusa e eu detestaria ver suas belas roupas arruinadas.

– Acredite em mim, lorde Longmore. Minhas irmãs e eu já lidamos com situações extremamente confusas antes.

Seus olhares se encontraram. Naqueles olhos azuis, ele captou algo inesperado e opressivo. Esse sinal desapareceu em um segundo, mas disparou a triste lembrança dos homens que a perseguiram e que emergiram despedaçados da experiência. Havia mais naquela mulher do que as aparências revelavam: isso ele já havia percebido.

– Deixe-me refletir – disse ele. – Deixe-me refletir sobre isso nas profundezas frias do clube. Ele continuou a descer as escadas.



Duas horas depois.

Nas proximidades do famoso balcão do White's, onde, algumas décadas antes, Beau Brummel havia ocupado uma posição de destaque, uma repentina agitação surgiu em meio à tarde monótona e chuvosa. O ruído aumentava aos poucos, alcançando um volume alto o suficiente para chamar a atenção de lorde Longmore.

Ele havia se sentado na sala matinal com o *Morning Spectacle* na mão, para conferir a história de Sophia sobre o desastre da noite anterior. O estilo de Sophia, dramático, de tirar o fôlego, chamando a atenção para cada enfadonho detalhe do vestido de Clara, havia sido explorado como nunca antes. Clara fora chamada de “inocente cruelmente enganada”, Longmore apareceu como o protótipo do irmão vingador e a descrição do vestido – repleto de misteriosas palavras francesas que só as mulheres entendiam – tomou quase duas das três colunas da primeira página. Seu relato havia ofuscado todos os outros mexericos que Foxe chamava de notícias.

Longmore lera o jornal naquela manhã, após o desjejum. Não ficou claro que benefício a notícia traria à Clara – a menos que fosse apenas o primeiro passo de uma campanha. Se fosse o caso, ele ansiava para ver aonde isso chegaria.

Após achar graça do texto, com a maior coleção de adjetivos e advérbios que já vira em um mesmo artigo, passou a ler outros mexericos e notícias esportivas. Em seguida, foi até a última página, onde eram colocados os anúncios. Ali, a Maison Noirod estava em destaque, empurrando para cantos obscuros as propagandas de artigos de toucador e condimentos para salada.

Foi então que ele viu o anúncio da Sra. Downes. Ficou tentando entender qual seria a conexão entre a necessidade de Sophia de ser levada à loja da rival e o anúncio, quando alguém perto do balcão perguntou:

– Quem é ela?

– Está brincando – comentou outra pessoa. – Você não a conhece?

– Se eu conhecesse, não perguntaria.

Outras vozes se juntaram.

– Hempton, anjo inocente. Você esteve em coma no mês passado?

– Está se referindo à noiva de Clevedon? – perguntou Hempton. – Mas ele se casou com uma morena.

Essa é loura.

Longmore fechou o *Spectacle*, levantou-se da cadeira e caminhou até o balcão.

– O que está acontecendo? – disse ele, embora pudesse adivinhar.

Os homens que estavam amontoados ali logo abriram espaço para ele.

Sophia Noirot estava do outro lado da St. James Street. Uma rajada de vento soprava as costas de seu vestido amarelo-pálido de encontro às suas pernas, criando uma espuma esvoaçante de saias e anáguas na frente. O vento fez com que o frágil guarda-chuva de renda virasse uma piada. O aguaceiro anterior havia diminuído, transformando-se em uma leve garoa, e a figura enevoada que se via entre inúmeros veículos, cavaleiros e pedestres parecia a visão de um sonho.

O comentário no balcão, entretanto, deixou claro que Sophia não era um sonho, a não ser no sentido de que, no momento, era a protagonista das fantasias libidinosas de todos aqueles sujeitos.

Ah, ela era bem real, usando uma peça que parecia uma echarpe e que balançava até os joelhos – ou onde se imaginava que deviam estar, sob todos aqueles metros de renda e musselina. Cobrindo os cabelos dourados, havia um chapéu enfeitado com renda, fitas e plumas.

Quando ela se inclinou para falar com um garotinho sebento, Longmore viu um tipo de arranjo feito de renda e plumas colocado na parte de trás do chapéu. Ela deu algo para o menino e ele correu para o outro lado da rua, esquivando-se de cavalos e veículos.

Então ela olhou para cima, diretamente para o balcão e para Longmore. E sorriu.

Os homens no balcão olharam para ele. E sorriram.

E ele sorriu de volta.



Longmore não teve pressa. Terminou sua taça de vinho, releu o anúncio e apanhou seus pertences. Ele colocou o chapéu e calçou as luvas, pegou sua bengala e saiu. A garoa reduziu-se a uma nevoa fina e o vento também havia perdido um pouco da força.

Sophia havia parado em um ponto da rua. Estava olhando para as pessoas que passeavam por Piccadilly. Todos os homens que passavam a observavam. Ele desceu os degraus, sem pressa, e atravessou a rua para se encontrar com ela.

– Eu achei que a senhorita pediria a algum moleque de rua que me avisasse quando minha irmã estivesse pronta para voltar – disse ele. – Por que não enviou uma criada ou costureira? A senhorita tinha que vir pessoalmente? Na chuva?

– Tinha, sim.

– Imagino que tenha algo especial para me dizer.

– Na verdade, eu poderia ter dito em outro lugar, mas foi uma boa oportunidade para exibir meu chapéu, que foi desenhado por mim. Não sou nenhum gênio com vestidos, como Marcelline, mas meus chapéus são muito lindos.

Ele analisou o tal chapéu, com suas rendas e sabe-se lá mais o quê.

– Extravagante, mas cativante.

Ela sorriu, formando covinhas, e o coração de Longmore deu um salto que o assustou.

– Espero, do fundo do coração, que seja cativante o suficiente para vencer a sua resistência – disse ela.

– Qual resistência?

– Ao meu ardil.

– Ah, sim, o ardil. Levá-la até a Trapos.

– Preciso descobrir o que elas estão planejando.

– Imagino que seja óbvio – disse ele. – Elas estão dispostas a tirar vocês do páreo, como qualquer rival decente faria.

Começaram a caminhar pela St. James Street, enquanto ele imaginava quais caminhos tortuosos ela teria criado para convencê-lo a fazer o que ele já pretendia fazer de qualquer maneira.

– Sim, mas preciso saber exatamente contra o que estamos lutando: a velha Trapos ou algo novo, algo que não calculamos. Preciso ver se o lugar está igual ao que era e se as roupas são as mesmas.

– Imagino que a senhorita ficará em estado de choque se eu lhe disser que as roupas femininas me parecem todas iguais.

– Não ficaria nem um pouco chocada. O senhor é homem, e foi por isso que lhe fiz o pedido. Preciso de um homem grande, forte, no caso de eu ser descoberta e passar por uma situação de dificuldades com os valentões de lá. – Ela fez uma pequena pausa. – Enquanto estávamos experimentando roupas com sua irmã, ela mencionou lady Gladys Fairfax, dizendo que era uma pena que não pudéssemos tê-la como cliente.

– Prima Gladys – falou ele. – Não me diga que ela vem ao casamento.

– Eu não sei quem será convidado, mas tive a ideia de como lidar com essa situação quando lady Clara a mencionou.

Eles haviam chegado à esquina da Bennet Street. Ele parou para tomar cuidado com as carruagens e os cavalos que viravam para entrar na St. James Street. Quando o caminho pareceu seguro, ele pegou no cotovelo de Sophia e atravessou a rua. Assim que chegaram ao outro lado, ele a soltou. Porém, Longmore ainda sentia na palma da mão o calor do braço dela e esse calor correu até o meio de suas pernas de uma maneira tão rápida que lhe deu tonturas.

A entrada dos fundos era por uma passagem estreita, que saía da Bennet Street.

– Lady Clara disse que sua mãe irá à Trapos no início da semana para encomendar um vestido para o casamento. Leonie pode me liberar da loja com mais facilidade na sexta-feira de manhã. O senhor me levaria nessa data?

Depois do burburinho da St. James, a pequena passagem pareceu assustadoramente silenciosa. Ele tinha consciência de um perfume vagamente familiar ao seu redor. Aproximou-se um pouquinho mais e olhou em direção à porta reservada, fingindo pensar arduamente enquanto apreciava aquele perfume. Feminino, é claro... Lavanda? E o que mais?

Ele percebeu que sua cabeça estava afundando na direção do pescoço de Sophia. E logo ajeitou a postura.

– Valentões? – indagou. – Em uma loja de roupas?

– Dois brutamontes enormes – explicou ela. – Para lidar com os bêbados e os ladrões. Pelo menos é o que a dona diz. Pessoalmente, acho que ela contratou os homens para intimidar as costureiras. O senhor entende, do mesmo jeito que fazem para manter as mulheres nos bordéis, para...

– Isso me parece divertido. E a senhorita estará disfarçada, é claro.

– Isso mesmo.

– Como uma criada, imagino.

– Mas é claro que não. Se eu fosse uma criada estaria comprando roupas caras? Eu vou ser a sua prima Gladys.



Lorde Adderley não perdeu tempo para colocar a notícia de seu noivado nos jornais. Os rumores levaram apenas algumas horas para atravessar toda a Londres – antes até do *Spectacle*. Na segunda-feira, o alfaiate, o fabricante de botas, o de chapéus, o negociante de vinhos, o de tabaco e outros que cuidavam de seu conforto e seu prazer haviam, mais uma vez, aberto seus livros de contabilidade e lhe dado crédito.

Ele havia escapado por pouco.

Mais uma semana e teria sido obrigado a fugir para o exterior. Embora nobres não pudessem ser presos por débitos, não estavam imunes a outros dissabores, como ter o crédito encerrado. Seus credores pareciam ter feito uma conspiração, pois todos, inclusive os lojistas, cortaram seu crédito ao mesmo tempo, dois dias antes do baile de lady Igby.

As núpcias vindouras colocaram todos eles em estado de espírito mais indulgente. Ele comemorou no hotel Brunswick com Sr. Meffat e sir Roger Theaker, em um restaurante privado. Quando o jantar terminou, o vinho já havia deixado suas línguas soltas:

– Essa foi por pouco – disse sir Roger.

– Muito, muito pouco – acrescentou lorde Adderley.

– Eu achava que você não conseguiria – confessou o Sr. Meffat.

Lorde Adderley deu de ombros.

– Assim que vi lady Bartham começar a fofocar com a mãe de Clara, soube que não haveria problemas por algum tempo.

– Minha preocupação era com Longmore – disse o Sr. Meffat.

Adderley resistiu à tentação de colocar a mão no queixo dolorido.

– Só precisei de alguns minutos e ele já estava do outro lado do salão. Mesmo assim, o que salvou o dia foi a ação rápida de vocês dois.

Foi função de Meffat e de Theaker atrair a atenção para a varanda, sem exagerar. Não foi o trabalho mais difícil do mundo. Foi só dizer: “O que será que Adderley está fazendo na varanda? Quem é a moça que está com ele?”

E nem seria preciso dizer a muitas pessoas. Uma ou duas bastaria. O percurso em direção à varanda logo começaria, todos curiosos para ver o que estava atraindo tanta atenção.

Clara fora a mais fácil de ser manipulada. Embora não fosse nenhuma adolescente – tinha 21 anos –, era tão ignorante sobre o amor quanto uma criança. Tudo o que ele precisou fazer foi manter a taça de vinho dela sempre cheia e rodopiar pelo salão, até que ela ficasse tonta, e, em seguida, sussurrar poesia em seu ouvido. Mesmo assim, seria preciso cautela. Champanhe e rodopios em excesso poderiam deixá-la com vontade de vomitar no último casaco decente que lhe restara.

– Pelo menos você conseguiu uma linda noiva – disse Theaker. – Em geral, quando o pai oferece um dote bem grande é porque a filha é vesga ou tem as pernas tortas.

– Verdade. Em geral, são repugnantes – concordou Meffat.

– Eu tive sorte – disse Adderley. – Sei disso. Poderia ter me saído muito pior.

Ela era bela, e isso faria das aventuras na cama para a obtenção de herdeiros uma tarefa das mais agradáveis. Entretanto, seu tipo físico não lhe agradava, pois era uma mulher grande. Ele preferia uma moça mais graciosa e, se pudesse escolher, ficaria com uma morena.

Mas o dote era enorme, ela estava vulnerável e a cavalo dado não se olha os dentes.

– Que Deus abençoe a inocência dela – continuou Theaker. – Ela seguiu o roteiro como se fosse um carneirinho.

– Essa aí não vai lhe dar trabalho algum – disse Meffat.



Residência Warford.

Quarta-feira, 3 de junho.

Clara manteve a compostura até fechar a porta às suas costas. Só então engoliu em seco, atravessou o quarto correndo e sentou-se à penteadeira.

– Milady? – disse a criada, Davis.

Clara deixou escapar um soluço. E mais um.

– Ah, milady – disse Davis.

– Não sei o que fazer! – Clara enterrou o rosto entre as mãos.

– Calma, calma, milady. Vou preparar uma boa xícara de chá e a senhorita irá se sentir melhor.

– Preciso de mais do que chá – retrucou Clara.

Ela olhou para Davis através do espelho.

– Vou colocar uma gota de conhaque no chá – disse a criada.

– Mais que uma gota.

– Está bem, milady.

Davis saiu depressa. Clara pegou a mensagem que Adderley havia lhe enviado, uma mensagem de amor, repleta de lindas palavras, do tipo que nunca falham em derreter o coração de uma moça romântica.

É claro que as palavras eram belas. Haviam sido escritas por poetas: Keats, Lovelace, Marvell e muitos outros. Até mesmo Shakespeare! Ele imaginou que ela não reconheceria os versos de um soneto de Shakespeare? Ou ele era um completo idiota, ou achava que ela era.

– Provavelmente, a segunda hipótese – murmurou ela. Clara amassou a mensagem e a atirou do outro lado do quarto. – Mentiroso! Como pude ser tão tola?

Durante o baile, o Sr. Bates não a convidara para dançar e ela o havia observado rodopiar com lady Susan Morris, a filha de lady Bartham, por todo o salão. Lady Susan era pequena, morena e bonita. Perto dela, Clara sempre se sentia um pouco desajeitada e deselegante.

E daí? Uma mágoa momentânea. Em seguida, lorde Adderley estava ao lado dela, com uma taça de champanhe e um comentário perfeito, que não falharia em fazê-la sorrir. Um bajulador, como diria mamãe.

Talvez fosse isso mesmo. Ou talvez fosse como as belas palavras que ele escrevera, roubadas de

escritores talentosos. Falsas, de um jeito ou de outro. Champanhe, valsa e bajulação. E Clara mordeu a isca.

E agora... o que fazer?

Ela se levantou e foi até a janela. No jardim logo abaixo, a chuva torturava os arbustos e as flores. Se ela fosse homem – se fosse Harry –, fugiria para o lugar mais longe possível. Mas ela não era homem e não tinha ideia de como fugir.

Tempo, pensou ela. Sua única esperança era o tempo. Se conseguissem adiar o casamento por meses e meses, um novo escândalo social surgiria e todos se esqueceriam desse.

Davis chegou com o chá.

– Coloquei algumas gotas a mais, mas será preciso beber depressa – disse ela. – Lady Bartham está aí e lady Warford ordenou que a senhorita fosse até lá imediatamente.

– Lady Bartham? Isso exige mais do que algumas gotas. Exige uma garrafa inteira.

Ela engoliu o chá matizado com conhaque, fez cara de anfitriã e desceu até o salão.

A visita foi pior do que esperava. Lady Bartham foi simpática de uma forma tão venenosa que deixou Clara quase cega de ódio e a mãe com enxaqueca.

Na manhã seguinte, lady Warford anunciou que estava cansada daquele noivado medonho e das insinuações das pessoas. Elas consultariam o calendário e marcariam a data do casamento.

– Sim, é claro, mamãe – assentiu Clara. – Talvez no outono. A cidade não estará tão movimentada nessa época.

– No outono? – gritou lady Warford. – Você está louca? Não temos um instante a perder. Você precisa se casar antes do fim da temporada. No máximo antes do último baile da rainha.

– Mamãe, isso é daqui a três semanas!

– É tempo suficiente para se preparar um casamento. Uma festa pequena está fora de questão. Você sabe o que as pessoas diriam. E se aquelas malditas costureiras francesas, aonde Harry a levou, não terminarem seu vestido de noiva a tempo, sinto muito. Não é culpa minha se meus filhos me desobedecem em tudo.

Capítulo quatro

Agora, graças às prensas, aos barcos e às carruagens a vapor, o cérebro prolífico de uma modista ou de uma costureira francesa não consegue oferecer às elegantes damas de Paris novidades que não estejam sendo usadas pelas beldades de Londres.

Revista *La Belle Assemblée*, março de 1830.

Sexta-feira, 5 de junho.

Longmore transferiu as rédeas para uma das mãos e, com a outra, tirou o relógio do bolso.

Onze horas da manhã, ela havia dito. Porque os aristocratas que se prezam fazem compras à tarde e ela precisava chegar lá antes deles.

– É importante chegar antes das melhores clientes da Trapos. – Sophia lhe dissera. – As lojistas correm para bajular as grandes damas, cheias de dinheiro, e passam as clientes mais simples para as assistentes. Seria maravilhoso eu ver o desenho do vestido de sua mãe, uma vez que ela é uma das clientes mais importantes da Trapos. Isso significa que não posso ser atendida por uma assistente. Tem que ser Hortence Horrorosa em pessoa, ou sua contramestra.

Eram exatamente onze horas. Longmore olhou para o céu. Nublado, mas não ameaçador, como insistira seu criado. Ele não ficara muito satisfeito por não ter ido junto com o patrão. Se chovesse – como ele garantiu a milorde que aconteceria –, ele precisaria de ajuda para levantar a capota da carruagem.

Eles teriam que se molhar, não haveria outro jeito, decidiu Longmore. Embora fosse conveniente para cuidar dos cavalos e ajudar a descer capotas temperamentais, um cocheiro seria uma pedra no caminho.

Longmore colocou o relógio de volta no bolso e ficou olhando para a porta da loja. Ela havia combinado que ele fosse buscá-la na loja de fitas próxima à Maison Noiro, perto do palácio de St. James, para evitar suspeitas.

Sophia era hilária.

– Primo? – disse uma voz familiar.

Ele piscou. Era a voz de Sophia e, ao mesmo tempo, não era. Ele sabia que aquela figura tinha que ser ela, mas seus olhos negavam o que viam. A mulher na calçada, ao lado de sua carruagem, era tão comum na aparência que ele já devia estar olhando para ela há algum tempo sem realmente enxergá-la.

O sombrio casaco marrom escondia as formas da modista. O chapéu verde e sem graça e a touca de renda colocada sob ele ocultavam quase todo o cabelo louro. A parte visível era flácida, sem graça. Ela havia colocado uma verruga em um dos lados de seu perfeito nariz. E, sobre esse nariz, ela havia plantado um par de minúsculos óculos, que faziam com que seus brilhantes olhos azuis parecessem cinza-anuviados.

Ele estava boquiaberto.

– Aquí está a senhorita – falou, se recompondo.

– O senhor teria me visto antes, se não estivesse sonhando acordado – disse ela, soando tão rabugenta quanto Gladys... e com o mesmo sotaque insípido. Ela subiu no veículo com a mesma falta de jeito que a prima de Longmore teria demonstrado.

Se ele não soubesse, poderia jurar que era sua prima pregando-lhe uma peça. Mas prima Gladys não pregava peças. Não tinha imaginação.

– Como conseguiu isso? – indagou Longmore. – Você nunca a viu. Ela não sai de Lancashire há séculos.

– Lady Clara é uma imitadora de mão cheia, e foi muito fácil classificar o tipo. Nós sempre fazemos isso: medimos uma mulher quando ela entra na loja. De forma geral, elas tendem a ficar em quatro categorias.

– Há uma categoria para Gladys? Sinto muito por ouvir isso. Sempre pensei que ela fosse única, pois uma desse tipo já é mais do que suficiente.

Ele sacudiu as rédeas e, dali em diante, teve que manter a atenção nos cavalos. Embora já os tivesse guiado pelo Hyde Park, os animais ainda estavam agitados. Os pobres cavalos pareciam tão pouco acostumados a andar de manhã cedo pelas ruas quanto o próprio Longmore. Qualquer que fosse o motivo, buscavam confusão: tentaram investir contra outros veículos, subir na calçada e morder qualquer outro cavalo que os olhasse atravessado.

Normalmente, ele acharia isso divertido. Hoje, estava sendo inconveniente. Longmore tinha um plano a executar com a mulher ao seu lado. Ela era astuciosa e ele precisava de toda a sagacidade que tinha. Precisava levá-los vivos a Piccadilly. Depois, teria que abrir caminho no meio do tráfego, que aumentaria quando chegassem perto da Regent Street.

– Mas que diabo essas pessoas estão fazendo na rua ao raiar do dia? – indagou ele.

– Elas ouviram dizer que o conde de Longmore estaria acordado e ativo antes do meio-dia. Acredito que quiseram celebrar a data com fogos de artifício.

Ele dirigia carruagens desde a infância e não se lembrava de quando essa tarefa exigira tanto esforço.

– Acho que a senhorita está assustando os cavalos.

– Acho que eles não estão acostumados a ruas movimentadas, em plena luz do dia – retrucou Sophia.

– Eles devem estar incomodados com sua verruga – provocou ele.

Ou talvez fosse o perfume dela. Não era o cheiro de Gladys. Era tão suave que mais parecia uma sensação. A pele dela, jasmim e mais alguma coisa. Algum tipo de erva ou folha.

Não, o cheiro não estava incomodando os cavalos. Estava incomodando Longmore, deixando-o em um estado de agitação que não poderia ser acalmado no momento. E essa não era sua única perturbação. Ele tinha plena consciência das amplas saias de Sophia roçando a perna de sua calça e podia ouvir o farfalhar das anáguas. Era um som tão claro para ele que sobrepujava a cacofonia das ruas, com seus animais, veículos e pedestres.

Ele estava preparado para atacá-la, mas não podia, e os cavalos sentiam essa agitação. Era tão ridículo que ele soltou uma gargalhada.

– O que foi? – indagou ela.

Ele a olhou.

– Você e eu, acordados a essa hora, indo até uma loja de moda.

– Eu sei que o senhor acorda antes do meio-dia de vez em quando.

– Não para fazer compras.

– Não. Imagino que acorde para uma corrida ou uma luta de boxe. Talvez um leilão de cavalos. Acho que eu não poderia oferecer um divertimento do mesmo nível.

– Acho que vai ser divertido o bastante quando elas a desmascararem. O que provavelmente acontecerá. Será preciso despir-se para tirar as medidas. E se a verruga cair enquanto estiver tirando a roupa? E se os óculos ficarem presos na peruca?

– Coloquei várias camadas de roupa. Não planejo permitir que elas vejam além da primeira ou segunda. E, a propósito, não é uma peruca. Coloquei uma mistura de ovo no meu cabelo. As pessoas dizem que deixa um brilho depois que se lava, mas faz o contrário.

Lavar aquele cabelo daria um trabalho e tanto. Os fios tinham virado uma massa grossa e encaracolada e, a não ser que tivesse acrescentado alguns pedaços falsos, como tantas mulheres faziam, deveriam ser longos. Até a cintura? Ele imaginou cabelos longos e dourados descendo pelas costas nuas e sedosas.

Havia algo pelo que ansiar.

– A senhorita me prometeu valentões. Eu estava ansiando pela briga. Foi a única coisa que me tirou da cama. A senhorita faz ideia de quanto tempo faz que alguém me fez a cortesia de revidar?

– Se eu fosse um cavalheiro e o visse se aproximar com os punhos fechados, correria na outra direção.

– Valentões não são cavalheiros.

– Se ficar desesperadamente entediado, o senhor sempre pode provocar uma briga – disse ela.

– Isso se eles existirem mesmo – falou Longmore. – Nunca ouvi falar de brigões contratados por uma loja de roupas.

– O senhor nunca percebeu porque nunca pensa sobre como uma loja é administrada. Só percebe se o serviço é bom ou ruim. Mas eles podem ser úteis em um lugar onde só há mulheres trabalhando. É preciso lidar com bêbados derrubando coisas ou passando a mão nas costureiras. Além disso, há os ladrões. Eles aparecem em pequenos grupos, todos vestidos de maneira respeitável, sem demonstrar que estão juntos. Um ou dois mantêm as atendentes ocupadas, enquanto os outros enchem os bolsos. Eles têm bolsos especiais, costurados em suas roupas, e são muito rápidos. O senhor ficaria impressionado se soubesse quanto conseguem roubar se olharmos para o lado, ainda que apenas por um segundo.

– Onde ficam escondidos os sujeitos musculosos que trabalham em sua loja?

– Nós não precisamos deles – explicou ela. – Começamos em Paris, como o senhor sabe, e era um negócio familiar. Faz bastante tempo. Deixe-me pensar. Acho que Marcelline tinha 9 anos, então eu devia ter 7 e Leonie, 6. Quando a pessoa é absorvida por um trabalho desde a infância, cada aspecto dele se torna instintivo. Bêbados, ladrões, homens que acham que uma loja onde trabalham costureiras é um bordel... Nós somos perfeitamente capazes de lidar com essas coisas.

Ele se lembrou do olhar duro que aparecera rapidamente no rosto de Sophia quando ela lhe disse que já havia lidado com situações difíceis, mas não teve tempo para continuar a conversa. Quando estavam virando na Oxford, dois garotos surgiram correndo na frente do veículo. Praguejando com violência, Longmore virou os cavalos de lado um segundo antes que passassem por cima das crianças.

Seu coração acelerou. Uma pequena demora ou distração, e os pirralhos poderiam ter sido mortos.

– Prestem atenção por onde andam, seus malditos imbecis! – berrou ele, com a voz se sobrepondo ao

relinchar dos cavalos e aos comentários dos outros condutores.

– Ah, sua bruxa horrorosa! – gritou uma voz perto de Longmore. – Me solta, sua desgraçada!

– Ah, não. Acho que não – disse Sophia.

Longmore olhou na direção dos gritos. Um garoto esfarrapado estava preso nas costas do assento. Sophia o segurava pelo braço com uma expressão divertida. Longmore só conseguiu olhar para os dois de relance. Seus cavalos, as outras carruagens e demais pessoas estavam demandando toda a sua atenção.

– Mas que diabo! De onde ele veio?

– De lugar nenhum! – rosou o garoto. Ele se debatia furiosamente, mas não adiantava. – Eu não estava fazendo nada, só pegando uma carona aqui atrás, e essa bruxa com olho de peixe morto tentou arrancar meu braço.

– E você estava tentando aquecer sua mão no bolso no cavaleiro? – indagou ela.

Longmore segurou uma gargalhada.

– Eu nem cheguei perto do bolso dele! Por acaso eu estou agarrado no grã-fino?

– Longe disso – falou Sophia. – Você é espertinho, e rápido também.

– Não rápido o bastante – murmurou o garoto.

– Queria que tivesse visto, *primo*. Os dois que correram na frente da carruagem queriam distraí-lo enquanto este aqui pulava e fazia o serviço. O diabinho quase passou por mim. Levou dois segundos para pular para o lugar do cavaleiro. Provavelmente, só ia precisar de mais dois para chegar ao seu relógio de bolso, ou talvez também a seus sinetes e lenço, enquanto suas duas mãos estariam ocupadas com os cavalos. Acho que ele pensou que eu fosse uma senhorinha gentil, capaz apenas de olhar ou gritar sem fazer nada, enquanto o senhor fosse roubado.

Ela se virou para o menino:

– Na próxima vez, rapazinho, é melhor ter certeza de que só tem uma pessoa no veículo.

Na próxima vez?

Longmore quase atropelou um vendedor de pastéis.

– Que próxima vez? – perguntou ele. – Estamos fazendo um desvio até a delegacia mais próxima e vamos deixá-lo aos cuidados da polícia.

O garoto soltou uma torrente de blasfêmias enquanto se debatia. Sophia deve ter apertado o braço dele ainda mais, porque ele parou de repente e começou a choramingar, dizendo que o braço estava quebrado.

– Assim que eu sair dessa confusão infernal, vou lhe dar uma surra que você nunca mais esquecer – ameaçou Longmore. – *Prima*, você poderia dar um tapa nele ou algo assim para contê-lo enquanto isso?

– Acho que não devemos levá-lo à polícia. Acho que devíamos levá-lo conosco.

Longmore e o garoto reagiram ao mesmo tempo.

– Ficou maluca? – berrou Longmore.

– Não, não vai fazer isso, não – disse o garoto. – Não vou a lugar nenhum com você. Eu tenho amigos e eles devem estar chegando, aí vocês vão se arrepender. E eu acho que quebrei uma costela por ficar curvado desse jeito.

– Pois segure o choro – retrucou Longmore.

Ele precisava pensar com clareza para entender a cabeça de Sophia, que parecia ter um parafuso a menos.

– O que, exatamente, a senhorita propõe fazer com ele?

– Ele é maravilhosamente rápido – explicou ela. – Pode ser útil em nossa missão.

Ocupado com os cavalos e o trânsito, Longmore não poderia dar mais do que uma analisada rápida no diabrete. Ele devia ter uns 10 ou 11 anos, embora fosse difícil dizer a idade de uma criança de classe baixa. Alguns pareciam muito mais velhos do que eram, enquanto outros, devido à má nutrição, pareciam mais novos. Sob uma boina gasta, o menino tinha cabelos claros e, embora seu pescoço estivesse sujo, estava longe de ser imundo como os outros de sua classe. As roupas eram desgastadas e mal ajustadas, mas estavam remendadas e apenas um pouco sebosas.

– Não vejo que utilidade ele teria.

– Poderia segurar os cavalos – respondeu ela.

– É mesmo? A senhorita está sugerindo que eu coloque meus animais sob os cuidados de um ladrãozinho de meia-tigela?

O garoto ficou bem quieto.

– Quem melhor para ficar de olho? Para ver quem entra e quem sai, para sinalizar se algum problema aparecer?

A loucura era que ela não estava de todo errada.

– Não temos a menor noção de quem ele é – disse Longmore. – Pelo que sabemos, ele pode ser um malfeitor procurado pela polícia. Ele tentou roubar meu relógio, e subiu por trás da carruagem para isso! Deve haver algo errado na sua cabeça para achar que vou entregar um estupendo par de cavalos nas mãos sujas desse aprendiz de meliante. Acho melhor pensar bem e, enquanto isso, tomar alguma coisa para esse seu problema cerebral.

– Como é que é? – reclamou o garoto, indignado. – Eu não sou ladrão de cavalos.

– Apenas um ladrão, então? – perguntou Longmore, provocando-o.

– Como você se chama? – indagou Sophia.

– Não tenho nome – respondeu o garoto. – Poupa um bocado de problemas, não acha?

– Então, vou chamá-lo de Fenwick – disse ela.

– *O quê?*

– Fenwick – repetiu ela. – Se você não tem nome, vou lhe dar um.

– Mas esse não! É horrroso!

– Melhor que nenhum – retrucou Sophia.

– Por favor, moço. – O menino apelou a Longmore. – Faça ela parar.

Longmore não podia responder. Estava se esforçando demais para não rir.

– Ele não é um *moço* – falou ela. – É um lorde de verdade, cujo bolso você tentou roubar.

– Seu milorde, manda ela parar de quebrar meu braço. Essa é a mulher mais monstruosa que eu já vi na vida.

Longmore olhou para Sophia. Ela estava analisando o pivete desbocado com uma expressão especulativa – ou era o que parecia. Ele não tinha certeza. Primeiro, porque só podia olhar por um instante. Segundo, porque os óculos ofuscavam o brilho dos olhos dela.

Mas ele viu o suficiente: o sorriso no canto da boca e o ângulo no qual ela colocara a cabeça, como se fosse um pássaro analisando uma minhoca.

– Agora você realmente está com problemas, Fenwick – disse Longmore. – Ela está *pensando*.



O pai de Sophia era um Noirot e sua mãe, uma DeLucey. Nenhuma dessas famílias se preocupava com caridade, pois estavam sempre ocupadas em estar um passo à frente das autoridades.

Embora prima Emma tivesse cuidado de Sophia e das irmãs, ensinando a elas a arte de costurar, elas passaram um bom tempo só com os pais. Sua infância não foi segura. Elas haviam aprendido a sobreviver nas ruas. Entre outras habilidades, aprenderam a avaliar as pessoas com rapidez.

Em poucos minutos, Sophia já havia visto e ouvido o suficiente para entender que o garoto era um verdadeiro achado. Com um pouco de treinamento, poderia ser extremamente útil. Ela não iria deixar que o jogassem em uma prisão, ao lado de criminosos comuns.

– Estamos bem perto da delegacia da Great Marlborough – disse ela. – Não daria nenhum trabalho deixar você por aqui, Fenwick. Ou, se preferir, pode continuar conosco até nosso destino, tomar conta dos cavalos de milorde e ficar de vigia para nós.

– E o que é que eu vou vigiar? – indagou o menino.

– Encencas – respondeu ela. – Você acha que consegue reconhecer uma encenca?

– Não tenho a menor dúvida das habilidades dele nesse aspecto – opinou Longmore.

– Se você fizer o serviço direitinho – prosseguiu Sophia –, vou providenciar para que tenha um bom jantar e um lugar seguro onde dormir.

– Que lugar seria esse? – perguntou Longmore.

– Não se preocupe – disse ela. – Não estou pensando em empurrá-lo para o senhor.

– Por certo não pensa em empurrá-lo para si mesma, não é? A senhorita não sabe nada sobre esse fedelho. Deve estar cheio de piolhos...

– Ei! – berrou o garoto.

– Processe-me – respondeu Longmore.

– Eu não tenho mais piolhos do que o senhor, majestade. Eu tomei banho!

– No seu batizado? – ironizou Longmore. – Ah, não, eu tinha esquecido... Você não tem nome.

– Pode ser Fenwick mesmo – disse o garoto. – Se ela quiser, pode me chamar até de Cabeça de Pudim, desde que me dê comida e uma cama. Mas ela não vai dar, né?

– Já ouviu falar da Sociedade das Costureiras para a Educação de Mulheres Desafortunadas? – perguntou Sophia.

O garoto franziu a testa.

– Já – respondeu ele, em tom cauteloso.

– Pelo jeito, você conhece alguém de lá – concluiu ela.

– Conheço.

– Sou muito ligada às responsáveis pelo local – disse ela. Sophia não poderia conhecer melhor a instituição. As irmãs e ela a haviam fundado no ano anterior. – Se conhece o lugar, sabe que não fazemos promessas falsas.

Eles haviam chegado à Bedford Square.

– Preste atenção, Fenwick. Há uma loja que milorde e eu vamos visitar. – Ela apontou com a cabeça para a Trapos. – Você conhece o lugar?

– Eles fazem roupas pros grã-finos – respondeu ele. – Uma moça que conheço já trabalhou aqui, mas

eles mandaram todo mundo embora sem dizer por quê.

Sophia desejou que a tal moça tivesse ido para a Sociedade das Costureiras. Era melhor que as irmãs e ela procurassem saber o que acontecera às costureiras que foram demitidas da Trapos.

Mas uma coisa de cada vez.

– Enquanto milorde e eu visitamos a loja, você vai tomar conta dos cavalos e vigiar todo mundo ao redor – falou ela, com firmeza. – Dê um assobio longo e agudo para que saibamos que estamos prestes a ser interrompidos. Faça bem o trabalho e farei o que prometi. Estamos de acordo, Fenwick?

– Sem trapaças? – indagou ao garoto.

– Sem trapaças? – repetiu Longmore. – Mas que ousadia a do pestinha!

– Eu pareço uma pessoa que faz trapaças? – indagou Sophia.

O garoto olhou para ela com desconfiança. Passou algum tempo encarando as lentes coloridas.

– Parece – respondeu ele. – E é forte demais para o meu gosto também.

Ela sorriu.

– Eu sabia que você era um menino muito esperto. Mas sem trapaças.

Ela soltou o braço de Fenwick. Ele começou a massagear o local, fazendo uma cena enorme, procurando ossos quebrados. Murmurou algo sobre ela ser uma “bruxa maluca da nobreza” e sobre esses “nobres truculentos”.

– Não precisa ficar resmungando – disse Longmore. – Não tenho a intenção de passar o dia inteiro fazendo compras com uma mulher. Ou você faz isso ou não faz. Decida-se. Não tenho tempo para ficar à toa aqui, discutindo sobre isso para sempre.



– Seja o senhor mesmo – pediu Sophia a Longmore quando ele se juntou a ela na calçada, após uma longa conversa com Fenwick... sobre os cavalos, ela imaginou, e o que aconteceria ao menino se ele não obedecesse às ordens.

– Eu mesmo? Tem certeza?

– Preciso que o senhor seja o senhor. Lorde Longmore, o filho mais velho de lady Warford. O filho da melhor cliente da Trapos. – Esse foi o motivo pelo qual ela precisou importuná-lo e recrutá-lo. Precisava salvar sua loja e isso significava entrar no território inimigo e descobrir o que a Maison Noirost estava enfrentando. O método mais fácil e eficiente era usá-lo como parte de seu disfarce. – Não precisa fingir. Simplesmente, seja o senhor mesmo.

– Vou ter que fingir que a senhorita é Gladys.

– Vou ficar tão parecida com ela que o senhor não vai ter que fingir. Deixe tudo comigo.

– E se elas a expulsarem?

– Seja o senhor mesmo – respondeu. – Ria.

– Se a senhorita fosse a senhorita, sim. Mas sendo Gladys, a história muda de figura. – Ele franziu o cenho. – Isso vai ser confuso.

– Não vai – retrucou ela. – Não pense nisso. Não precisa pensar em nada.

Ela marchou na direção da porta de maneira determinada, como certas senhoras desajeitadas faziam. Ele se colocou um pouco à frente e abriu a porta para ela.

Na mente de Longmore, Sophia tinha se transformado em prima Gladys: singela, deselegante e sensível a desfeitas. Ela entrou com os pés firmes. Com expressão decidida, olhou ao redor, deixando claro que não seria fácil de agradar. Ao mesmo tempo, ainda era Sophia Noirot, avaliando tudo com olhos de especialista, e um pouco preocupada com o que descobrira.

Embora nada pudesse se comparar ao talento e à habilidade do pessoal da Maison Noirot, alguém estava se esforçando. As paredes haviam sido recentemente pintadas de pêssego, as bordas em um tom cremoso de amarelo, e alguém tinha se preocupado em usar várias tonalidades coloridas. Esse alguém se dera ao trabalho de organizar os tecidos de maneira artística. Alguns estavam dependurados em grandes anéis, perto das vitrines. Outros, espalhados pelos balcões, como se tivessem acabado de ser desdobrados para algum cliente. Um livro sobre moda encontrava-se aberto em uma mesa, convidando as clientes a folheá-lo. Cadeiras confortáveis haviam sido colocadas em uma disposição que formava pequenos grupos pelo salão, dando a sensação de salas privadas.

O salão principal, embora não tão obsessivamente limpo quanto a Maison Noirot, estava muito mais arrumado e menos desbotado do que costumava ser.

A explicação, percebeu Sophia, estava atrás do balcão. A Trapos havia contratado uma francesa. Ela era bonita, elegante e graciosa. Seus cabelos louros estavam penteados de maneira muito adequada, sob uma esplêndida touca de renda.

A postura da mulher não demonstrou hesitação, ao contrário de seu sorriso de boas-vindas, enquanto ela analisava Sophia vestida de Gladys. Os olhos castanho-claros da mulher voltaram-se, aliviados, para Longmore.

Por mais sutil que tenha sido o mau acolhimento, ele não seria imperceptível para uma alma sensível, como Sophia imaginava ser a de Gladys. A francesa não deveria ter dado sinais de desalento. Deveria ter se mostrado tão feliz por vê-la quanto ficaria se ela fosse a rainha Adelaide.

Muitos outros seres tão pouco promissores quanto a falsa Gladys costumavam entrar em lojas de moda. A forma como eles eram recebidos fazia toda a diferença. A francesa pareceu enxergar lady Gladys Fairfax como uma provação a ser suportada, não como um desafio instigante, como Sophia e as irmãs teriam feito. Os rostos das irmãs teriam se iluminado quando ela passasse pela porta.

– Sra. Downes? – disse Sophia.

– Sou madame Ecrivier, *mademoiselle* – respondeu a francesa. – Madame Downes está ocupada no momento, mas eu...

– Ocupada? – perguntou Longmore, assustando Sophia e Ecrivier. – Onde mais ela estaria ocupada se não fosse na própria loja? Esta é a loja dela, suponho? É melhor que seja. Tive um trabalho enorme para vir até aqui. Houve um acidente na Oxford e todo mundo parou, espantado, fazendo o trânsito ficar lento em três direções.

Sophia era muito experiente na arte de enganar para demonstrar seus sentimentos. Ela não ficou pasma diante dele, só em pensamento. Por um instante, ela tivera medo de que aquele subterfúgio estivesse além das habilidades intelectuais de Longmore. Mas ele criara uma bela abertura, e ela saberia como prosseguir.

– Lady Warford não avisou à Sra. Downes para esperar por membros da família? – indagou ela. – A filha dela, lady Clara, vai se casar. É claro que minha tia informou vocês. É impossível que ela não o tenha feito. Ela me disse que encomendou um vestido para usar no casamento e que foi nesta loja. Na

segunda-feira, se não estou enganada.

E ela havia feito um escândalo espetacular, segundo lady Clara, quando soube que a filha não fora à Trapos.

– *Oui, mademoiselle...* milady. E é claro que...

– Esta é minha prima, que veio encomendar um vestido para o casamento de minha irmã – continuou Longmore. – O primeiro casamento na família, devo acrescentar. E onde está a proprietária? Que bela maneira de tratar os clientes... Bem, Gladys, é melhor irmos embora. Qual foi aquela outra costureira que Clara mencionou? Um nome francês, não foi? Na St. James Street. Se eu soubesse que seríamos atendidos com desprezo aqui, teria poupado a mim mesmo a viagem.

Madame Ecrivier estava em total estado de pânico.

– Oh, não, milorde. Não há nenhum desprezo. Espere apenas um momento, por favor. Vou mandar alguém informar madame. Peço mil desculpas. É claro que madame irá atender a jovem lady. Se me derem licença por um instante, vou tomar as providências necessárias.

A francesa saiu de mansinho e desapareceu pela porta atrás do balcão. Sophia conseguiu ouvir a voz dela, alta, comunicando-se com alguém.

Longmore foi até a janela e olhou para fora.

– A carruagem ainda está lá – disse ele, em voz baixa. – Fenwick ainda não vendeu os cavalos.

Sua voz se tornava enrouquecida quando sussurrava. Aquele som fez Sophia ficar quieta, como um animal sentindo o cheiro do perigo. Ela levou um instante para se livrar da incômoda sensação.

– Seus animais não poderiam estar mais seguros – retrucou ela. – Ele está entusiasmado.

– Não parece.

– Ele aprendeu a esconder sentimentos fortes – explicou ela.

Longmore deu uma risada e se afastou da janela. Passeou pelo salão, passou a mão em uma peça de musselina e virou as páginas do livro de croquis. Ele se movia com uma graça casual, mas sem a tranquilidade indolente comum a um aristocrata preguiçoso. Sophia se arrepiou com isso. Ele era um homem, apenas um homem, disse a si mesma. Entretanto, uma aura de perigo o cercava e ele parecia um lobo rondando o local.

Ela detectou certo barulho de passos e vozes vindos da porta dos fundos da loja.

– Se eu soubesse que era assim que as lojistas de Londres tratavam seus melhores clientes, teria encomendado meu vestido em Manchester – disse ela, de maneira mais audível. – Ficar esperando todo esse tempo, quando não há nenhuma outra cliente na loja! Tenho certeza de que em minha cidade eu teria encomendado algo tão elegante quanto qualquer coisa oferecida aqui. E pela metade do preço!

A Sra. Downes irrompeu pela porta. Ela era uma mulher dolorosamente magra, de estatura mediana. Uma elaborada pelerine de cambraia bordada, estendendo-se pelas mangas bufantes de seu vestido de musselina estampada, ajudava a criar a ilusão de uma silhueta mais encorpada. Cachos grandes, redondos e escuros emolduravam seu rosto sob uma touca de tule rendado.

O conjunto era elegante, era preciso admitir. Pena que ela não vestia as clientes com a mesma elegância com que se vestia.

– Milady, milorde, minhas desculpas – disse ela, sem fôlego. – Eu não os esperava de manhã tão cedo.

– A loja abre às dez horas – falou Longmore. – Pelo menos foi o que me disseram.

– A placa na porta diz isso – acrescentou Sophia.

– Está totalmente certa, senhorita... milady – disse Downes atrás do balcão. – Eu tive que sair. Houve uma... pequena dificuldade no ateliê. Mas estamos todas prontas agora. Um vestido para o casamento de lady Clara Fairfax, não é? Milady, gostaria de folhear o livro de modelos? Temos todos os últimos estilos de Paris e uma esplêndida seleção de sedas.

Julgando pelos farelos sobre a pelerine, ela devia estar se deliciando com um tranquilo desjejum.

– Minha tia disse para eu me colocar em suas mãos – respondeu Sophia.

– E faça um bom serviço – ordenou Longmore. – Minha prima pode ser um tanto rústica, mas...

– Eu? Rústica?

– Minha querida prima, sua ideia de sofisticação é participar de uma palestra sobre pássaros empalhados no museu de Manchester.

– Os melhores tecidos são de Manchester! – berrou ela.

– Por certo, milady – disse a dona da Trapos. – Mas não podemos deixar de admirar as sedas de Spitalfields. Falando nisso, acredito que temos uma específica que irá agradá-la. Madame Ecrivier, por gentileza, mostre à milady a seda à qual estou me referindo.

Ecrivier analisou Sophia rapidamente e, em seguida, foi até uma gaveta, de onde tirou uma peça de seda azul.

– Azul? – disse Sophia. – Mas eu nunca uso azul.

– Com todo respeito, milady, quem sabe não é hora de começar?

– Que cor minha tia vai usar? – indagou Sophia. – Não posso usar a mesma cor e sei que ela gosta de azul.

A Sra. Downes sorriu.

– Sinto muito, mas não podemos divulgar essa informação. Milady...

– Não podem divulgar? – indignou-se Longmore. – Preste atenção. Não vou admitir que façam pouco caso de minha querida prima. E não quero ficar aqui perdendo tempo. As senhoras podem muito bem nos mostrar o que minha mãe vai usar no casamento. Por Deus, acham que vamos publicar a notícia em algum jornal?

Ele lançou um olhar fulminante para Sophia.

– Sabe de uma coisa, primo, estou achando esta loja excessivamente cansativa – disse Sophia. – Minha tia me garantiu que receberíamos toda a atenção. Mas, primeiro, tivemos que esperar. Depois, elas têm pudor em relação à roupa de minha tia, quando é da maior importância que o meu vestido complemente o dela.

– Peço mil desculpas, milady, mas lady Warford nos proibiu de revelar os detalhes – explicou a Sra. Downes. – Ela teme que sejam feitas cópias antes do matrimônio, o que, sinto muito em dizer, já aconteceu no passado. Outras costureiras mandam suas empregadas à loja para espionar e...

– Nós nos parecemos com espões de costureiras? – Longmore esbravejou. – Juro que essa foi a experiência mais injuriante pela qual passei. Vamos embora, prima. Já estou cansado de tantos melindres e de toda essa demora.

Ele fez menção de se dirigir à porta. Sophia o seguiu.

Céus, ele foi perfeito.

– Não sei nem o que vou dizer à titia – disse ela. – Com certeza ela vai me perguntar por que eu fui

àquele outro lugar... das modistas francesas na St. James Street. Como é mesmo o nome da loja?

– Maison Noiro – respondeu ele, abrindo a porta.

Sophia ouviu uma heresia murmurada às suas costas. E então:

– A senhora ouviu milorde, não é, madame Ecrivier? Mostre à dama a seda que lady Warford escolheu.

Longmore fechou a porta da loja. Ele se virou para as duas modistas.

– E o modelo – exigiu.

– O modelo? – Os olhos da Sra. Downes se arregalaram.

– A senhora me ouviu – disse ele. – Minha prima acabou de chegar do interior. Ela não está nem um pouco à vontade com os modos aqui de Londres, e o tratamento que ela recebeu aqui hoje não fez nada para melhorar a situação. Mostre a ela o modelo. Se ela gostar, ficaremos. Se não, não nos verão aqui nunca mais.



Ela foi Gladys do início ao fim. Não saiu do personagem nem por um instante. Mas a dissimulação era uma habilidade natural em Sophia. Longmore também foi perfeito. Bem, como ele poderia deixar de ser perfeito quando só precisava ser ele mesmo, um papel que representou de maneira admirável?

Ela reagiu a tudo o que ele dizia da maneira como Gladys teria reagido. Usou a mesma mistura de arrogância e inquietação que fazia dela uma pessoa tão tediosa. E a mesma vulnerabilidade. Gladys era uma companhia desagradável, mas Longmore sempre sentira um pouco de pena da prima. Houve momentos nos quais ele até se esqueceu de que ela não era Gladys. Mas o perfume o fazia se lembrar de quem a moça era de verdade.

Foi tudo muito divertido enquanto os dois estavam brincando um com o outro. Porém, quando ela foi para outra sala com as duas costureiras, Longmore ficou nervoso. Ela não mencionara o que ele devia fazer caso fosse desmascarada. Sophia nem pensara nessa possibilidade.

Entretanto, quando a despissem, como não perceberiam que o corpo dela não tinha o formato de uma batata? Ela disse que estava usando várias camadas de roupas. Quantas?

Quanto tempo ele levaria para tirar todos dali? Isso dependeria, certo?

A mente dele pintava imagens que o faziam sorrir. Mas Longmore só se permitiu imaginar por pouco tempo. Estava esperando por problemas – na verdade, ansioso para que acontecessem. Era melhor ficar com a mente concentrada no que se passava ao seu redor.

Ele apoiou a bengala em uma cadeira, pegou uma revista feminina que estava na mesa e colocou-a de volta no lugar. Foi até a vitrine, cruzou os braços junto às costas e olhou para fora.

Com todos aqueles pedaços coloridos de pano, fitas e outros objetos dependurados em exposição, não era fácil ver o que se passava na rua, mas ele encontrou uma posição que lhe permitiu ficar de olho em Fenwick.

A carruagem continuava do outro lado, próxima a um canteiro cercado, no meio da praça. Longmore a tinha deixado ali porque o veículo ficaria fora do caminho de qualquer pessoa que estivesse deixando ou pegando passageiros.

Ele ouviu a porta se abrir. Rapidamente, afastou-se da vitrine.

Mas era apenas uma moça de aparência cansada. Ela trazia uma bandeja com uma taça de vinho e uma travessa de biscoitos. Após um instante de hesitação, ela a colocou na mesa mais próxima da cadeira onde ele deixara a bengala. Pegou algumas revistas esportivas e as ajeitou ao lado. Recolheu as revistas femininas, colocando-as em uma mesa mais distante.

Em seguida, perguntou a Longmore se ele gostaria de mais alguma coisa.

– Nada – respondeu ele. – Quanto tempo isso vai levar?

– Não muito, milorde. É apenas um vestido, mas, como milady é uma cliente nova, elas vão precisar de alguns minutos para tirar as medidas.

Ela disse algo mais, mas um grito vindo do lado de fora chamou a atenção de Longmore. Pela vitrine, viu dois homens grandes correndo ao redor de seu veículo, na direção do canteiro. Não viu Fenwick.

Longmore saiu correndo da loja.

Capítulo cinco

As casas de banho de Londres são numerosas e espaçosas e estão equipadas com todas as conveniências para os visitantes. Em geral, o preço de um banho frio é de um xelim e um banho morno custa 3 xelins e 6 pence. Se o visitante se inscrever para um trimestre ou mais, a despesa é proporcionalmente menor. Os banhos com água salgada custam 3 xelins e 6 pence por vez. Se a água for aquecida, cerca de 7 xelins e 6 pence.

New Picture of London, Leigh, 1834.

Ao contrário das outras vias comerciais que levavam até aquele local, essa rua estava quase vazia. Longmore a atravessou velozmente – a tempo de ver dois homens saindo de trás da carruagem, com Fenwick gritando no meio dos dois. O sujeito mais alto era quase da altura de Longmore, mas muito mais forte. O menor era magro, mas parecia atlético. Ambos tinham cicatrizes no rosto. E precisavam de um bom barbeiro. Vestiam roupas caras, porém chamativas.

O mais corpulento havia agarrado a gola do casaco esfarrapado de Fenwick.

– Eu avisei! – disse o brutamontes. – Agora você me deixou com muita raiva. E não vai se safar dessa vez, seu ladrãozinho imundo.

– Eu não sou imundo! – rebateu Fenwick. – Tire essas mãos nojentas de mim! – Ele lutava, mas o brutamontes devia ter agarrado mais do que a gola. O garoto poderia ter se livrado das roupas, se fosse o caso. – Eu tenho amigos, hein? Eles vão fazer vocês se arrependerem! – Ele olhou para cima e viu Longmore. – Lá! Lá vem um deles.

– Mas que diabo está acontecendo aqui? – perguntou Longmore. – O garoto estava cuidando dos meus cavalos.

– Com todo o respeito, o senhor foi enganado. Esse pequeno bastardo aqui não merece confiança.

– Cabe a mim decidir isso – disse Longmore. – Solte o menino.

– Desculpe, senhor, mas não o soltarei – rebateu o segundo homem. – A patroa não o quer aqui. Desmerece a vizinhança. Quantas vezes nós avisamos para ele sair?

– Ora, eu não podia ir, podia? O milorde ia mandar me enforcar se eu saísse daqui. Ele disse isso, não disse, majestade?

– Você vai ser enforcado de qualquer jeito, qualquer dia desses – ironizou o brutamontes.

– Solte o menino – ordenou Longmore.

– Com todo o respeito, senhor, não fique com pena deste aqui – falou o segundo homem. – Já passou da hora de ele ir para a casa de correção. Vadiando e mentindo quando mandamos que ele...

– Eu ordenei que ele ficasse – explicou Longmore. – Estou começando a ficar cansado dessa conversa. Solte o menino e saiam daqui.

Os dois homens se entreolharam. Depois, fitaram o garoto e a loja do outro lado da rua.

– Sinto muito, senhor – desculpou-se o brutamontes. – A dona não gosta de ser contrariada.

– Interessante – comentou Longmore. – Eu também não gosto.

– Por que não levamos o menino para o outro lado da praça, onde a dona não possa ver o pestinha? – sugeriu o brutamontes. – O Farley aqui toma conta dos seus cavalos, senhor. E o senhor pode continuar o que estava fazendo...

– Ah, você não vai me levar a lugar nenhum. Eu não vou.

Fenwick deu um chute no homem que o segurava. O brutamontes respondeu com um tapa na cabeça de Fenwick, derrubando a boina encardida.

Longmore se jogou para cima do valentão.



Um grito abafado veio do salão da loja.

Sophia, cujos ouvidos estavam aguçados para detectar sinais de problemas do lado de fora, vestiu correndo a capa e saiu. Downes e Ecrivier correram atrás dela.

– Milady, seu corpete! – exclamou Downes.

Sophia foi até a janela, onde uma costureira estava com a mão sobre a boca, e chegou a tempo de ver um sujeito corpulento tentar dar um soco em Longmore, que se esquivou do golpe e devolveu com outro, forte o bastante para fazer o brutamontes bambear.

– Peço mil desculpas por Farley e Payton, milady – disse Downes. – Mas é aquele bastardinho terrível outra vez criando problemas. Vou mandar a moça até lá para...

Sophia não respondeu. Procurou por alguma arma nos arredores. A bengala de Longmore continuava encostada em uma cadeira próxima. Ela a pegou e saiu correndo.

Depois de ter derrubado o maior dos valentões, Longmore começava a enfrentar o segundo. Então, Fenwick resolveu ajudar e se jogou sobre o sujeito menor, como um pivete enlouquecido, socando e chutando.

Ignorando seus protestos, Sophia puxou o garoto para fora da briga. Imediatamente, Longmore pegou o sujeito mais magro e o lançou contra a cerca. Ao mesmo tempo, o maior deles se levantou do chão, rugiu e correu para golpear Longmore.

Sophia enfiou a bengala no caminho do segurança. Ele tropeçou e desabou com toda a força na calçada. Longmore agarrou o mais magro e o jogou de novo contra a cerca. Dessa vez, o valentão caiu como uma trouxa aos pés dela.

– Hora de ir embora – anunciou Longmore.

Sophia subiu na carruagem. Fenwick hesitou. Os brutamontes estavam cambaleantes.

– Você também, pivete – disse Longmore.

O garoto pulou no lugar do lacaio. Longmore acalmou depressa os cavalos e os fez andar. Enquanto iam embora, Sophia gritou:

– Diga a sua patroa para cancelar meu pedido! Não gosto das pessoas que ela emprega em seu estabelecimento!



A Bedford Square e os caminhos adjacentes, que ficavam fora do rebuliço das grandes ruas

comerciais, estavam praticamente desertos. Longmore só precisou de alguns minutos para sair da praça e entrar na Tottenham Court Road. O silêncio lhe permitia ouvir a respiração ruidosa de seus passageiros. Até ele próprio estava mais arfante do que deveria.

A luta havia sido mais difícil do que esperava.

– Meu Deus! – reagiu Sophia. – Não posso deixar vocês dois sozinhos nem por um minuto?

– Eu estava entediado – provocou Longmore. – A senhorita não me aconselhou a arranjar uma boa briga, caso isso acontecesse? Eu estava começando a me divertir quando a senhorita e o pivete se intrometeram. Como vou ter um bom combate se tenho que ficar tomando cuidado para não pisar em cima de uma dupla de intrometidos... ou não permitir que sejam mortos por acidente?

Isso, por certo, acrescentara interesse e aventura a algo que poderia ter sido um enfrentamento sem graça.

– O senhor me deu a desculpa perfeita para sair da loja – disse Sophia. – E também para cancelar a encomenda daquele vestido horroroso. Realmente, não poderia ter acabado melhor, mesmo se eu tivesse planejado.

– O que está dizendo, dona? – intrometeu-se Fenwick. – A gente passou por tudo isso, eu quase fui mandado para um abrigo, e a senhora não queria nenhum maldito vestido?

– Ela é uma trapaceira – explicou Longmore. – Você mesmo disse isso, se me lembro bem.

A rua estava menos caótica do que as que eles haviam atravessado no percurso de ida, por isso ele pôde olhar para Sophia com mais atenção. Ela estava completamente descabelada, a touca disforme pendurada em um lado da cabeça, os cabelos caindo e grudando na testa e nas bochechas. E seu corpete estava solto.

– Suas roupas estão caindo – observou Longmore.

– Ah – soltou ela.

Sophia colocou a mão por baixo da capa para ajustar o vestido. Depois de uma pequena luta, murmurou algumas palavras. Parecia francês falado nas ruas. Com uma voz mais audível, reclamou:

– Aquela idiota soltou um gancho. Não sei o que ela fez, mas não consigo desmanchar essa barafunda. Fenwick, é melhor você abrir o gancho do vestido para mim.

– Mas de jeito nenhum, dona – falou o garoto. – Tem coisas que faço e coisas que eu não faço. Me enfiar nos ganchos e botões pessoais de mulheres, por exemplo, eu não faço.

– Não seja patético – esbravejou Sophia. – Você não espera que lorde Longmore faça os cavalos pararem para me abotoar.

– Antes ele do que eu – rebateu Fenwick. – Eu não ponho minha mão nessas coisas aí nem sob ameaça de um forçado.

– Covarde – disse Longmore.

O dia simplesmente foi ficando cada vez melhor. Longmore entrou na rua lateral mais próxima, parou a carruagem e mandou Fenwick descer para segurar os cavalos.

– Vire-se de lado – pediu ele. – Não sou acrobata.

Sophia abriu a capa e a tirou dos ombros. A peça escorregou até sua cintura. Então, ela se virou e levantou os cabelos, tirando-os do caminho.

Longmore tomou consciência da tensão que surgira entre eles. O pescoço de Sophia estava nu diante dele. A pele suave, perfeita, sedosa, com um traço dourado no lugar em que a linha do cabelo terminava.

Longmore desejou beijar aquela nuca.

– A propósito, o senhor foi maravilhoso na loja.

– A senhorita me disse para ser eu mesmo – respondeu ele, com a voz rouca.

Longmore sentia o perfume que exalava da pele dela, uma mistura de lavanda e... pinho? Mal conseguia se concentrar nos ganchos. Ficou admirando aquele pescoço macio.

– Acho que está em algum lugar no meio – disse ela.

– Como assim?

– Ela fechou o gancho no lugar errado. Está vendo?

Ele voltou a atenção para o vestido. Acima do local onde ele fora fechado de maneira errada, havia uma pequena falha. Ele pôde ver um pouco da roupa de baixo. Musselina refinada. Bordada. Com minúsculas flores.

Longmore engoliu um suspiro e disse a si mesmo para se apressar. Resistir à tentação nunca fizera sentido em sua vida, mas não ganharia nada entregando-se em uma ruela pública. Até um parvo podia entender isso.

Cumpra sua tarefa.

Por certo essa tarefa era difícil, mas ele estava acostumado a abrir e fechar roupas femininas. Já o fizera até usando luvas. Já o fizera no escuro. Já o fizera com tanta rapidez que devia ser um recorde do Hemisfério Norte, enquanto a mulher sussurrava: “Depressa, pelo amor de Deus, ele está chegando!”

O aristocrata se pôs a trabalhar. Deveria ter levado apenas alguns segundos, mas havia algum tipo de emaranhamento. Longmore estava se atrapalhando, sem chegar a lugar algum. Por mais que tentasse encontrar o gancho, fracassava. A cada fracasso, a temperatura de seu corpo subia mais um grau.

– Qual é o problema? – indagou ela.

– Estes ganchos são muito complicados.

– Aquela idiota deve tê-los torcido. Eles não são difíceis de manejar. Não temos um séquito de criadas e nem sempre se pode contar com uma irmã por perto. É preciso ser capaz de abrir o vestido sem ajuda, caso necessário.

– Você deve ser muito flexível – disse ele.

Não foi um comentário muito adequado. Ele ficou em silêncio e sua mente começou a devanear, como se já não estivesse excitado o bastante. Longmore não estava acostumado a se controlar por muito tempo. Então ela era... flexível. Essa ideia não lhe saía da cabeça. E ela tinha um perfume delicioso. Lavanda e ervas.

A cabeça de Longmore ia explodir.

– Lorde Longmore?

Ele reuniu o que restava de seu bom senso.

– Ou o gancho está estragado, ou o senhor está enrolado. Não consigo enxergar bem o que aconteceu.

Talvez porque ele estivesse ficando inebriado, graças ao perfume e ao calor do corpo dela, à consciência das próprias mãos e de como precisava mantê-las na tarefa em questão. Seu coração estava acelerado, bombeando sangue bem quente lá para baixo.

Oh, meu Deus!

– O gancho deve estar preso na costura – concluiu Sophia. – Ela estava com muita pressa. Mal podia esperar para se livrar de mim. Fiquei surpresa por ela não ter me deixado nas mãos da francesa. Ecrivier.

O senhor deve ter notado que era isso o que ela pretendia fazer.

– Eu devia ter deixado o garoto fazer isso – concluiu Longmore. – As mãos dele são menores.

– Vá em frente e puxe, e não tenha medo de rasgar a costura – disse ela. Sua voz parecia trêmula. – Nós podemos consertar sem problemas. Melhor ainda, deixe assim mesmo. Tudo o que o senhor precisa fazer é apertar o bastante para manter o corpete no lugar.

– É um gancho com defeito – falou ele. – Não vou desistir diante de um pedaço de metal, principalmente com o pivete observando e fazendo chacota nesse dialeto que só ele entende.

Ele endireitou os ombros e tirou as luvas.

Dessa vez, quando ele tocou nas costas do vestido, ela estremeceu. As palmas das mãos dele estavam molhadas de suor. Ele se inclinou para mais perto, fechando um pouco os olhos. Encontrou o pedaço de linha no qual o gancho estava preso e o liberou. Longmore soltou a respiração, e ele nem percebera que a havia prendido. Foi quando a ouviu suspirar.

Ela percebeu o desejo dele. E não da maneira como perceberia uma mosca pousando em sua pele, ou um cão enfiando o nariz em sua mão. Foi uma forma *feminina* de perceber.

À custa de grande sacrifício, ele conseguiu. Alegrementemente, fechou os outros ganchos e botões, colocou de novo a capa sobre os ombros de Sophia e se virou para colocar as luvas. Longmore havia lutado uma batalha terrível consigo mesmo, com a própria natureza, e saiu vitorioso.

Ele havia progredido.

– Pode voltar para cá, seu covardezinho – disse ele a Fenwick. – Ela já está vestida outra vez.



Lorde Longmore voltou para a St. James Street a uma velocidade que desafiava a morte. Quando retornaram para a balbúrdia do trânsito, Sophia ouviu pessoas gritarem e praguejarem, mas todas saíram do caminho.

Ela se agarrou à lateral da carruagem e tudo o que queria é que ele fosse mais depressa. Sophia ainda podia sentir as mãos de Longmore em suas costas, a respiração quente em seu pescoço. Ainda podia ouvir a voz dele, tão baixa e rouca, ao seu ouvido.

Sua força de vontade havia se esvaído, assim como o vigor de seu cérebro e seus músculos. Por pouco, não se deitara por cima das mãos dele e o deixara fazer com ela o que lhe viesse à cabeça.

Que bom que ela não tinha mais nada para lhe pedir. Longmore já servira aos seus propósitos e nenhuma catástrofe acontecera. Agora, ela só precisava retornar para casa, servir-se de algumas taças de conhaque e contar às irmãs tudo o que descobrira.

Quando chegaram à loja, ela praticamente pulou para fora da carruagem. Então lembrou-se do garoto. Céus! Como pudera se esquecer *dele*?

– Bem, o que está esperando? Venha, Fenwick.

Ele olhou com prudência para a loja e começou a descer.

– Não, não vá! – ordenou Longmore.

O garoto parou, olhando para Sophia e, em seguida, para Longmore.

– Você vem comigo – disse ele. – Vou providenciar para que seja alimentado e vou lhe dar uma cama. Há uma boa confeitaria...

– De jeito nenhum – discordou Sophia. – A promessa foi minha.

– Foi mesmo, majestade – falou Fenwick.

– Você sabe do que se trata esse lugar? – Longmore acenou com a cabeça para a Maison Noiro. –

Uma loja de roupas femininas. Só tem *mulheres*.

– Talvez seja melhor eu ficar com ele, dona – sugeriu Fenwick. – Ele é maior do que a senhora.

– Não vai ficar, não – retrucou ela. – Eu encontrei você primeiro.

Ela marchou na direção da carruagem. O garoto recuou e afundou no assento.

– Sem querer ofender, dona, mas ele me salvou de ser levado para a casa de correção. Isso sem contar que, se desejar, ele pode me esmagar como se eu fosse um inseto.

– *Eu* salvei sua vida, tirando-o daquela briga antes que um deles pisasse em você – assinalou Sophia.

– E se milorde tivesse vontade de esmagá-lo, ele o teria feito logo depois que você tentou roubá-lo. Agora, venha comigo e deixe de ser ridículo.

Ela levantou a mão para agarrar o braço de Fenwick. Ele se encolheu.

– Não tenho tempo para essas bobagens – disse Longmore. – Tenha um bom dia, Srta. Noiro.

Ela teve que se afastar, pois ele fez sinal para os cavalos e eles começaram a andar, irrequietos.

Longmore foi embora. Com as mãos cerradas, ela o viu se afastar.



Longmore sabia que não era boa ideia deixá-la fumegando de raiva na calçada. Mas era ainda pior permitir que ela abrigasse um jovem desconhecido. Quem conhecia os colegas dele? Quem sabia quanto ele estava envolvido em crimes? Independentemente de qualquer coisa, ele poderia ser intimidado a destrancar a porta dos fundos da loja, permitindo a entrada de um bando de ladrões e assassinos.

– Ué, ela não se chama Gladys? – perguntou Fenwick.

– Ela tem centenas de nomes, isso depende da conveniência. Não tente aprender todos eles. Só vai lhe dar dor de cabeça.

Ele ouviu um grito estridente e se virou na direção do som. Sophia/Gladys estava a cavalo, ao lado do veículo.

– Devolva-me esse garoto! – gritou ela.

– Vá embora! – berrou ele.

Ela soltou um grito que parecia ser de outro mundo. Então, desequilibrou-se e caiu no chão, desmaiada. Na mesma hora, pessoas correram até lá.

Longmore parou a carruagem, entregou as rédeas a Fenwick e se enfiou no meio da multidão, que aumentava cada vez mais.

– Saiam do caminho agora mesmo! Estão tentando pisoteá-la?

Ele a levantou. Sophia ficou completamente inerte em seus braços. Longmore disse a si mesmo para não entrar em pânico. As mulheres sempre desmaiavam. Estavam acostumadas. Quase nunca morriam por isso.

Entretanto, ele sabia que ela trabalhava muitas horas por dia e que estivera em uma briga havia poucos minutos – uma briga em que até ele perdera o fôlego. Ela se jogara no meio da luta, e o fizera de maneira esplêndida, demonstrando ter um pensamento ágil.

Sua consciência o golpeou.

– Maldito seja eu – murmurou.

Ele a carregou até a St. James Street, seguido por um pequeno grupo de pessoas, virando, em seguida, na Bennet. Naquele instante, olhou por cima do ombro para os que o seguiam.

– Vão embora! – ordenou ele. – Agora!

O grupo se dissipou. Ele a carregou pelo paço estreito e abriu a porta privativa com um pontapé.



Um minuto.

Mais um minuto e Sophia teria conseguido levar Fenwick. Tão logo gritou, os curiosos começaram a se aproximar. Eles teriam tomado partido dela, porque ela se faria passar por uma mãe desesperada, cujo filho lhe fora arrancado dos braços. E faria isso de uma maneira tão brilhante que até o garoto sentiria pena e a seguiria. Disso ela tinha certeza.

Mas Longmore, maldito seja, não lhe dera esse minuto, nem mesmo um instante para pensar. Ele a erguera do chão com muita facilidade, como se ela fosse um pacote de fitas. Agora Sophia estava sendo pressionada junto a seu grande e cálido torso, um braço musculoso sob seus joelhos, o outro segurando suas costas.

Ela abriu os olhos.

– Pode me colocar no chão?

Ela o sentiu tenso. Em seguida, um olhar negro e inquiridor encontrou o dela.

– Está machucada? – indagou ele, sem largá-la.

– O senhor não vai levar aquele garoto – afirmou ela. – Eu o encontrei. O senhor o levará à polícia.

– Era o que eu devia ter feito, já que ele não serve para cuidar dos cavalos. Além disso, é procurado pelas autoridades.

O corpo de Longmore era *muito* quente. Ela teve vontade de se deixar derreter sobre aquele corpo forte e musculoso.

– Coloque-me no chão agora ou vou gritar.

– Isso é jogo sujo – disse ele.

– Pois é assim que eu jogo – retrucou ela.

Ele a colocou no chão, mas sem pressa. Fez um gesto estudado, com cuidados excessivos, aliviando a pressão um pouco de cada vez, fazendo-a deslizar lentamente por seu corpo, atravessando uma grande extensão de lã, linho e seda, tudo isso impregnado de um vertiginoso cheiro masculino, antes de os pés dela tocarem o chão.

Ela sabia que ele era perigoso. Essa era sua reputação. Mas Sophia havia imaginado que ele era perigoso por ser grande, selvagem e imprudente.

– Recomendo que se poupe de um enorme incômodo e pare de lutar contra mim – continuou ela. – Quero aquele garoto e não vou desistir dele por *nada*.

Ela o encarou, enquanto Longmore refletia sobre o assunto, o olhar se distanciando.

– Sabe de uma coisa? Eu acredito nessa afirmação.

– Precisamos de um garoto na loja – afirmou ela.

– A senhorita me disse que não precisava de ninguém. Disse isso um segundo antes de ele invadir nossa vida.

– Não precisamos de *valentões* – explicou ela, com paciência. – Mas seria bom ter alguém para executar algumas tarefas, levar mensagens e fazer entregas. Ele pode ser treinado. É um garoto rápido, esperto e tem boa aparência. Com um banho...

– E tirando os piolhos...

– ... com roupas adequadas e um pouco de treino, ele ficará *perfeito*.

Longmore fez uma careta. Para Sophia, foi devido ao esforço de ter que pensar. Ela esperou, ciente do suor que escorria entre seus seios. Se não fosse uma Noirot, teria apertado as mãos e cerrado os dentes para não tomar nenhuma atitude tola. Tendo em conta que era uma Noirot, o fato de ter conseguido manter o pensamento no menino já era, por si só, impressionante.

Graças à prima Emma, Sophia e as irmãs haviam sido forjadas de um material mais duro do que muitos de sua classe. Ela ficou esperando, imaginando por que diabo ninguém aparecia à porta. Ela bem que precisava de algum amparo fraternal.

– Muito bem – falou ele, de maneira ríspida.

A voz de Longmore havia baixado de tom e o som fez a mente dela ficar turva.

– Admito que não é uma ideia completamente louca, mas é melhor eu dizer isso a ele. Vou alimentá-lo e amansá-lo. Depois, vou trazê-lo de volta.

– É melhor que isso não seja um truque – avisou ela.

Ele a olhou de maneira exasperada.

– O que foi? – indagou ela.

– Truques fazem parte do *seu* departamento, Srta. Noirot. O meu é distribuir socos. Mas fico lisonjeado pela senhorita imaginar que sou esperto o bastante para enganá-la.

Ele soltou uma breve gargalhada e foi embora.



– Diga às minhas irmãs que voltei – avisou Sophia, passando depressa por Mary, a criada que abriu a porta.

Ela subiu as escadas e foi para o quarto. Precisava lavar-se e trocar de roupa. E era melhor que fosse com água *fria*. Sophia arrancou a capa e o vestido horrorosos e tentou tirar o corpete. Isso apenas a fez se lembrar dos momentos intermináveis e tormentosos nos quais Longmore tentou resolver o problema dos ganchos de seu traje.

Ela puxou a corda do sino e encheu uma tina com água. Tirou a verruga do disfarce e lavou bem o rosto. Não tinha tempo para lavar o cabelo. Era algo que levaria muito tempo, mas ela precisava sair daquelas roupas. Onde estaria Mary?

A porta se abriu. Não era Mary, mas Marcelline.

– Minha querida, você está bem?

– Não. Ajude-me, por favor. Odeio estas roupas. Só me trouxeram problemas. Quero jogá-las direto no fogo.

– Sophia...

– Preciso sair deste corpete – prosseguiu Sophia. – Tenho três camadas extras por baixo e acho que vou sufocar.

– Sophia...

– Eu explico assim que me livrar destas malditas roupas.

Marcelline logo pôs-se a trabalhar no corpete.

– Pelo que vejo, as coisas não foram muito bem – disse Marcelline.

– As coisas foram maravilhosamente bem.

Ela disse a si mesma para não ser tola. Longmore não tinha a menor importância. Não passava de um meio para alcançar um objetivo. O importante era a loja.

Ela começou a arrancar as roupas. Enquanto removia cada camada com a ajuda de Marcelline, contou como Longmore fora esplendidamente ele mesmo: um aristocrata idiota e arrogante. Explicou como conseguira dar uma boa olhada no modelo e na seda que lady Warford havia selecionado e contou sobre a reforma da Trapos e a modista francesa.

– Isso não é bom – comentou a irmã.

– Não foi como eu gostaria, mas poderia ser pior – disse Sophia. – Nossa decoração é muito superior à delas. Só precisamos deixá-la ainda mais bela e cativante. A Maison Noirost precisa parecer diferente, tem que estar dez passos à frente da Trapos. As pessoas não observam diferenças sutis.

Isso demandaria uma quantia de dinheiro que elas não possuíam. Mas Leonie pensaria em alguma coisa. Era preciso. Sophia não podia pensar em *tudo*.

– E o feitiço? – indagou Marcelline. – O vestido de lady Warford.

– Nós o daremos para as moças da Sociedade das Costureiras para que elas o analisem e refaçam – disse Sophia. – É claro que lady Warford não enxergará os defeitos.

– Como ela poderia ficar ao lado da filha e não enxergar a diferença?

– Ela é igual à lady Clara antes que nós a vestíssemos. Seus olhos não são treinados. E, no momento, não vejo como treiná-la. Minha maior preocupação é lady Clara. Neste momento, ela é tudo o que nos separa da falência. Se ela continuar a comprar conosco, temos uma chance. Se ela se casar com Adderley, nunca mais poderá fazer compras aqui.

Marcelline andou de um lado para outro por alguns instantes.

– Leonie diria que precisamos determinar nossas prioridades – falou Sophia. – Temos três problemas e, classificando-os do mais difícil ao mais fácil, eu colocaria nesta ordem: lady Warford, lady Clara e a Trapos. Você concorda?

Marcelline se deteve.

– Podemos lidar com a Trapos. E quanto a Clara?

– Seria bom saber o que se passa na cabeça dela.

Lady Clara visitara a loja na quarta-feira para encomendar uma roupa de montaria e dois chapéus, mas Sophia estivera ocupada com lady Renfrew, uma de suas primeiras e mais leais clientes.

– Podemos trazê-la para uma prova amanhã? – perguntou Sophia. – Se eu conseguir conversar com ela, posso fazê-la falar.

– Podemos enviar uma costureira com uma mensagem – sugeriu Marcelline. – Mas talvez isso pareça uma afronta para lady Warford.

– Ou então pedimos que Longmore leve a mensagem – sugeriu Sophia. – Ele deve voltar daqui a mais

ou menos uma hora.

Marcelline se surpreendeu. Sophia contou à irmã sobre Fenwick e a tentativa de Longmore de fugir com ele.

– Que delicado da parte dele – comentou Marcelline, achando graça. – Está tentando protegê-la de um temerário criminoso. Se ele soubesse...

Comparado às Noirots, Fenwick era um anjinho inocente. Não que elas roubassem as pessoas, mas não havia nenhum jogo ou truque de rua que elas não conhecessem. Em Paris, haviam sido obrigadas a lidar com toda sorte de velhacos e canalhas, dos mais simples aos mais perigosos. Durante algum tempo, na época da cólera, não havia lei em Paris. Mas as Noirots sobreviveram.

– Eu não estava pensando nisso – continuou Sophia. – Fiquei furiosa com a arrogância dele, tanto que nem pensei no que estava fazendo. Eu estava a poucos segundos de conseguir. Então, fiz uma cena e desmaiei. Infelizmente, tive que ficar jogada na calçada, o que é um tanto indigno.

Marcelline sorriu.

– Posso imaginar. Mas você não poderia ter pensado em alguma medida menos degradante?

– Talvez, mas não deu tempo. Tive medo de que ele escapasse. Longmore dirige como um cocheiro bêbado, impetuosamente, e nem se importa com o que está no meio do caminho.

Marcelline chutou para o lado a pilha de roupas feias que estavam no chão.

– Vou mandar Mary lhe preparar um banho decente. – Ela olhou para as tranças pegajosas de Sophia. – Precisamos lavar essa nojeira que está no seu cabelo.

– Isso vai ter que esperar até a noite. Deixei você e Leonie sozinhas o dia inteiro e tenho uma cliente esperando para me ver esta tarde. Vou prender bem os cabelos e cobri-los com uma bela touca de renda, para ninguém perceber.

– Você não vai sair à noite?

– Não. Haverá uma festa na casa de lorde Londonderry, mas nenhuma dama usará nossos vestidos.

– Ótimo – disse Marcelline. – Você está precisando mesmo de uma boa noite de sono.

O que Sophia realmente precisava era das enormes mãos de Longmore sobre seu corpo. Mas isso não podia acontecer. As consequências seriam terríveis. Tudo o que ela precisava saber era se Longmore traria o garoto de volta, ou se a obrigaria a tomar medidas drásticas.

Ela se animou imaginando quais seriam as tais medidas.



Mais de duas horas após desaparecer com Fenwick, Longmore retornou à entrada dos fundos da loja. Pediu à criada, Mary, que abrisse a porta e avisasse Sophia Noirot que ele havia trazido de volta o “jovem pivete”.

A criada os conduziu até o térreo. O local era mais espartano em aparência do que a sala do andar superior. Como era reservado, os numerosos armários e gavetas revelavam a ele que era um lugar usado comercialmente.

Embora não fosse um local onde clientes seriam recebidos, estava meticulosamente limpo, tanto quanto qualquer outra parte que ele visitara na casa.

Fenwick olhava para o chão como se nunca tivesse visto um antes. Provavelmente nunca vira um chão

limpo antes. Até Sophia aparecer, tiveram apenas alguns minutos para imaginar o que havia nos armários e nas gavetas.

Ela havia se livrado completamente da personagem Gladys.

Fenwick não a reconheceu. Passou um bom tempo em silêncio, olhando-a fixamente.

– Sim, é a mesma dama – disse Longmore para Fenwick, com impaciência. – Como eu lhe expliquei anteriormente, ela tem centenas de nomes e se torna centenas de pessoas diferentes. E este... é seu querido Fenwick.

– O que o senhor fez com ele?

– Removemos algumas camadas de sujeira – respondeu o conde.

– Parece que removeram algumas camadas de pele também – comentou Sophia.

– O milorde me fez tomar banho – explicou Fenwick, indignado. – Eu disse que tinha tomado um na semana passada. Tô achando que esfregaram minha cara até ela sumir.

– *Estou* achando – corrigiu Longmore. – Não é “tô”, é “estou”. Repita, por favor.

– Estou achando – repetiu Fenwick, com cuidado exagerado.

– Minha cabeça ficou cansada de tanto traduzir essa língua que ele fala – disse Longmore a Sophia.

– Comi torta – contou Fenwick. – Uma torta de carne maior que a minha cabeça. – Ele gesticulou com as mãos. – A gente foi numa loja e ele comprou essas coisas que eu tô...

Longmore olhou para ele. O garoto fez um grande esforço.

–... *estou* vestindo.

– Fomos a um lugar que vende roupas prontas – explicou Longmore. – Sei que a senhorita pretende vesti-lo com maravilhosos trajes de libré, mas não fazia sentido escová-lo até ficar limpo e colocá-lo de novo naquelas... coisas que ele estava usando.

Sophia olhou para Longmore. Seus olhos estavam com uma expressão mais suave do que de costume.

– Isso foi um sorriso de aprovação? Meu Deus!

Ele deu um pequenino passo à frente.

– Fenwick e eu conversamos sobre o assunto. Concluímos que ele seria mais feliz realizando serviços para a senhorita do que em qualquer outro lugar que me viesse à cabeça. Ele terá um teto, refeições regulares, roupas especialmente boas e um lugar para dormir onde não será assaltado nem arrastado para a prisão.

– Eu mesma não teria explicado melhor – admitiu ela.

– Talvez não, mas teria usado mais adjetivos. De qualquer maneira, não consegui descobrir o verdadeiro nome dele, de onde ele vem ou de quem é filho, se é que existe alguém. É mais que possível que ele realmente não saiba.

As ruas de Londres estavam repletas de crianças abandonadas, que não sabiam quem eram os próprios pais nem se os tinham.

– Ouso afirmar que a senhorita conseguirá descobrir os segredos obscuros da vida dele.

As irmãs entraram na sala antes que ela pudesse responder. Fenwick olhou fixamente para elas. Longmore não poderia culpá-lo. Uma das Noirots já era linda o suficiente, com toda aquela renda, saias e mangas armadas, e aqueles babados e fitas. Três delas, em todas as cores do arco-íris, farfalhando ao se movimentar, era uma experiência alucinante.

– Este é Fenwick – apresentou Sophia.

As três mulheres olharam para o garoto com a mesma expressão de interesse. Longmore ficou imaginando o que estaria se passando na cabeça delas. Não, na verdade, ele só imaginou o que estaria se passando na cabeça de *Sophia*.

– Eu tomei banho – contou Fenwick.

– Com sabão – acrescentou Longmore. – Bem, vocês pretendem ficar com ele ou não?

A duquesa de Clevedon sorriu.

– Acho que ele vai se sair muito bem.

– Venha comigo Fenwick – chamou Leonie, com seu jeito prático de sempre. – Nossa criada, Mary, vai tomar conta de você agora. Estamos muito ocupadas hoje. Mas vamos conversar mais tarde, depois que fecharmos a loja.

Ela colocou uma das mãos no ombro do garoto e o conduziu pela porta interna.

– Quanta gentileza de sua parte limpá-lo e fazer uma transformação na aparência dele – disse a duquesa, sorrindo.

– Achei que seria mais fácil simplesmente levá-lo até a casa de banho e deixar que fizessem um trabalho completo – disse Longmore. – Mas ele pertence a vocês agora. Não vou mantê-las longe de suas clientes por mais tempo.

Ele fez uma mesura e estava se virando para ir embora quando ouviu um barulho. Alguém parecia estar tentando derrubar a porta dos fundos. Longmore se lembrou dos valentões contratados pela Trapos e de Fenwick comentando sobre seus amigos. Ladrões jovens costumavam andar em grupo, comandados por um criminoso mais velho.

Ele impediu *Sophia* de passar na frente, marchou até a curta passagem e de supetão abriu a porta. Seu irmão, Valentine, estava do lado de fora, os punhos erguidos, prontos para bater de novo na porta.

– Mas que diabo! – exclamou Longmore. – Será que *todo mundo* conhece essa porta?

– Procurei por você por toda parte – disse Valentine. – Tentei na sua casa, depois no White's e fui até a Residência Clevedon. Mas ninguém o tinha visto. Então, voltei para procurar no Crockford's. Lá, alguém me disse que o vira entrar na Bennet Street havia pouco tempo. Vim aqui e vi sua carruagem. O que funciona nesse lugar?

– Não importa. Que diabo você quer?

Valentine olhou para trás do irmão. Longmore se virou e descobriu que *Sophia* o havia seguido pela passagem.

– Prefiro conversar com você lá fora – falou Valentine. – Aconteceu algo.

– Tem a ver com lady Clara? – perguntou *Sophia*.

Valentine arregalou os olhos.

– Mas como é que...?

– O que ela fez agora? – Longmore quis saber. – Assassinou o noivo? Nossa mãe?

– *Ela* sabe de tudo? – perguntou Valentine, sem tirar os olhos de *Sophia*.

– Esta é a cunhada de Clevedon, seu idiota. É praticamente da família.

– Não da *nossa* família.

– Não seja esnobe – pediu Longmore. – O que Clara fez agora?

– Você não vai sair? Preferia que o mundo inteiro não soubesse.

– Este mundo – disse Longmore, gesticulando com a cabeça na direção de *Sophia* – sempre descobre

tudo.

Valentine resmungou em voz baixa, suspirou, entrou na passagem e fechou a porta atrás de si.

– Clara fugiu – contou ele.

Capítulo seis

Algumas pessoas acham que o objeto mais sublime da natureza é um navio lançado ao mar. Mas eu prefiro as carruagens dos correios, que enchem Piccadilly à noite, rasgando as calçadas e devorando os caminhos à sua frente, até Land's End!

Sketches and Essays, William Hazlitt, 1839.

– Não seja idiota – xingou Longmore. – Clara jamais...

– Senhores – Sophia os interrompeu. – Este não é o melhor lugar para discutir o assunto. Pessoas passando, portas se abrindo e fechando.

– Mas que diabo há para ser discutido? – perguntou Longmore. – A senhorita não pode estar levando isso a sério.

– Recomendo que levem a situação a sério – afirmou Sophia, com o olhar triste. – Um lugar mais silencioso será melhor.

Ela se afastou, voltando em direção à sala que acabara de deixar. Não parou para ver se os cavalheiros a tinham seguido. Por um instante, Longmore observou os quadris de Sophia se movendo. Depois, percebeu que o irmão estava olhando a mesma coisa.

– Não fique aqui como uma estátua – reclamou o conde ao irmão. – Você é quem quer fazer disso um grande segredo.

Eles a seguiram até a sala. Ela fechou ambas as portas.

– Isso é uma típica tempestade em copo d'água – disse Longmore. – Clara seria incapaz de fugir. Ela não sabe nem se vestir sozinha. Mal sabe se alimentar sem ajuda. Não tem nenhum dinheiro. Aonde poderia ir?

– Ela levou Davis – explicou Valentine.

– Você não pode estar falando sério.

– Você acha que estou de brincadeira? – retrucou Valentine.

– Uma dama não pode manter segredos de sua criada pessoal – falou Sophia.

Ela teria que contar a Davis. Embora Davis devesse ter ficado muito aborrecida com essa atitude, jamais a delataria nem deixaria Clara sozinha. Davis era como um cão de guarda, com uma lealdade feroz e protetora. Além disso, ela estava sempre – ou pelo menos era o que Longmore pensava – com os dois pés firmemente plantados no chão.

– Clara saiu em seu cabriolé perto do meio-dia – explicou Valentine. – Levou vários pacotes, dizendo que eram roupas velhas que levaria a uma das instituições de caridade que ela ajuda. E alegou que depois ia visitar nossa tia-avó Dora em Kensington, onde passaria a noite. Ela já fez isso antes. Ninguém desconfiou de nada. Talvez só soubéssemos disso amanhã, se tia Dora não tivesse ido à nossa casa visitar mamãe. Foi o maior rebuliço, como pode imaginar.

Longmore ficou impressionado por não ter ouvido os gritos da mãe dali mesmo, onde se encontrava. A Residência Warford ficava a poucas ruas dali, de frente para o Green Park.

– Lady Clara deixou alguma mensagem? – indagou Sophia.

Valentine ficou tenso. Tirou o chapéu e fez uma reverência extremamente precisa.

– Acho que ainda não tive a honra – disse ele.

Esnobe imbecil.

– Srta. Noirot, permita-me apresentar-lhe meu irmão, Valentine Fairfax.

Depois de mais uma educada reverência, o boçal continuou:

– Srta. Noirot, talvez a senhorita possa ser gentil e me permitir conversar com meu irmão em particular.

Ela devolveu a mesura. Não era, nem de longe, a correta. Ela se abaixou, em meio a uma lufada de laços, renda e musselina que murmuravam como se fossem uma plateia escandalizada por uma famosa meretriz ter surgido no camarote do teatro. Mas Sophia logo elevou o corpo, graciosa como uma bailarina. Olhou para Valentine, com seus enormes olhos azuis.

– Não sou nem um pouco gentil – falou ela. – Pergunte a lorde Longmore.

– Ainda estou indeciso quanto a isso – respondeu Longmore. – Mas repito que não adianta tentar manter segredos dela.

Valentine, agora olhando extasiado para aqueles olhos azuis, não ouviu uma palavra sequer.

– Uma mensagem, Valentine – repetiu Longmore. – Nossa irmã deixou alguma mensagem?

Valentine se forçou a sair do transe e tirou um pedaço de papel das reentrâncias de seu colete. A mensagem era bem curta:

Eu não vou me casar com aquele homem. Prefiro ficar desonrada pelo resto da vida e viver como mendiga.

C.

– Ah, que ótimo – comentou Longmore. – É exatamente disso que precisamos: drama.

Entretanto, ele se lembrou de como o rosto de Clara havia ficado tenso na semana anterior, quando ele a levou à Maison Noirot. Na ocasião... O que foi mesmo que ela disse? Algo sobre a mãe chateá-la. Algo sobre o casamento. O casamento repentino que ela não teria que enfrentar se ele tivesse cumprido uma simples tarefa: manter Adderley longe dela.

Sophia ergueu a mão. Ele lhe entregou a mensagem. Ela leu as poucas linhas e devolveu o papel. Do lado de fora, Clara havia escrito *Mamãe*.

– Assim que mamãe percebeu que Clara não fora à casa de tia Dora, ela vasculhou o quarto de nossa irmã – contou Valentine. – O bilhete estava enfiado no porta-joias de Clara. Ela levou tudo que estava dentro da caixa. Não que houvesse muita coisa de valor ali. Em geral, nossa mãe empresta suas joias a Clara... e deixa as boas no cofre.

– Ela deve vender as roupas – disse Sophia. – A criada poderia fazer isso por ela. Foi por isso que levou tantos pacotes.

Os dois homens olharam para Sophia.

– Elas conseguiriam um bom dinheiro com cada um dos vestidos, principalmente com os que nós fizemos.

Foi nesse momento que Longmore começou a se preocupar. Clara. Na estrada. Sem ninguém além da

criada para cuidar dela.

Ele ficou enjoado.

– Acho que nossa mãe já deve ter chegado à mesma conclusão – falou Valentine. – Deve ter visto os armários vazios.

– Ela já parou de gritar? – quis saber Longmore.

– Ela não gritou. Primeiro, desmaiou. Depois, começou a chorar e se trancou no quarto de Clara. Não deixa ninguém entrar e não fala com ninguém.

– Ah, não. Coitada.

Sophia colocou a mão na boca e fechou os olhos. Foi apenas por um instante. Um indício de emoção. Longmore percebeu, naquele momento, que era uma visão rara: emoção verdadeira. Ele não sabia por que tinha certeza de que era de verdade, mas sabia, da mesma forma que a reconheceria sempre, não importa o disfarce que estivesse usando.

Um vislumbre de sentimento, logo substituído pela costumeira perspicácia.

– Uma pena ela não ter deixado mais pistas. O fato de ela ter levado a criada, roupas e bugigangas indica que foi um ato planejado. Mas vamos primeiro ao mais importante. Nós precisamos descobrir que direção ela tomou.

– Nós? – disseram os irmãos, em uníssono.



Lorde Valentine Fairfax, que Sophia já vira várias vezes, se assemelhava com o irmão mais velho apenas em tamanho. Sua fisionomia era mais parecida com a de lady Clara. Os dois homens a analisavam com a mesma sucessão de expressões: surpresa, confusão, aborrecimento. Eram sujeitos aristocráticos. Não tinham muito traquejo e não se preocupavam em ser sutis.

Ela assumiu um ar confuso.

– Imaginei que quisessem me ajudar.

– Ajudar a *senhorita*? – espantou-se Longmore.

Lorde Valentine lembrou-se dos bons modos.

– É muito gentil de sua parte, senhorita...

– *Noirot*, seu imbecil – interveio Longmore. – Eu já lhe expliquei. A cunhada de Clevedon. E se ela...

– Sim, é claro – disse lorde Valentine. – Eu queria dizer que podemos chamar Clevedon para nos ajudar a organizar uma busca.

– É mesmo? – disse ela. – E por onde o senhor propõe que comecemos a procurar?

– Ora...

Lorde Valentine franziu o cenho e olhou para o irmão.

– Porque não sei por onde o senhor começaria – continuou ela. – Talvez eu esteja enganada, mas tenho a impressão de que será preciso um grupo de busca gigantesco para procurar algum sinal dela em todas as direções de Londres.

Os irmãos se entreolharam.

– Não posso deixar de me perguntar como fariam isso sem chamar a atenção para o fato de que lady

Clara Fairfax fugiu de casa sem ninguém para acompanhá-la, a não ser uma criada. Posso estar enganada... sou apenas uma lojista... mas sempre pensei que moças de família não tinham permissão para ausentar-se sozinhas. Suponho que, no caso de uma delas fazer isso, a família não vai querer que a notícia se espalhe.

– Realmente... – disse lorde Valentine.

Longmore murmurou um veemente perjúrio.

Sophia poderia ter acrescentado vários outros, também veementes, em duas línguas. A situação era terrível sob vários aspectos. Uma moça de família, viajando desprotegida, acompanhada apenas por uma criada. Ela poderia pintar um alvo vermelho nas costas. E na frente. E se a nobreza soubesse... depois do que acontecera com Adderley...

Nada recuperaria a reputação de Clara.

Seria possível que Clara tivesse refletido melhor e voltado para casa, mas Sophia não era do tipo que confiava na sorte. A vida lhe ensinara a não ser otimista nem demonstrar sentimentos.

– Tenho uma grande rede de contatos. Posso acioná-la em uma situação como essa. Melhor ainda, temos Fenwick. Suspeito que ele possa chamar seus associados também. Nesses dois grupos, alguém teria notado duas mulheres em um veículo com determinada descrição, indo para determinada direção.

Ela esperou por alguma oposição. Os dois homens só ficaram parados ouvindo com a mesma expressão de interesse.

– Só preciso de uma descrição do veículo. – Ela pegou um pequeno relógio de bolso, que ficava dependurado em seu cinto, e o abriu. – Passa um pouco de quatro e meia. Com alguma sorte, saberemos de algo antes do anoitecer.

– Anoitecer? – vociferou lorde Valentine. – Minha querida, ela já sumiu há horas. Ao anoitecer, poderá já ter chegado a Dover, Brighton ou até a um barco que vá em direção ao continente.

– A Srta. Noirot não é sua querida, seu tolo presunçoso – afirmou Longmore.

– Ela precisaria de documentos para viajar para o continente – disse Sophia. – Diferentemente das Noirots, lady Clara não saberia como conseguir passaportes falsos e coisas do tipo, ou mesmo como falsificá-los sozinha.

– Isso nos deixa apenas com toda a Grã-Bretanha – disse lorde Valentine.

– Obrigado por afirmar o óbvio – desdenhou Longmore.

– Eu só quis dizer...

– Não importa o que ele quis dizer, Srta. Noirot. Ele não sabe o que quer dizer e, sendo impulsivo, como o resto da família, entra em pânico por qualquer coisa.

– Acho que há mesmo algum motivo para pânico – disse ela. – A situação não é boa.

– A senhorita acabou de dizer que poderíamos ser úteis – continuou Longmore. – O que quer que eu faça?

– Ou eu, é claro – acrescentou lorde Valentine.

Não havia escolha. Sophia não poderia agir sozinha. Nunca havia saído de Londres. Precisava de ajuda.

– Lorde Longmore, sugiro que vá para casa e mande seu criado preparar baús com roupas para uma viagem de vários dias.

– Vários dias? – Lorde Valentine passou a mão pela cabeça. – Viajando apenas com a criada! Clara

estará arruinada, sem possibilidade de reparação!

A ruína de lady Clara era a menor das preocupações de Sophia no momento. Ela temia que a moça fosse assaltada. Estuprada. Assassinada. Ela estava completamente vulnerável e era uma tola ingênua. Para ter certeza disso, era só perceber com que facilidade Adderley tirara vantagem dela.

– Por favor, preparem-se para passar vários dias fora – repetiu ela. Sophia manteve a voz baixa e calma, a expressão tranquila. Lorde Valentine precisava se acalmar e Longmore precisava acreditar que ela sabia o que estava fazendo. – No instante em que souber de alguma coisa, mando avisá-lo e nós partiremos.

– Nós? – perguntou Longmore.

– Estou acostumada ao senhor. Mal conheço lorde Valentine e ele mal me conhece.

Pelo menos Longmore tinha noção – até certo ponto – do que ela era capaz. Ele sabia de seu trabalho para o *Spectacle*. Ela não teria que perder tempo explicando cada detalhe. Trabalharam muito bem juntos na Trapos. Ela o havia usado naquela situação e o usaria agora. Um instrumento. Ele não passava de um instrumento, disse a si mesma.

Longmore virou-se para o irmão mais novo:

– Você tem alguma ideia melhor? Preciso lembrá-lo de que a Srta. Noirot tem muito a perder também? Clara é a melhor cliente da loja. Se ela se ferir, as Noirots terão que ficar com o maldito enxoval dela e a loja será prejudicada, pois *ninguém* tem a mesma compleição de Clara. – Ele imitou Sophia, quando disse a última parte. – Isso para não mencionar que elas têm esperanças de vender mais ainda para ela, assim que criarem alguma estratégia para nos livrarmos de Adderley.

– Só você para ficar brincando numa hora dessas – comentou Valentine.

– Não estou brincando. Você também saberia disso se sofresse chantagem e intimidação para acompanhar nossa irmã na compra de suas malditas roupas.

– Não é brincadeira – concordou Sophia. – Minhas irmãs e eu queremos lorde Adderley fora de cena. Queremos que sua linda irmã se case com alguém que tenha muito dinheiro. Ela é nossa melhor cliente e morreríamos se Clara não pudesse usar as lindas roupas que estamos fazendo para ela.

Longmore se afastou do perplexo irmão.

– Srta. Noirot, a senhorita disse que queria uma descrição do cabriolé. Sugiro que pegue pena e papel. Eu encomendei aquele veículo especialmente para Clara e me lembro de cada detalhe. E, caso eu me esqueça de algum, Valentine nos lembrará. Na ocasião, ele ficou com muita inveja por eu não ter comprado a carruagem *para ele*.



Pouco tempo depois, as três irmãs estavam no quarto de Sophia, ajudando-a a guardar suas roupas nos baús. Ela havia lhes contado sobre lady Clara e seu plano de encontrá-la. Sophia esperava que as irmãs tivessem alguma ideia melhor. Seu plano apresentava falhas em vários aspectos.

Marcelline e Leonie, entretanto, não tinham nada melhor a oferecer.

– Não vejo alternativa – disse Marcelline. – Não é apenas ameaçador para a reputação dela permitir que saibam de seu desaparecimento; é fisicamente perigoso também. Muitos patifes podem sequestrá-la e pedir um resgate. Isso na melhor das hipóteses. – Ela fez uma pausa, enquanto dobrava uma camisa. –

Mon dieu, coitada da mãe dela!

Marcelline tinha uma filha e quase a perdera. Ela sabia muito bem o que lady Warford estava enfrentando no momento. Todas elas entenderam por que a marquesa havia se trancado no quarto da filha. Lady Clara não passava de uma cliente, mas Sophia estava morrendo de preocupação.

– Por falar em patifes – disse ela, enquanto vestia as meias –, gostaria de saber o que Adderley fez para que isso acontecesse.

– Que importância tem isso? – indagou Leonie.

– Eu queria ter sabido antes de ela ter fugido – explicou Sophia. – Poderia ter sido útil.

– Você pode descobrir quando encontrá-la – disse Leonie. – E você *vai* encontrá-la. É preciso.

– É claro que Sophia irá encontrá-la – afirmou Marcelline. – Mas, meus amores, o que diabo eu vou dizer a Clevedon? Ele vai ficar fora de si. Vocês sabem quanto ele se preocupa com Clara.

Clevedon havia perdido uma irmã ainda pequena. Quando a família Fairfax o acolheu, lady Clara se transformou em uma irmã. Sempre foram próximos. Embora tivessem passado por algumas turbulências recentemente, lady Clara estivera presente em seu casamento com Marcelline, demonstrando ter aceitado o casal como parte da família... as duas eram quase como irmãs.

– Arrume algo para ele fazer – disse Sophia. – Eu disse a Longmore que ia me livrar de Adderley, mas não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. Peça a Clevedon que descubra tudo o que puder sobre Adderley. Preciso de todas as informações possíveis.

– O que Clevedon pode descobrir que todos já não saibam, como os hábitos de jogo de Adderley e o estado de suas finanças? – indagou Leonie.

– Aquela cena na varanda não foi um ato impensado de paixão – disse Sophia. – Eu sabia que havia algo errado. Tenho certeza de que foi planejada. Adderley deveria ter lutado desesperadamente pela mulher que amava, mas deixou que Longmore o atingisse e deixou que lady Clara o protegesse. Peça a Clevedon que investigue isso a fundo. Ele pode descobrir algo em algum jogo de cartas, enquanto eu tento escutar os burburinhos nas festas e conversar com as cortesãs.

Ela pegou o chapéu que planejava usar e ajeitou o véu.

– Talvez eu possa me aprofundar nos assuntos financeiros de Adderley – ofereceu-se Leonie.

– Enquanto eu estiver fora, vocês terão muito que fazer administrando a loja. Sinto muito por deixar tudo em suas mãos.

– Não seja ridícula – falou Leonie. – Você precisa encontrá-la. Essa é nossa prioridade.

– Lady Clara, agora, é parte de nossa família, a mãe gostando ou não – explicou Marcelline. – Por falar em família, meu amor, precisamos ter uma breve conversa antes de você partir.



Apesar de já ter cruzado quase toda a Londres, eram quase oito e meia quando Fenwick apareceu para chamar Longmore e o lorde levou sua carruagem para o café Gloucester, em Piccadilly. O sol já estava se pondo.

Como acontecia todas as noites naquele horário, um clima tenso e agitado dominava o ambiente. As sete carruagens dos correios estavam prestes a partir. Todos os presentes faziam parte do espetáculo ou eram parte da plateia.

Longmore sabia que a comoção costumava ser bem maior alguns anos atrás. Naquele período, todas as 35 carruagens do Correio Real partiam juntas de Londres, acompanhadas de várias diligências. Embora o fato de fazer com que as carruagens do correio comum saíssem meia hora mais tarde tenha reduzido o congestionamento, isso não fez com que aquele fosse o horário nem o lugar ideal para um encontro com “tia Gladys”. Encontrar uma mulher sem nenhum traço marcante não era fácil em meio a uma multidão e, àquela hora da noite, havia sempre muitas pessoas observando a partida das carruagens dos correios.

Segundos depois, entretanto, ele percebeu um alvoroço maior do que o usual em um grupo de observadores. Os homens estavam se acotovelando, pisando nos pés uns dos outros. No meio deles, a explicação.

Em vez de seu disfarce habitual, Sophia exibia, nessa noite, a última moda em vestimentas ousadas da Maison Noiro. A cor de seu vestido era lilás suave. Mas nada mais em relação a ele era suave. Um amplo colarinho espalhava-se por seus ombros. Sob ele, outro colarinho, ou um tipo de capa, que chegava até os cotovelos. Mangas bufantes, do tamanho de barris de cerveja, surgiam de baixo da tal capa. Metros de renda negra caíam da gola, na frente do vestido. Algo verde, que havia sido colocado para parecer folhas brotando, surgia da copa do chapéu branco. Laços verdes e renda branca ornavam a borda interior frontal do chapéu, emoldurando o rosto de Sophia – ou o que dava para ver do rosto dela, por trás do encantador véu preto drapeado.

Era completamente ridículo. Era estranhamente sedutor.

– Por Deus! – exclamou ele. – Por Deus.

Ela o viu e caminhou sem pressa na direção da carruagem, os quadris balançando mais do que seria necessário, no meio daquele bando de arruaceiros. Um criado da estalagem a seguia, carregando sua maleta.

– É ela – disse Fenwick do lugar onde estava, na parte traseira do veículo.

– Estou vendo – falou Longmore.

Antes que descesse para ajudá-la, um bando de homens correu em direção à carruagem. Um dos sujeitos, que conseguiu se meter na frente dos outros, ofereceu a mão para ajudá-la a subir, mas Longmore inclinou-se para oferecer a dele. A mão grande e enluvada de Longmore quase engoliu a dela, protegida por pelica macia. Houve uma pausa mínima antes que ela saltasse para o assento.

Os homens ficaram em silêncio durante o processo, admirando a vista. Um suspiro foi ouvido quando ela se ajeitou no lado esquerdo do assento, quase desaparecendo sob a capota.

Dois homens lutaram para tirar os baús de Sophia das mãos do empregado da estalagem, mas ele logo os levantou e os colocou na parte de trás do veículo, onde Fenwick os guardou, ao lado dos baús de Longmore.

Como um motim parecia iminente e Longmore não tinha tempo para isso, ele colocou os cavalos para cavalgar. Não havia alternativa além de colocar-se atrás das carruagens dos correios.

– Essa não é a melhor hora para sair de Londres – concluiu ele. – Todas as carruagens dos correios fazem a mesma rota, ao mesmo tempo, ao longo de Piccadilly até a Hyde Park Corner. Teremos que segui-las até chegarmos à Brompton Road.

– Prefiro sair no meio de um tumulto – disse ela. – Com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, um grupo de viajantes atrai menos atenção.

– E como você pensa em não atrair a atenção usando essa roupa? Isso aí é algum disfarce?

– Sim – respondeu ela. – Sou sua nova amante.

Ele não tinha certeza de ter ouvido corretamente. Estavam passando por uma rua de pedras, atrás de uma longa e barulhenta fila de veículos. Dezenas de cascos batiam nas pedras, correntes tilintavam e rodas chocalhavam e zumbiam.

Ele olhou para Sophia.

– Você é minha o quê?

– Sou uma meretriz. Minhas irmãs e eu achamos que ninguém que o conhece pensaria que sou outra coisa se o visse com uma mulher de moral duvidosa... e tenho menos chances de ser reconhecida do que o senhor. Nem as mulheres que fazem compras na Maison Noirost prestam atenção em nossos rostos.

Ela estava louca. Ninguém com um mínimo de visão deixaria de reconhecer aquela enganadora cara angelical... os olhos azuis... o nariz atrevido... os convidativos lábios grossos.

– Como criados, nós somos quase invisíveis. Além disso, as pessoas tendem a não reconhecer uma pessoa quando ela está fora de seu ambiente. Escolhi este vestido especialmente porque me faz parecer muito rica... e é mais atrevido do que o que uma respeitável dama inglesa usaria. Sou uma viúva alegre, entendeu? – Ela tocou o fascinante véu. – E ninguém acharia estranho se a mulher que o senhor escolheu tampasse o rosto em público.

– A senhorita se automeuou minha amante – disse ele, contendo um sorriso. – Muito decente de sua parte.

– Não é nenhum sacrifício. A maioria de meus outros disfarces é desconfortável e feio. Nem minhas roupas comuns são tão incrivelmente atraentes.

– Por esse padrão, imagino. Eu me lembro de um chapéu com algum tipo de arranjo, junto com fitas, flores e plumas e sei lá o que mais explodindo do meio dele.

– Uma mulher pode ser mais ousada nos chapéus – disse ela. – Mas não se pode usar esse tipo de traje em Londres. Assusta as clientes. Em geral, Marcelline é a única que usa as criações mais ousadas, pois é quem vai a Paris. E não se esqueça de que a sociedade tolera melhor esse tipo de coisa de mulheres casadas, tanto aqui quanto lá.

Ele sabia muito bem disso. Elas também eram mais tolerantes com os homens. Sophia não era uma mulher casada, mas uma costureira levemente francesa. Praticamente a mesma coisa.

– Ainda que eu fosse a Paris, não poderia usar o que ela usa – prosseguiu Sophia. – As mulheres solteiras de lá são obrigadas a mostrar sua virgindade com muito mais modéstia do que as daqui. Usam vestidos sem adornos e os cabelos amarrados para trás. Não sei o que os homens acham de atraente nisso, mas... – Ela se interrompeu e deu uma pequena risada. – O que isso interessa ao senhor? O importante é que, dessa maneira, ninguém ficará curioso demais sobre nós dois e sobre o que estamos fazendo. A vantagem adicional é que as pessoas estarão tão ocupadas olhando para minhas roupas que nem prestarão muita atenção em meu rosto.

Virgem? Ela não poderia ser virgem. Isso era completamente impossível. Com aquele corpo. Com aquele jeito de caminhar e... ela era uma costureira!

– Por falar em virgens – disse ele –, vamos conversar sobre minha irmã.

De acordo com o bilhete que ela enviara através de Fenwick, Sophia tinha bons motivos para acreditar que Clara estava viajando pela Portsmouth Road. Alguns dos associados de Fenwick viram o

cabriolé na Hyde Park Corner. Depois disso, o veículo fora visto na Knightsbridge Road, na direção de Kensington. Segundo um garoto dos correios, uma mulher havia perguntado sobre o melhor caminho para o Richmond Park em uma estalagem de Fulham.

– Ela fez parecer que estava viajando para a casa de sua tia-avó, mas mudou de ideia e, aparentemente, dirigiu-se para o sudeste – informou ela. – Richmond Park tem algum significado especial para ela?

– Não que eu saiba – respondeu Longmore. – Se eu tivesse que adivinhar, o único lugar que pensaria seria Bath. Quando criança, Clara viajou algumas vezes para lá com a nossa avó paterna. Elas eram muito próximas. Vovó Warford morreu há cerca de três anos e Clara sofreu muito. – Ele balançou a cabeça. – Não consigo lembrar de ninguém com quem ela pudesse se refugiar no Richmond Park.

– Talvez ela não saiba para onde está indo. Simplesmente fugiu, sem destino.

Eles haviam chegado à Hyde Park Road. Ao contrário das carruagens dos correios, o veículo deles precisou parar e Longmore teve que pagar o pedágio. Ele aproveitou a pausa para verificar como estava Fenwick. O garoto se encontrava sentado no banco da parte de trás, os braços cruzados como se fosse um tigre, olhando para o céu, que enegrecia com rapidez.

Longmore também olhou para cima. Densas nuvens haviam surgido. Ele não estava preocupado, já que a capota estava levantada. Se tivessem que enfrentar uma tempestade, ele colocaria a lona de proteção. O assento traseiro não tinha capota, mas Fenwick ficaria bem. Olney havia deixado um guarda-chuva no veículo e Reade, muito aborrecido por ter sido deixado para trás, fora obrigado a ceder um de seus velhos casacos.

Longmore seguiu em frente pela estrada. Passaram pela estalagem White Horse e pelo quartel da infantaria.

– Não entendo o que deu na cabeça de minha irmã – disse ele. – Ela sempre foi tão sensata...

– Sensata, mas inexperiente – comentou Sophia.

Ele sentiu uma oscilação na voz dela. Foi muito leve, mas ele estava muito ciente das alterações de voz de Sophia. Algumas vezes, no meio de uma multidão, ele a reconhecia pela voz, até mesmo quando ela adotava um daqueles sotaques provincianos.

Longmore a olhou. Ela estava com a mão sobre a testa. O véu permanecia no lugar, impossibilitando que ele lesse a expressão de seu rosto, mas podia perceber que ela estava aborrecida.

– O que houve agora? – perguntou ele, com impaciência.

– Até para uma moça de 21 anos, sua irmã é lamentavelmente ingênua.

Sophia inspirou e soltou o ar. Ele observou o movimento de subir e descer de seu colo. Era grosseiro naquela circunstância, mas ele era homem, já era noite e ela estava vestida como uma meretriz.

Atravessaram o canal de Westbourne e se aproximaram da estalagem Rural Castle. As buzinas das carruagens dos correios soaram. Estavam enviando a carruagem de Portsmouth por um caminho separado, pela Brompton Road, para onde eles logo seguiriam.

– Ela tem três irmãos – disse ele. – Não é tão inocente. Ela sabe como são os homens. Devia ter sido mais esperta em não usar um traje para encorajar nenhum daqueles parvos.

– Uma mulher pode pensar que conhece os homens, mas só os conhece de verdade depois que um homem a acaricia.

Longmore se lembrou da reação de Sophia quando ele respirou perto de seu pescoço. Seria possível

que ela...? Não. Isso era ridículo. Ela não era nenhuma professorinha. Crescera em Paris, era costureira e tinha aquele jeito de caminhar.

Ele passou pela Sloane Street e virou na Brompton Road. Ali não havia uma fileira de carruagens dos correios. Apenas uma, que não estava muito adiante.

– Talvez seja isso – disse ela.

– O quê?

– Talvez ela tenha tido ainda menos experiência do que outras moças de sua idade. Faz... quanto tempo? – Ela usou os dedos enluvados para contar. – Um mês desde que ela mandou meu cunhado para o inferno. Imagine passar a maior parte da vida acreditando que vai se casar com determinada pessoa e descobrir que ela não é o que você deseja. Tenho certeza de que Clara se sentiu libertada e satisfeita depois de rejeitar o duque de Clevedon, mas, depois, foi obrigada a encontrar a si mesma. Teve que fazer o que as outras meninas fazem aos 17, 18 anos, em suas primeiras temporadas.

– Seu lorde! – A voz aguda de Fenwick interrompeu uma parte muito difícil da reflexão. – Quer dizer, majestade!

– Milorde – corrigiu Sophia. – Eu expliquei isso a você. É tão difícil lembrar?

– *Milorde!* – repetiu Fenwick, com menos naturalidade. – É melhor fechar a parte da frente. Tem vento do leste chegando.

– O que ele pensa que é, um galo dos ventos? – disse Longmore.

Foi então que a chuva começou a cair torrencialmente.

– Melhor correr, seu majestade – falou o menino. – O tempo vai ficar muito feio daqui a pouquinho.

Capítulo sete

Em Putney Heath, ao sul da vila, há um obelisco, erguido pela corporação de Londres, com uma inscrição celebrando um experimento feito por David Hartley em 1776 para comprovar a eficácia de um método de construção de casas à prova de fogo, que ele inventara e para o qual obtivera uma subvenção do Parlamento, no valor de 2.500 libras.

Samuel Lewis, Dicionário topográfico da Inglaterra, 1831.

O tempo ficou realmente ruim, e bem depressa. O vento ganhou força, de maneira que nem mesmo a lona conseguia protegê-los por completo da chuva.

Mesmo assim, qualquer condutor conseguiria manejar os cavalos. A tempestade não iria atrasar o Correio Real, muito menos interrompê-lo. As carruagens do Correio continuavam seu caminho cruzando dilúvios, inundações, chuvas de granizo e nevascas. No momento, Longmore só precisava lutar contra uma tempestade. Não havia trovões nem raios para agitar os cavalos.

Ele prosseguiu.

A chuva também continuou, com uma intensidade crescente, caindo ora reta, ora oblíqua, dependendo das rajadas de vento.

Embora a lua crescente não fosse se esconder até o início da manhã, a tempestade a estava encobrendo. A chuva escorria pela capota, obscurecendo a visão de Longmore, impedindo que ele enxergasse tanto os cavalos quanto a estrada à frente. E ela ainda dissipava a pouca luz lançada pelos lampiões da própria carruagem. Quanto mais longe chegava, mais escuro ficava o caminho. Ele foi desacelerando aos poucos e, finalmente, parou.

Quando passaram por Queen's Elm, Longmore estava conduzindo o veículo quase às cegas, confiando nos cavalos para não sair da estrada. Felizmente, aquela era uma importante rota de carruagens, ampla e regular, o que diminuía as chances de eles caírem em algum fosso.

Mesmo assim, era preciso manter toda a atenção no manejo das rédeas. Conversar não era uma boa ideia. Com a chuva batendo no teto e o vento soprando nos ouvidos, eles teriam que gritar para se fazerem ouvir.

Atravessaram muitas vilas, que só podiam se distinguir através da luz de algumas janelas. Não muitas. No campo, já era hora de dormir. As estalagens e tavernas estavam acesas, mas somente elas.

Ele olhou para a esquerda. Apenas a mão enluvada de Sophia, segurando com força o braço curvo do assento, demonstrava algum medo.

Embora logo voltasse os olhos para a estrada à frente, uma parte de seus pensamentos ficou maravilhada pela atitude dela. Longmore não conseguia pensar em nenhuma outra mulher que não estivesse tremendo ou chorando naquele momento, implorando a ele que parasse.

Ele mesmo estava começando a refletir se não seria melhor parar.

Apesar da impressão de que estavam na estrada havia horas, Longmore sabia que ainda faltava muito. Não haviam nem cruzado a Putney Bridge e ela ficava a pouco mais de 6 quilômetros de Hyde Park

Corner.

Em meio à chuva incessante, ele divisou algumas luzes que piscavam mais adiante. Aos poucos, começou a discernir os contornos das casas – ou do que pareciam ser casas. Finalmente, alcançaram a pitoresca cabine de pedágio, cujo teto se estendia sobre a estrada. Uma boa parte da água da chuva era desviada por esse teto, protegendo-os enquanto esperavam pelo funcionário que iria recolher o dinheiro e abrir o portão. Embora não estivesse inclinado a prolongar a conversa, o sujeito respondeu à pergunta de Longmore:

– Sim, eu me lembro de ter visto esse cabriolé. Era um veículo elegante levado por um cavalo que era um verdadeiro prodígio. Duas mulheres estavam enfiadas sob a capota, mas não vi o rosto delas. Uma delas perguntou como chegar ao Richmond Park.

Quando pressionado para oferecer mais detalhes, o funcionário explicou:

– Eu disse a elas para ficarem nesta estrada até o cruzamento, procurarem o obelisco na esquina de Putney Heath e seguirem naquela direção. Não é difícil se manter na estrada principal, mas, por algum motivo, há os que se perdem e acabam em Wimbledon.

Ele voltou correndo para a cabine de pedágio.

– Richmond Park – repetiu Longmore. Ele precisou erguer a voz para se fazer ouvir por cima do vento e da chuva. – Mas que diabo existe lá?

– Eu li que Richmond Park é um lugar muito bonito – disse Sophia.

– Você acha que ela foi *passear*?

– Espero que sim. Isso poderia acalmá-la.

Ele teve que parar de falar para atravessar a ponte. Era uma estrutura velha, estreita e irregular que apresentava saliências em diversos pontos. A essa hora da noite, com uma chuva daquelas, a única maneira de seguir em frente era tendo muita cautela.

Mas cautela não era a característica mais forte de Longmore.

Ele estava rangendo os dentes quando chegaram ao outro lado do Tâmis, em segurança. Dali até Putney Heath havia uma subida e o tal obelisco ficava a cerca de 3 quilômetros.

Os cavalos marchavam com dificuldade, enquanto a chuva continuava a torturá-los, com torrentes de água caindo como uma cascata. O vento, que assobiava ocasionalmente para acrescentar um clima lúgubre à experiência, fazia a chuva penetrar na capota. A água gotejava sobre o rosto de Longmore e seu lenço de pescoço.

Embora ele soubesse que o traje glorioso e gigantesco que Sophia usava envolvesse camadas e mais camadas, a água acabaria, com o tempo, alcançando a pele, se é que já não o havia feito.

Ele a olhou de relance. Ela havia virado a cabeça de lado para que a parte de trás do chapéu recebesse o impacto da chuva trazida pelo vento. Aquele era o único sinal de desconforto de Sophia. Ela não reclamou uma única vez.

Longmore ficou refletindo sobre isso, até mesmo enquanto prestava atenção na estrada e discutia consigo mesmo sobre o que fazer. Quando, afinal, chegaram a Putney Heath, o vento diminuiu de repente. Ao longe, ouviram um sino tocar. Ele virou a cabeça naquela direção a tempo de ver um raio.

O vento recomeçou, vindo da mesma direção. Estava trazendo a tempestade diretamente para onde estavam.



Sophia estava petrificada.

Seu coração estivera batendo com força por tanto tempo que ela estava sentindo vertigens. Temia desmaiar e cair da carruagem. Se caísse, Longmore nem perceberia, perdido no meio da escuridão e do barulho incessante da chuva.

Se estivesse em segurança dentro de casa, o som da chuva martelando no telhado, mesmo com uma força igual à essa, seria relaxante. Mas aquilo não era nada tranquilizador.

Sophia fora criada na cidade. Se passou algum tempo no campo, possivelmente foi quando ainda era bem pequena. Ela se lembrava vagamente de viajar pelos campos da França quando ela e as irmãs fugiram da cólera que assolara Paris havia três anos. Mas tinham viajado em um veículo bem fechado, não à noite, sob uma chuva bem infernal.

Racionalmente ela sabia que não corria grande perigo. Embora fosse famoso por sua imprudência, Longmore também era considerado um bom condutor. Em uma carruagem, não se poderia estar em mãos mais seguras. Ele dirigia com aquela calma impressionante que os ingleses consideravam imprescindível a quem manejava rédeas. Os cavalos pareciam tranquilos e absolutamente sob controle. Ela sabia que, viajando pela estrada do rei, encontrariam um caminho suave e bem cuidado. Havia estalagens a intervalos curtos. Não seria difícil de conseguir socorro.

Mesmo assim, ela não estava se sentindo muito corajosa.

Havia começado a jornada muito preocupada com lady Clara. As dificuldades da viagem, mesmo sendo à noite, não haviam passado por sua cabeça. Aliás, a noite prometia ser muito agradável. Quando saiu de casa, imaginou que a lua iluminaria seu caminho.

Em vez disso, em poucos minutos, eles se viram no meio de uma escuridão lúgubre que as fracas luzes esparsas pareciam enfatizar. O mundo ao redor dela estava parecendo vazio demais.

Quebrando o silêncio inesperado, o som de um trovão, ainda que distante, a sobressaltou. Longmore virou a cabeça de repente naquela direção e, sob o brilho fraco das luzes do veículo, Sophia viu os músculos da mandíbula dele se enrijecerem.

– A senhorita está bem?

– Sim – mentiu.

– Os cavalos não ficarão bem em meio a trovões. Decidi não arriscar. A senhorita não será de grande ajuda para minha irmã se estiver com o pescoço quebrado. Temos que parar.

Ela ficou apenas um pouco aliviada. Por mais alarmante que fosse o fato de seguir viagem no momento, Sophia estava impaciente com o atraso. De volta a Londres, depois que Fenwick relatara sobre o cabriolé, ela havia procurado o Richmond Park em um guia de estradas. Não ficava muito longe de Londres. Entretanto, se uma pessoa como Longmore achava arriscado seguir viagem, nenhuma pessoa sã tentaria fazê-lo.

Embora parecesse que estavam cruzando um interminável deserto inóspito, não demorou muito para que ele entrasse no pátio de uma estalagem. Clarões brancos iluminavam o céu e trovões retumbavam com cada vez mais frequência e força, bem perto deles.

Enquanto os criados corriam para cuidar dos cavalos, Longmore arrancou Sophia do assento e a conduziu sob o braço até a entrada da casa, dizendo:

– Tomem conta do garoto. Caso ele não tenha se afogado, sequem-no e lhe deem o que comer.

Pouco tempo depois, ela estava espanando a água do vestido e Longmore estava tratando o dono do local com a mesma impaciência que demonstrara na Trapos:

– Isso mesmo, dois quartos. E exijo que mandem uma criada para a minha tia.

– Sua tia? – disse Sophia, depois que o dono da estalagem correu para providenciar os quartos.

Os olhos escuros de Longmore demonstraram prazer e um leve sorriso surgiu.

– Eu sempre viajo com a minha tia, você não sabia disso? Um sobrinho muito dedicado. Por sorte, tenho um monte delas.

Foi o bastante: um brilho jovial em seus olhos escuros e o vislumbre de um sorriso. O coração de Sophia acelerou e espalhou calor para o corpo. Para cima e, principalmente, para baixo. Ela teve que lutar consigo mesma para não correr até a janela mais próxima e abri-la, com ou sem tempestade lá fora.

Ela ordenou a si mesma que se acalmasse. Longmore já devia ter usado aquela expressão para conquistar centenas de mulheres, obtendo o mesmo efeito. E ela era uma Noirot. Era a pessoa que deveria destruir um homem com apenas um olhar.

De qualquer forma, imaginou que deveria ficar satisfeita por ele ter demonstrado pelo menos um pouco de discrição. Como eufemismo para *dama da noite*, “tia” era provavelmente melhor do que “esposa”. Metade do mundo o reconheceria e essa mesma metade saberia que ele não era casado nem estava prestes a se casar, se é que algum dia o faria.

Ele tirou o relógio do bolso.

– Que ridículo! Não percorremos nem 13 quilômetros e já são quase dez e meia.

– Ela não viajaria num tempo desses, não é mesmo? – disse Sophia, em voz baixa, embora estivessem sozinhos no pequeno escritório. – Se ela realmente visitou o parque, será que não pararia em alguma estalagem por perto?

– Espero que sim. Mas quem sabe o que pode ter se passado na cabeça dela?

– Ela está com Davis. E Davis não deixaria a patroa se colocar em perigo.

– Clara é bem teimosa. Minha esperança é o cavalo. Aonde quer que pretenda ir, ela terá muita dificuldade para mudar o cavalo. O cabriolé só precisa de um, mas ele tem que ser forte. As estalagens reservam cavalos assim para as carruagens dos correios. É provável que ela ache mais fácil manter aquele com o qual saiu, o que quer dizer que vai precisar parar algumas vezes... para dar comida, bebida e descanso ao animal.

Sophia conhecia muito pouco sobre cuidados com cavalos. As irmãs e ela tinham muitas coisas a fazer, aprendendo não apenas seus trabalhos manuais, mas também as habilidades das damas que não precisavam trabalhar. Ainda que os DeLuceys e os Noirots fossem todos trapaceiros e criminosos, em maior ou menor escala, eles jamais se esqueceram de que também tinham sangue nobre. Sabiam que maneiras refinadas de falar ampliavam muito suas chances de atrair mulheres e homens inocentes para suas teias.

Aprender a fazer vestidos e a ser uma dama – sem mencionar a aquisição de outras habilidades menos virtuosas – não deixou muito tempo para minúcias sobre cuidados com animais. Sophia sabia distinguir diferentes tipos de veículo e sabia apreciar um belo cavalo, mas, quanto ao resto, precisaria confiar na avaliação de Longmore.

– Acho que vou mandar Fenwick conversar com os homens do estábulo – disse ele, olhando para a

porta por onde o dono da estalagem havia saído. – Eles terão observado o cabriolé, caso elas tenham passado por aqui. Conseguiremos mais detalhes através deles do que dos funcionários do pedágio.

O dono da estalagem reapareceu, seguido por uma criada gorducha. Enquanto ela levava Sophia até seu quarto, Longmore ficou para trás, conversando com o sujeito.



Ao mesmo tempo, a pouco mais de 15 quilômetros de distância, na estalagem English Bear, lady Clara sentou-se perto da lareira, estudando sua cópia do *Guia de estradas Paterson*.

– Portsmouth – disse ela a Davis. – Já estamos na estrada e fica a apenas um dia de viagem – calculou. – Menos de 100 quilômetros.

– A volta a Londres fica a pouco mais de 30 quilômetros, milady – avisou Davis.

– Não vou voltar – insistiu Clara. – Não vou voltar para *ele*.

– Milady, isso não é sensato.

– Eu não sou sensata! – Clara se levantou bruscamente da cadeira e o guia caiu no chão. – Eu recusei um duque porque ele não me amava o suficiente. Pobre Clevedon! Mas ele, pelo menos, *gostava* de mim.

– Milady, todo mundo que a conhece a ama.

– Mas não Adderley – disse Clara, com amargura. – Como pude ser tão cega? Mas fui. Acreditei em todas aquelas palavras românticas que ele copiou dos livros.

– Alguns cavalheiros não sabem se expressar muito bem – alegou Davis.

– Eu quase me permiti acreditar nisso. Mas não era esse o ponto, era? Esse não era o verdadeiro problema. Foi muita humilhação eu ter dependido de lady Bartham para perceber um fato tão simples: se ele realmente me amasse e respeitasse, jamais teria feito o que fez.

Lady Bartham não dissera isso de maneira tão cruel. Entretanto, ela jamais insultava alguém de maneira direta e honesta. Preferia rastejar em volta do assunto, como uma cobra, para, quando ninguém esperasse, dar o bote, com finas presas mordendo de maneira que a vítima mal percebesse o veneno penetrar.

Houve um momento de silêncio. Em seguida, Davis comentou:

– Portsmouth é uma cidade naval, milady. Muito turbulenta. Marinheiros, bordéis e...

– Mas é perto – argumentou Clara. – É um porto. Posso entrar em um navio e ir para longe. Não pode ser um lugar tão perigoso. As pessoas vão até lá para passear. Estou arruinada. Por que não conheço o mundo? Não conheço nem a Inglaterra! A que lugares já fui? À nossa casa em Lancashire, de volta a Londres, e de novo a Lancashire. Desde que vovó Warford morreu, não vou a lugar nenhum. Ela costumava me levar para passear e nos divertíamos muito.

Ela engoliu em seco. Ainda sentia falta da avó. Ninguém poderia substituí-la. Clara nunca sentira tanta necessidade dos conselhos dela como agora.

– Ela dirigia a própria carruagem – desabafou Clara, embora Davis soubesse disso muito bem. – Ela era excelente condutora. Íamos até o Richmond Park e visitávamos as amigas dela.

As duas costumavam sair de Richmond Park e Hampton Court e passar o dia inteiro fora. No início do dia, Clara havia conduzido o cabriolé até o parque, na esperança de que o espírito de sua avó lhe dissesse o que fazer. Quando saiu do parque, continuava perdida e decidira ir a Hampton Court. Nenhuma

gota da sabedoria de vovó apareceu para ela. Até lady Durwich, grande amiga da avó, não teve nada a lhe dizer, a não ser que deveria voltar e deixar de lado aquela tolice.

Clara não sabia para onde estava indo. Portsmouth, para começar. Depois disso... algum lugar, qualquer lugar. Mas não Londres. Não de volta para *ele*.



O quarto de Sophia era pequeno, porém limpo, e a criada estava ansiosa para agradá-la, como a Noiroot esperava que estivesse. Pessoas de todas as classes sociais julgavam pela aparência. Embora um sotaque da alta classe e belas roupas sempre garantissem um bom serviço, generosas gorjetas e uns subornos podiam elevar a qualidade do serviço para uma total subserviência.

Sophia estava não apenas ricamente vestida, mas tinha dinheiro na mão. Marcelline fizera Leonie providenciar fundos para gorjetas e subornos, e Sophia não era uma pessoa parcimoniosa. Queria uma boa ceia, a lareira acesa e um banho, e ficou feliz em pagar por tudo isso.

Ela conseguiu os três benefícios bem depressa, sem problemas, apesar do horário e da chegada repentina das muitas pessoas se abrigando da chuva. Entretanto, estava perturbada demais em relação à lady Clara e à loja para conseguir comer. Como era do tipo que, normalmente, não dormia muito, sabia que só conseguiria descansar após o banho. Isso a deixaria mais calma. Por certo que ela se sentiria melhor depois de tirar a horrorosa mistura de ovo dos cabelos. Ela trouxera seu sabão predileto, com aroma de lavanda e alecrim.

Os funcionários das estalagens lhe levaram uma banheira muito pequena, mas ela já havia se lavado em condições mais primitivas. E não, não foi nem um pouco fácil lavar os cabelos sem ajuda, mas ela conseguiu.

Assim, com o tempo, graças ao aroma relaxante de seu sabão – além de uma taça de vinho –, a serenidade retornou. Sophia vestiu a camisola, embrulhou-se em seu roupão, serviu-se de mais uma taça de vinho e acomodou-se em uma cadeira perto do fogo, para secar o cabelo.

As paredes das antigas estalagens eram grossas. Não dava para ouvir muito do que se passava do lado de fora do quarto. Os trovões foram ficando cada vez mais distantes, à medida que a tempestade se afastava. A chuva continuava batendo na janela, mas, agora que ela estava em segurança e seca dentro de um quarto, esse som lhe dava prazer. Ela sempre gostou do barulho da chuva.

Sophia se lembrou dos dias chuvosos em Paris e da chuva fina da semana passada, quando passeou pela St. James Street para atrair lorde Longmore para fora de seu covil. Enquanto fingia que estava olhando para o outro lado, ela o observava caminhando pela rua na direção dela... aquelas pernas longas em calças perfeitamente costuradas... o casaco extremamente bem cortado, esculpido em seu torso, ressaltando os ombros largos e o tórax musculoso... o lenço de pescoço, branco como a neve, amarrado com uma elegante simplicidade sob aquele queixo forte...

Ele se movia com a graciosidade de um homem à vontade com o próprio corpo e seguro de si. Era uma mistura esquisita: metade dândi, metade desordeiro. Tão alto e atlético... ela gostaria de ser o alfaiate dele... ou gostaria de vesti-lo com roupas bem confortáveis...

Não havia mal em sonhar e... O que estava queimando?



Longmore tentou não pensar na irmã, desprotegida no meio da chuva.

Ela não sairia na tempestade, disse a si mesmo. Não era tão idiota. Ainda que fosse, Davis não permitiria. Mas, onde quer que Clara estivesse, ele não a alcançaria tão cedo. E ele não tinha como protegê-la, fosse lá onde ela estivesse.

Sua mente intercalava entre pintar cenários tristes, com a irmã nas mãos de vilões, e imaginar o que se passava no quarto ao lado. Ele ouvira o som abafado de vozes quando Sophia conversou com a criada, o ruído de passos e o barulho de alguma coisa pesada sendo colocada no chão, seguido pelo som da água se movimentando.

Ela estava tomando banho. Essa imagem era muito mais agradável do que a da irmã em perigo.

Longmore disse a si mesmo que sua preocupação com Clara não iria ajudá-la em nada. Só mexeria com os próprios nervos, já fragilizados depois da batalha em meio à tempestade. Assim, pediu outra garrafa de vinho e entregou o casaco ao funcionário da estalagem, para que cuidasse de secá-lo e escová-lo.

Como suas calças ainda estavam molhadas, ele puxou uma cadeira e colocou-a diante da lareira. Sentou-se ali e começou a bebericar. Aos poucos, foi se tranquilizando. Clara poderia estar fora de si, mas não colocaria seu cavalo em perigo. Ela deve ter procurado abrigo, parado em uma estalagem respeitável, pois Davis não a deixaria ir a outro lugar – e havia estalagens respeitáveis por toda Portsmouth Road.

O vinho e os pensamentos mais otimistas o acalmaram o suficiente para deixá-lo com sono. Estava colocando o pé, ainda com a bota, sobre o guarda-fogo da lareira, quando Sophia gritou.

Ele pulou da cadeira e correu para a porta que separava os dois quartos. Girou a maçaneta. Não conseguiu abrir a porta. Deu um passo para trás e a chutou.

A porta se abriu de repente, batendo na parede.

Sophia estava gritando, aflita, pulando de um lado para outro, tentando arrancar o roupão. Havia fumaça subindo da bacia. Ele viu uma pequena chama se espalhando pelo tecido.

Em dois rápidos passos, ele a alcançou, arrancou a faixa que ela estava tentando desamarrar, tirou o roupão e o atirou dentro da banheira.

– Ah! – exclamou ela. – Ah!

– Tudo bem?

Sem esperar pela resposta, ele a virou, o coração acelerado, enquanto procurava sinais de fogo incipiente. Viu algumas manchas marrons e uns buracos na beirada do roupão, mas nenhum sinal de fogo.

– Que diabo estava fazendo?

Ele a virou de novo. Embora adornada de babados no pescoço, nos pulsos e na abertura frontal, a camisola era praticamente... nula. Musselina extremamente fina... através da qual era possível enxergar os contornos de seu corpo nu.

Uma nuvem tomou conta da mente de Longmore. Ele a afastou. Não havia tempo para isso. Nada de precipitações. Não era a hora nem o lugar.

– A senhorita está bêbada? – indagou ele. – Caiu no fogo?

Alguém bateu à porta.

– Madame! Madame!

Ela correu para o baú de roupas e começou a procurar algo. Longmore foi até a porta e a abriu. Um funcionário da estalagem estava bem ali.

– Que diabo você quer?

– Senhor milorde, peço mil desculpas, mas é que alguém gritou e um dos hóspedes sentiu cheiro de fumaça.

Sophia jogou um xale em cima da camisola.

– Sim, eu gritei – disse ela. – Pensei ter visto um morcego.

– Um morcego, madame? Mas e a fumaça? Eu sinto cheiro de fumaça.

O sujeito estava tentando olhar ao redor de Longmore, que foi até a soleira da porta para bloquear a visão tentadora de uma mulher quase nua que não lhe pertencia.

– Foi um morcego – confirmou Longmore. – Eu o apanhei e o joguei no fogo. Quer uma mordida? Acho que ainda não está totalmente cozido. Quer? Não? Então, até logo.

Ele fechou a porta na cara do sujeito. Em seguida, virou-se para Sophia, cujas partes mais interessantes agora estavam cobertas pelo xale.

Primeiro, ele olhou bem para ver se ela estava pegando fogo. Depois disso, confirmou quanto a camisola era transparente. Agora, observava que os longos cabelos dela ainda estavam úmidos, descendo pelos ombros. Eles caíam sobre seus seios. Em alguns trechos, longos cachos começavam a secar, e à medida que secavam adquiriam um brilho que variava do marrom-claro ao dourado...

A respiração dele acelerou, deixando-o excitado.

Agora não.

Por que não?

– O que aconteceu? – indagou ele. Em seguida, viu a garrafa de vinho sobre a mesinha ao lado do fogo. – Quanto a senhorita bebeu?

– Não estou bêbada! – exclamou ela. – Eu... eu estava agitada demais para dormir. Tomei um banho.

– Eu ouvi.

Ela arregalou os olhos.

– Eu teria olhado pelo buraco da fechadura, mas esse método não é tão eficiente quanto pensam. Em geral, só dá para ver uma pequena parte do quarto e, em minha opinião, a parte errada. Não valia a pena deixar o calor e a garrafa para me agachar na frente de uma porta, tudo isso pela possibilidade de não ver muita coisa.

Ela olhou para a porta entre os dois quartos, depois para a banheira, em seguida para ele.

– O senhor achou que não *valia a pena*?

Ele deu de ombros.

– Não sei o que me deu. E ainda não entendi como a senhorita passou da condição de pegar um resfriado para a de pegar fogo.

– Eu não apenas me banhei, mas lavei os cabelos para tirar aquela mistura de ovo horrorosa. Estava ficando rançosa. Com certeza, assim que eu colocasse a cabeça no travesseiro, algum inseto nas proximidades viria correndo para fazer a festa.

– Não estava tão ruim – disse ele.

– O senhor diz isso porque não era na *sua* cabeça. Então, lavei os cabelos. Depois, fiquei perto do

fogo para me secar. Mas devo ter adormecido... e, quando acordei, meu roupão estava pegando fogo. Devo ter afundado na cadeira e me aproximado demais. E aí não consegui desamarrar a estúpida faixa para apagar o fogo. – Ela pestanejou com força. – Obrigada por me salvar. Sinto muito por ter causado tanto pro-problema.

– Ora, foi muito excitante – falou ele.

– Não gosto de ser excitante de-dessa maneira.

– Meu bom Deus, a senhorita não vai começar a chorar, vai? Não pode ficar tão perturbada só porque arruinei seu roupão.

– Não. É cla-claro que não.

– É porque eu não olhei pelo buraco da fechadura?

– Não seja ri-ridículo.

– Então, por que está chorando?

– Não estou chorando! – Ela pestanejou outra vez. – Estou perfeitamente bem.

– Não está, não.

– Estou, sim. É só que... fico pensando que eu deveria ter ficado com sua irmã quando ela foi até a loja, no sábado passado. Eu lhe disse que iríamos lidar com Adderley, mas não contei isso a ela. Eu estava com outras coisas na cabeça. Sua mãe. E a Trapos. A-agora... parece que minhas prioridades estavam erradas.

– Que besteira. Ninguém sabia que Clara ia agir como uma idiota.

– Eu não estava prestando atenção! E agora ela está correndo perigo. Ela não tem a menor ideia de como sobreviver. Não saberia reconhecer um trapaceiro nem se ele tivesse um aviso colado na testa. Ela confiou em Adderley, entre tantos homens! Eu devia ter feito alguma coisa!

– Do que a senhorita está falando? O que poderia ter feito?

Ela abriu os braços.

– Alguma coisa. Traçado uma estratégia.

Ele se aproximou de Sophia, segurou seus ombros e a sacudiu devagar.

– Pare com isso – pediu ele.

– Estou muito preocupada.

Ele pegou o rosto dela entre as mãos e o inclinou para cima, para que pudesse olhar em seus olhos. Estavam marejados. Era como olhar para o mar Adriático em meio à neblina. Uma minúscula gota de umidade escorria ao lado do nariz dela. O lábio inferior projetou-se para a frente.

Não era a hora nem o lugar.

Ele não devia se precipitar, mas ela abriu os braços e isso fez com que suas partes femininas se movessem, e ele só podia manter uma ideia na cabeça de cada vez. De qualquer maneira, Longmore não estava muito acostumado a esse duelo de consciência.

Ele era o que sempre fora, e não era um bom rapaz. Por isso, baixou a cabeça e pressionou a boca zangada de Sophia com os próprios lábios.



Ele jamais havia feito as coisas pela metade. Não ia começar agora.

Longmore a beijou com firmeza, sem medo, com imprudência. Não passou por sua cabeça a ideia de ser cauteloso. Na verdade, não passou quase nada pela sua cabeça. Ele simplesmente agiu, como fazia em qualquer ocasião, sem refletir nem se preocupar.

Então, ele se lançou de cabeça em um precipício.

Pulou como se houvesse um mar lá embaixo e estivesse caindo diretamente em suas águas. Estava caindo sobre ela. Sentiu o gosto do mar, um gosto suave de lágrimas salgadas, e uma lembrança do vinho que ela havia bebido. Ele respirou o ar puro que vinha dela. No lugar onde estava mergulhando, o mundo era cálido. Lavanda e algo mais perfumavam o ar, e o aroma trouxe de volta um momento: o sol da Toscana e uma bela casa emoldurada por alfazema e jasmim. Sentiu a mesma felicidade inexplicável que experimentara anos atrás, bem distante da Inglaterra.

Ele passou os braços ao redor dela. Foi uma atitude instintiva abraçar algo tão fascinante que não conseguia sequer compreender. E a boca de Sophia simplesmente cedeu sob a dele, tão suave e convidativa. O corpo dela entregou-se a ele como se fosse a coisa mais natural do mundo. Os braços dela subiram e envolveram o pescoço dele. Os seios pressionaram o colete. Ela era muito cálida, tinha curvas muito suaves, e ele foi se sentindo cada vez mais fervoroso, o pulso acelerado, enquanto mergulhava mais fundo: a doçura da boca feminina, o aroma puro que seu corpo exalava, a maneira como suas curvas se ajustavam ao corpo dele.

Longmore escorregou as mãos para baixo e a puxou mais para perto – e ela soltou um gemido abafado contra sua boca. Ele tirou as mãos das nádegas dela e interrompeu o beijo. Deu um passo hesitante para trás, e mais um. Os grandes olhos azuis estavam atordoados e ela titubeou um pouco.

– Meu Deus – disse ela, sem fôlego. – Meu Deus.

Ela inclinou a cabeça para o lado e o estudou, como se estivesse bêbada e tentasse manter o foco.

Maldição. Era a primeira vez dela. Ela nunca fora beijada.

Mas isso era impossível.

Não era, não.

Era, sim.

– Não – falou ele.

– Sim – retrucou ela, com um leve sorriso atordoado.

Ele também estava tonto, mas conseguiu enxergá-la com clareza. Podia enxergá-la demais... Podia enxergar também a cama, a poucos passos de distância, tão convidativa. Bem, por que não aceitar o convite? Porque... ele não sabia por quê. Ou por que não.

Longmore deu as costas para Sophia, para a cama, para tudo, e saiu.



Com a mente enevoada, Sophia o viu ir embora.

Ela o viu ir embora, *todo* ele: os cabelos negros desalinhados, como se tivesse passado os dedos por entre os fios – ou teria sido ela?... os ombros largos e o movimento dos ombros sob o colete.... os músculos dos braços, tentadoramente visíveis sob o tecido fino da camisa... as costas e o V de cabeça para baixo do colete, onde ele se juntava à base da espinha dorsal... e os quadris, as pernas longas... e todo aquele corpo grande, movendo-se com a suavidade e a graça de um puro-sangue.

Ele caminhou até a porta e a fechou ao sair, com um barulho seco que a fez sobressaltar-se e a tirou do torpor.

Sophia balançou a cabeça. Fechou os olhos e os abriu. Passou a língua pelos lábios... do jeito que ele fizera. Em seguida, foi até a mesa, encheu de novo a taça de vinho e bebeu-o de um só gole para fortalecer a determinação.

Ela marchou até a porta que ligava os quartos e a abriu. Ele congelou, a taça de vinho a meio caminho da boca. Aquela boca diabólica e perigosa.

– Não – determinou ela. – De jeito nenhum.

– Do que está falando? – disse Longmore. – Está louca?

– Fiquei louca por um minuto, mas o senhor não pode fazer isso de novo. Não pode se comportar como um idiota.

– Vá embora – pediu ele. – Já percebeu que está praticamente sem roupa?

– Não faz diferença. Preciso...

– *Não faz diferença?* Preste atenção, Senhorita Inocência. Há muitas coisas que “não fazem diferença” para um homem. Uma mulher quase nua não é uma delas.

– *Tant pis!* – exclamou ela. – Não deu tempo de eu me vestir. Tenho que dizer isso enquanto sei por que estou dizendo, enquanto ainda estou sob a influência da bebida.

Ele passou a mão pelos próprios cabelos desalinhados.

– Você não precisa dizer nada. Vá embora.

– Eu *não* posso me envolver com clientes – falou ela. – É ruim para os negócios.

– Negócios!

– E *não* venha me dizer que você não é um cliente.

– Pois não sou! Quando foi a última vez que comprei um vestido?

– Qualquer homem que tenha meios para pagar nossos produtos, cedo ou tarde acaba tendo uma mulher que queremos em nossa loja. Ela não vai nos escolher se tivermos uma reputação de caçadoras de homens.

– Os negócios! Tudo tem a ver com a *loja*?

– Sim. O que quer dizer que eu não poderia estar falando mais sério. Se me beijar de novo, vou lhe enfiar uma faca.

Ela se virou e saiu pisando forte, batendo a porta.

Sophia se serviu de mais uma taça de vinho. Esta, porém, bebeu mais devagar. Seu coração batia tão forte que doía. Não conseguia se lembrar de quando fora a última vez que fizera algo tão difícil, tão aterrador e tão contrário ao seu desejo.

Não era de admirar que Marcelline tivesse perdido a cabeça por Clevedon. Não era de admirar que ela insistira em explicar a Sophia, pela centésima vez, como bebês eram feitos.

A luxúria era uma força perigosa. Como qualquer Noirot, Sophia apreciava o perigo, os riscos e as apostas. Mas ela não podia nem faria apostas envolvendo a Maison Noirot. Se permitisse que a tal força perigosa a dominasse, ela levaria junto tudo pelo qual haviam trabalhado e sofrido.

Ela se levantou, foi até a banheira e tirou o roupão que fora jogado ali. Pendurou-o na cadeira – perto do fogo, mas não perto demais. Ele não estava completamente recuperável. As moças da Sociedade das Costureiras poderiam descosturá-lo e fazer outra coisa com o tecido.

O roupão não era importante. O que ela precisava salvar era a loja – e isso significava salvar lady Clara. Era só isso que ela precisava fazer, e não ia ser nada fácil. Sorriu.

Afinal de contas, era uma Noiroto. Se fosse fácil, não seria tão divertido.

Capítulo oito

O Richmond Park tem um perímetro de 13 quilômetros, cobrindo 950 hectares, dos quais pouco mais de 40 pertencem a essa paróquia; cerca de 260 hectares encontram-se em Mortlake, 107 em Petersham, 93 em Putney e o restante, em Kingston. O parque ocupa um terreno muito diversificado, com colinas e vales. Conta ainda com um grande número de carvalhos e outras árvores.

Daniel Lysons, *Os arredores de Londres*, 1810.

*Residência Warford.
Sábado, 6 de junho.*

– Doente? – disse Adderley. – Espero que não seja nada sério.

Clara era saudável como um cavalo. Era tudo, menos fraca a ponto de ficar doente.

– Também espero – disse lorde Valentine. – Ela deve ter pegado um resfriado ontem à noite, na casa da tia-avó Dora. Uma casa velha e cheia de correntes de ar. E a noite foi úmida.

– Um resfriado – repetiu Adderley.

Ele também sentiu um frio. Havia uma melancolia pairando no ar da Residência Warford. Normalmente achava fria a atmosfera ali. Lady Warford sempre o tratava com educação, ao mesmo tempo que dava a impressão de saber algo que as boas maneiras não lhe permitiam mencionar. Clara, no começo, era bastante afável, mas estava se tornando cada dia mais distante.

Não que os sentimentos dela tivessem alguma importância. Clara seria obrigada a se casar com ele. Lady Warford poderia fazer o que quisesse, mas a filha não iria se safar.

A única coisa com a qual ele não contara era Clara ficar doente. Gravemente doente, pelo visto.

A expressão no rosto de lorde Valentine foi sombria. Um sinal de alerta soou nas vísceras de Adderley. Ela não podia morrer. Não antes do casamento.

– Há algo que eu possa fazer? – indagou.

Lorde Valentine balançou a cabeça, com tristeza.

– Sinto muito. Não há nada a ser feito. Nossa mãe está com ela. Não saiu da beira de sua cama.

– Vocês chamaram um médico, é claro.

– Posso lhe garantir que minha irmã está sendo bem cuidada. Ouso dizer que estará totalmente curada em um ou dois dias.

Não havia muita convicção nas palavras de lorde Valentine. Ansioso e aborrecido, Adderley foi embora. Ele havia dedicado meses de sua vida para atraí-la. Meses que poderia ter dedicado a outra pessoa.

Ela que não ousasse morrer, pois seria um enorme inconveniente. Ele não conhecia nenhuma outra moça que fosse tão fácil de enganar quanto Clara. E teria que conquistar essa outra sem demora. Seus credores não esperariam nem até o funeral.



Quando estavam sentados de novo na carruagem, Longmore pôs-se a pensar sobre o que acontecera na noite passada, quando deixou de tirar vantagem de uma oportunidade perfeita.

Deve ter sido por causa da surpresa, disse a si mesmo. Ficara completamente estupefato ao descobrir que Sophia era inexperiente. Em geral, ele se recuperava depressa de qualquer susto. Mas fora um dia muito cansativo. Sua irmã fugira e era a primeira vez em muitos anos que ele precisava se preocupar com ela. Depois, Sophia ateou fogo em si mesma.

Enfim, vários motivos para ele ter perdido o juízo.

Depois de se virar na cama muitas e muitas vezes, ele adormeceu e descansou bastante. O dia amanheceu com bom tempo. E seu juízo já estava em ordem novamente. Ele já conseguiria enxergar as coisas com mais clareza.

Talvez ela não tivesse muita experiência. Isso não significava que não tinha nenhuma. Ela era francesa. Tinha bom gosto. Era apenas uma moça criteriosa, que não tinha muita prática nas artes do amor.

Alguém a introduziria nessas artes eventualmente. Por que não ele? Longmore jamais tivera que ensinar nada a ninguém, mas sempre havia uma primeira vez na vida. É verdade que ela ordenara que ele mantivesse distância. Mas isso foi *depois*. Porque até ele cometer o erro grotesco de voltar para o próprio quarto, ela estava bastante entusiasmada.

Sophia o cumprimentou alegremente no desjejum. Na ocasião, ele não percebeu nenhum traço de aborrecimento ou tristeza na aparência dela.

A roupa extravagante de hoje era um vestido de viagem de cor cinza-rosada. Uma daquelas peças parecidas com uma capa, que as mulheres usavam na época, que espalhava-se sobre mangas inacreditavelmente bufantes. No pescoço, a tal capa trazia uma fita de renda branca, sob a qual havia uma fila de laços que desciam por toda a frente da capa, terminando em uma ponta abaixo da cintura – como se um homem precisasse de alguma seta explicativa. Os laços continuavam descendo pelos dois lados da saia, junto com um V invertido – sim, apontando para a mesma área. O chapéu de hoje trazia flores por toda a parte de baixo da aba, emoldurando seu rosto, além de mais flores que pareciam nascer na parte de trás. Fitas verdes estavam enfiadas por entre as flores.

Um homem sentia vertigem só de olhar para esse chapéu. Longmore preferia Sophia nua, mas aquele traje era, por certo, agradável. Tendo diante de si a perspectiva de passar muito tempo procurando a irmã no Richmond Park, era mesmo necessário ter alguma coisa agradável para admirar.

Eles mal haviam saído da estalagem quando Fenwick, na traseira da carruagem, começou a fungar bem alto.

– Nem pense em ficar doente – disse Longmore, olhando para trás. – Não temos tempo para cuidar de resfriados.

– Eu só tava sentindo o cheiro de alguma coisa – explicou Fenwick.

Longmore fez uma careta para ele.

– *Estava* sentindo – corrigiu-se Fenwick.

– Cheiro de quê? – indagou Longmore.

O único cheiro que sentia era da lavanda de Sophia e algo mais que havia na mistura do perfume. Ele

duvidava que Fenwick, do lugar onde estava, bem atrás da capota dobrada e da pilha de baús, pudesse detectar uma fragrância tão sutil.

– Acho que ele se refere ao ar – opinou Sophia. – Você está sentindo o ar do campo, Fenwick.

Ela inspirou profundamente e seu colo subiu e desceu. O movimento dos laços tornava fácil para Longmore perceber quanto os seios subiam e desciam. Desfazer aqueles laços era, definitivamente, algo pelo que ansiar.



Sophia ficou deslumbrada com o Richmond Park. Embora tivesse sido educada na cidade, ela entendia o apelo de uma ampla visão da natureza, e aquela era uma área gigantesca, cerca de cinco vezes maior do que a do Hyde Park, segundo Longmore. Era fácil imaginar Clara olhando do alto de uma colina, enxergando Londres, uma névoa flutuando por cima da cidade, expandindo-se ao longe. Ela se sentiria a uma distância segura dos problemas.

Mas Clara não estava a salvo. Não tinha ideia de como tomar conta de si mesma, e uma criada não era suficiente para dar segurança. Deixar o mundo inteiro saber que havia uma jovem inocente à solta não melhoraria a situação, por isso o grupo de busca precisava ser cauteloso quanto ao que perguntar às pessoas. Para evitar que outros comesçassem a procurar por lady Clara, eles criaram uma história bem simples: o cocheiro do cabriolé havia deixado para trás, em uma estalagem, a bolsinha de Clara, onde havia um pouco de dinheiro e alguns papéis, e eles estavam tentando devolvê-los a ela.

Eles não tentaram procurar a esmo pelo parque. Levaria dias, segundo Longmore. Em vez disso, perguntaram nos vários hotéis situados nas proximidades. Mesmo assim, horas se passaram. Fizeram um circuito quase completo pelo parque, assim como um desvio em Richmond Hill, antes de conseguir alguma informação.

Quando finalmente encontraram o local onde a irmã havia parado, boa parte da tarde já se passara. Naquele lugar, Clara tinha perguntado sobre a melhor rota para o palácio de Hampton Court.

– Podemos desistir da esperança de que ela tenha retornado a Londres – concluiu Longmore, quando voltaram para a estrada.

– Pelo menos temos algumas informações – disse Sophia.

– Sim. Vamos voltar à Portsmouth Road, depois de uma prodigiosa busca sem um resultado positivo. Quando eu puser as mãos nela...

– É muito fácil para o senhor – disse ela.

– Fácil? Que diabo a senhorita quer dizer com isso?

– Se alguém o ofende ou o insulta, o senhor lhe dá um soco ou o chama para um duelo. Se sofre uma calúnia, pode agir. Mas o que sua irmã pode fazer?

– Ela não deve fazer nada. É mulher.

– Então, deve apenas suportar? Já pensou em quanto ela deve se sentir humilhada? Aposto que as falsas amigas devem tê-la atormentado sem dó nem piedade. Como ela vai revidar? É impossível. Enquanto isso, ela tem a dolorosa consciência de que todos os homens que um dia a admiraram e respeitaram agora a consideram uma piada de mau gosto. Pode imaginar como ela deve estar se sentindo?

– *Sentimentos* – disse ele, daquele jeito zombeteiro que deixava Sophia com vontade de lhe dar um

murro na cara.

– Isso mesmo, sentimentos. E por que não? Ela não pode revidar. Não pode fazê-los parar. Deve ter sido terrível para ela. Por isso fugiu. Era isso ou enlouquecer. Estou preocupada com ela e gostaria que Clara não tivesse agido assim, mas não posso deixar de admirá-la por preferir arriscar tudo do que ficar sofrendo.

Houve uma longa pausa. Sophia não tentou preencher o silêncio, somente olhou para a frente, esperando que a própria ira se abrandasse.

Cretino insensível. Ela sabia que havia jogado saliva fora, mas não dava para ficar de boca fechada...

– A senhorita a admira – começou ele.

– Sim. Ela foi valente.

– Eu diria imprudente. Estupidamente imprudente.

– Como o irmão.

Mais uma pausa.

– Nisso a senhorita está certa.



O sermão fora inesperado, mas não foi a única surpresa.

Longmore ainda não havia digerido completamente o incrível discurso sobre Clara quando, um pouco depois, enquanto cruzavam de novo o Tâmis, Sophia viu o antigo palácio.

– Oh, que maravilha! – exclamou ela. – Olhe só!

Ela riu, uma risada rouca que agradou aos ouvidos dele e encheu seu peito de sentimentos calorosos e estranhos.

– Lucie adoraria conhecer este lugar – disse ela. – Mas eu também devo ter 6 anos de idade, pois estou muito admirada.

Ele olhou para o enorme edifício que se erguia ali e, de novo, para ela.

– A senhorita nunca tinha visto o palácio de Hampton Court?

– Quando eu poderia tê-lo visto? – indagou ela, ainda sorrindo. – Faz três anos que meu mundo se resume a Londres.

Aquela era uma Sophia diferente, quase infantil. Ela praticamente pulava no assento de tanta emoção.

– Nenhum passeio pelo rio?

– Eu sou dona de uma *loja*. Ela fica aberta seis dias por semana. Trabalhamos doze horas por dia.

Sophia trabalhava mais tempo do que isso: no meio da noite e de manhã bem cedo, espionava para Tom Foxe. Não havia tempo para passeios prazerosos pelo campo. Longmore jamais ponderara sobre isso. E por que deveria? Ele nunca trabalhara.

Aparentemente, também não sabia muito sobre a própria irmã.

Essa foi mais uma surpresa. Ele não sabia se seu cérebro suportaria outra.

– É estranho, não é? – disse ela.

Com certeza era.

– Só preciso sair da loja e olhar para a St. James Street para ver o palácio de St. James. Eu sei que

ele também é da época dos Tudors. Mas há edifícios e ruas ao redor. Carruagens entrando e saindo. Carroças, carros de aluguel e coisas do tipo. Para mim, é só mais um edifício. É mais ou menos igual aos outros palácios. Todos eles parecem grandiosos, mas *esse aqui* se estende por todo o campo. *Parece* mesmo um castelo.

– Um dos mais decrepitos – explicou Longmore. – Há tempos que nenhum de nossos monarcas deseja viver aqui. Só solteiros, solteiras, viúvas dos heróis de guerra...

Ele se interrompeu quando finalmente começou a perceber.

Richmond Park. Hampton Court. É claro.

– Solteiras e viúvas? – disse Sophia.

– Sim, vivem nos apartamentos cedidos àqueles que serviram à Coroa de alguma maneira. Ou aos pais, maridos e irmãos dos que o fizeram. A maioria é de mulheres solteiras, grande parte de senhoras mais velhas. E sei por que Clara veio para cá.



Embora Longmore não visitasse os amigos íntimos de sua avó havia algum tempo, os oficiais do palácio o reconheceram. Também reconheceram sua irmã no dia anterior, oferecendo as informações necessárias antes mesmo de serem questionados.

Eles deviam estar se perguntando por que lady Durwich havia adquirido tanta popularidade na família Fairfax nos últimos tempos. Longmore os deixou cogitar. Ele correu com Sophia pelo labirinto de passagens até o apartamento que lady Durwich ocupava havia 25 anos.

Ou melhor, ele *tentou* correr com Sophia. Ela queria admirar as antigas torres e espiar as passagens que levavam ao pátio. Foi como tentar levar uma criança pela mão.

– Parece que a senhorita nunca viu um monte de tijolos – disse ele.

– Eu sou dona de uma *loja*.

– Certo. Seis dias. Doze horas por dia.

– Algumas vezes, uma de nós leva Lucie ao zoológico, ao anfiteatro de Astley ou a uma feira, mas nunca passamos um dia inteiro fora de Londres. Isso é muito interessante. Lucie adoraria.

– Bem, então Clevedon precisa levá-la, enquanto o restante de vocês fica acabando com a concorrência – falou Longmore. – Hoje não temos tempo para um passeio turístico. Eu a trarei em outra oportunidade. Há belas pinturas e estátuas, e os jardins são agradavelmente estranhos. Mas, por enquanto, nossa maior atração turística deve ser lady Durwich.

– Compreendo – retrucou ela.

– E não assumo nenhum papel diferente. Seja você mesma desta vez.

– Uma costureira?

– Lady Durwich tem 1.000 anos de idade. Duvido que haja qualquer coisa sobre a face da Terra que possa chocá-la. Mesmo assim, sou um sujeito à moda antiga...

– Antiquado, eu diria.

– E um pouco tímido...

– Esse foi o primeiro traço que observei a seu respeito – comentou Sophia. – Sua timidez. Quando o senhor entrou na casa do duque de Clevedon, reclamando de...

– Tímido em relação a apresentá-la como minha *chère amie*... principalmente porque isso não é verdade. – Uma fração de segundo de pausa. – Ainda.

– E nunca serei, mas posso fingir tão maravilhosamente bem que o senhor acreditará que é verdade.

– O ponto principal é que não posso lidar com ela e com uma mulher fictícia ao mesmo tempo.

Ela refletiu.

– Tem razão.

Não muito tempo depois, um criado os conduziu até a sala de estar de lady Durwich. A velha senhora havia adquirido mais rugas e encolhido um pouco, mas estava em boa forma, considerando-se que estava perto dos 90 anos. Ela sempre fora do tipo gorducha e tranquila – a antítese de sua mãe –, e estava, como sempre, bem arrumada. Houve um tempo em que ela e vovó Warford haviam formado, junto com a viúva condessa de Hargate e algumas outras, um dos mais badalados grupos da sociedade londrina.

– Longmore, eu não o vejo há tempos! – exclamou ela, levantando a mão arredondada que ele, galantemente, beijou. – Sua família tem me visitado bastante ultimamente. Clara veio aqui ontem. Mas foi por isso que você veio, é claro. Ela me contou que havia fugido, aquela tola. Eu a aconselhei a voltar para casa imediatamente. Que ideia louca! “Não o amo.” Deveria ter pensado nisso antes de ir até a varanda com ele e permitir que ele tomasse liberdades. Realmente, fiquei estupefata. Sempre achei que Clara tinha mais juízo... – Seu olhar caiu sobre Sophia. – Mas quem é essa?

A velha senhora colocou seu monóculo e fez um lento inventário da companheira de Longmore, do topo de seu ridículo chapéu até a ponta dos pés, escondidos no interior de um inacreditável par de botas de seda que ia até a panturrilha. – Ela me parece familiar, mas não é de sua família. Essa aí não é uma Fairfax.

– Não, de fato não é, lady Durwich. Por favor, permita-me apresentar-lhe a Srta. Noirot, uma famosa modista.

Sophia fez uma mesura excessiva, exatamente igual à que oferecera a Valentine, fazendo fitas e laços vibrarem e flores tremerem.

– Ora, ora, hoje não se vê mais isso – disse lady Durwich, enquanto Sophia voltava a se aprumar. – Uma modista, não é? Que nome dá a essa cor, Srta. Noirot?

– *Cendre de rose*, milady.

– Cinza-rosado? – indagou ele.

As duas mulheres lhe lançaram o mesmo olhar de pena. *Pobre tolo*.

– A Srta. Noirot é a modista de Clara – explicou Longmore. – Ela está muito preocupada com o enxoval de minha irmã.

– Pare de falar besteiras – disse a velha senhora. – Eu sei que é difícil para você, mas faça um esforço. Não tenho muito tempo de sobra para ficar desperdiçando. Dez ou vinte anos, no máximo. Talvez seja melhor deixar a moça falar por si mesma.

Ela deixou o monóculo cair no próprio colo e ficou esperando Sophia dizer algo.

– Sem querer me estender muito, milady, ocorreu-me que lorde Longmore, apesar de todas as suas grandes qualidades...

– Oh, você descobriu algumas? – perguntou ele.

– Apesar de todas as suas grandes qualidades – prosseguiu Sophia, inclinando um pouco a cabeça. – Por exemplo, um prodigioso soco, voz de comando e excelente alfaiataria. Esses são apenas alguns

exemplos. Nessas e em muitas outras questões, não se pode achar um defeito em lord Longmore. Entretanto, acredito que não é razoável declará-lo uma pessoa dotada de dons de tato e persuasão. E suspeito que lady Clara irá precisar de uma grande dose de persuasão.

– Isso é verdade – concordou lady Durwich. – Cheguei a pensar que ela não estava muito boa da cabeça.

Uma criada entrou, trazendo chá. Seguiu-se um silêncio, enquanto lady Durwich cumpria seu papel de anfitriã. Embora não tivessem tempo a perder, Longmore imaginou que a senhora não recebia muitas visitas – pelo menos não de jovens. Apesar de estar ansioso para conseguir informações e ir embora, sabia que seria grosseiro de sua parte apressar a visita.

O problema, porém, foi que a senhora achou Sophia muito mais interessante do que as dificuldades de Clara. Isso não foi de surpreender, uma vez que Sophia estava usando todo o seu encanto.

Quando lady Durwich, conversando com tranquilidade enquanto bebiam chá e comiam sanduiches, perguntou se Sophia já havia caminhado pelo palácio, ela logo deixou de ser a sofisticada costureira francesa e voltou a ser uma animada menina inglesa.

– Lord Longmore mal me deixou admirar o ambiente – contou ela. – Eu parava toda hora, boquiaberta, como uma criança. Que maravilha deve ser para a senhora o fato de viver aqui. Eu não sabia que havia gente aqui, quer dizer, além da criadagem.

– Meu Deus, por onde essa menina tem andado? – indagou lady Durwich. – Nunca ouviu falar dos apartamentos cedidos aos súditos do rei por serviços prestados?

– A Srta. Noirot vivia em Paris até pouco tempo – explicou Longmore.

– Meus pais eram ingleses – completou Sophia. – Mas, sim, passei a maior parte da vida em Paris. Sou uma pessoa da cidade, como pode ver.

– A Srta. Noirot me contou que é a primeira vez que vai a um local tão distante de Londres – disse Longmore.

– E agora que já vi o campo, fico pensando na coragem de lady Clara de ter vindo até aqui sozinha – comentou Sophia. – As estradas são boas, mas é preciso parar para comer, além de lidar com os rapazes das estrebarias e coisas do gênero. É preciso pagar os pedágios e ter cuidado para não pegar um caminho errado. Não é como em Londres. Ela devia estar bastante desesperada para ter coragem de fugir.

– Ela sempre foi uma garota muito obstinada – disse lady Durwich. – Embora as pessoas achem que ela não é.

– De uma beleza angelical – acrescentou Longmore. – Seus pretendentes escrevem os poemas mais imbecis sobre ela. Não a conhecem nem um pouco.

– Eles a subestimam – esclareceu Sophia. – Como é tão linda, acham que não tem cérebro.

– Ela é mulher – alegou Longmore. – Para que ela precisa de cérebro?

– Para lidar com homens que não têm um – rebateu Sophia. – Não é fácil. – Ela se virou para lady Durwich. – Milady, se a senhora puder nos contar tudo o que se lembra da conversa que teve com ela, talvez consigamos uma pista de seu paradeiro.

Essa conversa não ia ter fim. Longmore se levantou e foi até a janela. Como o apartamento era composto de um grande número de quartos no andar térreo e aquela janela era voltada para o norte, direção do caminho por onde vieram, ele não tinha muito com o que se distrair: uma passagem de pedras abaixo e uma parede que subia por mais três andares, bloqueando a luz do dia.

Velhas senhoras eram tagarelas e esquecidas. Raramente contavam uma história na ordem certa, sempre davam voltas. Em poucas horas, escureceria. Mesmo assim, Sophia e ele poderiam viajar à noite, desde que o tempo não voltasse a lhes pregar uma peça.

Ele ouviu o máximo que pôde da conversa entre as duas mulheres. Não foi uma tarefa muito fácil. Sua mente ficou vagando por atalhos, recantos e fendas, como aquelas ali, na parte mais antiga do palácio.

Ele pensou nos cabelos de Sophia descendo pelas costas e por cima dos seios, os longos cachos se enrolando e assumindo um tom dourado enquanto secavam... Os contornos de seus seios sob a tênue camisola de musselina...

Isso foi muito mais agradável para ele.

Entretanto, Longmore se sentia sufocado. A sala podia ser muito aconchegante e aquecida, mas os apartamentos em Hampton Court eram notoriamente decrepitos, escuros e úmidos. Quinquilharias acumuladas havia décadas abarrotavam o local. Às suas costas, as vozes das mulheres estavam baixas, enquanto conversavam como velhas amigas.

Ele não tinha nenhuma utilidade ali. Enquanto as mulheres fuxicavam, ele poderia fazer perguntas aos funcionários. Poderia procurar Fenwick e saber o que ele descobrira. Estava prestes a pedir licença para sair quando lady Durwich gritou:

– É isso! Eu sabia que você me parecia familiar. Agora já sei! Esses olhos. Esses são os olhos dos DeLuceys. Eu os reconheceria em qualquer lugar.

Sophia percebeu quando Longmore se virou da janela, com o olhar curioso, e sorriu educadamente para lady Durwich.

– A senhora não é a primeira a dizer isso.

– É claro – disse a velha senhora. – Ninguém se esquece desses olhos. Mas eu precisei de alguns instantes para fazer a conexão. O antigo conde de Mandeville era grande amigo do meu marido. E havia Eugenia, a viúva lady Hargate. Seu filho mais velho, Rathbourne, casou-se com uma moça do lado menor da família – o lado ruim. A filha de lady Rathbourne era a preferida de Eugenia. Eu vi a moça no funeral dela. Você se lembra de ter conhecido lady Lisle, Longmore? Uma ruiva muito bonita. Esses não são os olhos dos DeLuceys?

A expressão de Longmore mudou muito pouco, mas o suficiente para Sophia perceber. Ela notou a mudança de sua postura: um grau mais alerta, como um lobo farejando alguma coisa.

– Ah, sim, o lado ruim dos DeLuceys – comentou Sophia, com um tom de divertimento. – Já me contaram que a maioria deles vivia fora do país. Não é de todo impossível que um de meus ancestrais tenha sido um bastardo.

Desde o instante em que chegaram a Londres, Sophia e as irmãs sabiam do risco que corriam. Marcelline podia enganar com facilidade, pois era parecida com o pai, mas Sophia e Leonie haviam herdado os olhos da mãe: grandes, de um azul vívido, que até uma senhora perto da nona década de vida era capaz de identificar.

O “lado ruim” dos DeLuceys – mais conhecidos na Inglaterra como os Terríveis DeLuceys – ainda era, com boas razões, alvo de desconfiança na melhor das hipóteses, e de ódio, na pior delas. Marcelline, Sophia e Leonie eram as últimas daquele ramo da família, até onde sabiam. A cólera havia aniquilado todo o resto.

– A maioria de nós pode dizer o mesmo – disse lady Durwich, pegando o monóculo e analisando

Sophia outra vez.

Sophia encarou o escrutínio com tranquilidade. Anos nas mesas de carteador lhe haviam proporcionado tal habilidade – isso para não mencionar a experiência atendendo às clientes mais insuportáveis.

– Sem querer interromper os fascinantes mexericos sobre os velhos tempos – disse Longmore –, mas preciso alertá-las para o fato de que o dia está passando e ainda não descobrimos aonde Clara foi depois que saiu daqui.

– A impaciência da juventude... – comentou lady Durwich. – Falei a mesmíssima coisa à Clara. Ela não explicou o que a fez sair do salão desacompanhada com Adderley, entre tantas outras coisas. Suspeito que a culpa pelo ocorrido não tenha sido dele.

– Como não, quando foi ele quem arrancou metade da roupa de Clara? – indagou Longmore.

– Na verdade, não foi bem isso o que aconteceu – disse Sophia. – Ele apenas abaixou um centímetro do decote do vestido, estragando as delicadas pregas do corpete.

Sabendo que detalhes da costura de um vestido deixariam Longmore nervoso e tiraria os DeLuceys de sua mente, ela prosseguiu:

– O decote era bem baixo, milady, as pregas se cruzavam na frente em dobras estreitas. Nós bordamos coroas de rosas de musgo, com brotos, caules e folhas, percorrendo todo o acabamento inferior da saia e subindo na frente. Ela usava um broche de esmeraldas para combinar com a folhagem bordada. Nós o colocamos bem baixo. – Sophia indicou a área entre seus seios, correspondente ao local onde o broche fora colocado. – Isso permitiu uma bela exposição de um pouco da camisa de baixo, que era de um tecido...

– Sim, sim, acho que lady Durwich já leu sobre a infinidade de detalhes no *Spectacle* – interrompeu-a Longmore. – Como todos nós.

– Eu estava apenas mostrando que lady Clara pode ter parecido, aos seus olhos de irmão, estar em um estado de maior descuido do que era o caso – explicou Sophia.

– Que diferença faz se foi pouco ou muito? – indagou Longmore. – Ela estava sozinha com ele, que abriu o vestido dela e ainda fingiu ser nobre, tentando esconder o fato, quando sabia que não podia ser escondido.

– Ah, mas se ele fosse mesmo nobre, não teria precisado esconder nada – disse lady Durwich. – Se ele se importasse com ela de verdade, não a teria conduzido para a varanda, em primeiro lugar. Naturalmente eu não disse isso a Clara. Não precisei, aliás, já que lady Bartham jogou isso na cara dela... Clara comentou que já era difícil suportar toda aquela humilhação, mas, vinda de um sujeito a quem despreza, era simplesmente intolerável. Tentei conversar com ela, mas vocês sabem como ela é. Talvez sua avó pudesse tê-la convencido a voltar. Ela sempre soube como fazer isso. Mas, no meu caso, foi como conversar com as paredes. Não sei como essa questão pode ser resolvida. Sei que Clara acredita que não é possível, por isso, só me resta temer por ela.

Capítulo nove

Hampton Court é um palácio real, localizado a uns 20 quilômetros de Londres, erguido pelo cardeal Wolsey e dado de presente por ele ao soberano Henrique... O palácio e seus arredores, que merecem a atenção dos visitantes, são muito acessíveis. Basta pedir educadamente aos guardas locais.

Cruchley, *Imagens de Londres*, 1834.

Muito tempo depois, Longmore estava tentando conduzir Sophia pelo caminho de volta. Ela se demorava para admirar as janelas e as passagens estreitas e olhar para as portas fechadas como se, ao fazê-lo, pudesse enxergar através delas.

– A senhorita teria passado a noite inteira aqui, se eu tivesse permitido.

– Eu só estava tentando obter o maior número de informações possível. Convencer sua irmã a voltar para Londres não vai ser fácil. Preciso entender direito a situação.

Ele não queria entender mais nada. As revelações de lady Durwich, somadas ao discurso de Sophia, haviam deixado Longmore com os nervos à flor da pele. Ele sentiu necessidade de sair daquele lugar e quebrar alguma coisa.

Não tinha mais o desejo de matar Adderley. A morte seria boa demais para ele. O mau caráter precisava levar uma boa surra e ter toda a sua beleza destruída para sempre. Precisava sentir dor pelo resto de seus dias, devido à maneira como ferira Clara.

– Achei melhor não me meter – disse ele. – Assistir a mulheres discutindo *sentimentos* não é meu hobbie favorito. Foi mais útil conversar com os guardas e criados do palácio. Parece que Clara não se abriu muito, a não ser com lady Durwich. Mas Davis conversou com um jardineiro sobre as estalagens locais e ele recomendou a Bear, em Esher. Precisamos partir depressa.

– Eu sei – disse Sophia.

– Então, vamos.

– Estou indo.

– A senhorita está perdendo tempo.

– Estou pensando – comentou ela.

– Não dá para andar e pensar ao mesmo tempo?

– O senhor é sempre tão impaciente?

– Perdemos horas aqui – reclamou Longmore.

– Não muitas além das que sua irmã também perdeu. Ela não pôde viajar no meio da tempestade. Passou a noite em uma estalagem. Ela não precisa deixar o cavalo descansar?

– Mas ela está um dia à nossa frente! – exclamou ele.

– Não acho realmente uma boa ideia partirmos com o senhor assim tão perturbado.

– Não estou perturbado. E, mesmo se estivesse, isso não afetaria a minha condução da carruagem.

– O senhor está *extremamente* perturbado – apontou ela. – Foi pelo que eu disse sobre Clara, não

foi? E pelo que lady Durwich falou. E agora o senhor quer matar alguém. Ou bater em alguém. E não podemos nos dar ao luxo de procurar briga porque se o senhor for preso...

– Eu não serei preso.

Ela se colocou na frente dele, forçando-o a parar. Agarrou as lapelas de seu paletó.

– Preste atenção – falou Sophia. – Eu vou tomar conta do problema de sua irmã.

– A senhorita? Essa situação não vai ter jeito. Eu me iludi achando que teria. Aquele canalha arruinou a vida dela de propósito. Não foi nem por paixão, maldito seja ele. Foi de caso pensado...

– Eu resolvo as coisas com ele – prometeu Sophia.

– A senhorita é mulher! Uma lojista! Que diabo pensa que pode fazer?

– O senhor não tem a menor ideia do que sou capaz.

– Mentir? Atuar? Espionar?

– O senhor é um aristocrata mimado e ignorante. Não sabe nada a meu respeito. Não sabe tudo que já vivi. É uma criança. Um bebê. Um neném gigante, mimado, temperamental, que agride as pessoas quando não consegue o que quer. O senhor... *argh!*

Longmore colocou o braço ao redor da cintura dela, puxando-a com força de encontro a ele.

– Eu sou uma criança? – perguntou.

Sophia se contorceu, mas foi como lutar contra um muro de pedras. Ele baixou a cabeça e seus lábios encontraram os dela. Quando ela se lembrou de se afastar, era tarde demais, porque ele já a estava beijando. Dessa vez, com mais determinação.

Sophia sentiu um calor que chegou até a ponta dos pés. Ela cerrou os punhos. Podia fazer alguma coisa. Podia se defender. Podia lutar com ele. Ela se forçou a bater em Longmore. Bateu em seu peito, mas foi patético. Apesar de toda a força do golpe, duvidava que ele tivesse ao menos percebido.

A boca forte e sem pudores dele era muito calorosa tocando a dela, e ele era muito grande, ardente, intenso e... seguro. Ela podia sentir o cheiro de sua pele, de sua masculinidade. Foi como fumar ópio. O corpo, o cheiro e o gosto dele destruíram a força de vontade e a racionalidade de Sophia.

Ela se entregou por inteiro. Seu corpo se moldou ao dele e seus lábios se abriram. O beijo tornou-se obscuro, profundo e perigoso, todo o resto se apagou, menos os sentimentos. Sensações que ela não conseguia identificar rodopiaram em seu coração, fazendo-o bater com força, provocando um redemoinho que foi descendo até a área mais ousada, deixando-a com uma fome que jamais experimentara.

Suas mãos se abriram apenas para segurar os braços dele, para se apoiar, pois os joelhos não tinham mais forças e ela estava desmaiando. Estava consciente e, ao mesmo tempo, perdendo os sentidos, muitas e muitas vezes.

Ele a empurrou contra a parede, a boca ainda mantendo a dela cativa, enquanto a língua lhe ensinava todos os tipos de pecado. Ela o soltou e se soltou, deixando que a parede a segurasse, as mãos abertas tocando a pedra fria, enquanto todo o resto estava deliciosamente quente. Ele levantou as mãos e também as apoiou na parede, uma de cada lado da cabeça de Sophia, e ela sentiu a inclinação da cabeça dele mudar, virando-se para um lado, enquanto ele lhe ensinava mais cem pecados da arte de beijar: a mudança na inclinação da boca, a pressão da língua.

Ela ouviu um barulho. Alguém pigarreando.

Os olhos dela se abriram na mesma hora, Longmore afastou a boca e, levantando a cabeça ligeiramente, virou-se para o lugar de onde vinha o som.

– Com o perdão de milorde – disse uma voz solene.

Longmore levantou a cabeça mais alguns centímetros, apenas para enviar um olhar de aviso para a tal voz.

– Não está vendo que estou ocupado?

– Sim, milorde, mas...

– Argh! – Sophia empurrou o peito de Longmore. – Maldito seja!

Ela o afastou de novo. Foi como empurrar a parede de um castelo. Ele olhou para baixo, para as mãos enluvadas dela, os olhos escuros brilhando e um canto da boca – aquela boca perversa – contraindo-se.

– Saia de cima de mim! – exclamou ela.

Longmore inspirou e expirou devagar. Em seguida, se afastou. Não foi o suficiente para sua ereção perder força, embora essa fosse a parte mais fácil. O difícil era o pensamento, pois sua cabeça estava agradavelmente turva e calorosa e ele preferia muito mais ficar naquele mesmo estado do que voltar ao anterior.

Estreitando os olhos, ele analisou Sophia. Ela estava um pouco despenteada, seu chapéu estava torto, os lábios inchados, os olhos arregalados e atordoados.

Uma aparência deliciosa.

– Eu só estava me despedindo – disse ele, a voz mais baixa e rouca que de costume.

– É disso que você chama o que fez? – perguntou ela.

– Vou deixar a senhorita aqui – falou ele. – Com milady. As duas podem conversar sobre sentimentos até não suportarem mais.

Ela deu um puxão no laço embaixo do queixo e ele se desfez. Tirou o chapéu e bateu em Longmore com ele. Acertou-lhe o peito e o braço, voltando para o peito. Em seguida, afastou-se e foi embora. O chapéu, balançando e preso às fitas, batia na saia enquanto ela caminhava, balançando os quadris.

– Sem mim, a senhorita vai se perder neste lugar! – gritou ele.

– Acho que não – retrucou ela, sem se virar.

Ele deu de ombros. Estava ajeitando o próprio chapéu quando percebeu que o guarda do palácio ainda estava ali, a poucos passos de distância, sem demonstrar nenhuma emoção.

– Quer alguma coisa? – perguntou Longmore.

O homem olhou na direção de uma janela. Uma silhueta estava visível através do vidro opaco.

– Lady Flinton é um pouco rigorosa, milorde – disse o rapaz, em tom de desculpas. – Ela fica nervosa diante do que chama de atos imorais. Ordenou-me que tomasse providências.

Longmore bateu no chapéu, olhando para a silhueta na janela. Em seguida, foi atrás de Sophia. Como já imaginava, ela havia entrado em um caminho errado. Ele a encontrou na praça, batendo o chapéu na saia e olhando para o astronômico relógio.

– A senhorita não tinha mencionado que me daria uma facada se eu a beijasse outra vez?

O olhar azul, não mais perplexo, porém frio e severo, se deslocou do relógio para ele.

– Eu estava justamente procurando uma faca.

– Devo levá-la até a sala das armas? Lá há todo tipo de lança, arpão e outros objetos perfurantes pendurado nas paredes.

– Sim, por favor.

– Infelizmente, não temos tempo – falou ele. – Precisamos encontrar a minha irmã.

Ele a pegou pelo braço. Não foi tão fácil quanto pensava. A manga do vestido era como uma enorme almofada. Ele teria que segurar a parte inferior do braço... perto do pulso. Longmore sentiu-se tentado a segurá-la pela mão, mas teve medo de que isso o estimulasse outra vez, e eles já haviam perdido muito tempo.

Ele a segurou pela parte inferior do braço e a conduziu para outro caminho. Ela o seguiu docilmente. Isso não era bom. Ele bem que gostaria de ter mais uma pequena discussão com ela. Mas, não, precisavam partir depressa.

– Achei que ia me deixar aqui – disse ela.

– A senhorita me convenceu a não fazê-lo... um momento atrás... quando estava junto à parede, sob a janela de lady Flinton.

– Ah, sim, e por falar nisso...

– Ah, que bom – falou ele. – Vamos *discutir* esse assunto agora.

– É claro que vamos. Eu estava totalmente vestida dessa vez, portanto não tente usar nenhuma das desculpas sobre eu estar quase nua.

– Não preciso de desculpas.

Ela se virou para ele, chocada. Ele já conhecia aquele olhar. Algumas damas já o fitaram dessa maneira. No entanto, Sophia o fazia de uma forma que Longmore achava deliciosa.

– Sua boca não parava de se movimentar – continuou ele. – Por isso tive que fazê-la parar.

– Como é possível que nenhuma mulher o tenha esfaqueado até agora?

– Tenho bons reflexos.

Ela desviou o olhar de novo para o relógio.

– Não me admira que Clara tenha se metido nessa encrenca. É extremamente injusto que um homem que possui ampla experiência se aproveite de uma jovem que não tem experiência nenhuma.

Aquela era a última resposta que ele esperava. E doeu.

– Eu não me aproveitei de ninguém – retrucou ele. – Foi apenas um beijo.

– *Apenas* – repetiu Sophia.

– Eu nem toquei em suas roupas. – Ele havia colocado as mãos na parede: alguma parte de seu cérebro devia estar pensando que deveria fazer isso... manter as mãos longe dela. – É claro que tirar essas roupas levaria umas duas horas. De qualquer maneira, agora que tem alguma prática, será muito mais difícil para homens com ampla experiência aproveitarem-se da senhorita no futuro...

Ainda que tardiamente, o que ela dissera começou a fazer sentido.

– O que a senhorita quis dizer com “não me admira que Clara tenha se metido nessa encrenca”?

– Eu não sou uma mulher protegida – explicou Sophia. – Cresci em uma loja em Paris. Administro um negócio. Supostamente, sou esperta. Ela é uma moça inocente, que sempre teve pessoas que a protegessem. Se Adderley a beijou dessa forma, foi porque ela não teve a menor alternativa. Foi *injusto*.

Longmore não estava se aproveitando injustamente. Ela não era uma mocinha educada com cuidados, protegida do mundo real desde a infância. Era uma costureira – de Paris! – cuja irmã transformara o duque de Clevedon em um completo idiota. Beijá-la não era o mesmo que se aproveitar. Ou era?

– Está querendo me bater de novo com aquele chapéu extravagante? Ou prefere se arrumar e deixar isso para trás, antes de retornarmos à carruagem?

Ela o atingiu com o chapéu. Ele o pegou e caminhou depressa na frente dela. Longmore podia ouvir as solas de couro do sapato dela batendo no calçamento de pedras da rua e o farfalhar das anáguas, enquanto Sophia corria atrás dele.

Permitiu que ela o alcançasse quando chegaram à entrada principal.

O rosto dela estava vermelho e Sophia ofegava.

– Devolva meu chapéu – exigiu ela.

Ignorando a mão estendida de Sophia, ele colocou o chapéu direto na cabeça dela e pegou seu braço para conduzi-la para fora. Ela puxou o braço e correu até a janela mais próxima, que lhe devolveu uma imagem distorcida de si mesma.

– Seu rosto está igual ao de um gárgula – provocou ele.

Ela se aproximou um pouco mais da janela. Em seguida, deu uma boa gargalhada, e as fitas dançaram, os laços tremularam, e ele achou que nunca tinha ouvido nada mais maravilhoso do que aquele som.

Ele sentiu tanto quanto ouviu. Pareceu uma ferroada em seu interior, um sentimento agudo que tocava em um lugar havia muito escondido.

Um momento depois, já havia acabado. A gargalhada se transformou em um sorriso. Ela balançou a cabeça. Em seguida, tirou o chapéu e colocou-o direito, tentando enxergar sua imagem naquele reflexo quase inútil.

Ele veio por trás e ajeitou o chapéu da maneira correta. Ela se virou de frente para Longmore, os grandes olhos azuis brilhando com uma expressão que alertou algum instinto dentro dele e o deixou desconfiado.

Longmore não parou para descobrir o que era. Simplesmente ficou mais cauteloso. Ele amarrou as fitas do chapéu. Em seguida, saiu do alcance daquele cintilante brilho azul dos olhos de Sophia.

– Vamos embora – disse ele.



Ninguém precisava dizer a Sophia que um beijo não significava nada para o conde de Longmore. Além de ser homem, não era famoso por ser celibatário ou fiel.

Para ela, porém, fora uma experiência de aprendizado surpreendente. Durante grandes períodos de tempo, ela nem sequer se lembrara da Maison Noiroit ou de roupas, exceto quando se dava conta de que estava com roupas demais.

Se isso acontecesse o tempo todo com os homens, ela jamais poderia ter um namorado: não teria tempo nem cabeça para pensar na loja. Como será que Marcelline conseguia? Ela tinha uma mente mais forte? Ou seria o casamento? Talvez o matrimônio tivesse um efeito calmante.

Era difícil imaginar um destino mais terrível do que se casar com Longmore. Era ruim sob tantos aspectos... Sophia teria que se acalmar de alguma maneira. Mesmo agora, ela precisava fazer um grande esforço para trazer os pensamentos de volta para lady Clara e a parte mais simples da situação: para onde ela estaria indo?

A resposta chegou quando estavam na estrada, a poucos quilômetros de Hampton Court, na estalagem Bear, em Esher. Era uma estalagem grande e movimentada. Quando chegaram, várias carruagens estavam saindo do local. Dirigiam-se a Londres, segundo Longmore explicou.

– As carruagens chegam mais ou menos à mesma hora. A senhorita talvez as tenha notado quando estava me esperando no café Gloucester. Ou talvez não tenha percebido, uma vez que estava cercada por homens que tentavam atrair a sua atenção.

– Não se aflija por causa daqueles homens, milorde. Eu só tinha olhos para o senhor.

– Pelo menos a senhorita tem bom gosto.

E esse foi o fim daquela conversa, pois precisavam abrir caminho por entre muitos veículos. Quando Longmore parou a carruagem, Fenwick logo desceu e foi para perto dos cavalos.

De repente, Sophia se deu conta de que o garoto – um menino de rua tão travesso – fazia isso a todo instante, desde o começo.

– Ele faz isso com muita facilidade – comentou Sophia, enquanto descia. Ela olhou para Longmore. – O senhor deixou seus cavalos aos cuidados dele ontem, na Bedford Square. Isso é comum?

– Há sempre garotos que aparecem, desejando cuidar dos cavalos em troca de uma moeda – explicou ele, enquanto a conduzia até a estalagem. – Mas a própria senhorita comentou como ele pulou depressa e sem barulho na traseira de minha carruagem para me roubar. Parece que ele já teve experiência em algum estábulo ou uma cocheira. Não que possamos tirar dele algum tipo de informação. Para isso, precisaríamos torturá-lo.

– Fique longe dele. Não toque um dedo em Fenwick.

– Eu nem sonharia com uma coisa dessas. Mas o meu criado, Reade, mataria o garoto enquanto ele estivesse dormindo. É um sujeito muito possessivo. Agora mesmo, aposto que está tramando contra Fenwick por ter usurpado o seu lugar.

Quando entraram na estalagem, a conversa foi interrompida por vários grupos que entravam e saíam. Em poucos minutos, porém, as carruagens que iam para Londres já haviam saído, o tumulto havia acabado e Longmore pôde chamar o proprietário e lhe contar a história da bolsinha esquecida.

Apesar de todo o movimento da estalagem, o estalajadeiro não teve dificuldades para se lembrar do cabriolé com as duas damas. Ele até mostrou a anotação no livro de entrada: elas haviam assinado como Sra. Glasgow e Srta. Peters. Sophia reconheceu a letra elegante de Clara. Davis, que provavelmente não tinha o hábito de assinar nada, havia escrito o nome falso com letras rígidas e quadradas, que não poderiam ser mais reprováveis.

– Elas partiram no meio da manhã – disse o estalajadeiro. – Em direção a Portsmouth.

– Maldição! – exclamou Longmore.



– Logo em Portsmouth? – disse ele, quando estavam, mais uma vez, a bordo da carruagem. – Uma cidade naval! Cheia de bordéis, marinheiros bêbados e todo tipo de cafetão e cafetina procurando por vítimas. E navios que vão para qualquer lugar do mundo!

Isso era bem pior do que o fato de Clara estar sozinha na estrada. Ele sentiu o pânico tomar conta de seu peito. Conseguiu se controlar.

– Ela não pode sair do país – comentou Sophia.

– Ela não sabe disso. E vai tentar conseguir em um lugar repleto de vigaristas e cafajestes, loucos para tirar vantagem de uma mulher ingênua. Eles a verão chegar a um quilômetro de distância, uma

mocinha indefesa e inexperiente.

– Ela não está sozinha – lembrou Sophia. – Davis está com ela. Qualquer um que quiser chegar à lady Clara terá que passar por ela. Davis pode ter cedido à choradeira da patroa, mas foi com ela para protegê-la.

– Uma mulher! – exclamou Longmore.

Ele não precisou olhar. Sentiu a ferroada, algo no ar lhe dizendo que a havia provocado. De novo.

– Por que o senhor pressupõe que todas as mulheres são fracas?

– Porque elas são. Consigo levantá-la com apenas uma das mãos. A senhorita consegue me levantar, mesmo com as duas?

– Esse não é o único tipo de força que existe – explicou ela.

– Ela serve a uma mulher. Está no topo da escada da criadagem. Não precisa levantar nada pesado.

– Ela está acordada o tempo todo. Quando não está servindo à sua patroa, está costurando, lavando, retirando coisas, levando-as embora. Se milady fica doente, é a criada quem faz o trabalho sujo de cuidar dela, enquanto médicos e mães dão ordens. A criada sobe e desce escadas correndo dia e noite, buscando e trazendo coisas. Ela fica de olho nos criados inferiores a ela, assegurando-se de que tudo será feito da maneira adequada. Uma pessoa fraca não sobreviveria a metade de um dia desse.

Longmore olhou para as cabeças dos cavalos. Nunca havia pensado na mulher que cuidava de sua irmã. Para ele, era apenas uma pessoa comum, cuja expressão o fazia se lembrar de um buldogue.

– Concordo que ela seja forte. Mas não se pode negar que seja apenas uma mulher.

– Uma mulher admirável – enfatizou Sophia. – Lady Clara estava em uma situação mais perigosa com lorde Adderley do que está agora, com os marinheiros devassos de Portsmouth.

– É óbvio que a senhorita não conhece bem os marinheiros.

– O senhor não faz ideia... – disse ela.

– Então, por favor, instrua-me.

– Sou uma modista. Uma costureira. Todo mundo sabe que somos alvos fáceis.

– A senhorita não parece saber disso. É incrivelmente voluntariosa.

– Eu estava sendo irônica – retrucou Sophia.

– É melhor não ser. Tenho dificuldades de compreensão.

– Além disso, tenho meus motivos para ser voluntariosa, os quais, aliás, já lhe expliquei na noite de ontem. Ou também não compreendeu isso?

– Eu não estava prestando muita atenção.

– O senhor vai me obrigar a machucá-lo.

– Vai precisar de um tijolo – alfinetou ele.

– Minha pontaria é excelente.

Eles passaram por Cobham Gate, onde ficaram sabendo que o cabriolé havia estado ali no dia anterior.

O sol estava se pondo no horizonte. A noite cairia perto das oito horas. Ainda tinham um longo percurso até Portsmouth, mais de 80 quilômetros. Graças à época do ano e à lua, não seria uma viagem totalmente na escuridão, se o tempo não se voltasse contra eles mais uma vez.

Longmore não pretendia parar, mesmo que um furacão aparecesse.

Ele olhou para Sophia. O chapéu havia murchado um pouco. As fitas estavam tortas e as flores já não

pareciam mais tão vivas quanto antes. Mas isso já era esperado, depois que ela tentou bater nele com o acessório. Ele sorriu ao lembrar.

Sophia era um maravilhoso antídoto contra a melancolia.

– Conte-me sobre os marinheiros – pediu ele. – A senhorita entornou chá quente neles? Fez com que tropeçassem nas próprias espadas?

– Sabia que é possível matar uma pessoa com um alfinete de chapéu?

– Não sabia. Está falando por experiência própria? Já matou alguém? Não que eu tenha a audácia de criticá-la por isso.

– Só feri uma pessoa – respondeu ela. – Houve um capitão que gritou como uma mocinha e desmaiou.

– Que pena que a senhorita não treinou minha irmã.

– Alguns poucos truques não resolveriam o problema. Ela precisaria de uma vida inteira de experiência, e mesmo assim poderia cair em uma armadilha. Adderley é um homem bonito e tem a atitude de um vencedor. Mas lady Durwich acha que sua irmã estava tentando provocar ciúme em outro homem. Ou então devia estar chateada com alguém. Talvez *ela* estivesse com ciúme e fosse um caso de “vou lhe dar o troco” ou de “eu também sei fazer isso”...

– É sempre assim? A sua mente assoberbada nunca descansa?

– Se não fosse pela imaginação, Marcelline, Leonie e eu não estaríamos aqui hoje. O senhor não precisa pensar nessas coisas. Os homens mandam no mundo e o mundo é feito de acordo com a conveniência dos aristocratas. Mas as mulheres precisam imaginar, sonhar. Até lady Clara. Nós a ensinamos a sonhar e a ousar um pouco. Eu me recuso a sentir culpa por isso, mas eu era tipo um Pigmaleão, sabe? E devia ter...

– Alusões aos clássicos – comentou ele. – Clevedon faz isso o tempo todo. Agora, você. Quem era esse tal de Pigmaleão, afinal?

– O escultor que criou uma bela estátua e...

– Ah, aquele. Sei, ela ganhou vida.

– Isso mesmo.

– Como a senhorita sabe dessas coisas? – indagou Longmore. – Quando uma lojista encontra tempo para aprender quem era Pigmaleão? Onde aprende a falar com esmero?

Ela lançou um olhar educado avaliando Longmore: um olhar que deixou seu lindo rosto perplexo.

– O senhor não acha surpreendente quando um cavalheiro sabe falar, ler e escrever em três ou seis línguas, fazer discursos no Parlamento, executar experiências científicas, escrever tratados de botânica e fundar ou ajudar meia dúzia de instituições de caridade? Nunca se pergunta onde ele encontra tempo para isso? Eu me pergunto. Vejamos, por exemplo, o Dr. Young.

– Nunca ouvi falar dele.

Ela deu as explicações.

O sujeito tinha morrido havia poucos anos. Fora um prodígio. Médico do hospital St. George. Membro ativo da Real Sociedade de Londres para o Melhoramento do Conhecimento Natural. Escreveu sobre geologia e terremotos, sobre luz e cálculos de seguro de vida e harmonia musical. Ajudou até a decifrar a Pedra de Roseta.

A mente de Longmore retornou à conversa com lady Durwich e o que ela dissera sobre os Terríveis DeLuceys. Lembrou-se de lady Lisle, que havia passado a maior parte de sua vida de casada viajando

com o marido pelo Egito. Uma mulher carismática, que exalava uma energia semelhante à de...

Ele se voltou para analisar Sophia... e descobriu Fenwick dependurado na capota.

– O que você pensa que está fazendo? – perguntou Longmore, zangado.

– Ouvindo – respondeu o garoto. – As coisas que os nobres ficam *falando*.

– Falando – corrigiu Longmore automaticamente.

– *Falando* – repetiu Fenwick. Ele descansou os braços cruzados sobre a capota, colocando-se em uma posição mais confortável. – Eu gosto de ouvir histórias. Como é aquela sobre o leão?

– Pigmaleão – disse Sophia.

Ela contou a história ao menino, sem economizar nos adjetivos e advérbios. Isso levou vários quilômetros. Em seguida, contou outras histórias: Atalanta e as maçãs, Ícaro e suas asas, Ulisses e suas viagens.

Ouvi-la naquele momento foi uma experiência diferente de ler as histórias dela sobre roupas. Quando narrava, Sophia assumia as características dos personagens. Ela enfeitiçou não apenas o menino, mas também Longmore, que se esqueceu totalmente de lady Lisle.



Ninguém poderia acusar lorde Longmore de ser um prodígio intelectual. Entretanto, ele era um homem sensível, capaz de mergulhar em uma ideia e não abandoná-la. Sophia havia lidado, sem dificuldades, com as referências de lady Durwich aos DeLuceys. Distrair Longmore também não seria difícil.

Ela sabia que ele não se importaria nem um pouco por ela ser uma Terrível DeLucey. Ele não se importaria se os Noirots também tivessem má reputação. O problema era justamente este: como ele não se importava, poderia não achar relevante guardar segredo. Se ela pudesse tirar essa história da mente dele, onde achava que não havia espaço de sobra, ele não faria conjecturas em voz alta para nenhum de seus amigos.

A *Odisseia* os embalou por duas trocas de cavalos. Foi então que Longmore decidiu que ela parecia cansada e faminta. Enquanto consumiam uma refeição rápida em uma estalagem, ele a mandou descansar.

– A lua já surgiu desde o início da tarde – disse ele. – Ela vai desaparecer nas primeiras horas da manhã. Preciso me concentrar em conduzir a carruagem... e as fantásticas aventuras dos heróis gregos desviam a minha atenção. Além disso, Fenwick precisa dormir.

Ele manteve os cavalos em um ritmo mais firme e deixou-os galopar sobre os trechos planos. De vez em quando, mostrava lugares importantes que apareciam pelo caminho, alguns parecendo fantasmagóricos à luz da lua, como o anfiteatro Devil's Punch Bowl ou as forcas nas laterais da estrada.

Entretanto, boa parte da viagem fora feita em agradável silêncio. Por duas vezes ela acordou e descobriu que adormecera no ombro dele. Esse não era um feito qualquer, considerando que nenhuma viagem nesse tipo de veículo era suave.

Na segunda vez que acordou, ele riu.

– Eu sabia que a senhorita estava muito cansada.

– É o balanço – explicou ela.

– Pode dormir mais, se quiser. Ainda temos um bom caminho a percorrer. Só espero conseguir chegar

a Portsmouth antes que a lua se ponha. Não quero atravessar estradas que não conheço em plena madrugada.

Capítulo dez

O visitante ficará realmente feliz se tiver a sorte de estar na plataforma quando um navio de guerra de primeira linha estiver zarpando do porto. Ele poderá apreciar esse majestoso castelo deslizando sobre as águas, ouvindo o som surpreendente de suas armas, enquanto, de passagem, saúda a bandeira da guarnição.

Novo guia de Portsmouth, Southsea, e das ilhas de Anglesey e Hayling, 1834.

A lua estava se escondendo quando eles chegaram a Portsmouth. Para se hospedar, ele podia escolher entre a Fountain e a George, as duas estalagens mais importantes, de onde também saía o Correio Real. Além disso, esses dois locais haviam sido recomendados à criada de Clara.

Após enviar Fenwick para conversar com os criados e o pessoal da estalagem, Longmore conduziu Sophia para o interior da estalagem. Ele sabia que teria que se basear principalmente nas informações de Fenwick, pois o estalajadeiro de uma cidade tão movimentada – ainda acordado e em atividade, mesmo àquela hora – provavelmente não se lembraria das duas mulheres. Se Clara se comportou normalmente, ela ficou mais distante, deixando que Davis alugasse o quarto, cuidasse das refeições e de afazeres do tipo. Mulheres comuns, em geral, não chamavam a atenção.

O estalajadeiro não se lembrava de duas mulheres viajando juntas e seu livro de entrada confirmou isso.

– É melhor pararmos – disse ele a Sophia. – Não podemos fazer muita coisa a essa hora.

– Mas o senhor disse que o sol logo nasceria.

Sophia pegou seu relógio, que estava dependurado no cinto do vestido.

– E a senhorita está toda desmantelada, parecendo o demônio em pessoa. Precisa dormir.

– Eu dormi na carruagem – contestou ela.

Sophia havia dormido recostada no ombro de Longmore, os enfeites bizarros do chapéu batendo do queixo dele a todo instante. Ela ia caindo aos poucos e, em certo ponto, acordava num sobressalto.

Ele achou isso adorável – um pensamento estranho de se ter em relação a Sophia, mas foi o que aconteceu. Ela era uma moça complicada, e isso era o que a fazia tão interessante. Isso e a deliciosa boca, o cheiro e o corpo perfeito.

– Não foi um sono adequado e reparador. O fato é que a senhorita está mesmo com péssima aparência.

Ignorando os muitos protestos, ele pediu um quarto para ela, além de uma refeição. E uma criada. Alguém precisava tirá-la daquelas roupas e colocá-la na cama. E era melhor que não fosse ele, ou ninguém conseguiria repousar.



Sophia só se lembrava ligeiramente do que acontecera após chegarem à estalagem. O cansaço havia

tomado conta dela, como uma onda. Estava exausta. Mal conseguia manter os olhos abertos, quanto mais continuar a discutir com Longmore.

Ela se lembrou dos cuidados dele, dando ordens a todos, insistindo em conseguir uma criada. Sophia só se lembrava da criada conversando e de Longmore exigindo que uma refeição leve fosse enviada ao quarto dela. Sophia a comeu, surpresa ao descobrir quanto estava faminta. Ela se lavou e se despiu com a ajuda da criada que, considerando-se que era tarde da noite, fora extremamente gentil e paciente. Longmore deve ter dado uma grande gorjeta à moça.

Apesar do enorme cansaço, Sophia não tinha expectativas de que iria pegar no sono. Quanto mais tempo procuravam, mais ansiosa ela ficava em relação à lady Clara. Ela convencera Longmore de que a irmã estava em segurança sob os cuidados de Davis, mas não convencera a si mesma.

Mas deve ter adormecido, uma vez que acordou horas depois. Estava tão tonta que levou algum tempo para se dar conta de que alguém batia à porta. Ela se forçou a levantar, o coração acelerado, e viu o sol da manhã entrando pela janela. Por quanto tempo teria dormido?

Saiu da cama com dificuldade e vestiu o roupão, que havia sido deixado em uma cadeira.

– Onde está a maldita criada? – indagou, impaciente, Longmore do outro lado da porta.

Sophia correu até a porta e a abriu. Longmore estava no corredor, completamente vestido, com as mesmas roupas do dia anterior. Será que não dormira? Por certo não havia feito a barba. A sombra de pelos que cobria seu queixo o fazia parecer ainda mais perigoso.

– Clara está aqui – revelou ele.

– Aqui! Na estalagem?

– Não. Mas ela ainda não saiu de Portsmouth. Eu não devia tê-la acordado desse jeito...

– O senhor não deveria era ter me deixado dormir.

– Não se preocupe com isso. Preciso de sua ajuda. As pessoas ficam desconfiadas quando um homem aparece em busca de uma jovem. Acabam não sendo tão sinceras. Fenwick não tem o seu charme para extrair informações e eu estou tendo trabalho para controlar meu temperamento.

– O senhor andou investigando sem mim? – perguntou ela, com ar de reprovação.

Longmore atravessou a soleira da porta. Ela deu dois passos para trás. Ele olhou para os pés dela. Ela fez o mesmo. Estavam descalços.

– Onde estão seus chinelos? – perguntou ele.

Sem esperar pela resposta, Longmore foi até a cama, encontrou os chinelos e indicou uma cadeira. Ela se sentou.

– Eu posso colocá-los sozinha...

– A senhorita nem está acordada direito.

Ele se ajoelhou, pegou o pé de Sophia e o deslizou para encaixá-lo no chinelo. Fez uma pausa, a mão ainda no pé dela, e olhou-a por um tempo que pareceu longo demais.

– Estou acordada. Posso fazer isso.

Ele saiu do transe e calçou nela o outro chinelo.

– Não é bom andar descalço em hospedarias públicas – disse ele.

– Eu não estava andando... e o senhor não devia ter feito investigações sem mim.

– Mas a senhorita precisava dormir. Não para nunca, então não descansa o suficiente.

– Eu sou uma mulher que trabalha.

– Mas precisa parar com isso.

– *O quê?*

– Tudo isso é um absurdo – disse ele. – Sua irmã casou-se com um duque. Eu disse a Clevedon...

– O que o senhor disse a ele?

– Vamos deixar isso para lá por enquanto.

– É claro que não vamos.

– A senhorita quer encontrar Clara ou quer discutir?

– De preferência, as duas opções.

– Não me provoque. Não tenho tempo para estrangulá-la. Fenwick e eu acordamos muito cedo...

– *Sem mim.*

– Sem a senhorita. Alguma arma infernal foi disparada. Fui informado de que isso acontece duas vezes por dia, quando o sol nasce e quando se põe. Depois disso, não vi sentido em tentar dormir. Levei Fenwick às docas. Demorei um bom tempo até encontrar a área que queria, mas acabei achando. Descobrimos quais navios haviam zarpado desde a hora em que Clara poderia ter chegado. Estamos quase certos de que ela não estava a bordo de nenhum deles, mas posso explicar isso mais tarde. Só vim aqui para apressá-la.

– Muito bem.

Ela se levantou da cadeira e foi cambaleando até o lavatório. Como foi acordada de maneira tão repentina, ainda estava confusa. Encheu a bacia de água e lavou o rosto. Isso melhorou a situação. Ela estava secando o rosto quando viu o dele pelo espelho.

– Dá para se apressar um pouco? – disse Longmore.

– Vou levar pelo menos meia hora sem a ajuda de uma criada.

– Não sei aonde ela foi ou o que está fazendo. Só sei que, quando pedi alguém há alguns minutos, me disseram “agora mesmo”. Isso pode significar horas. Esse lugar é uma loucura. A maioria dos criados parece estar no salão de refeições, correndo de um lado para outro, servindo o desjejum.

Ele sinalizou para o vestido que ela usara no dia anterior, o qual a criada havia arrumado cuidadosamente sobre uma cadeira.

– Jogue o vestido por cima do corpo e pronto. Não vamos a nenhum desfile de moda.

– Não posso jogar o vestido assim! Como pode ser tão primitivo?

– Sem nenhuma dificuldade. Isso não exige esforço.

Mais tarde, quando tivesse tempo e pudesse enxergar direito, ela pretendia acertá-lo com algo mais pesado que um tijolo.

Sophia achou a camisa de baixo e as anáguas e espalhou-as sobre a cama. Cansada e irritada – e talvez por ser quem ela era e não poder resistir a brincar com fogo –, ela tirou o roupão e, em seguida, a camisola.

Ela teria feito a mesma coisa se estivesse com as irmãs e precisasse se apressar para ir a algum lugar. Mas tinha plena consciência de que não estava com as irmãs.

– Que praga!

Ela olhou para trás enquanto vestia a camisa. Ele havia se virado de costas para não testemunhar a nudez dela. Foi uma atitude engraçada. O estado de espírito de Sophia elevou-se um pouco.

– O senhor poderia tentar trazer uma criada – pediu Sophia.

– De jeito nenhum.

– Então fique olhando. Não me importo. Não sou recatada.

Isso não era mentira. Só porque ela fazia roupas para viver não significava que tivesse vergonha de não vestir nada. Mesmo na frente dele. Ou melhor, *principalmente* na frente dele. Afinal, ela era uma Noiro.

– Não estou olhando – disse ele. – Também não sou recatado, mas preciso manter minha cabeça fria. Por Júpiter, a senhorita é o diabo em pessoa.

Ela vestiu a calçola e amarrou as fitas na cintura. Ajeitou a anágua e a amarrou. Posicionou o corpete sobre a cama e começou a passar a fita.

– Por que está demorando tanto? – indagou ele, virando-se. – Mas que diabo a senhorita está fazendo?

– Este é um dos corpetes novos. É possível colocá-lo sozinha. Mas a criada não entendeu como funcionava e eu estava cansada demais para explicar com clareza. Ela tirou as fitas e agora preciso...

– Eu posso fazer isso. Na verdade, sou muito bom nisso.

– Por que essa informação não me surpreende? – perguntou Sophia.

Ela passou o corpete pela cabeça e os braços pelas alças. Puxou a peça para baixo e colocou-a sobre o torso. Enquanto ia ajustando as fitas, Longmore se aproximou por trás dela.

– A pessoa deixa o corpete amarrado na parte de baixo. Em seguida, é só puxá-lo para cima e apertá-lo na frente.

– Muito engenhoso – comentou ele.

– Mas a criada desamarrou o nó e o desfez da maneira usual.

– Eu percebi.

Sophia tinha consciência das mãos dele na base de suas costas, amarrando o laço. Ela o sentiu passar as fitas pelos ilhoses, ajeitando-as, enquanto ia subindo pelas costas, puxando com o grau de firmeza exato. Ele sabia mesmo fazer isso. Quantas mulheres já teria desamarrado?

O toque das mãos dele em suas costas estava tépido. A respiração de Longmore também. Os finos pelos de sua nuca se arrepiaram.

Quando ele terminou, não se afastou por completo. As mãos estavam descansando sobre os quadris. Ela podia sentir o calor daquele corpo grande – ou seria o calor do próprio corpo? Ele ficou tão perto que ela só precisaria se inclinar um pouquinho para trás...

O coração de Sophia estava a mil por hora e o anjo mau em seu interior nublava sua mente, impelindo-a a se inclinar aquele pouquinho. *Você não deseja essas mãos hábeis sobre você, sobre a sua pele?* Ele parecia sussurrar. *Não deseja esse corpo vigoroso sobre o seu?*

Então, a voz baixinha, aquela que a prima Emma havia incutido, argumentou em seguida:

E o que acontecerá ao seu poder se você sucumbir a isso?

Ela já havia cedido aos seus demônios interiores e brincado com fogo: tirara as roupas e deixara que ele a visse nua. Era uma irresponsabilidade louca – até mesmo para Sophia – esquecer-se dos motivos que a levaram até ali.

Lady Clara.

Tudo dependia dela. A loja. Seu futuro. Um sucesso ou um fracasso humilhante. A dona da Trapos triunfando sobre elas, rindo delas. Com temperança, convocou toda sua força de vontade.

Ele a virou e tirou as mãos dela do corpete. Deu mais um puxão bem firme e amarrou o laço na parte frontal. Sophia se afastou e pegou um de seus enchimentos de mangas.

– Meu Deus, isso é necessário? – perguntou ele.

Sua voz era baixa, rouca, daquele tipo perigoso que fazia a mente dela ficar turva. Ela olhou para cima. Longmore passava os dedos pelos próprios cabelos.

– O senhor notou o tamanho das mangas de meu vestido? Sem o enchimento, vai parecer que tenho saias penduradas nos braços. – Ela escorregou o braço no meio de um dos enchimentos. – O senhor disse que as pessoas desconfiaram de suas intenções. Já se olhou no espelho hoje? Pelo menos um de nós tem que se apresentar sem parecer um desregrado. E não vou demorar. Isso é uma invenção de Leonie.

– Vocês são todas muito criativas.

Ela começou a amarrar a fita superior na alça do corpete.

– Para que serve essa cordoalha tão complicada?

– Isso é o que suas *chères amies* que andam na última moda usariam – explicou ela, com paciência. – Embora eu duvide de que as roupas delas sejam tão bem-feitas quanto as minhas. E elas também não iriam tão longe, ao perigoso extremo da última moda.

– Deixe-me fazer isso. A senhorita pode ser muito flexível, mas eu posso enxergar melhor o que estou fazendo.

Enquanto ele amarrava os enchimentos, ela ajustou as braçadeiras por cima das mangas da camisa e alisou suas beiradas. Quando Sophia pegou uma das meias, ele deu um passo para trás, mas não se virou de costas. Ela tinha plena consciência do olhar dele fixo em seu corpo, enquanto colocava as meias e as prendia com as ligas.

Assim que terminou, ele pegou o vestido e o fez deslizar pela cabeça dela. Quando tentou passar os braços de Sophia, ele esbravejou:

– Maldição, não tem lugar para passar. É como enfiar um travesseiro por um buraco de fechadura.

– Aperte as mangas para que diminuam e passem. Os enchimentos ficam mesmo um pouco amassados quando o vestido passa. Mas é preciso fazer isso com cuidado.

– Nunca vi uma roupa mais incoerente em toda a minha vida – comentou ele.

– Não é tão difícil – disse ela. – Tenha calma.

– É fácil falar.

Era mesmo. Sentir já era outra história. Ela não estava nem um pouco calma. Nenhum homem já a ajudara a se vestir ou despir. A intimidade estava sendo quase dolorosa.

– Vou passar a esquerda e o senhor passa a direita.

Os dois trabalharam com rapidez, em silêncio. Ele chegou a se ajoelhar para alisar a saia e ajeitá-la. Quando se levantou, Longmore pegou o chapéu, enfiou-o na cabeça de Sophia, amarrou as fitas e a empurrou até a porta.

– Minhas botas – pediu ela. – Minhas botas.

Longmore olhou para os chinelos nos pés dela.

– Que diabo! – exclamou.

Ele achou as botas de Sophia, forçou-a a se sentar em uma cadeira, enfiou as botas em seus pés e as amarrou. Em seguida, agarrou Sophia pela mão e a puxou para cima de maneira tão abrupta que ela voou em direção ao corpo dele.

Os braços de Longmore a envolveram. Ele soltou mais alguns improperios e se afastou, como se ela estivesse contaminada.

– Aposto que a senhorita está fazendo isso para me enlouquecer.

E quanto a mim?

Ele lhe mostrou que havia um mundo desconhecido no que se refere a beijos. Mas aquela intimidade não se comparava a essa, ao contato dele com suas roupas de baixo, seu vestido, tudo o que tocava seu corpo. Sophia estava tremendo por dentro.

Entretanto, por fora ela era uma Noirot.

– O senhor podia ter mandado vir uma criada.

Ele marchou até a porta e a abriu. Enquanto estava ali, ofegante, arrebatado pela impaciência, ela pegou suas luvas e a bolsa. Quando passou pela porta, ele murmurou algo. Estranhamente, parecia francês.



Longmore levou Sophia à Broad Street, onde havia estalagens nas quais os viajantes conseguiam comprar passagens para vários destinos. Foi um milagre ele encontrar o caminho, pois a visão do corpo de Sophia afetara sua mente. Ou o que restara dela.

Ele não era do tipo que se chocava por pouca coisa, mas definitivamente ela tinha conseguido afetá-lo.

Ela apenas tirara a roupa de dormir e, com muita calma, jogara uma camisa sobre o corpo nu! Ele a vira de perfil e a imagem ficara gravada em sua mente: pele macia e sedosa, seios perfeitos e o traseiro mais lindo que ele já vira na vida – e ele já vira inúmeros.

Então, ajudou-a a se vestir...

Aquele corpete odioso. Quando terminou, suas mãos estavam tremendo devido à luta que travou consigo mesmo para não desfazer tudo o que fizera. Ele preferia ter lutado contra um grupo de marinheiros bêbados.

Ele fez planos de focar a irmã. E Adderley também.

Enquanto isso, com muita serenidade, Sophia folheava um guia de Portsmouth que Longmore havia comprado na estalagem algumas horas antes.

– Essa foi uma excelente ideia! – disse ela, em tom de surpresa.

– De vez em quando, eu tenho algumas. Não sou do tipo de viajante que compra guias, mas vim poucas vezes a Portsmouth. Já fui muitas vezes às corridas em Goodwood e Soberton, mas aqui, quase nunca. Imaginei que o guia de informações seria mais confiável do que um estalajadeiro apressado, e sabia que seria uma enorme perda de tempo ficar andando de um lado para outro, perguntando por Clara em cada estalagem e guichê. Esse guia, como vê, restringe as possibilidades.

– Somente dois barcos a vapor saem aos domingos – informou ela, passando o dedo indicador pela página que listava as embarcações. – Um para Ryde.

– Duvido que a Ilha de Wight seja longe suficiente para ela – comentou Longmore.

– Também há um barco para a Irlanda aos domingos. Daqui até Plymouth, Cork e, depois, Liverpool. – Ela olhou para Longmore. – O guia diz que ele chega aqui de manhã.

– Entendeu por que eu a estava apressando? Mas os barcos que partem mais cedo não saem antes das sete e ainda falta meia hora. O que vai para Ryde só sai às oito. Mas não acredito que ela seja tão imbecil a ponto de vir até Portsmouth só para chegar a Ryde. E, se o fez, por que acordaria tão cedo para isso, se o barco para Ryde sai várias vezes por dia? Clara, como eu, também não gosta de acordar cedo.

– Ela estaria acordada bem cedo se não tivesse conseguido dormir. De qualquer forma, precisamos começar com os barcos de domingo. O que vai para a Irlanda parte de um lugar chamado Blue Posts. Que tal começarmos por lá?

– Achei que a Irlanda fosse a primeira opção dela – disse Longmore. – Mesmo assim, no caso de ela ter optado por ir à Ilha de Wight, enviei Fenwick à taverna Quebec. Descrevi Clara para ele. Se ela aparecer por lá, ele vai fingir que é um garoto de rua faminto e desmaiar aos pés dela. O pivete ainda teve a audácia de comentar que não teria dificuldades em fazer isso, uma vez que ainda não havia tomado o desjejum.

– Ele também não dormiu quase nada. Mal posso acreditar que o senhor o levou e me deixou na estalagem.

– Ele dormiu na traseira da carruagem. Deve ter sido a cama mais confortável em que dormiu na vida. – Foi então que Longmore se deu conta de que arrastara Sophia sem que ela tivesse tomado o desjejum. – Vamos achar algo para comer em algum lugar de Blue Posts.



O domingo trouxe a Portsmouth visitantes que queriam ver os pontos turísticos do local: fortificações, igrejas e embarcações – principalmente o *Victory*, o famoso navio de lorde Nelson. Entretanto, domingo era um dia pouco movimentado em termos de saída de barcos e, como ainda estava bem cedo, não era necessário competir por atenção em meio a multidões de passageiros ansiosos ou preocupados.

Sophia e Longmore logo descobriram que Clara não havia comprado passagem para a Irlanda. Ainda. Nenhuma dupla de mulheres aparecia na lista de passageiros daquela manhã.

Ela havia tentado, sem sucesso, uma cabine na American Line, que ia para Nova York.

– Não gostei do jeito que a situação se apresentou – explicou o agente a Sophia. – Qualquer um poderia ver que ela era uma dama, certo? Do mesmo jeito que era possível ver que a outra não era. Eu sabia que alguma coisa estava errada. Quase nenhuma bagagem. Foi fácil desencorajá-la. Ela não tinha nenhum documento de viagem. Não passaria pelos agentes aduaneiros. Só precisei explicar isso a ela. Também mencionei que, qualquer que fosse o caso, ela só acharia problemas ainda maiores se tornando uma estranha em um lugar desconhecido. Não nasci ontem, sabe? Espero que a encontre antes que ela se meta em complicações das quais não consiga sair.

Lady Clara havia enfrentado os mesmos problemas quando tentou comprar lugares no barco que ia para Havre. Sophia e Longmore estavam se dirigindo para o guichê seguinte em sua lista, quando um menino esfarrapado correu até eles.

– Vocês é que tão *procurano* duas mulheres? Uma alta e bonita e outra feia que parece um buldogue?

– Sim – respondeu Sophia.

– Sabia que eu *tava* certo! – disse o garoto. – Bem que ele falou: homem alto de cabelo preto e mulher com olhos azuis bem grandes e um monte de roupa esquisita. Vim avisar que o Fenwick achou as

duas e que é para correr para a taverna Quebec, porque ele não sabe se vai conseguir manter as moças lá. Tem muitos oficiais *olhano* pra ele de cara feia.



Sophia e Longmore encontraram Clara no cais, andando de um lado para outro, enquanto a criada tomava conta de sua lastimável pilha de pertences. O dia estava quente, mas uma brisa soprava. Clara estava de braços cruzados. Para Sophia, ela parecia pálida e doente.

A criada os viu primeiro, mas Longmore fez um sinal para que ficasse em silêncio.

Fenwick estava sentado em um guindaste, o queixo apoiado na mão, observando Clara andar. Como havia relatado, muitos oficiais da Marinha ficavam por ali. Estavam todos de olho nele, e não se esforçavam para disfarçar. A aparência do garoto estava mesmo bem ruim. Dois dias de viagem haviam trazido de volta grande parte de sua imundície e seu semblante dava a entender que estava tramando alguma coisa.

Longmore aproximou-se delas.

– Ah, aqui está você, Clara! – disse ele. Clara sobressaltou-se ao ouvir a voz do irmão. – Andei por toda a cidade atrás de você.

Ela correu para perto dele, que abriu os braços, mas, em vez de aceitar o abraço reconfortante, ela começou a bater no peito de Longmore.

– Não! – exclamou ela. – Não, não, não!

– Mas que diabo...?

– Não vou voltar. Você não pode me obrigar a voltar.

– E aonde você pretende ir? – indagou Longmore.

– Não sei. Qualquer lugar. Qualquer lugar, menos aqui.

A cena atraiu a atenção dos que estavam por perto. Sophia achou que estava na hora de intervir. Ela se aproximou de um oficial robusto, deu um gritinho e desmaiou.



Longmore logo percebeu que fora um desmaio estratégico. Ela o fez de maneira a cair nos braços de um sujeito musculoso e de boa aparência. Por um instante, até Longmore fora enganado. Ele sabia que Sophia estava no ponto máximo de exaustão. Além disso, ele a havia apressado e arrastado da estalagem de manhã bem cedo.

Mas, então, Clara correu na direção dela, chorando:

– Ah, Srta. Noiro, está doente? Coitadinha. Meu irmão é muito insensível.

Nesse instante, os profundos olhos azuis se abriram.

– Minha querida, é você mesmo? Estávamos tão preocupados...

Sophia se desvencilhou com delicadeza do musculoso oficial que a havia segurado.

– Tem certeza de que está bem, senhorita? – O rapaz quis saber.

– Ah, sim, tive uma ligeira tontura – respondeu ela, com voz fraca.

Longmore deu um passo na direção deles.

– Ela está bem. É que ainda não se alimentou hoje, só isso.

Uma rajada de vento passou e as duas mulheres seguraram seus chapéus, enquanto suas saias voavam para cima, oferecendo aos presentes uma visão excitante de anáguas de renda e tornozelos bem torneados.

O olhar do oficial passeou de um par de tornozelos a outro.

– Fenwick, ajude a criada com os baús – pediu Longmore. – Senhoras, acredito que já fornecemos entretenimento suficiente para o público.

O rosto de Clara assumiu uma expressão obstinada.

– Seja razoável, minha querida – disse Sophia. – Você não pode viajar só com *isso*. – Ela fez um sinal na direção da pequena pilha lamentável de pertences de Clara. – Você não vai ter nada para vestir.



Para surpresa de Longmore, funcionou. Clara olhou para os baús e para a criada. Em seguida, olhou para Sophia.

– Você precisa é de um conhaque – sugeriu a modista.

– Está bem – concordou Clara.

– Vamos voltar para o hotel – chamou Sophia.

O lábio inferior de Clara tremia.

– Prometo que tudo vai ficar bem – disse a Srta. Noirot. – Vamos conversar sobre isso em algum lugar mais confortável.

– Conversar não vai adiantar nada – frisou Clara.

– Vai, sim – respondeu Sophia com tanta confiança que até Longmore acreditou.



Eles voltaram ao George, onde Longmore procurou um lugar privativo para conversarem. Primeiro, pediu um conhaque. Se embebedar a irmã a fizesse cooperar, ele ficava feliz em fazê-lo.

Não foi preciso muito álcool. Depois de meia taça, Clara pareceu ter se acalmado um pouco. Ela se sentou perto de Sophia.

– Está se sentindo um pouco melhor? – perguntou a Srta. Noirot.

– Não posso suportar a ideia de voltar – disse Clara. – Não existe outra maneira?

– Nós vamos dar um jeito nisso – respondeu Sophia. – Minhas irmãs e eu vamos consertar essa situação, e o faremos com capricho, do mesmo jeito que fazemos suas roupas. Mas preciso entender tudo o que aconteceu. Pense nisso como se eu estivesse tirando suas medidas e testando cores perto de seu rosto.

– Vai ser muito fácil contar – disse Clara. – Eu estava com raiva.

– De quê?

– De uma bobagem. Nada importante.

– Um homem?

Clara encontrou o olhar de Sophia.

– Tudo bem – disse Sophia. – Isso é irrelevante.

– Irrelevante por quê? – Longmore quis saber.

– Porque é – respondeu Sophia.

Ela lhe lançou um olhar. A mensagem foi tão óbvia quanto se ela tivesse agarrado a lapela do paletó dele e gritado: “Não diga nada. Não faça nada.”

Ele cedeu, embora não tenha ficado muito satisfeito. Mas elas eram mulheres e ele estava com medo de irritar a irmã outra vez.

– Prossiga – disse Sophia a Clara.

– Eu estava com raiva. E ali estava Adderley, com champanhe. Bebi depressa demais, dançamos e fiquei tonta.

– Você estava bêbada – acusou Longmore.

Clara olhou para ele.

– Não ouse me repreender.

– Eu não ia...

– E não me diga que eu não devia ter ido à varanda com Adderley. Eu já o vi sair sorratamente com várias mulheres, até mesmo no palácio St. James! Para uma saleta!

– Eu sou homem. E não faço isso com mocinhas inocentes.

Ele olhou direto para Sophia. Ele não a embebedara. E ela não era inocente.

Ela podia ser um pouco inexperiente em alguns dos aspectos mais íntimos, mas ele tinha certeza de que ela sabia mais sobre os homens do que Carlotta O’Neill.

De qualquer maneira, mocinhas inocentes não tiram a roupa na frente de um homem. Bem, costureiras talvez sim. Afinal de contas, colocar e tirar roupas era o trabalho delas. E talvez ele a tivesse provocado... de maneira inadvertida. Ele a acordara de um sono profundo, entrara em seu quarto sem pedir licença, exigindo que se vestisse sem demora.

Talvez ela o tivesse feito para irritá-lo. Talvez. Por que ele era obrigado a refletir numa hora dessas?

– Achei que iríamos apenas conversar. Achei que ele ia me dizer como eu estava linda e queria ouvir isso, porque eu não estava me sentindo... bonita. Apenas grandalhona e desajeitada.

– Você não é tão grande – opinou Longmore.

– Lady Clara não é grande nem desajeitada, mas estava *se sentindo* dessa maneira – explicou Sophia.

– Sentimentos – ironizou ele.

– Isso mesmo.

Ele se recostou e bebeu conhaque.

– Achei que lorde Adderley poderia roubar um beijo – continuou Clara. – E eu estava com raiva e me sentindo... já nem sei mais.

– Rebelde – completou Sophia.

– Sim. Mas, então, não foi apenas como roubar um beijo. Foi algo completamente diferente. Eu não sabia se estava gostando, mas foi excitante, porque eu sabia que era errado. Tudo aconteceu tão rápido... e havia todas aquelas pessoas. Então Harry chegou e eu sabia que ele mataria Adderley.

– Eu teria tentado – concordou Longmore. – Mas suspeito que a Srta. Noirot teria vindo atrás de mim com uma cadeira, ou um vaso de plantas... ou teria dado um gritinho e desmaiado.

Clara desviou o olhar dele para Sophia.

– É verdade – respondeu a Srta. Noirot. – Eu sabia que Longmore não estava pensando com clareza. Estava preparada até para deixá-lo dar um murro em lorde Adderley. Mas só isso. Se não achasse nada com que bater nele, para atrair sua atenção, eu criaria algum tipo de distração.

– Que pena que eu não sabia – lamentou Clara.

– Então, sua intenção não era proteger Adderley – afirmou Sophia. – Eu sabia que isso não era verdade.

– As lágrimas foram verdadeiras – retrucou Clara. – Morri de medo por meu irmão.

– Por mim? Contra aquele bobalhão...

– Você nunca pensa nas consequências. Teria perdido a cabeça e acabaria matando-o. Seria preso! Você nunca foge de nada. Eles o teriam julgado e enforcado por assassinar um homem indefeso.

Longmore encarou a irmã.

– Você estava *me* protegendo?

– Alguém precisava fazer isso – explicou Clara.

– Pelo amor de Deus, Clara.

– Como eu ia imaginar que a Srta. Noirot havia entendido tudo e sabia o que fazer? Eu nem sabia que ela estava lá. – Ela olhou para Sophia. – Onde você estava?

– É melhor não perguntar – disse Longmore. – Já terminamos de falar sobre sentimentos? Porque já tive revelações suficientes por um dia. Você também parece que já teve, Clara. As duas. Estão abatidas.

– Harry!

– Vocês duas estão horrorosas – opinou ele. – Recomendo uma dose de sono de beleza pelo resto da manhã. Se sairmos ao meio-dia, devemos chegar a Londres ainda esta noite.

Capítulo onze

Um cabriolé é, na verdade, uma repaginação da antiga carruagem. Ele leva duas pessoas confortavelmente sentadas, protegidas do sol e da chuva, sem prejudicar a entrada de ar fresco, com quase tanta privacidade quanto uma carruagem fechada. Além disso, o veículo pode entrar e sair de lugares onde uma carruagem de dois cavalos e quatro rodas não pode.

William Bridges Adams, *Carruagens de passeio inglesas*, 1837.

– Isso é loucura – disse Longmore a Sophia, enquanto saíam de mais uma casa de correios. – Nunca chegaremos a Londres antes do amanhecer.

Clara seguia à frente e determinava o ritmo da viagem. Geleiras se moviam com mais rapidez do que eles.

– O senhor mesmo disse que ela viajaria lentamente – falou Sophia. – Ela precisa de um cavalo forte, e as casas de correio reservam esses exclusivamente para as carruagens e para o Correio Real.

– Nunca me passou pela cabeça que ela se recusaria a trocar o dela – comentou ele. – Mais de 100 quilômetros de Portsmouth a Londres. Eu já estava preparado para subornar o pessoal das estrebarias. Sabia que levaria um dia de viagem, mas não imaginava que ela insistiria em manter o próprio animal.

Os homens se orgulhavam de serem capazes de lidar com qualquer tipo de cavalo. Mas Clara queria aquele ao qual já estava acostumada. Isso significava paradas mais longas para proporcionar descanso e alimento ao animal.

– Posso entender por que ela prefere continuar nesse ritmo lento. Antes, estava sendo levada pela emoção. Agora está sendo empurrada pela tristeza. Em uma luta, o senhor pensa na possibilidade de se ferir?

– É claro que não. Só penso em acabar com o outro sujeito.

– Ela também não estava pensando nos perigos e nas dificuldades. É como se entrasse bem fundo no mar e, agora, a praia lhe parecesse longe demais. Um destino triste.

– Eu sei que ela está infeliz – afirmou ele, com firmeza. – Mas não há nada que eu possa fazer no momento.

– Ninguém pode. Só gostaria de ser capaz de conduzir uma carruagem. Poderíamos ficar nos revezando.

Ele balançou a cabeça.

– Mesmo que soubesse, a senhorita detestaria conduzir um cabriolé. É um veículo bonito para levar uma dama por Londres, mas não foi feito para longas viagens. Torna-se desconfortável em pouco tempo. Antes ela devia estar muito ansiosa para se incomodar com isso. Agora, deve estar sentindo seus ossos e vísceras sacudindo.

– Quanto falta para chegarmos?

– Não estamos nem na metade do caminho – respondeu ele.

O sol descia cada vez mais no horizonte.

– Acha que precisamos apertar o passo? Não estou preocupada em cobrir toda a distância ainda hoje. Mas, pelo que me disse, é diferente para sua irmã.

– Totalmente diferente. O cabriolé foi feito para passeios curtos pela cidade. – Ele continuou a explicar o desenho do veículo, suas vantagens e desvantagens, concluindo com: – Eu o comprei para ela poder sair sozinha pelos campos... e sem o cão de guarda!

– Mas ela conseguiu – comentou Sophia.

– Tenho que confessar que fiquei impressionado. Nunca imaginei que Clara ao menos soubesse vestir as próprias meias.

– Eu acho que ela não sabe – disse Sophia.

– Ela contou como conseguiu?

– Não.

Clara havia dormido no quarto com Sophia. Dormiram na mesma cama, como irmãs. Muito singular. Mas Clara confiava nela. Ou estava enfeitiçada por ela.

– Por acaso ela disse alguma coisa mais coerente do que tudo que tinha nos contado de manhã?

– Achei que ela foi bastante coerente. Não preciso saber mais nada. De qualquer maneira, pensei que um descanso seria melhor para Clara do que uma conversa. Ela pareceu mais animada depois que dormiu.

– E a senhorita? Está mais animada?

Sophia se mostrava um tanto preocupada.

– Estou aliviada por termos encontrado sua irmã e por ela estar bem fisicamente. Só estou esperando por uma brilhante ideia para resolver o problema dela.



Quando pararam no King's Arms, em Godalming, nenhuma ideia brilhante havia surgido. Anoitecia e, segundo o guia de estradas de lady Clara, faltavam 53 quilômetros para chegarem a Londres.

– Vamos parar em Guildford – avisou Longmore. – Há várias estalagens decentes por lá. – Ele olhou para a irmã, que parecia exausta e profundamente infeliz. – São apenas 6 quilômetros, Clara. Acharemos aposentos melhores do que os daqui. E de lá o caminho será menor para Londres. Você consegue aguentar?

Ela ergueu o queixo.

– É claro que consigo. Fui até Portsmouth, não fu-fui?

A hesitação no fim da frase mostrou a Sophia tudo o que ela precisava saber. Longmore também deve ter percebido, porque franziu a testa. E falou:

– Irei na frente! Se você tiver alguma dificuldade ou se não se sentir bem, faça um sinal para Fenwick que ele nos avisará. – Longmore se virou para o garoto. – Fenwick, meu caro, terá que viajar virado para elas, para ficar de olho. Consegue fazer isso sem ficar enjoado?

– Enjoado? – indagou Fenwick, com desdém. – Só por causa disso?

Sophia não duvidava de que Fenwick iria se divertir atraindo as mulheres com caretas e tentando vários truques que poderiam fazê-lo cair de cabeça no meio da estrada. Isso, pelo menos, daria à lady

Clara algo com que se distrair.

– Quando chegarmos a Guildford, vou mandar uma mensagem urgente para Valentine. Assim, ninguém vai ficar acordado durante horas esperando por Clara. Saberão que está a salvo e vão descansar em paz.

Sophia olhou para ele.

– O que foi agora? – indagou ele.

– Ela tem sorte de tê-lo como irmão e seus pais têm sorte de tê-lo como filho.

Ele achou graça.

– É verdade – disse ela. – Até certo ponto.

– Até certo ponto?

– Outros homens não demonstrariam tanta compreensão – respondeu ela.

– Não estou entendendo. Não estou entendendo nada.

Entretanto, ele foi gentil de um modo inesperado. Nem sempre homens eram gentis. Não que quisessem ser cruéis, mas estavam tão acostumados a ver o mundo girando de acordo com os próprios desejos que jamais percebiam quando ele girava e atropelava as mulheres.

– O senhor entende que sua irmã precisa de ajuda e não de críticas. Isso já é muito.

Ele riu.

– Que piada! Quem sou eu para criticar Clara? Se não fosse por Clevedon, eu teria sido expulso da escola centenas de vezes. Como filho mais velho e herdeiro, sou uma vergonha.

Ela o achava um espetáculo interessante e excitante, mas Sophia não era como os membros de sua classe. Era uma Noirots e gostava de ser ousada e de quebrar regras. Compreendia muito bem por que ele era visto como um bruto segundo os padrões da aristocracia.

– Eu abomino política – disse ele. – Filantropia implica em inúmeros jantares tediosos, com comida ruim e falas pomposas. Nada divertido. A carreira militar talvez seria promissora, uma vez que oferece tantas oportunidades felizes para lutar. Mas não. Até um oficial precisa obedecer a ordens. Intolerável.

– Eu sei que a igreja não é apropriada para um filho mais velho. Se fosse, seria perfeito para o senhor, não acha?

Ele a encarou.

– Sim, deixe-me pensar – continuou ela. – Lorde Longmore, um sacerdote. Isso sim seria interessante de se ver.

Ele riu e as linhas de preocupação naquele belo rosto, com aparência de corsário, desapareceram.

– Que opções espantosas vocês, aristocratas, têm. Eu quase começo a sentir pena. O senhor não pode se tornar um pugilista nem um engolidor de espadas no circo...

– O circo!

– Ou um pirata, um salteador, um cocheiro.

– De fato, é uma vida muito monótona de vez em quando, Srta. Noirots, e meu pai não se importa com meu estilo de vida. Ele desistiu de mim há tempos. Não sou nenhum exemplo. Mas a senhorita já sabe disso.

– O senhor é um exemplo de irmão. Quanto ao resto, é simplesmente o tipo de homem que não aceita regras. Sua irmã também. O problema é que uma mulher quase nunca consegue se safar quando quebra as regras.

– Será mais fácil quando ela se casar. Se acabar casada com aquele porco, vou encorajá-la a quebrar

todas as regras. Vou oferecer boas sugestões.

– Não será preciso.

– A senhorita está com muita certeza.

– Por que não estaria? – replicou Sophia.

No momento, ela não sabia o que fazer, só sabia que tudo dependia do que ela fizesse.



Estalagem White Hart.

Naquela noite.

– Eu tive muito tempo para pensar, mas não sei como sair dessa situação – desabafou lady Clara.

Assim que chegaram, lorde Longmore enviou uma mensagem urgente para Londres. Ele alugou quartos, colocando a irmã no quarto entre o dele e o de Sophia. Davis tinha uma cama extra no quarto da patroa e Fenwick, totalmente surpreso, recebera o direito ao próprio quarto – um espaço do tamanho de um armário, geralmente alocado para os criados –, ao lado do de Longmore.

Após limpar todo o pó absorvido pelas roupas durante a viagem, lady Clara e Sophia jantaram. Em seguida, lady Clara convidou Sophia para tomar chá em seus aposentos. Entretanto, não foi chá o que Sophia descobriu na bandeja. Era conhaque, um claro sinal de que milady estava mais angustiada do que demonstrara durante a refeição.

A temperatura estava agradável, mas ela reclamou do frio e pediu que acendessem a lareira. As duas se sentaram diante do fogo, as cadeiras próximas uma da outra.

– Se eu não fosse um bom partido – prosseguiu Clara –, e se nada disso tivesse acontecido em público, com todas aquelas pessoas me vendo quase nua, haveria uma saída mais fácil.

– Você não estava quase nua. Seu corpete só estava um pouco desamarrado.

– Não que isso faça muita diferença – disse lady Clara, com amargura. – Continuo no papel de dama arruinada.

– Nós vamos “desarruiná-la” – prometeu Sophia. – Não se preocupe. Deixe que *eu* me preocupo. Por enquanto, só precisamos de um alibi, caso alguém a tenha reconhecido em qualquer ponto da viagem.

– Não há muitas chances de isso ter acontecido.

– A senhorita acredita mesmo nisso, não é? Como conseguiu sobreviver a uma viagem a Portsmouth, por sinal?

– Tenho que admitir que foi mais complicado do que imaginei – contou Clara. – Não tinha ideia do preço das coisas, mas sabia que precisaria de dinheiro. Mandeí Davis vender alguns de meus vestidos antes de sair de Londres. Foi ela quem lidou com os estalajadeiros e as outras pessoas. Fingimos que ela era minha tia. Fiquei escondida o máximo que pude.

– Você, escondida. – Sophia sorriu. – Deve ter usado um disfarce e tanto.

– Usei as roupas mais simples e um dos chapéus de Davis.

– Mas não ficou tão despercebida em Portsmouth. Alguém deve tê-la reconhecido. Acho que diremos que lorde Longmore a levou a Portsmouth para buscar uma velha amiga, que veio para o casamento.

A diversão desapareceu e o belo rosto de Clara reassumiu a expressão de teimosia, que Sophia

conhecia tão bem.

– Não vai haver casamento.

– É o que vamos *dizer* – explicou Sophia.

Suas entranhas se agitaram. Não poderia haver casamento, mas ela ainda não sabia como impedi-lo. Livrar-se de um noivo indesejável era simples. O difícil era fazê-lo de maneira a recuperar o bom nome de lady Clara. Seria possível?

Enquanto isso, o tempo estava se acabando para a Maison Noiroot.

Sophia inclinou-se na direção de Clara e colocou a mão sobre seus ombros.

– Preste atenção – continuou ela, com firmeza. Sua expressão era de confiança e tranquilidade. – Essa é uma situação muito complexa, como já sabemos. A senhorita é a mosca que tocou na teia da aranha; libertá-la com sua reputação intacta será algo bem delicado.

– Vai ser difícil.

– Sim, mas nós a transformamos em nossa missão atual. Precisa ser paciente e confiar em mim.

– Tentarei ser paciente. Mas temos muito pouco tempo.

Sophia manteve a expressão de tranquilidade e confiança, embora seu coração doesse.

– Quanto tempo?

– Menos do que eu esperava. – Lady Clara explicou o que acontecera na quarta-feira e no dia seguinte, antes de sua fuga.

– Antes do último baile da rainha? – repetiu Sophia, quando o relato chegou ao fim.

Ela teve esperança de não ter ouvido corretamente. O último baile estava marcado para o 24º dia do mês. O dia de pagar as contas. O Apocalipse.

– Foi por isso que fugi – explicou Clara. – Foi a gota d’água. Eu estava contando com alguns meses. Mamãe se opôs tanto ao casamento que pensei que fosse postergá-lo o maior tempo possível.

Não fazia diferença, disse Sophia a si mesma. A loja precisava recuperar os negócios perdidos até o primeiro dia do trimestre, independentemente do que acontecesse.

– Mais do que uma quinzena, então – disse ela, com calma. – O suficiente.

– Tem certeza?

– É claro que sim.

Lady Clara olhou bem para Sophia e a esperança e a confiança que havia nos olhos da irmã de Longmore provocaram em Sophia o desejo de chorar.

– Deixe comigo – completou a destemida Noiroot.



Maldição, *e agora?*

Sophia fechou a porta do quarto de lady Clara e ficou do lado de fora por alguns instantes, encarando a parede. Havia ajudado a encontrar a moça. Ela a estava levando de volta a Londres.

E depois? Precisava fazer um milagre. Se ela fracassasse...

– Uau! – gritou uma voz masculina. – Vejam só o que apareceu aqui, camaradas!

Ah, perfeito. Era só o que faltava. Um quarteto de cavalheiros bêbados. Pior ainda, jovens cavalheiros bêbados, alguns deles bem musculosos.

– Um milagre, um anjo muito atraente – disse outro sujeito. – Um anjo caído do céu.

– Onde vamos duelar?

– Não ligue para ele, madame. Não passa de um imbecil. – O último a falar tentou se equilibrar para se dobrar em uma reverência.

Sophia ofereceu a eles uma das reverências especiais das Noirots, daquele tipo que atores e bailarinos levavam anos para aperfeiçoar, que pegava todos de surpresa. Era uma excelente forma de mudar o foco da atenção. Enquanto os rapazes estavam tentando decidir o que fazer, ela enfiou a mão no bolso oculto da saia e abriu o alfinete de chapéu que mantinha ali, para o caso de uma emergência. Com sorte, não precisaria usá-lo. A questão era: seria melhor voltar ao quarto de lady Clara ou seguir até a porta do próprio quarto?

– Por Júpiter, uma bailarina! – concluiu um deles.

– Poderia dançar para nós? – pediu outro. – Ele avançou na direção dela e tropeçou. Para não cair, segurou-se nela, fazendo-a tremer e deixar cair o alfinete.

Ela o empurrou. Ele continuou a segurá-la.

– Isso mesmo, vamos dançar – continuou ele, soltando um bafo de álcool no rosto dela.

– Saia! – ordenou Sophia.

– Isso mesmo, saia – disse um deles. – É comigo que ela quer dançar. – Ele a puxou e a afastou do amigo.

Sophia enfiou o cotovelo na altura do estômago dele. O homem apenas gargalhou, bêbado demais para sentir qualquer dor, e a puxou para mais perto, segurando-a pelas nádegas. Ela caiu para trás e ele a empurrou contra a parede. O cheiro de bebida a estava deixando enjoada.

– Eu a vi primeiro! – esbravejou um deles.

– Espere pela sua vez – falou o que estava em cima dela. – Primeiro, ela vai me dar um beijo.

Ele trouxe o rosto de Sophia com força para junto do dele, os lábios abertos. Ela o chutou na canela. Ele caiu, mas alguém já estava ali, agarrando-a pelo braço.

Sophia entrou em pânico, seu corpo gelou. Eram apenas garotos, rapazes bêbados, mas havia muitos. Ela não tinha uma arma para se proteger. Não viu nada no corredor que pudesse usar. Apenas um par de botas colocado bem distante dela.

Ela virou a cabeça, mas estava presa. Todos se posicionaram ao redor dela, perto demais. Ela chutou e lutou, mas, para eles, era uma brincadeira de bêbados. As mulheres não tinham importância. Só serviam para que os homens se divertissem.

Ela abriu a boca para gritar. Um deles a beijou, impedindo-a de respirar.

O pânico tomou conta de Sophia. Ela lutava às cegas, sem tempo para pensar. Empurrou o rapaz e começou a gritar. Um rugido a sobressaltou.

Longmore se aproximava, o rosto obscurecido, os olhos faiscando de raiva.

– Mas que diabo? – disse o rapaz que estava sobre ela.

Longmore avançou, tirou-o de cima dela e jogou-o de lado.

– Não é justo! Nós a vimos primeiro!

Longmore o afastou com um murro. Outro rapaz se aproximou e levou um soco. O rapaz perdeu o equilíbrio e caiu para trás.

Outro tentou atingir Longmore, que desviou. Mas o punho fechado não parou, levando consigo seu

dono, em um movimento desastrado. O impulso o fez colidir com uma coluna.

O corredor ficou em silêncio.

– Alguém mais quer brincar? – perguntou Longmore.



A fúria de Longmore foi tanta que ele mal conseguiu vê-los. O mundo se tornou um clarão vermelho.

Os punhos cerrados estavam preparados para a violência. Ansiosos para quebrar e esmagar.

Ele esperou. Houve uma agitação, mas eles foram embora.

– Covardes! – exclamou. E foi atrás dos rapazes.

Foi nesse instante que ele ouviu um ruído surdo.

Pam. Pam. Pam.

Ele olhou naquela direção.

Sophia estava de pé, a testa apoiada na porta. Ele ouviu o som de uma lingueta. Viu o punho dela se levantar e golpear a porta.

Pam. Soluço. Pam. Soluço.

Ele se esqueceu do grupo de bêbados. Foi até ela e a virou. Lágrimas corriam pelo rosto de Sophia. Ela estava tremendo.

– A senhorita está bem? Aqueles bastardos a machucaram? Eu sei que são praticamente meninos, mas se eles a machucaram...

Ela lhe deu um soco.

– Seu idiota!

Ela colocou a cabeça no peito dele e bateu em Longmore, da mesma forma que fizera com a porta.

– O que foi?

– Não me ajude!

– Ficou maluca? Eles lhe provocaram uma concussão?

A porta de Clara se abriu e sua cabeça, com touca de dormir, apareceu.

– O que está acontecendo?

– Nada – respondeu Longmore. – Volte para a cama.

– Você se envolveu de novo em alguma briga?

– Já acabou – disse Longmore. – *Vá para a cama.*

– Harry.

– Não se meta – replicou ele, entre dentes.

Clara o encarou, mas voltou para o quarto e fechou a porta.

– Precisamos sair do corredor – sugeriu Longmore. – Estamos atraindo muita atenção.

– Não me importo – disse Sophia.

Ela ainda estava tremendo. Ele a levantou.

– Coloque-me no chão! – ordenou ela.

– Pare com isso. A senhorita está histérica.

Ele colocou Sophia em apenas um braço e abriu a porta do quarto dela.

– Eu odeio vocês! – gritou ela, a voz embargada de lágrimas. – Aristocratas idiotas e bêbados. Eu

não soube o que fazer.

– Eu sei – disse ele, enquanto fechava a porta.

– Odeio sentir medo.

– Eu sei – repetiu ele.

Longmore a carregou até a cama. Ele estava tremendo também, mas de raiva. E medo. Se ele tivesse adormecido, não teria ouvido. As portas eram grossas. Os sons do corredor eram abafados. E era uma estalagem. Vozes embriagadas não eram novidade.

Se ele tivesse adormecido, não teria sabido. Eles a teriam humilhado. Sentiu um nó na garganta. Sentou-se na cama, ainda segurando Sophia.

– Por que não gritou? – indagou.

– Achei que daria conta deles.

– Dos quatro?

– Eles estavam bêbados e sem equilíbrio. Fáceis de serem enganados... mas fui lenta demais.

– Estava cansada – disse ele.

– Não crie desculpas! Não sou uma dama indefesa!

– Eu sei.

Mas Longmore não tinha certeza do que sabia, a não ser o fato de que ela teria sido machucada, que devia estar muito assustada, que tinha todos os motivos do mundo para estar descontrolada e emotiva.

Muitos rapazes, vindos de Oxford ou de qualquer outro lugar, bebiam e iam procurar divertimento. E ela pareceu uma boa oportunidade: uma prostituta cara, o disfarce que adotara para ajudá-lo a encontrar Clara. Ele ficou enojado.

– Peguei o meu alfinete de chapéu, mas eles ficavam me empurrando. Eram muitos, aqueles patetas desajeitados. Deixei o alfinete cair.

– A senhorita deveria ter gritado por socorro.

– Eu nunca tive que gritar por socorro *em toda a minha vida*.

Que tipo de vida terrível ela levava? Era uma modista. Da maneira como falava, sua profissão fazia com que uma guerra parecesse um chá das cinco.

– Sempre há uma primeira vez.

– Eu ia gritar, mas aquele idiota caiu em cima de mim e me tirou o ar.

– Bem, eu tenho certeza de que a senhorita teria saído dessa situação sem a minha ajuda. Mas o barulho e os solavancos me acordaram de uma soneca muito agradável e eu não ia ficar sem fazer nada quando havia a possibilidade de uma boa briga.

– Sim.

Ele levantou as mãos e cobriu as dela, pressionando a cabeça de Sophia levemente sobre o seu ombro.

– Foi um momento ruim.

– Não sei o que fazer – disse ela. – Eu sempre sei o que fazer. É uma sensação horrível não saber. Estar indefesa. Odeio isso.

– A senhorita não é indefesa – retrucou ele. – É inescrupulosa demais para isso. Só ficou temporariamente perdida. Só isso. – Ele fez uma pausa. – E não apenas em relação àqueles imbecis.

– Não.

– Em relação à Clara também.

– Sim. Ela é uma das passageiras em meu barco das preocupações. Aquele que está virando de um lado para outro, sem leme e sem rumo.

– *Uma* das passageiras? – indagou ele. – Quem é a outra?

– Sua mãe.

– É uma causa perdida. Jogue-a para fora do barco.

Ela afastou a mão de Longmore e levantou a cabeça.

– Ela está dificultando a nossa vida.

– Ela faz isso com todos. Concentre-se em algo que possa controlar. Adderley, por exemplo. Fixe sua mente intrometida nele. Esqueça a minha mãe. Esqueça aqueles garotos tolos. Eles não têm ideia da sorte que tiveram. Mais um minuto e a senhorita teria pensado em alguma coisa, e eles teriam *preferido* que um sujeito grandalhão aparecesse e os deixasse inconscientes.

Ela estava olhando para os olhos de Longmore e ele notou algo mudar. Um lampejo, uma luz, como a primeira estrela da noite. Foi quando Sophia sorriu. E toda a tensão foi embora nesse segundo. Ele viu o demônio à espreita nos olhos dela, no sorriso, quando os cantos dos lábios se mexeram.

Longmore estava tentado a tocar aqueles cantos com os seus lábios. Provavelmente, seria bastante grosseiro. Mas ele era homem e ela estava em seu colo, e era quente e macia.

Ela inclinou a cabeça e levantou a mão, colocando-a no rosto dele. Longmore ficou sem ar.

– O senhor é impossível – disse ela, com ternura. – Bem na hora que eu queria lhe bater com um instrumento contundente, o senhor diz coisas...

– É tudo parte de um plano artiloso.

Ele disse a primeira coisa que lhe veio à mente. Se fosse a coisa certa, sem dúvida teria sido por acidente.

– O senhor não desiste, não é?

– Sou obstinado – respondeu ele. – Vem de família.

– É verdade. Muitas coisas vêm de minha família também.

Ela suspirou e beijou a palma da mão dele. O toque o fez estremecer como se fosse um relâmpago.

– Obrigada por me salvar. É a primeira vez que alguém faz isso por mim.

– E por que ninguém fez antes? – indagou ele, surpreso.

– Porque não era o senhor.

Ela saiu do colo de Longmore e se colocou de joelhos, montada sobre ele. Descansou as mãos sobre aqueles ombros largos e se inclinou, como se fosse lhe contar um segredo... e o beijou no rosto. Foi um toque leve como o de uma borboleta, mas, para ele, provocou mais um choque, e seu coração começou a bater forte, bombeando sangue para o corpo inteiro, menos o cérebro.

Santo Deus!

Ela beijou o lóbulo da orelha dele e enfiou os dedos nos seus cabelos.

– Ah – sussurrou ela. – Como é impertinente.

– O que é impertinente? – perguntou ele, de maneira densa.

– O autocontrole.

– Então, jogue-o para fora do barco também.

Assentindo, Sophia agarrou um punhado do cabelo de Longmore e o segurou, enquanto o beijava, com

firmeza, com determinação...

Exatamente como ele a havia beijado.

Exatamente como ele a havia ensinado.

Só que melhor.

Capítulo doze

É evidente que mulheres de todas as idades são versadas em examinar a própria conduta, analisar suas motivações, corrigir seus erros, reprimir as falhas que têm propensão a cometer e cultivar as virtudes que ainda precisam desenvolver.

O guia das donzelas, 1829.

Ela estava muito eufórica para perceber. Entretanto, poucos minutos nos braços dele, ouvindo sua voz baixa resolver todos os problemas de seu mundo, trouxeram-na de volta.

Para ele.

Longmore tirou o casaco e o lenço de pescoço. Seus cabelos negros estavam desgrenhados. A luz do lampião fez com que as mangas de sua camisa ficassem quase transparentes, revelando os contornos dos braços musculosos que seguravam Sophia. O rosto dela estava recostado na seda do colete dele. Ela podia sentir seu cheiro, sentir seu corpo: os ombros largos, o torso forte sob o colete e a camisa. O olhar de Sophia desceu, passando pelo fino bordado que brilhava sob a luz suave.

Ela estava ciente das coxas fortes sob seu corpo e, abaixo delas, das longas pernas em calças apertadas, que não deixavam nada para ser imaginado. Sentira-se muito infeliz e enfurecida. Mas ele a salvara, dissera lindas palavras, e a mente dela havia encontrado alento, a confiança tinha retornado.

Assim como o desejo.

Ela o desejava desde o momento em que o vira pela primeira vez, às pressas pelo corredor da Residência Clevedon. E agora ela o queria com um ímpeto mais forte do que qualquer coisa que já sentira em toda a sua vida. Até a loja desaparecia quando comparada a ele.

Quanto tempo ela devia esperar? Por que tinha que ser boazinha? Ela era uma Noirot. Jogou o autocontrole para fora do barco.

Enquanto o beijava, passou as mãos pelos ombros largos dele, onde o tecido fino permitia que ela sentisse o calor de sua pele e percebesse os músculos ficando tensos ao seu toque.

O prazer estava quase insuportável para ela. Era como se houvesse um mar de sentimentos em seu interior, todos formando uma linda tempestade, balançando-a de um lado para outro.

Ela também se balançava no colo dele, deixando-se conduzir por aqueles maravilhosos sentimentos. Ela o sentiu enrijecer e se afastar.

– Espere – pediu ele. – Espere um...

– Esperar? – respondeu ela, mordendo a orelha dele.

– Você precisa me dizer... – A voz dele foi desaparecendo.

– O que eu preciso lhe dizer?

– Nada. Eu me esqueci.

Ele a abraçou e a beijou. Sem espera. Sem hesitação. Com coragem e direto ao ponto, tão direto quanto um soco. Ela ficou tonta, mas sabia o que fazer. Ele a havia ensinado.

Beijaram-se como se fosse uma dança e um duelo: avançando, recuando, circulando em um mundo

que ficava cada vez mais escuro e quente, enquanto os pensamentos flutuavam fora de alcance.

Ela encontrou o botão da camisa dele e o abriu. Sentiu um choque ao tocar sua pele. Longmore também o sentiu, mas não a afastou. Apertou-a ainda mais. Ela podia sentir a excitação sob seu corpo. Sabia o que era. Teria entendido mesmo que sua irmã nunca tivesse lhe explicado.

Ele a queria. Simples assim.

Perigoso. Errado. Imprudente.

Irresistível.

Ele a soltou, olhando-a de frente. Seus olhos eram escuros, negros como a meia-noite, negros como o pecado que prometiam.

Ela o empurrou com força, inclinando-se de acordo com o impulso. Finalmente, ele entendeu e cedeu. Caiu de costas na cama, com uma gargalhada reprimida.

– Sophia...

– *Oui* – disse ela. – *C'est bien moi.*

– Sophia – repetiu ele, com a voz mais baixa, amorosa.

Sophia sentiu uma sensação de formigamento subir e descer pelas costas. Ele a provocava. Ela subiu em cima dele.

– O que eu preciso fazer? – Ela começou a desabotoar o colete de Longmore.

– Sua diabinha – reagiu ele. – Venha aqui.

Ele a beijou, mas dessa vez foi diferente, com mais ternura. Ele a beijou na testa, nas sobrancelhas, no nariz, no rosto, no queixo. Beijou a orelha e, depois, o pescoço.

Ele a beijou até ela ficar trêmula e tonta. Então, colocou a mão enorme nas costas dela e a fez rolar na cama, mudando a posição dos dois. Longmore estava por cima, olhando para o rosto de Sophia, e tudo o que ela via eram negras profundezas insondáveis, ardentes, que prometiam mil pecados.

O coração dela se acelerou como se tivesse enlouquecido.

Ele tirou as mãos dos ombros dela e as deslizou lentamente, deliberadamente, pelos seios, e ela ficou excitada da cabeça aos pés. Sophia soltou um suspiro doloroso que soou como um gemido no silêncio da noite.

As mãos dele continuaram seu caminho, passando pela barriga de Sophia até alcançar o local escondido entre as pernas. Seus dedos habilidosos foram traçando a forma dela, aprendendo tudo sobre Sophia, todas as partes privadas que os lindos vestidos escondiam.

Em um instante, ele afrouxou o corpete enquanto beijava suas costas e seus ombros. Longmore se afastou para puxar o vestido pela cabeça dela. Em seguida, caíram seus sapatos. Os enchimentos das mangas voaram para longe. Ele abriu o corpete com rapidez e as fitas se desmancharam com facilidade.

Ele tirou o próprio colete. A camisa de Longmore se abriu onde Sophia a havia desabotoado. Sob o toque dela, os músculos de Longmore se retesaram e flexionaram.

Ela não estava mais indefesa. Jamais ficaria indefesa outra vez.

Tinha poder sobre aquele homem grande e perigoso.

Sophia sentiu a anágua e a camisa de baixo deslizarem. As ligas se abriram e as meias desceram. Ela não se importou. Estava enroscada nele. Já o vira lutar. Já o vira conduzir uma carruagem. Já o vira caminhar. Já o vira se mover. Sempre que estava por perto, ela não conseguia olhar para nada que não fosse ele. Agora, não conseguia parar de tocá-lo e de admirar sua força, sua beleza e tudo o que o fazia

ser quem ele era.

Como toda a sua família, ela sempre ousou, apostou e arriscou. Agora, ousava ainda mais, correndo a palma da mão por sobre a frente das calças dele, sobre a fascinante saliência que havia ali, quente e pulsante, em sua mão. A voz de prima Emma soou em sua cabeça, mas o aviso foi fraco demais e se perdeu em algum canto de sua mente.

Havia muito de Longmore sobrepujando a razão. Muita masculinidade soterrando seus sentidos. Muito desejo vencendo o seu bom senso. Ele se curvou e a beijou. E esse beijo fez desaparecer primos, Paris, Londres e qualquer coisa sem valor.

Ela não estava se importando com nada, a não ser com aquele momento entre eles. O mundo inteiro se concentrava em Longmore: o gosto dele, o sabor de sua boca... a maneira como ele era brutal e gentil ao mesmo tempo... o peso de seu corpo pressionando o dela.

Ele a beijou em todos os lugares: rosto, pescoço, ombros, seios – e isso a fez querer chorar de novo... e gargalhar. Ele foi descendo, os beijos como pequenas labaredas sobre sua barriga, enquanto ela enfiava os dedos nos cabelos dele. Ele desceu ainda mais, para o espaço entre as pernas dela.

Sophia sentiu as mãos dele agarrarem suas coxas, enquanto a língua fazia, em seu lugar mais guardado, o mesmo que fizera na boca. Então tudo fez sentido... O mundo passou a ser outro lugar, uma grande lagoa negra em uma noite ardente. O ar estava pesado, intoxicante. O prazer cresceu e a dor o acompanhou, transformando-se em algo que ela não sabia identificar, mas que precisava encontrar, alcançar.

Ela estava consciente de cada toque, cada carícia, enquanto seus corpos se uniam, nus, e a boca de Longmore encontrava a dela mais uma vez, em um beijo profundo, tão afetuoso quanto doce...

E ele a penetrou, sobressaltando-a, tirando-a daquele estupor de luxúria. A neblina em sua mente cessou e seus olhos se abriram. Ela percebia o tamanho e o calor do membro dele... dentro dela. Era estranho e desconfortável e ela se sentiu presa em uma armadilha.

O que foi que eu fiz?

Mas ele ainda a estava beijando e a tensão que ela sentia se dissipou em meio às carícias suaves. O choque se esvaiu e o corpo dela relaxou, aceitando o dele. Foi estranho e maravilhoso o fato de estarem juntos de maneira tão íntima. Ele passou as mãos pelas costas dela, saboreando a sensação de sua pele e o pulsar do músculo sob sua mão.

Um cheiro masculino tomou conta das narinas de Sophia. O cheiro a embriagou. Estava extasiada do poder que exercia sobre ele e ele sobre ela. Quando ele começou a se mover dentro de Sophia, ela se mexeu instintivamente, acompanhando o ritmo, da mesma maneira que aprendera o jeito de beijar... como se, de alguma forma, sempre soubesse como fazer e estivesse apenas esperando pelo sinal para começar.

Longmore agiu devagar e com suavidade, no início. Ela se sentiu como um violino e as sensações eram como música. Depois, quando ele havia feito todas as cordas vibrarem, a música ficou mais tensa. Os movimentos lentos e deliberados ficaram mais rápidos e fortes. O mundo ficou mais selvagem. Ela passou a se mover como se finalmente estivesse onde sempre deveria ter estado. Moveu-se com ele no mesmo ritmo frenético, correndo ousadamente para algum destino desconhecido.

Sim, leve-me com você.

E ele a levou. Depois da pressa e da ferocidade efervescentes, algo pareceu explodir dentro dela e o prazer foi liberado, onda após onda, até que tudo acabou e somente a felicidade permaneceu.

Ela flutuou ali, na felicidade, e uma quietude estranha a preencheu, uma paz deliciosa e inesperada.



Quanto tempo Sophia ficou naquele torpor, ela não sabia. Só tinha uma vaga noção de Longmore puxando-a junto a seu corpo. Naquele doce momento, ela se sentiu confortável, segura e aquecida.

Talvez tenha dormido. Ou pode ser que ela estivesse em algum transe durante algum tempo. Não tinha muita certeza. Só sabia que, de repente, seus olhos se abriram depressa e sua mente voltou, com uma dolorosa clareza.

– Ah, não! – exclamou.

Ela pulou dos braços dele e se sentou.

– Não posso acreditar. Como pude fazer isso? Não, não, não! Por favor, que isso seja um sonho.

– Sophia. – A voz dele estava grossa, um pouco confusa por causa do sono.

– Não foi culpa sua – disse ela. – Foi minha. Eu fiz de propósito. Mal posso acreditar. Fiz de propósito sabendo que... Ah, como pude ser tão idiota?

– Sophia – repetiu ele.

– Por que não explodir a loja de uma vez? Por que não incendiá-la? Que melhor jeito de destruir os negócios do que esse?

– Sophia, descanse.

– Não posso dormir numa hora dessas!

Ele levantou um braço musculoso, abraçou-a e puxou-a para perto de si.

– Fique quieta – pediu ele.

– Estamos arruinadas! E foi minha culpa! Por que eu não vou trabalhar de uma vez para Hortence? Eu não poderia fazer a ela um favor maior.

– Sophia, durma – continuou ele. – Chega de falar. Não vamos *discutir* isso agora. Descanse.

Então, ele colocou uma das mãos enormes e sobre um dos seios dela. Sophia suspirou. Aconchegou-se a ele outra vez.

E adormeceu.



O sol já tinha nascido havia um bom tempo quando Longmore despertou.

– Ah, não! – exclamou Sophia, mexendo ao seu lado. – Ah, não!

Ele engoliu um suspiro.

– O que eu vou...?

– Espere um minuto – disse ele.

Ele a virou de frente e beijou seu pescoço. Havia descoberto o ponto fraco dela, um entre muitos.

– Ah – disse ela, de uma maneira que fez o membro dele ficar enrijecido outra vez.

Ele continuou a beijá-la porque gostava da sensação, do sabor da pele dela e da maneira como ela reagia. Puro instinto, sem fingimentos. Quando fazia amor, ela era totalmente honesta.

Ele continuou a beijá-la, porque era um homem imprudente, que não havia adquirido o hábito de se

preocupar com as conseqüências.

Longmore passou as mãos sobre o corpo nu de Sophia e ela estremeceu de prazer.

– Isso é jogo sujo – disse ela, a voz densa.

– Pois é assim que eu jogo – replicou ele, ecoando o que ela dissera no outro dia.

Ele a beijou em todos os lugares onde suas mãos haviam passeado, parando por mais tempo nos mais deliciosos. Beijou o seio com especial estima, antes de colocá-lo na boca e sugar, com suavidade, aquele perfeito botão cor-de-rosa. As pernas dela se moveram contra as dele. Ela enfiou as mãos nos cabelos de Longmore, e esse gesto de posse o fez perder o controle.

Por mais inconsequente que fosse, os instintos básicos de Longmore eram poderosos. Esses instintos lhe disseram que ele talvez não tivesse outra chance como essa e que era melhor aproveitar ao máximo.

Ele se dedicou ao outro seio perfeito com o mesmo cuidado e começou a descer. Demorou-se um tempo no triângulo louro e sedoso entre as pernas dela, deixando que sua língua passeasse até que Sophia começasse a gemer, incapaz de agir, murmurando algumas palavras sem sentido em francês, algumas delas carinhosas. Então, ele continuou a descer pela rota que havia imaginado incontáveis vezes: pelas belas curvas da perna, até o belo tornozelo e a elegante planta do pé, seguindo para os dedos perfeitos. Beijou cada um deles.

Então, começou tudo outra vez, de cima a baixo, do outro lado.

E, quando terminou, virou-a de costas.

– Milorde... – disse ela.

– Acho melhor me chamar de Harry – sugeriu ele. – Não precisamos ser formais agora.

– Harry... – começou ela, sem fôlego.

Foi estranho. Apenas mulheres de sua família haviam pronunciado seu nome de batismo. E Sophia o fez soar muito... francês.

Ele a beijou na nuca e desceu, passando por cada centímetro das costas dela. E que costas: retas, sedosas, macias... e, na base, a maravilhosa curva e a elevação de seu traseiro perfeito.

Ele o beijou. Ela riu.

Longmore se colocou no meio das pernas dela e a acariciou com a mão. Ela prendeu a respiração e arqueou o corpo para cima, movimentando-se ao toque da mão dele. Ela estava úmida e isso o deixou impaciente. Ele a puxou para junto de seu corpo e guiou o membro para dentro dela, por trás.

– Ah... – ofegou ela.

– Sim – disse ele, acariciando o pescoço de Sophia.

Sim, sim, sim, sim, sim.

Todo o corpo dele estava dizendo isso. Com uma das mãos, ele a segurou. Com a outra, acariciou a elevação sedosa entre as pernas dela, enquanto se movia bem devagar dentro de Sophia.

Ele queria que durasse horas, mas seu autocontrole não foi suficientemente forte. Saiu de dentro dela e deitou-a de frente. Ele a penetrou outra vez, da maneira usual, uma forma esplêndida, porque lhe permitia ver o rosto dela, como se fosse a coisa mais natural no mundo, como se ela o conhecesse havia anos e fora sua desde sempre.

Sophia passou a mão pela barriga de Longmore, desceu para o lugar onde estavam unidos e empurrou o corpo mais próximo do dele, ditando o próprio ritmo.

Ele viu a mudança no rosto dela quando o orgasmo estava para acontecer, deu um impulso profundo e

forte e ela gritou. Em seguida, ejaculou e seu corpo continuou a tremer por algum tempo até finalmente tombar, enterrando o rosto no pescoço dela.



Eles adormeceram outra vez e a luz que entrou no quarto mostrou a Sophia que metade da manhã já se passara e que estava bem mais tarde do que o horário em que normalmente se levantava. Ela não estava ansiosa para despertar.

Era muito confortável dormir nos braços de um homem, e Longmore a estava mantendo apertada em um gostoso abraço.

Ele gosta de mulheres, pensou ela.

Mas o que ela sabia? Só o que ouvira dizer: mulheres reclamando de homens que viram para o outro lado e dormem. Ou que vão embora de repente. Longmore ainda não havia ido embora e isso ia ser um problema, uma vez que a irmã dele estava no quarto ao lado.

Ela sentiu o corpo de Longmore mudar de posição atrás do seu. Ela se lembrou do que ele fizera. *Aquilo* fora bem interessante.

– Você tem que ir embora – disse ela.

– Ainda não – murmurou ele.

– Sua irmã.

– Não vai acordar tão cedo.

– Como pode ter certeza?

– Ela não é dona de loja. Você acorda de manhã cedinho. Clara dorme como um cadáver e nunca se levanta antes das onze.

Sophia se sentou.

– Ah, que ótimo – resmungou ele. – Vamos *discutir* o assunto agora.

– Sem discussões – respondeu ela. Sua mente estava bem clara agora, como se tivesse sido transpassada por uma chama que tinha queimado toda a confusão. – É perfeitamente simples: *Ninguém jamais deverá saber*.

Ele se apoiou em um dos cotovelos e olhou para Sophia.

– Você enfatizou bem essas quatro últimas palavras.

– Estou falando sério. Você tem que me prometer que não vai contar a ninguém.

– Eu gostaria de saber de onde tirou a ideia de que saio contando minhas aventuras amorosas. Acha que sou do tipo que se vangloria por ter deflorado uma virgem?

– Quem disse que eu era virgem?

– Ninguém precisou me dizer. Percebi sozinho.

– Porque eu não sabia o que fazer – respondeu ela.

– Por isso e por sua agradável e pequena parte feminina.

– Eu não tive tempo! – justificou-se Sophia. – Nunca tive tempo para homens.

– Eu não a estava criticando. Foi um choque, mas...

– Você gostou de ser o primeiro.

– Sim – confessou ele. – Gostei. É estranho. Nunca fui do tipo que se importa com essas coisas. Mas,

no seu caso, abri uma exceção.

Ela também gostou de ele ter sido o primeiro. O mundo estava cheio de homens galanteadores e falsos. Marcelline havia se casado com um, antes de Clevedon. Lady Clara entrou em uma enrascada com outro.

Mas, quaisquer que fossem os defeitos de Longmore, ele era exatamente o que demonstrava ser. Ele mesmo. Sempre. Isso a tranquilizava.

– Bem, desde que você não abra a boca, não haverá problema – continuou ela.

– E quanto a você? Vai calar a boca?

– Não tenho nenhuma intenção de colocar essa notícia no *Morning Spectacle*, se é o que quer dizer.

– Não é isso. E suas irmãs? Você conta tudo para elas ou não?

– Si-sim.

– Então?

– Elas não vão contar a ninguém.

– Elas são mulheres – rebateu ele.

– A quem elas contariam? Às tias de Clevedon? Às nossas clientes? Não diga bobagens.

– Por que eu deveria confiar nelas?

– Juro a você, já temos problemas demais com o fato de Marcelline ter transposto a barreira da aristocracia. Se alguém souber que seduzi o filho mais velho de lady Warford, ela fará mais do que injuriar a Maison Noiro. Ela nos esmagará. Para sempre. Nem eu serei capaz de reativar a loja. Minhas irmãs sabem disso.

– Muito bem. Desde que deixemos claro quem seduziu quem.

– Essa parte está dolorosamente clara – disse Sophia.

– Você não conseguiu se controlar – afirmou ele.

– Na verdade, não consegui mesmo – confessou ela. – Se eu não aproveitasse a oportunidade... Se você não tivesse sido tão inesperadamente compreensivo e tentador...

– Trabalhei muito para conseguir isso. A parte da tentação. Achei que não estivesse prestando atenção.

– Aparentemente, era só o que eu estava fazendo.

– Ótimo. Eu tinha toda uma estratégia montada.

Ela o encarou:

– *Você planejou isso?*

– Eu precisava. Você é muito complicada.

– Complicada? Sou muito mais simples do que você imagina. Não sou uma boa moça.

– E eu não sou um bom rapaz. Não é certo correr atrás de mocinhas inexperientes, mas não pude resistir.

– É claro que não – disse Sophia. – Ninguém resiste a mim. Portanto, não se culpe.

– Isso é algo que jamais faço. E é preocupante... Talvez tenhamos feito uma daquelas coisas pequenas e cor-de-rosa que se movimentam muito e urram a noite inteira.

– Um bebê? – perguntou ela. – Eu sei.

– Nesse caso...

– Não vamos colocar a carroça na frente dos bois – retrucou ela, ignorando o pânico que lhe

provocara um frio no estômago. – Neste momento, tenho um problema mais urgente. Só faltam quinze dias para o casamento de sua irmã.

Longmore ficou deitado, divertindo-se relaxadamente com a visão de mundo de Sophia, enquanto observava seu maravilhoso corpo nu. Ali estavam os seios, bem à vista, e que vista! Ele levou um momento para assimilar a última frase. Então, ficou totalmente desperto.

– Você está brincando.

Ela balançou a cabeça, movimentando os belos cachos louros.

– Por isso ela estava tão desesperada na noite anterior.

– Eu não sabia desse detalhe – continuou ele. – Pensei que minha mãe fosse atrasar ao máximo esse problema inevitável.

Sophia contou a ele o que a irmã lhe dissera sobre lady Bartham e a mãe dele.

– Eu jurei que faria com que esse casamento não acontecesse e que recuperaria a reputação de sua irmã – explicou Sophia. – Eu garanti que ela era a minha missão, minha única missão. Eu sinto muito...

Ela fechou os olhos por um momento.

– Espere um pouco. – Sophia arregalou os olhos azuis. – Eu *não* sinto muito por isso. – Ela fez um gesto para ele e para a cama. – Foi uma idiotice da minha parte, mas não posso imaginar um final mais emocionante para minha virgindade. No entanto, preciso me concentrar nos negócios.

– Certo.

Ele cruzou os braços atrás da cabeça. Teria que fazer alguma coisa em relação a Sophia. Não sabia exatamente o quê. Seja lá o que fosse, ele teria que resolver por si mesmo. Ela não iria ajudar e ele não iria pedir conselhos a ninguém.

A simples possibilidade de confiar seus assuntos amorosos a outra pessoa fez seu sangue gelar. De qualquer maneira, ele havia jurado segredo.

Ninguém jamais poderá saber.

Ela o havia infectado com sua dramaticidade. Por algum tempo, ele a ficou admirando, com ternura.

– Negócios – falou ela.

– Certo – disse ele.

Ela suspirou e ele viu o movimento do colo dela.

– Você tem que ir embora – determinou Sophia. – Sua irmã pode não estar acordada, mas Davis está.

– Tudo bem.

Ele saiu da cama e começou a procurar suas roupas no meio de uma mistura caótica de camisas, roupas de baixo, meias e sapatos.

Sophia saiu da cama e, nua como Eva, ajudou-o a se vestir.

Quando ele estava à porta e prestes a sair, ela deu um pequeno suspiro, correu até ele e agarrou suas lapelas. Ele baixou a cabeça. Sophia ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo.

– Vá...

A voz de Sophia minguou, suas mãos deslizaram das lapelas e sua cabeça virou para o lado. Embora estivesse olhando para ele, Longmore sabia que a mente de Sophia já estava em outro lugar, focada no problema da irmã. Quanto a ele, conseguia vê-la muito bem, cada centímetro cor-de-rosa, branco e dourado do corpo dela.

– Espere – pediu ela.

– Sim?

Ela estava pensando. Ele quase podia enxergar as engrenagens se mexendo, moinhos satânicos em ação.

– Ah, sim!

Os olhos dela se abriram, brilhantes como safiras.

– Achei! – exclamou.

Sophia descansou a cabeça no peito de Longmore. Ele passou a mão pelos cachos dourados, mas resistiu bravamente à vontade de agarrar o seio dela.

– Você é um homem maravilhoso – disse ela. – Eu finalmente achei.

– Achou o quê? – perguntou ele, vagamente. Estava perdido no aroma dos cabelos e da pele dela, naquele cheiro de verão que o fazia se lembrar de um lugar distante, onde um dia fora feliz. – E o que faz de mim um homem...?

– Achei a solução – concluiu ela. – Já sei como vamos salvar sua irmã.



Residência Warford.

Naquela noite.

A família havia se levantado da mesa de jantar e estava na biblioteca quando Longmore retornou com a irmã.

A mãe logo pulou da cadeira.

– Ah, Clara, como pôde?

Longmore viu a irmã abraçar o próprio corpo, esperando as costumeiras recriminações, acusações e agressões verbais da mãe. Longmore estava prestes a dizer algo irreverente, mas se conteve ao ver lady Warford correr até Clara para abraçá-la.

– Ah, minha menina, estou tão feliz por você estar em casa! Nunca, nunca mais fuja. Qualquer que seja o problema, você tem que me contar, meu amor. Prometa. Prometa, por favor.

Longmore constatou que aquela era a primeira vez na vida que ouvia um “por favor” sair dos lábios da mãe.

– Sinto muito, mãe – disse Clara, com a voz abafada pelo ombro da mãe, parecendo chocada.

– Isso tem sido muito difícil para você – prosseguiu a mãe. – Traumático para a sensibilidade de uma moça. Mas é claro que você não sabia nada sobre como os homens podem agir. Você confiou nele, menina tola. É sempre assim. Eles nunca são o que pensamos que são. – Ela deu mais um abraço sufocante em Clara, seguido de um passo para trás. – Devo dizer que Harry me surpreendeu. Ele surpreendeu a nós dois, não foi, Warford?

– É verdade – concordou o pai de Longmore. – Bom trabalho cuidando de sua irmã. Estragou tudo na primeira vez...

– Warford! – exclamou a esposa.

– Mas você a encontrou e a trouxe de volta. Uma coisa boa. Graças a seu plano inteligente, ficamos sabendo que Adderley pode não ser exatamente o canalha que imaginávamos.

– Preciso de uma bebida – disse Longmore, dirigindo-se com urgência à garrafa mais próxima. Era xerez. Não seria sua primeira escolha, mas serviria. Ele se serviu de uma generosa taça e bebeu.

– Ele vem aqui todos os dias – contou lady Warford.

– Ouviu falar da indisposição de Clara – acrescentou lorde Warford. – Foi muito atencioso.

– Flores, minha querida – continuou lady Warford. – Ele lhe trouxe flores. E frutas de suas propriedades. Parecia muito preocupado, não parecia, Warford?

– Muito atencioso – concordou mais uma vez lorde Warford.

– Ele disse que compreendia que as circunstâncias que levaram ao noivado de vocês não eram as ideais, mas... – Lady Warford se interrompeu. – Não lembro exatamente o que ele disse, mas foi tudo o que ele deveria ter dito. Não se pode mudar o fato de que ele está falido e de que a mãe dele não é o que esperaríamos. Mas ela está morta e ele parece gostar muito de você, Clara. Acredito que, com algum esforço, você pode incentivá-lo a mudar.

Embora Clara estivesse realmente surpresa, ela percebeu o olhar de aviso do irmão e fingiu estar levando aquela conversa a sério. Entretanto, Longmore não tentou esconder a incredulidade. Não que alguém esperasse dele essa atitude. Tinha certeza de que a preocupação de Adderley em relação à Clara era verdadeira: se ela ficasse doente e morresse antes do casamento, ele precisaria encontrar outra fortuna bem depressa, e dotes como o de Clara não eram muito fáceis de se achar.

– Se alguém pode transformá-lo em um homem de verdade, essa pessoa é Clara – disse ele. – De qualquer maneira, eu já falei que precisamos lidar com isso da melhor forma possível. Haverá menos falatório se parecermos satisfeitos com o casamento. Não fará nenhum mal ao mundo ver que descobrimos que Adderley não é tão ruim quanto as pessoas imaginavam. De minha parte, prometo ser civilizado com ele quando o vir de novo.

Ele bebeu o resto do xerez e pousou a taça na mesa.

– Posso ir agora?

Capítulo treze

Para garantir a honra e evitar que se divulguem escândalos envolvendo seus pares por meio de notícias, existe uma lei expressa, denominada scandalum magnatum, que decreta que qualquer homem condenado por fazer reportagens escandalosas a respeito de um dos pares do reino (ainda que verdadeiras) deverá pagar uma vultosa multa, ficando sob custódia até que a dívida seja saldada.

Debrett, Aristocracia da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, 1820.

Exclusivo para o Morning Spectacle.

Quarta-feira, 10 de junho.

Chegou ao nosso conhecimento que uma misteriosa estranha, vinda da França, chegou esta semana a Londres com um séquito considerável. Segundo fomos informados, há tantos baús com as roupas da dama que exigiram o aluguel de uma embarcação particular. Esse fato sugere que haverá uma longa estada em nossa agradável ilha verdejante. Quanto ao lugar específico onde a dama residirá, com que propósito e sua identidade, esperamos informar aos nossos leitores com nossa diligência habitual.

Teatro da Rainha.

Quarta-feira à noite.

Toda a Londres sabia que o duque de Clevedon havia conhecido madame Noiroot na Ópera Italiana, em Paris. Entretanto, aquela era a primeira vez que apareciam juntos em um teatro de Londres e a ocasião não deixou dúvidas em ninguém na plateia – por certo não na parte masculina – quanto aos motivos que levaram o duque a sucumbir aos encantos da nova duquesa.

Era a primeira vez que um grupo realmente importante a via. Embora as muitas clientes da Maison Noiroot já a conhecessem, elas eram, em sua maioria, mulheres da burguesia ou da pequena nobreza. Num cenário mais amplo, elas eram importantes, mas não muito. Para todos os efeitos, aquela era a primeira apresentação de Marcelline à alta sociedade.

Os homens olhavam com muito interesse porque, em seu camarote, Sua Graça estava acompanhado não de uma, mas de duas mulheres maravilhosas: a duquesa e uma estranha de cabelos louros.

Do outro lado do teatro, no camarote, lady Warford olhava resoluta para o palco, recusando-se a aceitar a presença da duquesa de Clevedon. Clara, por sua vez, olhava para tudo e para todos. Para lorde Adderley, que se sentou lealmente ao lado dela, representando o papel de noivo atencioso, ela perguntou:

– Você sabe quem é aquela moça com a duquesa de Clevedon?

Adderley, que estivera olhando para as duas mulheres tanto quanto as outras pessoas, assumiu uma expressão de surpresa.

– Você não a conhece? Achei que fosse uma das irmãs da duquesa. Ela não tem uma irmã loura?

– As irmãs da duquesa são solteiras e ela está usando roupa de mulher casada – respondeu Clara. – De francesa casada, eu diria.

Sentado atrás do casal de noivos, Longmore comentou:

– Francesa? Você consegue ver isso a distância? E sem usar os binóculos?

– É fácil perceber – respondeu Clara. – Nós, inglesas, podemos usar a mesma coisa que as francesas mas, de alguma forma, sempre vamos parecer inglesas. – Ela se virou de costas e seu olhar cruzou com o do irmão. – Você esteve em Paris, Harry. Não concorda comigo?

A mãe de ambos pigarreou e lançou um olhar glacial para os filhos, que fingiram não perceber.

– De uma coisa eu tenho certeza: ela causou um enorme rebuliço em todo o teatro – disse Longmore. – Mal dá para ouvir os atores. Nem sempre isso é ruim, embora eu preferisse que tivesse acontecido durante uma longa e tediosa apresentação da ópera alemã, e não na de *The Waterman*. Acho que vou passear durante o intervalo e pedir que Clevedon me apresente a ela. Então poderei contar a vocês o que está acontecendo horas antes de a notícia aparecer no *Spectacle*.

Sabendo que muitos outros homens estariam se encaminhando em direção ao mesmo lugar, ele saiu do camarote da família alguns minutos antes do início do intervalo, o que lhe permitiu ser o primeiro a chegar ao camarote de Clevedon.

Seu sinal na direção de Clevedon foi interpretado como um cumprimento gentil.

– Cheguei na frente dos outros homens por alguns segundos – disse ele.

– Imaginei que fosse conseguir – comentou Clevedon. – Você sabe ser ligeiro quando precisa.

Longmore virou-se para Sua Graça.

– Antes que a multidão se aproxime, duquesa, poderia fazer a gentileza de me apresentar à dama?

– Madame de Veirion, gostaria de lhe apresentar lorde Longmore, um grande amigo de meu marido – disse a duquesa.

A amiga olhou para Marcelline como se não tivesse compreendido. Sua Graça repetiu a apresentação em francês.

– Ah, sim – falou madame. – Um amigo de longa data. *Comme un frère, n'est-ce pas?* Lorde Lun-mour.

Ela fez um pequeno aceno com a cabeça e os brilhantes, artisticamente colocados entre as plumas do chapéu, dançaram e reluziram.

O inglês dela era comicamente horrível. Para poupá-la, Longmore conversou com ela em francês. Isso lhe deu uma pequena vantagem em relação ao enorme ajuntamento de homens que entraram no camarote de Clevedon instantes depois. Embora a maioria deles falasse um bom francês, tão bom quanto se esperaria de um cavalheiro educado, a fluência não era diferente da de Clevedon – um francês correto falado por um inglês.

Longmore foi o pior aluno do mundo, mas tinha, por algum motivo, aptidão para línguas. Pelos menos para as latinas.

– Mas Monsieur de Lun-mour fala minha língua como um *parisien* – comentou madame. – Como pode ser possível? Meu inglês tão ruim. *Non* conseguir aprender. Elas já tentaram. *Mon mari... mon* querido marido... – Os olhos azuis lacrimejaram. Um lenço de renda apareceu em sua mão repleta de anéis e pulseiras e ela enxugou as lágrimas com suavidade. – *Le pauvre Robert! Mon mari* tentou me ensinar. Mas... sou muito *incompétente*.

Todos os cavalheiros discordaram. Assim que todos se calaram, Longmore acrescentou:

– Mas a senhora é uma bela e encantadora incompetente, madame. E – prosseguiu, em francês – uma bela e encantadora mulher pode se safar até quando comete um assassinato. Pode imaginar que algum desses homens a processaria por assassinar nossa língua?



Longmore deixou madame e seus admiradores um pouco antes do fim do intervalo e retornou ao seu camarote. A mãe o fuzilou com o olhar. Mas isso já era de se esperar, pois lady Bartham havia se juntado a ela e, sem dúvida, estava jogando sal no maior número de feridas que pudesse encontrar. Ou infligir.

– Uma francesa, como você deduziu – disse Longmore à irmã, sem se preocupar em baixar o tom de voz. As duas mulheres mais velhas pararam de falar. – Madame de Veirrion. Amiga da duquesa, do tempo em que ela vivia em Paris. Viúva e com dinheiro, eu diria. As joias são belíssimas e posso afirmar que são verdadeiras.

Lady Bartham colocou o monóculo junto ao olho e começou a inspecionar a recém-chegada.

Depois de um silêncio que durou alguns segundos, a mãe fez o mesmo.

– Você disse viúva, Longmore?

Ela sempre usava o título do filho quando estava ao lado de lady Bartham, que tinha duas filhas em idade de se casar, ambas de cabelos negros, delicadas, magras demais para o gosto de Longmore.

– Uma viúva bem jovem – ressaltou ele. – Fala um inglês horroroso.

– Isso não é problema para você – disse Clara.

– É claro que não – concordou Adderley. – Línguas sempre foram o seu ponto forte. Além, é claro, de seu soco devastador. – Ele sorriu com pesar e passou a mão na mandíbula. O hematoma ainda estava visível. – Mas eu mereci – completou, em voz baixa.

Era exatamente o que um homem deveria dizer se quisesse fazer as pazes com a família da noiva. Ele o fez tão bem que um sujeito menos cético que Longmore poderia até ter acreditado na boa intenção.

– Você ficou muito tempo por lá – comentou Clara.

– Ela é muito bonita e mutila o inglês de uma maneira adorável.

– Pode-se ver que é muito atraente – comentou lady Bartham. – Parece ter encantado todos os homens.

– As francesas costumam ter esse poder – disse lady Warford, com mágoa.

– Achei que o duque teria que convocar os atendentes do teatro para controlar a multidão – ponderou Clara.

– Sem dúvida, ela causou grande comoção – afirmou lady Bartham. Ela voltou seu olhar afiado, cor de avelã, para Longmore. – Mas, *quem* é ela?



Exclusivo para o Morning Spectacle.

Quinta-feira, 11 de junho de 1835.

Quem é ela? Essa é a pergunta nos lábios de todos desde a noite de ontem, quando a estranha misteriosa apareceu no Teatro da Rainha usando um vestido negro de cetim, com um corpete à la Sevigné, ornamentado com uma fileira de laços pretos. As mangas, que eram enfeitadas com nœuds de page, estavam muito bufantes, com enchimentos duplos de cetim branco. O que, à primeira vista, parecia ser uma túnica era, na verdade, uma ilusão ardilosa, criada por uma tira frontal dourada de cetim brocado.

Nosso correspondente pode garantir que madame de V_____ é descendente de um conde francês cuja família esteve, por muito tempo, associada à casa de Bourbon e que faleceu, de maneira trágica, sob a lâmina da guilhotina.

Devido à atual inquietação em Paris, não ficamos surpresos pelo fato de que a dama, desprovida da proteção de um marido dedicado e atuante, sem dúvida, de acordo com os conselhos de seus advogados, decidiu residir, com sua considerável fortuna (que rivaliza, segundo algumas fontes, com a do duque de C_____, no pacífico reino de Sua Majestade britânica. Fomos informados de que a dama pretende estabelecer residência permanente em Londres. Enquanto isso, ficará hospedada em um conjunto de suítes de um daqueles hotéis descritos na obra de Cruchley, Imagens de Londres, como tendo “abrigado magnatas incógnitos de potentados estrangeiros”. Recebemos de fonte segura a informação de que a dama foi uma das primeiras clientes da duquesa de C_____ durante sua longa permanência em Paris e que madame e o falecido Monsieur de V_____ eram um dos inúmeros amigos de Sua Graça, o duque de C_____, durante o tempo que passou lá.

Seguindo as novidades da corte e os mexericos gerais, os comentários sobre a fuga do casal Sheridan e Grant, além de divertidas histórias reais, no fim da última coluna, que precede a página de anúncios, havia a seguinte nota:

Na noite passada, observamos certo lorde acompanhado da dama com quem deve se casar em quinze dias. Temos o prazer de relatar que a dama parece totalmente recuperada de uma recente indisposição. Contudo, temos o desprazer de informar aos nossos leitores que, mais tarde, naquela mesma noite – ou melhor, nas primeiras horas da manhã –, milorde foi visto entrando em uma casa de jogos de reputação dúbia, de onde não saiu até algumas horas após o amanhecer.

Para todos aqueles que desejam que milady, apesar das circunstâncias aflitivas que precipitaram seu noivado, tenha um futuro feliz, esse é um acontecimento dos mais desanimadores. Esperávamos que, tendo obtido a mão dessa linda dama, milorde mostrasse sua gratidão decidindo percorrer o caminho da virtude. Esperávamos que, tendo deixado os erros para trás, ele refletiria sobre os erros de seus antepassados e decidiria – pelo bem da dama, se não pela própria honra – restaurar a dignidade do nome da família. Como nossos leitores sem dúvida não ignoram, o pai de milorde recebeu um título de barão por serviços prestados a um personagem da realeza. Esses serviços incluíam empréstimos consideráveis, dentre eles o de sua bela esposa, por tempo indeterminado. Com sua fortuna dissipada há tempos nas mesas de jogo, devemos imaginar os motivos e a hipocrisia de qualquer pessoa que incentive tal senhor a cometer mais loucuras, estendendo-lhe crédito para tal propósito.

Sala de estar, Residência Warford.

Quinta-feira à tarde.

Como a maioria das pessoas da cidade, lorde Adderley também lera o *Spectacle* na hora do desjejum. Ele blasfemou bastante e destratou não só seu camareiro, mas todo e qualquer criado que teve a infelicidade de atravessar seu caminho nesse dia. Depois de colocar toda a criadagem em estado de efervescente ressentimento, Adderley saiu correndo de casa e atravessou a cidade para visitar a noiva. Ali, negou tudo com grande indignação.

Ele levou nas mãos o documento ofensivo. Depois de ser conduzido à sala de estar, onde sua noiva o esperava, jogou o jornal na mesa, oferecendo um belo espetáculo de raiva e indignação.

– Não sei de onde esses malditos do *Spectacle* tiram essas mentiras deslavadas. Eles precisam aprender uma lição. Já passou da hora de serem processados por esses insultos. Se Tom Foxe fosse um cavalheiro, eu o desafiaria para um duelo. Como não é, vou insistir para que seja preso.

Lady Clara inspirou profundamente o ar e o soltou.

– As pessoas podem ser muito indelicadas. Aproveitam-se das mais inocentes circunstâncias e as transformam em algo vexatório. Exageram tudo o que ouvem e veem. Mas o *Spectacle* nunca revela nomes, não é mesmo? De qualquer maneira, é claro que alguém que leia isso não vai acreditar que se refira a você.

– Não vão?

Ele franziu a testa enquanto olhava para o jornal. Embora não considerasse lady Clara Fairfax uma mulher esperta, imaginou que ela fosse capaz de somar dois e dois.

– É claro que não – respondeu ela. – Harry disse que até um homem de mínima inteligência saberia que não se deve levar isso a sério. “Esse jornal não é confiável”, disse ele.

O rosto de Adderley ficou vermelho.

– Longmore esteve aqui... por causa disso? – Ele apontou para o escandaloso jornal.

– Ah, ele sempre pega uma cópia do *Spectacle* quando vai para casa após uma noite no teatro ou em alguma festa. Passou aqui há pouco tempo. Estava a caminho de uma visita a madame de Veirrion. Ia tentar convencê-la a passear com ele. Você acredita que ela seja uma mulher respeitável?

Não se ela sair para um passeio com seu irmão, pensou Adderley.

– Não ouvi nada que me levasse a pensar o contrário.

– Eu acho que deve ser – opinou lady Clara. – É amiga da duquesa de Clevedon e o duque também a conheceu quando estava em Paris. Eles não a levariam ao teatro se ela não fosse uma mulher respeitável.

– Clevedon não parece se importar muito com o que os outros pensam dele.

Com uma renda anual de centenas de milhares de libras, o duque de Clevedon pode se dar ao luxo de não se importar, pensou Clara.

– Ele se importa com o que dizem de sua duquesa e da filha dela. O rei e a rainha a aceitaram. Não acho que ela ia querer prejudicar sua posição relacionando-se com pessoas impróprias.

– Seria uma atitude bem tola mesmo – concordou ele.

– Se ela *for* respeitável, nossa mãe vai ficar muito animada. O marido da madame deixou tudo para ela. Mamãe não se importaria com o fato de ela ser viúva. Mamãe sempre teve medo de que Harry acabasse se casando com uma bailarina ou alguma garçonete.

O rosto de Adderley estava pegando fogo. Sua mãe era seu ponto fraco. Ela não havia trabalhado como garçoneiro, mas era filha de um estalajadeiro. Fora também amante do rei, assim como foram muitas outras mulheres “respeitáveis”. Infelizmente, ela se tornara amante do rei *depois* do nascimento do filho. Não é pecado ser um bastardo, desde que você seja o bastardo do rei. Ele, coitado, descendia de um estalajadeiro e de obscuros cavaleiros. Não tinha uma gota sequer de sangue real nas veias.

– Casar? – perguntou ele, surpreso. – Longmore? Já estão nesse ponto?

Clara deu de ombros.

– Quem sabe? Ele parecia bem apaixonado. E você conhece Harry, sempre mergulhando de cabeça em...

Ela se interrompeu, tossindo. Colocou a mão sobre a testa. Era um gesto simples e involuntário, mas suficiente para lembrá-lo de que a noiva estivera doente havia pouco tempo – doente o bastante para fecharem a casa para todos, exceto para alguns visitantes, por três dias. Ele correu até ela e se ajoelhou ao lado de sua cadeira.

– Minha querida, você não está se sentindo bem?

Ela deixou a mão cair.

– Não, estou um pouco... Não é nada. Estou dentro de casa há séculos. Preciso de uma boa dose de ar fresco. Acho que vou mandar trazer o cabriolé e dar uma volta pelo parque.

– De jeito nenhum! – retrucou ele. – Se você deseja tomar ar fresco, terei enorme prazer em acompanhá-la. Peça a criada para lhe trazer um chapéu e um xale.



Quando lorde Longmore virou seu veículo e passou pelo portão Cumberland do Hyde Park, ainda não era a hora mais frequentada pela alta sociedade. Ficou ouvindo sua acompanhante louca tagarelar em um inglês tão calamitoso e ridículo que ele mal podia conter o riso, embora não estivesse no melhor dos humores.

– O que houve? Uma parte de milorde presta atenção em mim e a outra não está aqui. Estou sendo entediante?

– Começo a desejar que você seja entediante – respondeu ele. – É mais animação do que posso suportar. Ontem à noite...

Ele balançou a cabeça.

– Mas você parecia tão calmo! Não demonstrou nenhum medo.

Ele a encarou.

– Você enganou a cidade inteira com uma facilidade incrível. Mulheres que a veem diariamente, enquanto você ajusta seus laços. Vários homens que foram ao camarote ontem à noite estiveram no White's no dia em que você ficou na chuva, na St. James Street, oferecendo a eles uma visão generosa de suas anáguas e seus tornozelos.

– As pessoas enxergam o que querem. Na loja, sou uma modista. Quando não estou lá, só pareço vagamente familiar.

A voz falsa, o sotaque falso, o terrível inglês, tudo isso saíra com a maior naturalidade. Longmore também ficou impressionado com a facilidade com que Sophia escondia uma personalidade e assumia

outra.

– Lojistas, assim como criadas, são invisíveis – prosseguiu ela. – Fora de seu círculo, as pessoas não as reconhecem. Com audácia e confiança, qualquer uma delas pode fingir ser outra pessoa.

Com as criadas, era diferente. Ninguém ficava invisível aos olhos delas. Se não fosse assim, madame estaria morando na Residência Clevedon e Longmore teria uma preocupação a menos. Mas isso estava fora de questão. Era impossível esperar que um grande número de criados guardasse tal segredo – ou qualquer outro segredo.

Assim, ela havia contratado criadas francesas de uma das agências que conhecia e na qual confiava, formando dessa maneira o séquito que a servia no hotel. Com o tempo, o *Spectacle* explicaria as condições que fizeram sua nova personagem fugir da França. Longmore não duvidava de que seria uma história horripilante, repleta de sujeiradas, traições, fugas no meio da escuridão e angustiantes esquivas dos inimigos.

Ele balançou a cabeça.

– Ainda é difícil de engolir: os mesmos homens que ficaram boquiabertos diante de você na sacada do White's competiram para serem espirituosos e encantadores ontem, no Teatro da Rainha.

– Porque a cena foi montada com primor. Só precisávamos que você e lady Clara fingissem não me reconhecer.

– Percebi que Clara fez isso sem contar nenhuma mentira deslavada – comentou Longmore.

Mas Clara tinha apenas um pequeno papel naquela representação. Era Sophia que iria assumir o centro do palco. Ela assumira uma nova identidade atraindo todos os olhos do teatro para ela. A habilidade e a segurança com que o fizera deixaram-no perplexo. Pareceu totalmente à vontade.

– Você desempenhou o seu papel com perfeição – disse ela. – Quase me tirou do ritmo. Ainda não me recuperei do choque de seu francês perfeito.

Ele deu de ombros.

– Meu papel também me rendeu um elogio por parte de Adderley. Ele teve a coragem de me cumprimentar pelo meu soco... e de dizer que o mereceu.

– Ele dirá qualquer coisa. Está em uma situação bem difícil.

Esse era um dos muitos problemas que preocupavam Longmore.

– Ele fará qualquer coisa também. Não se esqueça disso, por favor. E lembre-se também de que ele não é nenhum idiota. É melhor tomar cuidado.

Ela ficou tensa.

– Não acredito que *você* vai *me* dar conselhos sobre atuação. Esqueceu-se de nosso dia na Trapos?

– Isso aqui é diferente.

– É a mesma coisa. Estou fingindo ser alguém que não sou. Faço isso o tempo todo. Finjo que não quero dar um tapa na cara de uma cliente. Finjo que ela não é uma idiota. Finjo que gosto de trocar uma fita quatorze vezes, já que ela não será capaz de decidir do que gosta enquanto umas trinta amigas não tiverem dado opinião.

– Não estamos falando de mulheres em uma loja.

– Eu tenho consciência disso. Já se esqueceu de quem deu a ideia? Esqueceu-se de que você mesmo disse que o plano era *perfeito*?

– Você estava completamente nua quando me contou. Naquele momento, *qualquer* plano teria me

parecido perfeito.

– Está reconsiderando?

– Não, não estou. Mas isso foi antes de Clevedon nos dar detalhes mais sórdidos sobre Adderley.

Enquanto eles estavam à procura de Clara, Clevedon fez a própria investigação. Ficou sabendo que as dívidas de lorde Adderley eram muito maiores do que as pessoas imaginavam. Adderley estava tão afundado em dívidas que alguns de seus credores andavam de olho nele. Não seria o primeiro cavalheiro a decidir fugir de suas obrigações tomando um barco para Calais ou para o continente.

– Ele lidou com alguns agiotas bem desagradáveis – comentou ela, fazendo um sinal de desprezo. – Eu os conheço muito bem.

– Os métodos que utilizam nem sempre são honestos – disse ele. – Não são patetas inofensivos, como os guarda-costas da Trapos.

Ela ficou magoada.

– *Eu sei.* Você não faz ideia das pessoas com quem tivemos que lidar em Paris.

– Não faço mesmo. Cada vez fica mais claro para mim quanto não sei nada a seu respeito.

Exceto que seus seios e traseiro eram mais que perfeitos e que ela era completamente honesta quando fazia amor.

– Teremos que nos dedicar a reminiscências em outra hora – afirmou ela. – Ali estão eles.

Longmore viu a carruagem de Adderley se aproximando.

– Eu só não quero que você fique confiante demais – ressaltou ele. – Não quero que se meta em uma situação difícil.

– Você não sabe do que sou capaz – disse Sophia. – Não sou sua irmã. Nunca tive uma vida cercada de proteção. Você não sabe quanto é difícil estabelecer uma loja de sucesso. Precisa parar de se afligir com os credores de Adderley e os repugnantes agiotas e deixá-los comigo. Precisa confiar em mim. Sei o que estou fazendo. Concentre-se em fazer a sua parte. Você precisa demonstrar que está apaixonado por madame de Veirrion. Olhe para mim. Agora eu sou *madame*.

E ela mudou.

Ele ficou maravilhado ao vê-la mudar. À medida que a outra carruagem se aproximava, o comportamento de Sophia ia mudando totalmente: a postura e a maneira de se mover – nem o rosto era mais o mesmo. Tudo isso aconteceu de maneira tão sutil que era difícil colocar em palavras.

Ao contrário de seu papel como prima Gladys, agora ela não usava nenhum disfarce: não havia óculos coloridos para diminuir o brilho de seus olhos azuis, não havia defeitos artificiais para estragar sua pele perfeita, não havia uma mistura nojenta para tirar o brilho de seus cabelos dourados. Ela estava apenas vestida de maneira mais cara e extravagante do que de costume. Entretanto, foi capaz de se transformar, como se tivesse centenas de almas a seu dispor e pudesse virar outra pessoa com a mesma facilidade com que outra mulher mudaria de chapéu. De alguma maneira, por meio da força de sua personalidade, ela fazia o mundo acreditar em qualquer ilusão que criasse.

Ela estava certa. Ele precisava parar de pensar no delicioso e inquietante enigma que era Sophia Noiro e se concentrar no fascínio de madame de Veirrion. Longmore havia entrado no parque pelo portão Cumberland, na parte noroeste, para encontrar “acidentalmente” o outro casal. A maioria das pessoas importantes de Londres entrava pela Hyde Park Corner, criando um congestionamento na parte sudeste. O objetivo era fazer com que Longmore e sua companheira parecessem estar saindo do parque no momento

do encontro.

Um de frente para o outro, os dois veículos pararam e Longmore fez as apresentações. Clara demonstrou o grau exato de curiosidade feminina sobre madame.

Adderley estava fazendo a versão masculina: tentando avaliar, sem ser óbvio, os bens de madame sob a capa e as mangas gigantescas de seu vestido. Ficou bem claro para Longmore que Adderley havia percebido aquela esplêndida figura curvilínea, mantendo o olhar por mais tempo do que o necessário. Ele fez um enorme esforço para não parecer interessado – era preciso lhe dar esse pequenino crédito –, mas madame cativou sua atenção. Ele era o peixe azarado que nadava nas redes dela sem perceber.

Longmore já havia presenciado Sophia encantar seus amigos na noite anterior. Nessa tarde, ele a observava jogar a isca com casualidade: um olhar de soslaio para Adderley, uma inclinação da cabeça, um gesto aqui, um sorriso ali. Em cinco minutos, ela o tinha nas mãos. Um brilho especulativo tomou conta dos olhos de Adderley e um diálogo silencioso aconteceu entre os dois. Longmore estava começando a sentir uma dor de cabeça danada devido ao esforço para fingir que não estava notando aqueles olhares.

Enquanto isso, madame conversava mais com Clara. Ela fez parecer que estava ansiosa para obter a aprovação da irmã de Longmore. E Clara ouvia o inglês capenga de madame com uma expressão totalmente sóbria, sem prestar atenção ao silencioso enredo secundário entre madame e Adderley.

– Estou muito... oh, qual é mesmo a palavra? – Madame franziu o cenho. – Ir para a frente... Ah! *Adiantada*. Estou muito adiantada, será? Atrevida demais?

– De maneira alguma – disse Adderley, o galante. Porco imundo, pretencioso e falso.

Madame fingiu não notar a atenção aparentemente voltada para Clara.

– Mas, milady Clara, é isso o que *interrogo*: quem sabe o que vai chegar? Hoje, estamos felizes. Amanhã, aquele que tanto amamos... não está mais. Isso é o que acontece em minha vida. Um dia, felicidade e paz. No outro, *isolamento*. *Mon époux*, ele morre. Paris fica louca. Quem pode saber o que vai acontecer?

– Eu com certeza não – comentou Longmore.

– O tempo, ele foge de nós – disse ela. – Nunca se pode *aguardar*. – Ela fechou os olhos. – Essa palavra não está correta.

– A palavra que a senhora deseja, madame, é *esperar* – corrigiu Longmore. Ele aprendera o truque dela: usar uma palavra que parece a mesma em francês, mas cujo significado não é exatamente o mesmo. *Interrogar* em vez de *perguntar*. *Isolamento*, em vez de *solidão*. – Acredito que quis dizer que, assim como o tempo não espera por nós, nós não devemos esperar pelo tempo.

– Isso é muito verdadeiro – falou madame. – Tenho pressa. Milady Clara, *la très belle sœur* de lorde Lun-mour, vamos ficar amigas. Vamos *comparecer* outra vez. – Ela lançou um olhar fugaz para Adderley – Amanhã? Nós visitaremos a exibição de pinturas no... Como se chama o lugar, lorde Lun-mour?

– British Institution – respondeu ele.

– Esse lugar – confirmou madame. – Persuadi lorde Lun-mour a ir comigo apreciar a arte.

– Ah, sim, eu gostaria muito – disse Clara.

Ela não riu histericamente nem mencionou quantas vezes o irmão lhe dissera que preferia ter os olhos arrancados com atijadores em brasa do que se juntar a um monte de pessoas boquiabertas, acotovelando-se diante de quadros, fazendo comentários pomposos e inevitavelmente errados sobre eles.

Ela apenas se virou para Adderley, com um olhar de simpatia.

– Mas talvez o senhor ache esse passeio tedioso, não é, lorde Adderley? Se for o caso, não precisa testar sua paciência. Meu irmão pode muito bem acompanhar duas damas. Ele pode pegar a carruagem de nosso pai.

– Milorde não gosta de apreciar as pinturas? – perguntou madame, olhando para Adderley, a boca repuxada para baixo, formando um adorável beicinho.

– Na companhia de duas damas tão lindas e encantadoras, eu teria prazer em admirar até as pedras da calçada – respondeu Adderley.



Exclusivo para o Morning Spectacle.

Sexta-feira, 12 de junho.

Uma curiosa coincidência? Uma informação intrigante foi trazida à atenção deste correspondente. Há pouco, ficamos sabendo que, poucos dias antes do Baile de Aniversário do Rei, no dia 28 de maio, foi negado a certo cavalheiro mais crédito em vários estabelecimentos nos quais ele possui dívidas substanciais em atraso.

Como sabemos, muitos de nossos alfaiates, fornecedores de mobiliários, viticultores, tabacarias, fabricantes de botas etc. veem-se obrigados a esperar meses, algumas vezes anos, para que seus clientes paguem suas contas. O falecido rei, como podemos nos lembrar, deixou débitos que somam dezenas de milhares de libras. A que ponto deve ter chegado um comerciante para recusar crédito adicional a um de seus clientes senhoriais? Isso só podemos especular.

Não precisamos confundir nossas mentes se levarmos em consideração a proximidade entre esse evento e um outro, que levou ao noivado apressado desse mesmo lorde, consequência do fato de ele ter atraído certa dama para sua desventura. A dama em questão, como todos sabem, trará ao casamento um dote que, segundo dizem, aproxima-se de 100 mil libras.

À tarde.

Tratava-se da exposição anual da British Institution, com obras de grandes mestres, apresentando as coleções de pessoas importantes, desde Sua Majestade até uma seleção de duques, marqueses, condes, lordes, ladies e cavalheiros. Alguns poucos privilegiados haviam participado de uma apresentação privada, no sábado anterior. No domingo, a exposição foi aberta ao público.

Apesar de sua aversão por multidões presunçosas e obras de arte bolorentas, lorde Longmore deve ter encontrado pelo menos um pouco de divertimento nos quadros que traziam cenas de batalhas e mortes horrorosas.

No entanto, não estava de bom humor. Pouco tempo depois de terem chegado, Adderley e madame ficaram caminhando atrás de Longmore e a irmã. Nesse momento, haviam se colocado em um lugar de onde não podiam ser ouvidos, embora pudessem ser vistos. Adderley estava bem perto de madame, enquanto discutiam ostensivamente sobre uma famosa obra de Rocco Marconi chamada *Cristo e a adúltera*.

– Você leu o *Spectacle*, imagino – disse Clara ao irmão, interrompendo sua agradável fantasia, cujo ponto alto era o momento em que quebrava todos os dentes de Adderley.

– Como o resto do mundo – respondeu ele.

– Adderley ficou furioso. Tivemos mais uma cena quando ele veio me buscar. Ele ameaçou mandar prender Foxe por *scandalum magnatum*. Fingi simpatia, mas fiz com que visse que a semana que precede nosso casamento não é o momento ideal para se envolver em questões legais. Falei a ele que nosso pai havia comentado que não era possível processar Foxe porque ele não havia citado nomes. Papai disse que, se nem o rei anterior conseguira prender todos os que escreviam escândalos a seu respeito, um zé-ninguém como Adderley não teria a menor chance.

– “Um zé-ninguém como Adderley”? – repetiu Longmore. – Você disse isso na cara dele?

Ela olhou de forma inocente para o irmão.

– Só repeti as palavras de nosso pai.

– Que insensível de sua parte.

– Verdade. Ouso dizer que ele esteja contando seus problemas à madame. – Clara olhou para o casal.

– Ela parece *muito* compreensiva, não é?

Madame estava olhando para Adderley, ouvindo com a maior atenção, a mão enluvada descansando no centro de seu corpete extremamente apertado.

– Ela não seguiu a verdadeira vocação – comentou Longmore. – É uma verdadeira atriz.

– Fico impressionada por você conseguir olhar para eles sem morrer de rir – disse Clara. – Ela é tão engraçada, não é? Tão esperta, enquanto se mostra uma completa cabeça de vento. Eu a adoro.

– A qual personagem você se refere?

– Ambas. – O olhar de Clara pousou sobre o irmão. – Você não parece estar se divertindo.

– Não é para eu me divertir. O sujeito está invadindo a minha propriedade. A cena é essa. Eu devia estar enviando olhares suspeitos na direção deles. – Longmore não teve nenhuma dificuldade em fazer isso. – E, depois de perder a paciência, devo ter uma terrível discussão com madame.

– Perfeito. Ela vai correr para os braços dele em busca de conforto.

Isso era para ser muito divertido, mas não estava sendo.

– Sim. O plano é esse.

Ele marchou na direção do casal.

Capítulo quatorze

British Institution. Da mesma forma que os peregrinos se aproximavam de um santuário sagrado, com uma adoração misturada a temor, nós também consideramos a exibição de verão dos trabalhos dos grandes mestres na British Institution...

Aqui estão 176 pinturas... cada uma delas tão cobiçada quanto uma pedra preciosa.

Jornal da Corte, sábado, 13 de junho de 1835.

Adderley nunca parecera tão presunçoso. Trazia no rosto um sorriso afetado enquanto levava madame para longe, sussurrando em seu ouvido.

– Lorde Lun-mour, lady Clara – disse madame com um sorriso extremamente inocente. – Estamos andando muito devagar, eu acho.

– Não se apressem – falou Longmore. – Os quadros estarão aqui por algum tempo. Nós apenas ficamos curiosos para saber o que a senhora achou de tão fascinante naquele quadro.

– *Eh, bien*, ele me traz certa coisa à lembrança e, então, contei uma pequena história a lorde Add'lee. O rosto dela enrubesceu. Enrubesceu de verdade.

Longmore sabia que Sophia atuava de forma impressionante. Ela havia demonstrado isso várias vezes. Ele sabia que ela podia chorar quando quisesse. Conseguia até marejar os olhos de lágrimas. Mas ele jamais ouvira falar de alguém que conseguisse enrubescer quando desejasse.

– Eu gostaria de ouvi-la – disse ele.

Adderley olhou para Clara.

– Temo que a história não seja apropriada para uma dama solteira – disse ele.

– Mas é perfeitamente adequada para um homem que está prestes a se casar? – perguntou Clara levantando as sobrancelhas e lançando um olhar frio a ele. Era uma expressão que a mãe dela executava com magistralidade.

– Por favor, *ma chère*... não se ofenda – disse madame. – Foi apenas uma historinha impertinente. Lorde Add'lee vai lhe contar depois que se casarem.

Clara lançou um olhar glacial para o quadro.

– É interessante, não é mesmo, como o adultério se torna um crime torpe quando é cometido por uma mulher. Mas o homem que trai praticamente ganha uma medalha de honra. Ouso dizer que esse é um belo quadro, mas não para o meu gosto.

Ela se afastou, as costas eretas, o queixo para cima. Depois de um momento de hesitação, Adderley foi atrás dela.

– Eu tomaria cuidado, madame, se fosse a senhora – alertou Longmore. – Algumas pessoas podem interpretar mal a sua... afabilidade.

– *Eu* preciso tomar cuidado? Vocês, ingleses, são muito sérios. Eu gosto de coquetear um pouco. Que mal pode fazer? É um privilégio das mulheres casadas.

– Nessas circunstâncias, pode ser interpretado até mesmo como mais do que coquetear.

Ela balançou a mão.

– O jeito inglês é muito estranho. Aqui, todo mundo presta atenção nas mulheres solteiras. Elas namoram, dançam e todos os homens correm atrás delas. Na França, essas *mesdemoiselles* se sentam tranquilas com suas acompanhantes. Elas precisam ser reservadas e recatadas, como freiras. As mulheres casadas é que são coquetes e têm seus *affaires*, mas com muita discrição.

– A senhora não está na França, madame.

– O senhor não me aprova, milorde? Acha minhas maneiras pouco amáveis?

– Pelo contrário, acho suas maneiras amáveis demais.

– Mas o que isso quer dizer? O senhor me acha amável demais só porque conversei com seu amigo?

– Com o noivo de minha irmã – disse Longmore.

– E qual é o problema? – perguntou ela, com uma risada descontraída. – O senhor tem medo que eu roube o noivo dela? Se eu fizer isso, talvez seja melhor para ela. Se eu fosse a noiva, não ia querer um homem que olha para outra mulher com tanta facilidade. Isso a poucos dias do casamento! Talvez esse seja um grande favor que farei à sua irmã.

A voz de Clara – não alta demais para ser entendida, mas veemente o bastante para demonstrar seu desprazer – chamou a atenção para o casal.

O que quer que ela estivesse dizendo estava deixando Adderley muito tenso. Um vermelho obscuro tomou a pele clara do rapaz, que não estava mais parecendo tão angelical e poético.

– Está vendo? – disse madame. – Já estão brigando.

– É o que parece.

Clara estava gesticulando, o queixo para cima. Ela se afastou de Adderley marchando com raiva. Adderley foi atrás dela. O casal desapareceu por uma porta.

– Não é bom fazer cenas de ciúme – disse madame. – Logo antes do casamento, isso é tolice. Só faz sentido se ela deseja afastar o homem.

Ela meneou a cabeça.

– Talvez ele esteja ansioso para se afastar – comentou Longmore.

Ela riu outra vez, aquela gargalhada distintamente gaulesa, seguida de um típico dar de ombros gaulês.

– *C'est la vie*. O que um perde, o outro ganha, certo?

Se ele não soubesse a verdade, acharia que Sophia era uma aventureira experiente no trato com os homens e com o mundo. Acreditaria que ela tivera um grande número de amantes.

Mas não, somente eu.

Ele sabia disso. Sabia que fora o primeiro. E talvez fosse esse o problema. Teria ele criado um monstro? Teria ele aberto as comportas? Teria ele...? Deus do céu, o que ele estava pensando? A pessoa à sua frente não era *Sophia*.

O criado que se aproximou de Longmore tirou-o de seu devaneio insano.

– Peço licença, milorde – disse o homem –, mas lorde Adderley pediu-me que expressasse suas desculpas à dama e ao senhor. Ele me pediu que avisasse que milady, sua irmã, não está se sentindo bem e preferiu ir embora.

Longmore olhou ao seu redor. A discussão com madame, ainda que em voz baixa, estava atraindo a atenção.

O espetáculo ainda não acabou.

Madame estava balançando a cabeça.

– Eles não combinam – comentou ela. – Percebi na mesma hora.

– Percebeu mesmo? E com quem a senhora acha que ele combina mais?

Ela o olhou estreitando os olhos.

– É estranho, lorde Lun-mour, mas eu também não estou me sentindo muito bem. Suponho que seja o ar deste lugar. Ele me oprime. Ou talvez seja a companhia. Acho que prefiro retornar ao hotel.



Exclusivo para o Morning Spectacle.

Sábado, 13 de junho.

A exposição anual de verão da British Institution atraiu um grande número de visitantes ilustres. Entretanto, os que lá estiveram ontem puderam admirar não apenas as obras de arte, mas um drama que se desenrolou diante de seus olhos, sob os quadros. Certo casal recentemente comprometido, já mencionado em páginas anteriores, compareceu ao evento. Com ele estavam o irmão da dama e a francesa que milorde acompanhou em várias ocasiões desde sua chegada a Londres.

Cumprimos o dever de informar que a discórdia surgiu entre os casais. Embora não estejamos afirmando que o monstro de olhos verdes entrou em cena, alguns visitantes devem ter notado um clima gélido entre as duas damas, antes da partida súbita – e separada – de ambas. O frio no ar pode ter surgido devido ao fato de que o cavalheiro estava prestando mais atenção na companhia de seu futuro cunhado do que na dama com quem deve se casar em poucos dias. Seria descuidado de nossa parte deixar de acrescentar que, quando o futuro noivo saiu da cena, não foi sua noiva que lançou um olhar lânguido em sua direção.

Maison Noiroi.

Domingo à tarde.

– Não – disse Longmore.

Ele amassou a mensagem e a atirou na lareira vazia.

– Eu não pedi sua permissão – afirmou Sophia.

Eles estavam na sala do segundo andar, onde ele encontrara as irmãs exercitando seus talentos individuais. Ali, Sua Graça, a duquesa de Clevedon, desenhava suas exuberantes criações, Srta. Leonie trabalhava em seus livros de contabilidade e a Srta. Sophia compunha seus dramas de moda para o *Spectacle* e criava estratégias para manter a Maison Noiroi como a primeira opção da alta sociedade londrina.

Longmore encontrou-a trabalhando. Os dedos dela estavam sujos de tinta e havia uma mancha em seu rosto. Um cacho dourado havia escapado do grampo e balançava junto à sobancelha esquerda.

– Você está com tinta no rosto – avisou ele.

– Não mude de assunto – pediu ela. – O convite é *perfeito*.

– É uma oportunidade perfeita para você se meter em alguma enrascada.

– Segundo a mensagem que Longmore havia jogado fora, lorde Adderley desejava que madame o aconselhasse em um assunto particular. Ela poderia lhe dar a honra de jantar com ele naquela noite, no hotel Brunswick?

– Não, ele nos poupou trabalho. Agora, você pode entrar na casa dele.

Ele olhou para Sophia.

– Será que as substâncias da tinta estão prejudicando o seu cérebro? Você nunca disse nada sobre entrar na casa dele. Por que cargas d'água eu faria uma coisa dessas?

– Para achar evidências comprometedoras.

– Você já não achou o bastante? Com tantos relatos que recebe de Fenwick e de seus vários amigos do mundo do crime? Os mexericos que Clevedon lhe contou, que soube nos clubes e através das tias? Os relatórios financeiros privados, que a Srta. Leonie conseguiu não sei como e nem vou querer saber? De que mais você precisa?

– De cartas dos médicos que cuidaram da mulher dele, que está presa em um hospício contra sua vontade.

O quê?

– Seria muito útil saber que ele já tem uma esposa – explicou ela. – De preferência, passando bem e morando na Irlanda, mas uma esposa maluca também serve.

– Isso seria mesmo útil, mas altamente improvável. Esse tipo de coisa só acontece em romances tolos: a esposa louca no sótão, o verdadeiro herdeiro do título que desapareceu há tempos e que é mantido trancado numa masmorra há vinte anos. Sinto muito, mas não é o caso.

– Precisamos de alguma coisa poderosa – disse Sophia. – A sociedade não acha descabido que um cavalheiro esteja afundado até as orelhas em dívidas. Isso não é suficiente para neutralizar o crime hediondo cometido por Clara, quando permitiu que ele a beijasse de uma forma mais calorosa e desalinhasse suas roupas.

– E quanto àquela última notícia no *Spectacle*, falando sobre os credores e a curiosa coincidência? Meu sangue ferveu. É claro que isso o coloca em maus lençóis com pessoas que sejam mais rigorosas.

Longmore não sabia daquele detalhe interessante, até aparecer no jornal.

– Aquela foi muito boa, mas eu queria algo mais impactante. Cartas dos credores ou dos agiotas. Promessas interessantes, como: “É melhor você se casar depressa, milorde, ou sofrerá um grande castigo físico.” Coisas desse tipo.

Ele teve que pensar por um momento para acalmar a mente e refletir sobre o que Sophia estava pedindo. Ela conseguia varrer as pessoas para o interior de um drama colérico, que fazia o cérebro ferver.

– Sophia, que tipo de idiota colocaria isso no papel? E que tipo de imbecil o guardaria?

– Você ficaria impressionado – respondeu ela. – A maioria dos criminosos possui cérebros que não funcionam direito. O cérebro deles é do mesmo tamanho que o dos esquilos, que só pensam em nozes e em como conseguir mais nozes. O repulsivo agiota, por exemplo, não precisa ser um gênio financeiro. Ele só precisa ser bom em juntar grandes quantidades de nozes. Pergunte a Leonie. *Essa* sim tem uma mente financeira. Mas a maioria...

– Sophia.

– Adderley também não é muito esperto – prosseguiu ela.

– Eu também não sou. Mas sou perfeitamente capaz de seduzir uma mulher se eu quiser. E ele...

– Você é muito mais esperto do que ele. Mal posso acreditar que Adderley tenha sido tão idiota a ponto de convidar uma mulher para jantar com ele poucos dias antes do casamento. E ainda a convidou para um hotel cujo preço ele não pode pagar, onde todos o reconhecerão! Fica cada vez mais claro para mim como ele se meteu em tantas dívidas. É um daqueles sujeitos que sempre acham que as coisas vão mudar a seu favor: a próxima vez que jogar os dados, a próxima rodada de cartas. Em resumo, ele é um palerma e não tem a mínima chance de me conquistar. *Eu* é que o estou seduzindo, lembra-se?

– Não. Eu nunca concordei com que você seduzisse quem quer que fosse.

Ela sorriu, aproximou-se dele e pegou as lapelas de seu casaco.

– Ouça bem – disse ela, fitando-o nos olhos.

– Não – respondeu ele. – Seus argumentos não fazem sentido.

– Eu não sou Clara. Eu sei cuidar de mim.

– Nem sempre.

– Sempre – enfatizou ela. – E, sem dúvida, nesse caso. Adderley está correndo muito mais perigo comigo do que eu com ele. Vou jantar com ele, como ele me pediu, no Brunswick. Vou mantê-lo lá por duas horas pelo menos. Isso deve lhe dar tempo suficiente para vasculhar a casa dele. Não é uma casa grande.

E de fato não era. Adderley fora obrigado a vender a maior parte de suas propriedades. O que não conseguiu vender, deu como garantia de empréstimos. A propriedade da família estava alugada para um servidor do Exército e sua família. No momento, Adderley vivia em uma pequena casa alugada, perto da Leicester Square.

– É uma propriedade privada – retrucou Longmore. – Com criados, embora todos se perguntem como ele os paga. Eu sei que não tenho uma reputação das melhores, mas uma coisa que jamais fiz foi entrar na casa de um cavalheiro sem pedir licença.

– Não é muito diferente de invadir alojamentos. Ou fugir da escola depois do toque de recolher. Você já fez isso, tenho certeza.

– Como você sabe? – indagou ele.

Ela estava perto demais. Seu cheiro flutuava no ar ao redor dele, inebriando-o.

– Você frequentou escola pública e sei que não recebeu nenhum prêmio por bom comportamento – explicou Sophia.

– Não, como você sabe que essas coisas não são diferentes? Como você sabe sobre essas coisas, Sophia?

Ela soltou as lapelas dele e deu um passo para trás.

– Ora, pelo amor de Deus, é óbvio. São *construções*. Com portas e janelas. Os invasores arrombam fechaduras, entram por janelas abertas ou quebram alguma que esteja trancada. – Ela balançou a mão. – Não sei qual é o melhor método, mas podemos perguntar a Fenwick.

– Então, deixemos que Fenwick o faça. Ele é pequeno e chama menos atenção. Ele é capaz de escorregar para dentro de lugares apertados e de sair deles. E, sendo um experiente malfeitor, tem muito menos chances de ser capturado e ter que responder a perguntas desagradáveis. Se ele for preso, podemos salvar a pele dele facilmente.

– Ele não sabe ler – retrucou ela.

Sophia virou a cabeça para o lado, estudando-o. Analisando aquele pequeno cérebro assoberbado.

– Achei que você gostaria de ter a possibilidade de entrar na casa de Adderley e descobrir seus segredos malignos.

– Eu adoraria, se ele estivesse em casa na hora. E se você estivesse em outro lugar.

– Tente ser lógico. Nada vai acontecer comigo. Não pode acontecer. Se Adderley conseguir o que quer de mim, perderá o interesse.

– Ou não.

Longmore não perdera o interesse. Pelo contrário, estava muito mais interessado do que gostaria. Não se lembrava de ter passado tanto tempo pensando em alguma mulher como vinha pensando nela.

– Se eu sucumbir, ele não ficará tão ansioso para me agradar. Não ficará procurando uma oportunidade para vir me encontrar. Não ficará à espreita. Não ficará muito eufórico. Ele precisa ser um pouco frustrado para... não o suficiente para desencorajá-lo, mas a dose certa para aumentar seu entusiasmo pela caça. Por que eu preciso explicar isso? Você é homem. Sabe como os homens pensam.

– Na verdade, não pensamos tanto assim.

– Você sabe o que quero dizer.

– Sei que essas situações podem sair do controle.

Ele se lembrou dos rapazes bêbados; sua mente lhe trouxe imagens de Sophia nas mãos de Adderley.

– O que eu gostaria de saber é como essas situações podem sair do controle com um homem que uma mulher considera repulsivo – disse Sophia. – Ou você acha que todas as mulheres são escravas do desejo e que tudo o que os homens precisam fazer para fazê-las perder a cabeça é beijá-las e acariciá-las?

– Ele *não* vai beijá-la nem acariciá-la.

– E eu não vou perder a cabeça – retrucou ela.

– Você não foi totalmente racional comigo, se lembro bem.

– Ali foi com *você*. Foi totalmente diferente. Sei qual é a diferença e, na verdade, acho desanimador que você não saiba. Todas as mulheres são intercambiáveis para você? Não, não responda. Prefiro não saber. Prefiro manter algumas ilusões.

– Ilusões? Valha-me Deus, você tem alguma? Porque me parece... – Ele se interrompeu. De repente, percebeu que as mulheres sempre foram mais ou menos permutáveis em sua vida. Menos ela. – Esqueça. Eu já não sei mais o que penso.

– Não pense. Você só precisa entrar na casa dele e achar alguma evidência incriminadora. Eu o mantereii ocupado.

Ele não podia impedi-la, a não ser que a amarrasse em uma cadeira e a trancasse na sala. Mesmo assim, ela encontraria uma maneira de fugir, ele não tinha dúvida.

– Tudo bem – disse Longmore.

Ela se aproximou outra vez, colocou a mão sobre o peito dele.

– Obrigada. Sei que se preocupa comigo e que, se não fosse por sua irmã, você me mandaria ir para o inferno.

Isso não era bem verdade, mas ele não discutiu. Em vez disso, colocou a mão no rosto dela e a beijou na boca, um beijo firme, possessivo. Ele a manteve assim, olhou bem dentro de seus lindos e mentirosos olhos azuis e falou:

– Eu gostaria que a senhorita não fosse beijada nem acariciada. Não por ele.

– Confie em mim.

Ele a queria, pensava bastante nela e se preocupava com ela a ponto de se sentir um tolo. Mas não confiava nela. Contudo, sem alternativa a não ser cooperar, era melhor ver as coisas pelo lado positivo: seria muito divertido entrar na casa de Adderley e encontrar algo que tirasse para sempre aquele sorriso afetado da cara dele.

E, se isso não funcionasse, sempre seria possível dar um tiro no cafajeste.



Naquela noite.

Entrar sem ser visto na casa de Adderley foi bem fácil.

Depois de fazer um reconhecimento da área, Fenwick relatou que os criados estavam debaixo das escadas, fumando, bebendo e jogando cartas. O pequeno vigarista subiu por um cano de escoamento e entrou na casa através de uma entre as várias janelas destrancadas. Depois, abriu a porta da frente para Longmore. Qualquer pessoa que os visse teria imaginado que um dos criados permitira a entrada de um amigo do patrão.

Em seguida, a maior dificuldade foi se movimentar por uma casa desconhecida e mal iluminada sem bater nos móveis nem derrubar a decoração. Depois de alguns rangidos e solavancos, Longmore relaxou.

Ele tirou da mente a prioridade de não ser apanhado e se pôs a procurar algo. Isso já foi bem menos simples.

Os cômodos pareciam ser cuidados por uma criadagem desestimulada, ou mesmo revoltada. Isso explicava a festa debaixo da escada e as janelas destrancadas. Fenwick e ele encontraram muitos papéis: montanhas de jornais e revistas sobre esportes, folhas de aposta em corridas e o *Morning Spectacle*. Pilhas de convites. Montanhas de correspondências misturadas. Havia inumeráveis dívidas com comerciantes, mas nenhuma tinha segredos que Leonie e Clevedon já não tivessem descoberto.

Longmore tomou cuidado especial para examinar a mesa do escritório, em busca de compartimentos ocultos. Não havia nenhum. Com cara de nojo, ele foi para o quarto de Adderley. Procurou na escrivaninha, na cabeceira da cama, no armário e debaixo dos travesseiros e do colchão. Encontrou muito lixo e evidências de que os criados eram péssimos. Eles deviam ter um trabalho tedioso. Parecia que Fenwick e ele mal haviam começado quando um relógio começou a soar. No mesmo instante, Longmore ouviu os sinos da igreja mais próxima.

Dez horas.

Já?

Fenwick, cuja função era ficar de guarda, disse:

– Tem barulho lá embaixo, seu majestade. Tem alguém subindo a escada.

Um momento depois, Longmore ouviu vozes se aproximando.

– Fenwick... entre no guarda-roupa – pediu ele.

Lorde Longmore se jogou no chão e se enfiou debaixo da cama.



Diferentemente das tias de Clevedon, muitos nobres que vinham a Londres por pouco tempo hospedavam-se em um dos vários hotéis luxuosos de West End. O Clarendon, na New Bond Street, como outros de sua categoria, estava acostumado a atender os pedidos de seus hóspedes com discrição.

Madame de Veirrion havia pedido uma das maiores suítes. Se ela quisesse usar os quartos como se fossem sua residência particular, o hotel permitiria com todo o prazer. Não cabia aos funcionários questionar e, por certo, não tinham permissão para fazer mexericos sobre o que ela fazia lá nem com quem se encontrava. Fora esse o motivo que levara Clevedon a escolhê-lo para a concretização do plano.

Embora madame tivesse voltado tarde, sua entrada chamou a atenção de hóspedes e criados. Ela estava usando um vestido espetacular, cuja descrição já fora oferecida ao *Spectacle* para ser impresso na edição de segunda-feira. Era uma das criações mais gloriosas de Marcelline e a Maison Noiroth receberia todo o crédito no jornal.

Em Paris, pequenas capas de tafetá estavam na última moda, usadas, em geral, com um tecido de textura mais suave, feitos de musselina. Mas Marcelline havia combinado um vestido de cetim cor-de-rosa com a capa, criando um farfalhar abundante e sensual quando a mulher se movia.

Todas as mulheres que viram madame de Veirrion nessa noite olharam para o vestido com uma expressão lasciva, mais comum em rostos masculinos. Lorde Longmore jamais a havia olhado daquela maneira.

Mas ele era diferente, disse Sophia a si mesma. Ele era tão bom quanto ela em fazer uma cara apática. Era preciso estudá-lo de perto para perceber a maneira como seus olhos negros brilhavam quando ele a estava observando com mais interesse do que o normal... e havia certo declive na boca, uma inclinação da cabeça...

Ela estremeceu, lembrando-se da última vez que ele a olhara dessa forma, poucos dias atrás, um segundo antes de beijá-la. Sophia estava em uma situação difícil. Se não tivesse que salvar lady Clara, ela teria feito, sem esforço, papel de idiota em relação a ele. Teria chorado à noite, no travesseiro. Teria escrito poemas ridículos sobre amantes separados pelo destino. Teria citado cenas inteiras de *Romeu e Julieta* e soluçado, porque os jovens amantes até que não tinham tido uma sorte tão ruim, se comparados a ela.

Mas ela não estava com tempo para agir como uma tola sentimental. Era obrigada a ser a Cleópatra para o Marco Antônio de Adderley – e, na verdade, ela jamais havia achado que Marco Antônio era digno da rainha do Egito. Sempre o considerou um tanto sem brilho.

Estava contemplando o papel de sedutora malévola e pensando que o mais importante era ser paciente, quando o lacaio, que estava do lado de fora da suíte, veio avisá-la de que lorde Longmore a estava esperando na antessala.

O coração dela acelerou.

Sophia pensou que teria tempo para descansar e se recompor antes da chegada de Longmore. Ficar calma ao lado dele não era tão simples. Com frequência, tinha a impressão de que ele lia seus pensamentos. Era como ser despida, com a diferença de que ela não se importava que ele visse seu corpo nu. Mas ela se importaria muito se Longmore enxergasse tudo o que havia em sua mente.

Manter o controle não seria fácil depois de uma noite exaustiva com lorde Adderley. A mente de

Adderley era lenta. Sophia havia feito um grande esforço para dominar a conversa, mantendo-o a uma distância segura. Fora obrigada a usar de todo o cuidado para conseguir colocar a mente dele na direção planejada. Foi como dançar com um homem que possuía dois pés esquerdos. Ele havia tentado ser sutil e ela teve dificuldades para fingir que não estava entendendo o que ele queria dizer.

Foi um trabalho difícil, que sugou sua energia – e o plano durou mais tempo do que o previsto. Mesmo assim, fora bem-sucedida e isso era o mais importante. E foi o que a animou quando caminhou até a antessala, a confiança em forma de mulher.

Uma criada apareceu, mas Sophia a ignorou. Longmore estava perto da janela, com uma taça na mão. Seus cabelos negros estavam desalinados, assim como seu lenço de pescoço. Ela não saberia dizer se ele estivera em uma luta ou se havia dormido usando aquelas roupas. Ele estava desganhado e seus olhos tinham um brilho perigoso.

Ela mandou a criada sair.

– Vá dormir – disse ela. – Se precisar, eu a chamo.

Quando a porta se fechou, Sophia tirou as luvas.

– Espero que tenham cuidado direito de você – comentou ela, observando que a garrafa de bebida, colocada sobre uma das elegantes mesas, estava quase vazia.

– Elas me alimentaram e mantiveram minha taça cheia. Onde *you* estava?

Sophia jogou as luvas sobre a cadeira mais próxima, desamarrou a pequena capa e a colocou, sem muito cuidado, sobre as luvas. Costureiras costumavam dobrar as roupas e colocar cada peça no lugar. Grandes damas deixavam essa função para as criadas.

– Quanto você já bebeu? Esqueceu-se de que eu estava jantando com lorde Adderley?

– Durante cinco horas?

– É claro que não. Não pode ser... Que horas são?

Ele lançou um olhar para Sophia, tirou o relógio do bolso e abriu a tampa com um clique. Com uma voz exageradamente calma, disse:

– Meia-noite e meia.

– Então não foram cinco horas.

– Que diabo você estava fazendo esse tempo todo?

– Mantendo-o ocupado.

– Você disse duas horas.

– Eu disse que poderia lhe dar pelo menos duas horas.

– Não foi isso o que você disse.

– Que diferença faz? Ou você está zangado porque teve que interromper sua busca, imaginando que teria apenas duas horas?

– Deixe a minha busca de lado.

– Deixar de lado? Mas esse era o objetivo de todo o plano!

– Aparentemente não era – retrucou ele. – Até porque você achou alguma coisa com o que se ocupar.

– Para falar a verdade, achei mesmo.

– Estou ansioso para saber o quê.

Sophia não pretendia descrever para o conde as várias manobras e contramanobras que fora obrigada a usar. Não tinha intenção de ensinar a nenhum homem as artimanhas de que se utilizava para manipular o

sexo oposto.

– Você precisa saber o que *não era*. Não posso acreditar que você está aí me olhando como se eu fosse sua irmã rebelde. Quantas vezes preciso repetir? Não sou lady Clara, que não é esperta o suficiente para não se deixar levar por lordes falidos a uma varanda escura. Não sou nenhuma lady. Não sou ingênua.

– Mesmo assim...

– Não sou tola para deixar que alguma coisa aconteça. *Nada aconteceu*. – Ela queria sacudi-lo. Como ele podia achar que ela fosse tão sem juízo? – Levando-se em conta o seu péssimo humor, posso concluir que falhou em sua missão. Ou você encontrou alguma coisa pior do que imaginávamos? Restos macabros no sótão ou...

– Muita poeira debaixo da cama – contou ele. – E o que podia ou não ser um roedor morto. Não toquei nele. Só estou julgando pelo cheiro. Talvez fossem as meias de seu futuro namorado.

– Você procurou debaixo da cama? Por que não pediu a Fenwick que fizesse isso? Ele é menor e... – Ela se interrompeu, quando lhe veio à mente a imagem de Longmore enfiando o corpo enorme debaixo da cama. – Ah, não! Você bateu a cabeça? – Sophia aproximou-se dele. – Deixe-me ver. Devia ter pedido às criadas que trouxessem gelo.

Ele deu um passo para trás.

– Não bati a cabeça. Já estive debaixo de algumas camas, embora não recentemente. Fiquei lá sem me mover enquanto um casal de criados aproveitou bem a ausência do patrão, fornicando encostado no guarda-roupa. – Virou-se de costas, caminhou até a garrafa e encheu a taça mais uma vez.

Ela o observou enquanto sua imaginação criava a cena que ele descrevera. Ela sabia sobre isso. Já vira quadros. Mas olhara para eles sem muita emoção, sentindo apenas curiosidade.

Sophia tentou trazer a mente de volta, mas ela insistia em fazer sua própria apresentação, com imagens de Longmore nu, penetrando-a e fazendo-a sentir coisas que jamais sentira, emoções tão desenfreadas e tão prazerosas que quase doíam.

Essa lembrança fez com que ela sentisse um calor tomar conta de seu corpo. Sentiu vontade de atravessar o quarto correndo, abrir uma janela e inclinar-se para fora.

Ou quase isso.

Na verdade ela queria correr até ele e pedir que fizesse tudo de novo, que a tocasse, a beijasse, a possuísse e tirasse de sua mente a lembrança da voz insinuante de Adderley, suas palavras de duplo sentido, seu corpo e seu rosto próximos aos dela.

Ela se forçou a parecer compreensiva, mas divertida.

– E ninguém percebeu sua presença lá?

– Eu poderia ter começado a cantar “God Save the Queen” que eles não teriam percebido. Por sorte, a posição deles não era fácil de manter. Não demoraram muito. Riram bastante depois e saíram, talvez para repetir tudo no quarto ao lado. Não fiquei lá para descobrir. Tirei Fenwick da toca e fomos embora.

Ele bebeu mais um pouco da taça e Sophia não disse nada, apenas observou as mãos dele e o movimento de seus ombros, a maneira como a luz brincava com os ossos de seu rosto.

– Tive que descer pelo cano de escoamento – contou ele, quebrando o silêncio. – Depois disso, Fenwick ainda fez uma crítica ao meu modo de descer.

– Eu acho que ele...

– Foi uma total perda de tempo! – Longmore bateu com a taça na bandeja, fazendo a garrafa balançar.

– Adderley não tem nada que nos revele algo que não saibamos. Foi como eu lhe disse que seria. As coisas que você queria encontrar só aparecem em livros, no mundo do faz de conta. E o que está acontecendo não tem nada a ver com faz de conta!

Capítulo quinze

*Enquanto em sedas minha Julia dança,
Então, então (parece-me) que docemente balança
Aquela liquefação de suas roupas.*

*Em seguida, quando meu olhar me conduz
Àquela vibração forte e soberana como a luz;
Oh, como aquele brilho me seduz!*

Robert Herrick, *Sobre as roupas de Julia*, 1648.

A cabeça de Sophia voltou à consciência, como se ele a tivesse golpeado. Então, Longmore sentiu vontade de bater em algo, de preferência em si mesmo. Estava se comportando como um idiota porque se deixara levar a um estado de loucura – e só podia culpar a si mesmo.

Ele que havia insistido em encontrar com Sophia ali, depois de terem completado as respectivas tarefas. Dessa maneira, se Adderley tivesse tentado criar problemas seguindo madame até seus aposentos, Longmore estaria no local para mandar o cachorro cuidar da própria vida.

Longmore ficou esperando por um tempo que lhe pareceram meses. Pelos padrões da sociedade, ainda não era tão tarde. Entretanto, parecia bem tarde para uma mulher retornar de um jantar com um homem, de um encontro cujo tempo fora estimado em duas horas.

E, ainda por cima, retornar *daquele* jeito.

Ela havia chegado movimentando-se com desenvoltura, os quadris balançando, o sorriso confiante – o sorriso de uma mulher que sabe que é desejada e que acredita que merece ser. Fizera sua entrada como uma rainha ou um ser mítico, uma deusa nascida em uma nuvem, um zéfiro.

E ela parecia mesmo andar sobre nuvens naquele vestido, uma criação excêntrica, com várias camadas de cetim e renda, em cor-de-rosa e preto. À luz do lampião a gás, a seda rosa assumia o tom de um tempestuoso pôr do sol, mágico e selvagem, das montanhas da Toscana, no momento em que a brisa sopra acima da cabeça dele, carregando consigo a inebriante fragrância de lavanda e jasmim.

Ele a viu tirar as luvas e sentiu o pulso acelerar. Viu-a desamarrar a pequena capa preta que lhe cobria os ombros, o tecido reluzente se movendo de maneira sinuosa e soando como um coro de cem vozes que apenas sussurravam. O acabamento de renda encobria a frente do vestido. Em sua mente, Longmore enxergou o que estava debaixo, e debaixo, e debaixo até chegar à pele, e ele conhecia a sensação de estar ali. Sabia como era sentir a curva aveludada da barriga de Sophia nas mãos.

Ele a viu desprender o pequeno manto e prendeu a respiração. O decote do vestido era surpreendentemente baixo, mal contendo a sedosa dilatação dos seios.

Tudo aquilo. Adderley vira tudo aquilo.

E chegar a essa conclusão o deixou colérico. Então, ficou furioso com ela por deixá-lo colérico e consigo mesmo por permitir que ela tivesse esse efeito sobre ele. Longmore estava se comportando como um demente, como um animal.

– Maldição, Sophia! – exclamou ele.

O rosto de Sophia ficou vermelho.

– Não posso acreditar na confusão que você está criando por causa disso. Você é uma pessoa que não se preocupa com o que dizem. Você ri das convenções e tem prazer no risco; quanto mais perigoso, melhor. Esse é o tipo de atitude que você tomaria para pregar uma peça em alguém.

– Isso não foi uma peça.

– Então eu gostaria de saber o que aconteceu com o seu senso de humor. Gostaria de saber o que aconteceu com o seu senso de aventura. Gostaria de saber...

– Você é que vai me dizer. – Ele a interrompeu. – Mas o que tenho a ver com o que você faz? Por que eu me importaria?

– Você está dizendo tolices – disse ela.

– Não estou, não, principalmente não a mim mesmo. Nunca me senti tão...

Nunca me senti tão o quê? Quem era ele senão ele mesmo? O que era aquilo?

Mas sua boca continuou a falar, antes do pensamento, como sempre.

– Eu me deixei levar por esses seus planos loucos... e tudo isso é divertido. Mas também não é. Não consigo achar graça de tudo. Não pude aproveitar o fato de entrar sem ser convidado na casa daquele idiota com Fenwick, porque o tempo todo, cada minuto que passei lendo as contas daquele verme e todas aquelas lamentáveis cartas de advertência de seus credores – todo aquele tempo eu só pensava em como ele era um patife de duas caras e em quanto ele devia estar desesperado para armar uma cilada logo para minha irmã, entre todas as mulheres... E você estava ali, tão segura de que era capaz de lidar com ele...

– E eu sou capaz! – exclamou ela. – Eu consegui! Como você pode ser tão tolo? – Ela manteve a voz baixa, mas a veemência pulsante que havia nela estava muito clara. – Sei que ele não tem nenhuma consciência. Sei que não se importa com as mulheres. Para Adderley, mulheres não passam de um esporte. Até mesmo uma cilada para atrair uma esposa faz parte do jogo. Não é diferente de jogar dados ou das corridas de cavalos. Sei de tudo isso. Posso enxergá-lo com mais clareza do que você. E você achando que eu estava correndo perigo com ele... logo com *ele*, entre todos os homens? Acha que eu me permitiria ser *conquistada* por ele? Como você pode ser tão *idiota*?

– É isso o que eu queria saber. Como posso ser tão idiota a ponto de estragar uma noite perfeita me preocupando com você? E agora... enquanto ainda há bastante noite de sobra, ainda perco mais tempo brigando com você.

Sophia ficou vermelha e seus olhos se estreitaram, formando duas ranhuras azuis e furiosas. Ela começou a falar em francês, com rancor e em voz baixa.

– É verdade. Uma grande perda de tempo para nós dois. Bem, não me permita detê-lo por mais tempo, milorde.

Sophia marchou até a saída, o cetim sussurrando ferozmente, os laços parecendo tremer de fúria. Abriu a porta com raiva, para surpresa do lacaios que estava encostado nela, tentando ouvir pelo buraco da fechadura.

– *Bonsoir, monsieur* – despediu-se ela, pronunciando com força cada sílaba.

– *Bonsoir, madame* – respondeu Longmore.

Ele pegou o chapéu e as luvas e caminhou até a porta. Sophia ficou ali, de queixo para cima, olhando para ele com ar de desafio. Seus olhos lançavam chamas azuis. O calor pintava de vermelho seu rosto e

seu pescoço. O fogo tingia seu colo macio, que oscilava com fúria.

Longmore passou por ela, mas não saiu. Em vez disso, bateu a porta na cara do lacaio. Ele jogou no chão as luvas e o chapéu, e a tomou nos braços.

– Ah, não, não vai, não – disse ela. – Você não vai bancar o macho dominador em cima de mim, seu miserável. – Sophia bateu no peito de Longmore. – Ponha-me no chão!

A voz dela estava fria e incisiva.

– Obrigue-me – desafiou ele, a voz ainda mais fria e incisiva.

Ela se retorceu.

– Vou gritar.

– Não vai, não.

Ele a beijou, não com suavidade, mas com toda a frustração, toda a raiva e todo o medo que carregara dentro de si durante toda a noite. Ela continuou a protestar e a lutar – também sem nenhuma suavidade –, mas Longmore sentiu a boca de Sophia ceder bem antes que o próprio corpo dela o fizesse. O resto era apenas ressentimento. Mas ele também estava ressentido.

Ele a levou até o sofá. Interrompeu o beijo e disse:

– Agora, eu vou embora.

– Ótimo – disse ela. – Já passou da hora.

Ele a soltou no sofá, o cetim sibilando e tinindo, enquanto ela lutava para se colocar em posição vertical.

– Adeus – falou ele.

– Já vai tarde! – respondeu ela.

Ele tirou o casaco.

– Nunca mais vou voltar.

– Que seja uma promessa.

Ele desamarrou o lenço do pescoço.

– Estou farto de você!

– Eu estou farta de você há séculos.

Ele começou a desabotoar as calças. Manteve as mãos bem firmes. Não teve pressa. Um. Botão. De. Cada. Vez.

Ela o observou, estreitando os olhos.

– Você está sonhando. Nunca. De jeito nenhum.

– Eu não vou nem tirar as suas roupas – disse ele. – Vai me dar muito trabalho e não vale a pena.

– Você não *merece* ver meu lindo corpo – provocou Sophia.

– Não é tão bonito assim.

– É, sim... e muito mais bonito do que o seu, que eu jamais quero ver de novo, principalmente *aquela* parte.

O olhar dela baixou para a frente das calças de Longmore, onde seu membro excitado pulsava contra a abertura. Ela se esgueirou no sofá. Ele segurou o pé dela e a puxou de volta.

– Não vou tolerar uma coisa dessas. – Sua boca fez uma expressão de petulância. – Você é abominável, o pior, mais grosseiro e mais insensível dos cretinos.

Ele se inclinou e beijou os dois cantos da boca de Sophia. Em seguida, beijou seus lábios inteiros,

profundamente, esfomeadamente. Longmore ainda estava em um carrossel de emoções, mas isso tinha cada vez menos importância. Ele estava cansado de pensar, de se preocupar.

Ele a fizera ficar com raiva e ela estava tão excitada e ofendida quanto ele. Longmore não tinha certeza de qual era o problema, mas isso não parecia ser muito importante.

Sophia levantou as mãos e agarrou os ombros dele, tentando sacudi-lo, o que foi impossível. Era mais fácil lutar contra um cavalo. Ele sentiu as mãos dela movendo-se para cima, fechando-se ao redor de seu pescoço, como se ela fosse capaz de enforcá-lo. Ela o puxou e ele desceu, sem protestar, mergulhando no inexaurível mundo de Sophia: seu cheiro suave, as curvas de seu corpo macio debaixo do seu, o sabor e o som que vinham dela, o cetim gemendo contra a seda, as anáguas farfalhando, a música deliciosa de seu vestido.

Acariciou as curvas de seu pescoço e seus ombros e o intumescimento de seu seio, mal contido pelo decote. Ela arqueou para trás com um suspiro. Ele desceu a mão pelo decote, apertou e apalpou um seio perfeito e sedoso. Depois, o outro. Ela se contorceu debaixo dele, os lábios se movendo em um gozo indisfarçável.

Indisfarçável. Honesto.

Ele deslizou a boca sobre a dela e fez um caminho de beijos pelo mesmo trajeto que sua mão havia percorrido, sobre a curva do pescoço, do ombro e dos seios. Puxou o corpete para baixo e sugou seu mamilo. Entre gemidos, ela o xingava em francês: ele era desprezível, um homem cruel, e ela nunca, jamais, sucumbiria a ele, por mais que ele implorasse e suplicasse.

Longmore levantou as saias e anáguas de Sophia e murmurou, em francês, que ela era impossível, insuportável e que ele não queria nada com ela.

– Vou embora e não vou voltar – ameaçou ele, enquanto se ajoelhava entre as pernas dela.

– Ótimo – respondeu Sophia, arquejando. – Mal posso esperar para que isso aconteça.

Ele deslizou os dedos sob a parte inferior do corpete, passando pelas fendas das calçolas e a fita que as prendia.

– Não vou sentir saudades de você. Nenhuma – disse ele, enquanto desamarrava a fita.

– Pois eu já o esqueci – respondeu ela.

Ele desceu as calçolas dela, devagar, até bem abaixo dos joelhos. As ligas eram do mesmo tom de rosa do vestido. Ele as desamarrou. Acariciou as coxas aveludadas, movendo-se para cima, para o volume macio. Aquele lugar, tão lindo e feminino, cintilava como ouro sob a luz do lampião. Quando ele colocou a mão ali, ela engoliu a respiração.

– Ah, isso é meu.

– Nunca – retrucou ela.

– Ah, sim, *madame*. Ah, sim, Srta. Noirot. Sophia.

Quem quer que você seja.

Longmore a acariciou e ela estremeceu, deixando escapar um som sibilante. Ela se moveu ao toque da mão dele, encorajando-o, desejando mais.

– Sujeito idiota – disse ela.

– Entretanto, eu sei exatamente o que fazer nessa situação.

Ela estava úmida, pronta. A mente de Longmore encontrava-se tão densa que ele mal conseguia falar. Sua voz estava rouca e sem fôlego. A dela não deixava por menos. Ambos estavam excitados,

enlouquecidos. Todavia, ele a acariciava e lhe dava prazer. Era como se estivesse castigando a si mesmo. Mas ele também sentia prazer, um prazer enorme com a maneira como ela se movia e como sua respiração era interrompida a cada solavanco, com a forma como Sophia arfava com mais força e velocidade enquanto ele a acariciava.

A mão quente de Sophia fechou-se sobre o membro dele e ela deslizou os maliciosos dedos pelo seu comprimento. Ela o ficou segurando com firmeza e posse.

– Agora – disse ela, com uma voz que não passou de um leve miado. O miado de um tigre. – *Agora*, milorde, sujeito detestável.

Ele sentiu o sangue correndo pelas próprias veias, com a mesma urgência que o levava a lutar. Instintivo. Irracional. Ele a penetrou e riu – pela sensação forte, pelo triunfo. Agarrou as lindas nádegas dela, e as empurrou repetidamente. Sem delicadeza. Somente ardor. Desejo. Posse.

Minha. Minha. Minha. Minha.

Ela o recebeu da mesma maneira: com um desejo primitivo, absoluto, genuíno, voraz. Sophia se entregou a ele irrestritamente, sem moderação. Lutaram a batalha dos amantes. Mesmo enquanto o ritmo de seus corpos acelerava cada vez mais, ganhando mais força e voracidade, o mundo ao redor ia escurecendo, suavizando e amansando. Os pensamentos voavam para longe. Não existia nada além do *agora*.

Ele sentiu as mãos dela se enrijecerem ao redor de seu braço e sentiu os tremores quando ela atingiu o orgasmo. Logo Sophia estava elevando o corpo, enfiando as mãos pelos cabelos dele enquanto o beijava. Ele sentiu algo naquele beijo e em sua reação, ou na combinação dos dois elementos. Não havia palavras para isso. A sensação foi avassaladora, incandescente e nova. Longmore retribuiu o beijo como um homem faminto, e o mundo inteiro lhe pertenceu, a ele e a ela, juntos.

O mundo se agitou, tremeu, explodiu.



Ele se desfez em cima dela. Sophia estava na mesma situação, uma perna pendendo na beira do sofá, uma das meias dependurada no tornozelo. Ele não havia nem tirado os sapatos dela.

Aquilo tudo fora tão divertido e tão... excitante. Muitos sentimentos: uma sensação que nenhuma outra coisa em suas vidas poderia oferecer.

Ela ficou deitada por um instante, enquanto sua respiração se acalmava, deleitando-se no peso e no calor dele e na indescritível e maravilhosa sensação de um corpo masculino entrelaçado ao seu.

Ela fingira mesmo que era madame. Não tinha nenhuma responsabilidade a não ser se divertir, atrair homens para suas teias e aproveitar o poder que exercia sobre eles e o prazer que eles podiam lhe proporcionar.

Ele se levantou um pouco.

– Bem, que isso lhe sirva de lição – disse ele.

Sophia passou os dedos pelos cabelos negros de Longmore, como um cãozinho que deseja que lhe cocem as orelhas. Ele era um homem extremamente sensual – e essa percepção não foi nenhuma surpresa para ela.

– Você agora já não está mais tão louco? – perguntou ela.

– Minha mente está clara como água – respondeu ele.

Com uma série de movimentos suaves, ele tirou o corpo pesado de cima dela e do sofá. Inclinou-se e beijou o joelho dela, colocou as roupas dela no lugar, com a facilidade de quem vestia mulheres havia anos. Ela sabia que aquilo significava anos de prática com mulheres, mas parecia mais que isso. Havia uma familiaridade, como se eles tivessem sido amantes desde sempre. Foi uma cena quase doméstica.

Sua irmã e Clevedon eram assim. Eles estavam juntos, suas vidas haviam se amalgamado e o casal tinha momentos como esse o tempo todo. Tomavam o desjejum juntos.

Longmore subiu as próprias calças e as amarrou. Sophia disse:

– Então, posso lhe contar o que consegui esta noite? Vai me ouvir sem agir como um louco enciumado?

– Não imagino de que diabo eu estava com ciúme.

Ele se afastou até a bandeja que as criadas haviam trazido. Encheu uma taça de vinho para ele e outra para ela. Depois de entregar a taça a Sophia, Longmore se aprumou e deu um passo para trás. Bebeu o vinho. Fechou os olhos.

Ela esperou.

Ele abriu os olhos e observou o corpete dela.

– Isso – continuou ele. – Você, durante o jantar, e aquele verme escorregadio com os olhos fixos em seus esplêndidos seios.

Ela bebeu aquelas palavras como se fossem o elogio mais precioso, ou mesmo uma declaração de devoção eterna. Sim, ele a havia beijado, acariciado e sugado – mas “esplêndido”, vindo dele, era praticamente poesia. Ele não era o tipo de homem que elogiava mulheres. Era muito direto.

E ela era tão... *não*.

– Marcelline cortou o decote bem baixo de propósito. Precisávamos dar a ele algo tentador para olhar enquanto eu exibia meus outros atributos: minha vasta fortuna, sobre a qual falei com muita casualidade. E minha solidão. E a respeito de quanto eu sentia falta de um *marido*.

Ela viu o entendimento chegar aos olhos negros de Longmore. Ele se sentou na beira do sofá, os quadris contra os dela.

– Está vendo? Está vendo por que eu não tive que lidar com ele tentando me seduzir?

– Você o atraiu com um prêmio maior – entendeu ele. – Você o fez pensar que estava sonhando baixo demais. Ele só estava querendo levá-la para a cama, mas você o instigou a fazer apostas mais altas.

– A fortuna de madame compete com a do duque de Clevedon, de acordo com o *Spectacle*.

– E faz com que o dote de Clara pareça desprezível. – Longmore bebeu seu vinho pensativamente. – Mesmo assim, é melhor um pássaro na mão.... Você sabe.

– Sei. Foi por isso que tive que me produzir de forma tão irresistível.

– E fez um belo trabalho.

A voz dele havia engrossado. Tirou da mão de Sophia a taça de vinho e colocou-a no chão. Inclinou-se e a beijou acima de um seio. Depois, do outro. Em seguida, passou a língua pela linha do decote.

Ela inspirou fundo. A língua dele estava despertando sensações irrequietas em sua barriga. Ela segurou os cabelos dele.

– Só nos restam poucos dias.

Ele levantou a cabeça de Sophia e a observou, com os olhos semiabertos.

– E sabemos o que precisamos fazer.

– Temos um plano geral. Precisamos aperfeiçoá-lo à luz dos acontecimentos recentes.

Os olhos dele eram como a meia-noite e ela viu um brilho especial ali, como uma estrela diabólica.

– Vamos fazer isso mais tarde – falou ele.



Mais tarde.

Dessa vez, como não estava mentalmente desequilibrado nem com pressa, Longmore a havia levado à privacidade do quarto. Depois de fazerem amor, ele adormeceu. Poderia ter dormido até mais tarde se não tivesse percebido que no lugar onde Sophia deveria estar só havia roupas de cama.

Apoiando-se nos cotovelos, olhou para além das cortinas que rodeavam o leito. A luz da manhã era filtrada pelo espaço entre as cortinas da janela, que estavam meio abertas. Nenhum sinal de Sophia.

Ele se levantou e, decidindo que andar nu pelo apartamento não seria uma atitude muito inteligente, vestiu as calças. Ele não tinha ideia de quem mais estaria acordado àquela hora. Embora algumas criadas já tivessem visto de tudo e não se mostrassem facilmente abaladas, outras poderiam se assustar e gritar. Isso poderia atrair os gerentes mexeriqueiros do hotel. Madame não podia ser envolvida em um escândalo com o filho mais velho da marquesa de Warford.

Ele encontrou Sophia sentada à escrivaninha, trabalhando com pena e papel.

– O que está fazendo? O sol mal nasceu – disse Longmore.

– Preciso escrever meu relato para o *Spectacle* de hoje. Não será de muita valia se Tom não puder imprimi-lo ainda hoje. Ele já deveria ter recebido isso há meia hora. – Ela baixou a pena. – Mas já está pronto e só vou demorar um minuto para enviá-lo. Temos um simples esquema para fazer com que esses materiais cheguem ao *Spectacle* sem que ninguém perceba.

Ela havia vestido um roupão banal sobre o que parecia ser uma camisola também sem nenhum atrativo especial, julgando pelos babados que ele conseguia vislumbrar.

Sophia saiu do quarto em meio a uma nuvem flutuante de fitas e musselina. Ele se lembrou dela pulando de um lado para outro, a camisola em chamas, naquela noite de tormenta quando pararam na estalagem. Sentiu um aperto no coração. Sentia-se feliz e incomodado ao mesmo tempo.

Longmore caminhou até a janela e olhou para fora, tentando ignorar as sensações. Alguns minutos depois, Sophia retornou, franzindo o cenho e carregando uma carta.

– Muito interessante – comentou ela. – Esta carta foi entregue instantes atrás.

Ele olhou para o papel, desviou o olhar, mas o trouxe de volta para analisar melhor. A letra parecia familiar. Ele não a vira recentemente? Ela se sentou à escrivaninha e abriu o selo.

Ontem. Foi quando ele vira aquela letra. Ele havia amassado o papel e o jogado fora. Ela leu rapidamente a carta e sorriu.

– Oh, céus! – exclamou.

Ela leu a carta outra vez, agora mais devagar, rindo de vez em quando. Longmore ficou esperando, os resquícios de seu bom humor foram desaparecendo.

– É algum grande segredo? Ou posso participar da brincadeira?

Ela lhe entregou a carta. Ele não a pegou, só olhou para a assinatura.

Adderley.

– Você quer ler? Ou quer que eu leia? Acho que precisa ser lida em voz alta para que faça efeito.

– Vá em frente. Leia.

– “Minha querida madame de Veirrion. Não estou conseguindo pegar no sono. Na verdade, não consigo relaxar de maneira alguma. Meu coração está pleno demais para descansar, embora tenha sido roubado por uma criatura celestial. Mesmo agora, ouço a sua voz, como uma melodia que me assombra. Fecho os olhos e só consigo enxergar seus belos...”

– Seios? – completou Longmore.

– “... olhos” – prosseguiu ela, colocando o dedo no local citado. – Meus belos olhos, “como dois oceanos idênticos, de insondáveis profundidade e mistério”.

– Acho que vou vomitar – comentou Longmore.

– Devo parar de ler?

– Não, continue. Estou com uma necessidade irresistível de ouvir isso, do mesmo jeito que uma pessoa não resiste a ficar olhando para um acidente de carruagem.

– “Sempre pensei em mim mesmo como sendo imune às dores e aos êxtases do amor. Sempre acreditei que esses sentimentos eram reservados aos colegiais e poetas. Até conhecê-la. Por favor, perdoe-me. Mal sei o que estou escrevendo. Estou perturbado, confuso. Só sei que não posso dormir sem escrever estas palavras, por mais ridículas...”

– Pelo menos nessa parte ele acertou.

– “... por mais ridículas que sejam, para expressar meus sentimentos. A senhora é muito gentil, muito compreensiva, minha queridíssima dama. Por favor, seja condescendente com seu humilde suplicante.”

– Que ataque medonho para se cometer contra um inocente pedaço de papel.

Ela riu outra vez e prosseguiu:

– “Envie-me apenas uma ou duas palavras, o suficiente para evitar meu completo desespero. Uma gota de esperança é tudo o que procuro. Preciso saber quando poderei vê-la outra vez. Pelo amor de Deus, que seja em breve. Eternamente seu, A.”

Sophia olhou para Longmore.

– Não é maravilhoso?

– Maravilhoso? Você perdeu o juízo? Mas que descaramento desse sujeito! Que ele seja levado pela peste! Eu sabia que ele era baixo, mas vejo que meu julgamento estava muito acima do que ele realmente é. Isso ultrapassa qualquer coisa! Noivo de minha irmã e cortejando minha... minha... minha sei lá o quê.

As sobrancelhas dela se ergueram.

– Sua sei lá o quê?

Ele franziu a testa.

– Você entendeu.

– Sua “tia”, talvez?

– Não minha *tia*, Sophia. Não é isso. Nunca seria isso.

– O quê, então?

Ele sinalizou na direção da carta.

– Ele sabe que estou acompanhando você a todos os lugares. Sabe que estou interessado. Um

cavalheiro não avança sobre a presa de outro.

– Está ouvindo a si mesmo? Está agindo como se madame fosse real. Tudo isso é um plano, esqueceu?

– Esse não é o ponto.

– É, sim – discordou ela.

– O ponto principal é que ele não tem nada que escrever cartas de amor para você. Se é que posso considerar uma carta de amor esse vômito nojento e digno de pena.

– Longmore.

– Pensei que, a essa altura, eu já fosse Harry. Ou isso também é um plano?

– Qual parte? Não entendi.

Ele também não tinha entendido. Ficou olhando para a carta nas mãos dela. Aquelas mãos macias. Elas haviam remexido seus cabelos, feito menção de estrangulá-lo, segurado seu membro, enquanto dizia que o amava.

– Como ele ousa? Como esse maldito ousa ser assombrado por sua voz? Como ele ousa se achar perturbado, confuso? Ele nem a conhece. Isso é um verdadeiro insulto.

Ela o estava estudando, a cabeça virada para o lado, tentando entendê-lo.

– Qual é o seu problema? Ele só está *dizendo* essas coisas.

– É verdade. Ele está dizendo as coisas que as mulheres desejam ouvir. Que estamos pensando em seus olhos, não em seus seios. Em suas vozes, não no lugar entre suas pernas. Em sua conversa, não na maneira mais rápida de chegar debaixo de suas saias.

– Mas ele está tentando me levar para a cama. É esse o ponto. Que diabo tomou conta de você? Você disse que sua mente estava clara. Achei que havíamos resolvido essa questão. Quantas vezes teremos que fornicar para você entender...?

– Nós não fornicamos – disse ele, entre dentes.

– Não é muito adequado que uma dama use a palavra mais curta – retrucou Sophia.

– Nós fizemos amor – corrigiu Longmore.

Ele arrancou a carta das mãos dela, amassou-a, formando uma pequena bola, e jogou-a do outro lado do cômodo.

– Você e eu. Nós *fazemos amor*. Existe uma diferença. Um mundo de diferenças. E ele não tem nada que querer fazer amor com você, usando essa carta imbecil e mal escrita. Não é porque eu não escrevo cartas imbecis e mal escritas que dão vontade de rir... E só porque eu não digo...

Ele se interrompeu, consciente daquele estranho sentimento, de ser apunhalado e de se sentir feliz e desgraçado ao mesmo tempo.

Ele a encarou por um longo momento.

Os braços dela estavam cruzados. Seus dedos estavam de novo sujos de tinta. Mas, dessa vez, o rosto estava limpo. Ela o olhou com muita intensidade, os olhos penetrantes, tentando perfurar a cabeça dele, tão dura e obtusa, tentando entender o que ele mesmo não compreendia.

– Só porque eu não digo...

Ele voltou para o quarto. Ela o seguiu. Longmore pegou as roupas, que estavam espalhadas pelo chão, jogou-as de qualquer jeito para perto de uma das cadeiras e começou a se vestir.

Finalmente, Sophia interrompeu o silêncio.

– É um plano. Você não está acostumado a fingir, e é isso que o está incomodando.

Ele puxou a camisa, desabotoou as calças e enfiou a camisa dentro delas.

– O truque é acreditar enquanto você finge, mas voltar a ser você mesmo assim que sai do palco.

Ele vestiu o colete e o abotoou. Sentou-se, calçou as meias e os sapatos.

– Ele está entrando no nosso jogo – explicou ela.

Longmore se levantou, pegou o lenço que estava sobre o encosto de uma das cadeiras e o jogou ao redor do pescoço. Deu nele um nó rápido, de um jeito que faria seu camareiro desmaiar.

– Adderley é o trouxa – disse Sophia. – Ele é o alvo. Não é *real*.

Ele se enfiou, desajeitadamente, no casaco.

– É verdade.

– Não...

– É verdade – repetiu ele. – Você e eu: isso é verdade. Eu amo a senhorita.

Longmore ouviu quando ela inalou o ar depressa e de maneira penetrante.

– Esse é o meu problema. Eu sou um grande imbecil – falou ele. – E eu amo a senhorita.

Sophia permaneceu em silêncio – pela primeira vez –, chocada demais para fingir que não estava estupefata, chocada demais para fazer uma expressão impenetrável. Seus olhos azuis se arregalaram, demonstrando uma surpresa enorme e infinita.

Ele se inclinou e a beijou.

– Vou embora agora. Tudo isso é surpreendente demais. Preciso... pensar, acho. Ou arranjar uma boa briga. Qualquer coisa. Mas essa é a verdade.

Ele se virou de costas e meneou a cabeça. Em seguida, riu e se retirou.



Sophia ficou olhando fixamente para a porta pela qual ele havia saído.

– Isso não aconteceu – sussurrou para si mesma. – Foi minha imaginação.

Seu olhar ficou viajando pela sala, agora livre de qualquer sinal da presença dele. Longmore nunca teria feito isso. Era o último homem sobre a Terra que faria uma declaração de amor.

Mas a boca de Sophia ainda formigava devido à paixão daquele último beijo e ela se lembrou do jeito irônico da boca de Longmore no momento que precedeu sua saída.

Ela correu para a outra sala, para a outra, e a outra...

Parou de repente quando chegou à porta do corredor. O que estava fazendo? Não podia sair atrás dele usando uma camisola. E com que propósito?

Entretanto...

Mas não. Ela fora cuidadosa. Sabia que não era inteiramente inesperado o fato de uma viúva estrangeira receber a visita de um cavalheiro até as primeiras horas da manhã. A maior parte das pessoas estava retornando para casa depois de ter se divertido e o apartamento que ela ocupava, assim como o de um embaixador estrangeiro, fora projetado para receber visitas. Os que ouvissem a respeito da partida de Longmore, de manhã bem cedo, poderiam especular, mas não teriam uma história, a não ser que ela lhes contasse uma para ser publicada no *Spectacle*. A criadagem era bem paga para não fazer mexericos sobre madame, em língua nenhuma.

Se ela saísse correndo de camisola, os outros a veriam. Essa, sem dúvida, seria uma boa história.

Sophia voltou para a sala.

– Não teria feito nenhuma diferença, de qualquer forma – sussurrou.

O que ganharia correndo atrás dele? Mais observações enigmáticas, sem dúvida. Ela se sentou diante da escrivaninha e ficou olhando fixamente para a pena que havia deixado ali, pouco tempo atrás.

Seu coração ainda estava batendo forte. As palavras que ele dissera não haviam sido tão enigmáticas. Seu coração entendera muito bem.

Eu amo a senhorita.

– Parece que eu também sou imbecil. Porque também o amo, Harry – falou ela em voz baixa. – Isso não vai nos fazer nada bem.

Ela ficou ali por um tempo, contemplando a desesperança da situação, ainda que parte de sua mente procurasse por alguma estratégia, como era de sua natureza fazer. Mas não havia nenhuma estratégia que fizesse tudo dar certo no final.

Ela não poderia ser amante dele: seria ruim para a loja.

Quanto a casamento... Seria uma situação risível. Mesmo que Longmore fosse louco e imprudente o suficiente para propor, ela não poderia aceitar. A sociedade ainda estava fervendo de raiva por Marcelline ter conquistado Clevedon. Mais uma união censurável acabaria para sempre com a Maison Noiro. E lady Warford lideraria o exército aniquilador.

Pelo menos Marcelline tivera o bom senso de se apaixonar por um órfão. Sophia teria toda a família Fairfax contra ela. Até mesmo lady Clara. Afinal, uma coisa era gostar de sua costureira ou criada. Outra totalmente diferente era aceitar essa pessoa como irmã.

Ainda por cima, havia a espinhosa questão de seus antecedentes.

Não, a situação era ridícula e não havia esperança. Na verdade, ela não tinha tempo para se lamentar nem sonhar com planos malucos. Sophia já estava com um esquema nas mãos, que não era nada louco. Mas ela precisaria de toda a sua perspicácia para colocá-lo em prática.

Capítulo dezesseis

O marquês de Hertford convidou um grande grupo da alta sociedade para sua primeira festa da temporada, na próxima segunda-feira, em sua mansão do Regent's Park... Pelo que apuramos, mais de quinhentos convites foram enviados.

Jornal da Corte, sábado, 13 de junho, 1835.

Exclusivo para o Morning Spectacle.

Segunda-feira, 15 de junho.

À luz do recente incidente que aconteceu na exposição anual de verão da British Institution, só nos resta menear a cabeça, chocados diante da persistência de certo cavalheiro em agir com insensatez.

Esse lorde conquistou – por bem ou por mal, deixamos que nossos leitores o julguem – a mão da mais notória beldade de Londres, um diamante de primeira linha: um título que nem nossos nobres mais misóginos colocariam em questão. Imaginamos que uma dama nobre, de beleza e graça incomparáveis, despertaria sentimentos de pura devoção em qualquer coração masculino que não fosse endurecido por uma obstinação inflexível causada por anos de autoindulgência e cruel desprezo por cumprir as próprias obrigações.

A verdade é que a depredação realizada pelo cavalheiro nas propriedades de sua família – que já foi extremamente abastada –, deixadas para ele por um pai amoroso, reduziu seus dependentes à penúria. É fato que Londres não vê, há muitos anos, um caso tão vergonhoso de imprudência e negligência financeiras, até mesmo em relação ao código não escrito que permite que um cavalheiro ignore o clamor de seus credores, mas que requer que ele honre prontamente todas as suas dívidas para com seus amigos. Se quisermos encontrar um caso comparável em gravidade, devemos nos lembrar de 1816, quando Beau Brummel fugiu dessas paragens na calada da noite, deixando seus amigos responsáveis pelo pagamento de um empréstimo de cerca de 30 mil libras, e também por outras somas devidas a várias outras pessoas que não eram seus amigos.

No momento, mal sabemos o que pensar. Só podemos fornecer aos nossos leitores o relato de um incidente singular: no domingo à noite, o cavaleiro em questão foi visto em uma silenciosa alcova do hotel Brunswick. Reconhecemos que não é nada extraordinário descobrir grupos de cavalheiros deleitando-se com as requintadas comidas e bebidas do hotel. Entretanto, nenhum amigo estava em companhia de milorde. Sua única companhia era uma jovem viúva francesa que fora vista, anteriormente, de braços dados com o irmão da noiva do tal cavalheiro.

Maison Noiroi.

Terça-feira à tarde.

– Não, não! – gritou Marcelline. – O que você está pensando, Sophia? É essencial que lady Clara use branco. E você deve usar azul.

– Achei que você tivesse feito o vestido cor de ameixa expressamente para essa festa – comentou Sophia.

Marcelline balançou a cabeça, descartando o vestido cor de ameixa e os planos de Sophia para ele.

– Isso foi antes de eu ter visto os dois vestidos juntos. Não, não, nunca dará certo. Está fora de questão. O contraste é forte demais.

Um trio de manequins usava os vestidos no momento. Faziam parte de um conjunto de doze trajes e representavam uma extravagância que Leonie não havia aprovado com entusiasmo. Mas os manequins formavam um esplêndido espetáculo que impressionava as clientes. A Trapos só tinha dois modelos antiquados.

– É claro que existe um contraste – disse Sophia. – Sou uma viúva faceira e jovem. Lady Clara é uma jovem que nunca se casou.

– Eu sei disso – comentou Marcelline, com impaciência. – Mas, se lady Clara usar o branco e você o cor de ameixa, a diferença vai ficar exagerada e você parecerá uma mulher fácil. Ser faceira é instigante. Fácil, não! E não é você que queremos que seja avaliada. – Ela se virou para o irmão de lady Clara. – Apelo a você, Longmore.

Ele deu um passo para trás.

– Ah, não, muito obrigado. Quando se trata de roupas femininas, sou como o pivete. Ele se recusa a chegar perto de ganchos, botões e coisas do tipo e eu me recuso a entrar em disputas sobre estilo.

Lady Clara, Marcelline, Sophia e ele estavam na sala para consultas particulares, localizada no primeiro andar – longe do tumulto do térreo. A cidade gostava de terminar a temporada com uma série de luxuosos eventos, como se fossem as explosões mais emocionantes de uma queima de fogos de artifício, e os anfitriões competiam entre si para ver quem faria a maior explosão. Da mesma forma, a competição entre as mulheres, que queriam se apresentar com vestidos de causar inveja, era como uma preparação sombria e feroz para a guerra.

Na quinta-feira, lady Bartham realizaria seu baile anual. Seu objetivo, como sempre, era desbancar todos os outros eventos do fim de temporada, inclusive o baile do marquês de Hertford, no Regent's Park, o baile do duque e da duquesa de St. Alban e a festa ao ar livre do duque e da duquesa de Northumberland, na Sion House, na sexta-feira.

Sobressair em relação a todos era a razão óbvia pela qual lady Bartham havia convidado não apenas os personagens principais do agitado escândalo de Adderley, mas um casal que aparecera em poucas e valiosas listas: o duque e a duquesa de Clevedon.

Quando a alta sociedade ficou sabendo que tanto lady Clara Fairfax quanto sua comentada rival pelo amor de Adderley, madame de Veirion, haviam prestigiado a Maison Noiro, meia dúzia de mulheres, membros dessa mesma classe, abandonaram as próprias modistas e foram correndo ao número 56 da St. James. Sem dúvida, elas esperavam conseguir ver as duas mulheres, de preferência tentando furar os olhos uma da outra – sem mencionar a possibilidade de conferir de perto a glamourosa nova duquesa de Clevedon.

Mas esses eram motivos menos importantes. O maior deles era chamar mais atenção do que todos, inclusive a grande sensação parisiense, madame de Veirion. Usar um vestido feito pela Maison Noiro

era a única maneira de alcançar esse objetivo – ainda que isso significasse a conquista de um lugar na lista de inimigos da marquesa de Warford.

Como Leonie atribuíra a Sophia todo o crédito pelo afluxo de clientes nobres, ela estava mais gentil e menos cansativa do que de costume em relação às contas. Hoje, aproveitando-se da presença de Sophia na Maison Noiro, ela decidiu visitar atacadistas de tecidos. Leonie tinha um olho clínico para tecidos, tão exigente quanto seu olho para os números.

Entretanto, o gênio das criações era Marcelline. Se Leonie estivesse presente, ela teria dito a Sophia:

– Mas é claro que você vai usar o azul. Marcelline já não determinou assim?

Lady Clara, que estava analisando os vestidos, deu sua opinião.

– Você vai ficar divina de azul. É o tom perfeito para seus olhos. E vai contrastar com os diamantes de uma maneira extraordinária.

– Diamantes? – indagou Longmore.

– Mas é claro – respondeu lady Clara. – Madame precisa estar coberta de diamantes para estimular o apetite de certo cavalheiro.

Os olhos escuros de Longmore se voltaram para Sophia. Ela não o via desde a manhã de segunda-feira. Era a primeira vez que se olhavam desde que ele chegara com a irmã. Ela achou que o brilho nos olhos dele era resultado de seu estado de espírito.

Talvez Longmore não estivesse apaixonado. Talvez tivesse tido apenas um rompante e depois se recuperado, da mesma forma que se recuperava na manhã seguinte a uma noite de muita farra e muitos excessos.

Um homem apaixonado deveria se mostrar pelo menos um pouco perturbado, talvez pálido e indisposto. Ele tinha que sentir as “dores do amor”, como lorde Adderley havia escrito com tanta trivialidade.

Mas talvez fosse tolice da parte dela esperar que um homem como Longmore se preocupasse com uma coisa menor, como estar apaixonado. Ele não era emotivo. Ninguém poderia acusá-lo de excesso de sentimentos. Ele não era sentimental. Nem sensível.

E ela amava essa característica dele.

Foco, Sophia!

Ela se concentrou no *agora* e em sair desse encontro com seu orgulho e sua dignidade ilesos.

– Esse não é o momento para madame ser sutil – disse ela.

– Ah, ninguém é sutil no baile de lady Bartham – rebateu Clara, sem perceber a tensão entre seu irmão e uma das modistas. – As mulheres esvaziam suas caixas de joias sobre si mesmas.

– Mas não você, lady Clara – falou Marcelline. – Você vai usar joias muito simples. Sua beleza não requer enfeites em nenhuma situação, e nem seu vestido de baile. Só é grandioso um vestido que não necessita de montes de joias para ser invejável. E, mais importante ainda, queremos enfatizar sua pureza e sua inocência.

– E queremos fingir que eu tenho alguma dose de pureza e inocência – completou Sophia. – Quer dizer, que madame tem alguma.

Longmore foi até os manequins e examinou o vestido azul.

– O que há nele que a senhorita desaprova? – indagou. – Esse azul vai ressaltar a cor de seus olhos... seus “olhos celestiais”... ou teriam sido seus lábios que a cobra desprezível afirmou serem celestiais?

– *Eu sou celestial* – afirmou Sophia. – Todo o meu ser.

– Lorde Adderley disse mesmo isso? – Lady Clara quis saber.

– Ele escreveu isso – falou Longmore. – Madame não lhe contou?

– Quando madame teria lhe contado? – indagou Sophia. – Lady Clara e madame não andam muito amigas ultimamente, lembra?

– Estou perdendo a noção de quem é quem e do que cada uma deseja – afirmou ele. – É muita sutileza, são muitos sentidos ocultos para meu pequeno cérebro. Um excesso de subterfúgios.

Com uma arrebatadora demonstração de bom humor, ela contou a Clara sobre a carta de amor. Viu Clara lançar um olhar para o irmão – em busca de alguma reação? –, mas Longmore apenas caminhou de um lado para outro na frente dos manequins, as mãos cruzadas atrás das costas. Parecia um general inspecionando tropas.

De certa maneira, era isso mesmo o que ele estava fazendo. Dois daqueles vestidos faziam parte do arsenal de Sophia e Clara.

– Fico muito feliz por não ter sido informada sobre isso – disse lady Clara, quando Sophia, representando um papel adequado ao momento, revelou o pedido final de Adderley. – Eu não teria mantido a compostura ontem, quando ele veio à minha casa. – Seu sorriso estava tênue. – Ele estava furioso com a notícia do *Spectacle*. Mais uma vez, ameaçou processar o jornal. Fez um discurso sobre difamação. Eu fiquei sentada, com as mãos cruzadas, esperando que ele acabasse de falar. Achei que mamãe fosse explodir, mas ela ficou sentada, bem ereta, tensa e com ar de reprovação. Ele deve ter percebido que estava usando a tática errada, porque, após algum tempo sem conseguir nenhuma demonstração de empatia, calou a boca. Depois, assegurou-me de que o episódio fora totalmente inocente.

– Sinto muito por ter perdido esse espetáculo – disse Longmore, enquanto inspecionava bem de perto o vestido azul. – Tive que ir ao evento da marquesa de Hertford.

Ele havia se dirigido à festa depois de ter dito que a amava, avaliou Sophia. Depois de ter dito que a amava, de tê-la olhado como se fosse uma brincadeira, achado graça... e partido.

Marcelline juntou-se a ele.

– Alguma coisa o preocupa em relação ao vestido de Sophia...? – Ela se interrompeu, franziu a testa e se dirigiu ao vestido branco que havia feito para lady Clara. – Sophia, você acha que essas mangas deveriam ser...?

Ela olhou para o vestido, depois para lady Clara. Estreitou os olhos e fez um biquinho, do jeito que costumava fazer quando seu olho artístico encontrava alguma coisa errada, que ninguém mais conseguia enxergar.

– As mangas – falou ela. – Não estão muito...? Lady Clara, preciso que experimente o vestido.

– Sim, é claro. Foi para isso que vim. E não foi gentil da parte de Harry me trazer quando poderia ter ido a Ascot? As corridas começam hoje, como vocês sabem, e ele nunca perde um dia de abertura.

Marcelline apenas sorriu e deixou que milady entrasse no quarto de vestir. A porta não estava fechada e a voz musical e leve de lady Clara era perfeitamente audível.

– Foi uma pena ele ter perdido a atuação de lorde Adderley – disse ela. – Isso o teria compensado por perder Ascot. Harry teria morrido de tanto rir. Mamãe, naturalmente, não viu nenhuma graça na situação. Ela estava ultrajada, mas se controlou direitinho. Devo lhe dar esse crédito. É muito difícil

ficar sentada, de boca fechada, enquanto sua inteligência é insultada.

Longmore aproximou-se de Sophia.

– Eu gostaria de ver você coberta de diamantes... e nada mais – provocou ele, em voz baixa. Em voz mais audível, respondeu à irmã: – Eu estava curioso para ver como o cachorro iria se explicar.

– Ah, ele colocou a culpa em você – disse Clara, a voz ligeiramente abafada.

Sophia ouviu o barulho do tecido farfalhando e a voz de Marcelline murmurando algo.

– Em mim? – surpreendeu-se Longmore.

Ele se inclinou e lambeu o lóbulo da orelha de Sophia. Seus dedos se enroscaram nas palmas das mãos dela. Sophia sabia que devia se afastar, mas estava delicioso demais. Impróprio demais.

– Ele disse que você havia ferido os sentimentos de madame – explicou Clara. – Disse que estava apenas tentando animá-la. Eu falei que achava que um jantar íntimo com uma dama em um hotel parecia uma maneira estranha de fazer isso. Por que ele não a convidou para um passeio ao ar livre? Por que não sugeriu que visitassem o anfiteatro de Astley, ou o zoológico, ou que assistissem a uma comédia no teatro?

Longmore estava beijando uma parte sensível do pescoço de Sophia. Era extremamente difícil concentrar-se em lady Clara. E Sophia era muito fraca para se afastar.

– Isso é... ótimo – comentou ela. – Você não o perdoou com facilidade.

– De jeito nenhum – afirmou lady Clara. – Sei que ele ficou chateado comigo. Esperava que eu sorrisse e aceitasse qualquer coisa que dissesse. Adderley acha que pode fazer qualquer coisa só porque tem o poder de restaurar meu bom nome – o bom nome que ele mesmo sujou. *De propósito.*

Longmore parou de beijar Sophia e a fitou bem dentro dos olhos dela.

– Isso tudo é muito complicado – disse ele. – Não consigo agir e pensar ao mesmo tempo.

– Então, afaste-se – sugeriu ela.

– Não quero me afastar – respondeu ele.

– Eu tenho certeza de que ele queria terminar o noivado ali mesmo – prosseguiu Clara. – Mas não teve coragem. Sabe como é, melhor um pássaro na mão... Mas, meu Deus, o que vou fazer se tudo der errado e...?

– Não diga isso! – exclamou Marcelline, com firmeza. – Não vai dar errado. Confie em nós, minha querida.

– Confiar em você – murmurou Longmore, ainda encarando Sophia atentamente. – Que coisa extremamente perigosa...



Como, no momento, era melhor que Sophia não fosse vista com muita frequência, ela evitou o salão principal da loja. Foi Marcelline quem acompanhou lady Clara e o irmão até a saída – para grande animação das clientes, sem a menor dúvida.

Entretanto, Marcelline logo voltou e, com um olhar severo, removeu o vestido cor de ameixa do manequim. Ela o dobrou por cima de um dos braços e pegou Sophia com a mão livre, marchando para a sala de vestir.

– Não precisa ficar nervosa – disse Sophia. Marcelline era muito temperamental em relação aos seus

vestidos. – Se você acha que devo usar o azul, usarei o azul.

– Eu sei que você quer usar este – opinou Marcelline. – Ele é arrebatador. Vai fazer Longmore desmaiar.

– O vestido pode levar Longmore a fazer algumas coisas, mas desmaiar não é uma delas – prosseguiu Sophia. – Ele é do tipo que diz a uma mulher que a ama e depois ri, como se isso fosse uma piada.

Para seu desgosto, ela começou a chorar.

– Oh, minha querida. – Marcelline jogou o vestido sobre a cadeira e abraçou a irmã.

Foi apenas isso. Ela simplesmente a segurou por alguns instantes, enquanto Sophia chorava e chorava, até as lágrimas secarem. Em seguida, Marcelline a levou para cima, para a sala de estar, e lhe serviu um pouco de conhaque, o remédio preferido das Noirots para a cura de todos os seus infortúnios.

– Você trabalha demais – disse Marcelline, depois de terem bebido os primeiros goles. – Você assume muitas responsabilidades. Até Leonie diz isso.

– Mas eu as deixei cuidando de tudo sozinhas... e, agora, você tem um marido! Vocês ainda são recém-casados!

– Leonie e eu temos ajuda suficiente de Selina e das outras costureiras. Clevedon e eu não temos dificuldade para arranjar tempo para ficarmos juntos. Além disso, só porque pessoas são casadas não significa que devem ficar juntas o tempo todo.

– Mesmo assim...

– Mesmo assim, nada. Você está trabalhando muito. Teve que fazer muitas coisas, cuidando apenas de nossos interesses. Além disso, assumiu o problema de lady Clara, e ainda há o irmão dela, fazendo amor com você, ao mesmo tempo que você está tentando conduzir um esquema delicado, elaborado e arriscado.

Sophia olhou nos olhos da irmã, por cima da garrafa de conhaque.

Estratégias, esquivas, subterfúgios e outras formas de maquinações faziam parte da genética da família. Se havia alguma coisa da qual as irmãs entendiam tanto quanto a arte da costura, ou talvez mais, era a arte da enganação.

– E aí estão minhas irmãs – falou Sophia –, levando o negócio nas costas, como escravas de damas exigentes e mimadas, enquanto estou no hotel Claredon, fingindo ser a Rainha de Sabá, à custa do meu cunhado.

Marcelline achou graça.

– *Ma foi*, não é possível que você esteja maluca a ponto de deixar que isso a perturbe! Clevedon está adorando fazer parte de nosso plano. E não se esqueça de que ele não se preocupa com dinheiro. Ele não é como nós. Nunca teve que pensar nisso, quanto mais preocupar-se com isso... e é extremamente improvável que ele o faça algum dia. Por favor, não se preocupe com o meu marido, com os criados de madame ou coisas do tipo. Os amigos de meu marido terão perdido ou ganhado nesta semana, em Ascot, uma quantia igual à que ele gastou com você. E não terão tido nem a metade do divertimento.

Um peso enorme foi retirado dos ombros de Sophia.

Ela riu para a irmã.

– Está sendo muito divertido – comentou ela. – Eu fico tão envolvida com as preocupações com lady Clara que me esqueço de que estou fazendo aquilo que nasci para fazer... e isso leva a uma prazerosa mudança na rotina de ficar agradando mulheres cansativas.

– Esse é o único porém – interrompeu Marcelline, com um ligeiro suspiro. – Adoro desenhar roupas. Adoro fazer roupas. Nem me importo com as partes tediosas e repetitivas.

– É um trabalho que tranquiliza – concluiu Sophia. – A gente nem pensa, apenas *faz* e tem prazer nisso.

– Eu amo tudo nessa atividade – disse Marcelline.

– Menos as clientes.

Marcelline riu.

– Se elas pudessem mandar manequins em seus lugares... Bem, nem *todas* elas. Algumas são divertidas. Lady Clara é ótima, mesmo quando está discutindo comigo a respeito de assuntos sobre os quais não compreende. Mas a maioria delas... quando penso nisso... – Ela se sentou por um instante, olhando para a garrafa. – Deve haver um jeito.

– Minha querida, se você prefere ser uma duquesa e criar vestidos em seu castelo particular, somente para si mesma e para se divertir, saiba que Leonie e eu podemos dar conta da loja.

– Eu morreria se desistisse do meu trabalho – disse Marcelline. – Alguma coisa dentro de mim murcharia. Nossa vida foi muito ruim, mas prima Emma fez algo por nós. Apesar de mamãe e papai e de todos os outros.

– Ela nos inspirou – concordou Sophia. – Nós iríamos nos tornar trapaceiras como o resto... e até nos tornamos. Mas a prima Emma nos fez ser mais do que isso. E, agora, não podemos ser menos. É simples assim.

Marcelline ergueu a taça e Sophia a imitou.

– À prima Emma – propôs Marcelline.

– À prima Emma – ecoou Sophia.

As duas beberam.

– E eu preciso usar o vestido azul – disse Sophia –, porque...

–... porque o outro fará Longmore perder os sentidos e precisamos que ele fique com a cabeça no lugar – completou Marcelline. – E por falar em Longmore...

Ela levantou as sobrancelhas e olhou para Sophia.

Nós fizemos amor.

– Sim – afirmou Sophia. – Eu fiz. Aquilo. Aquela coisa sobre a qual você me explicou.

– Aquela questão – disse Marcelline.

– Estava esperando pelo momento certo para lhe contar, mas não houve tempo. Nos últimos dias, nos vimos pouco.

Ela contou a Marcelline o que havia acontecido no caminho a Portsmouth. Sophia sabia que a irmã não ficaria zangada nem a criticaria. As Noirots não eram como as outras pessoas. Havia regras que elas não entendiam e com as quais não se importavam.

Marcelline apenas ouviu e sorriu. Quando Sophia terminou o relato, ela deu de ombros de forma perfeitamente francesa e bem típica das Noirots.

– Cedo ou tarde, isso ia acontecer – comentou Marcelline. – Pureza e virtude não combinam com as Noirots, certo? E você já tem 23 anos. É incrível que tenha mantido sua virgindade por tanto tempo.

– Falta de oportunidade, provavelmente – opinou Sophia.

– Você mal tem tempo para dormir. De onde tiraria tempo para ter aventuras amorosas? É claro que

sempre precisamos arranjar algum tempo para elas.

– No meu caso, não tenho certeza de que precise.

– Pois eu tenho – discordou Marcelline. – Sei que é muito inconveniente, e não a culpo por chorar, levando-se em consideração quanto a situação é complicada.

– Complicada? Impossível!

– Realmente, parece um tanto impossível, admito. – Marcelline sorriu. – Mas, minha querida, *ma sœur chérie* –, eu realmente devo cumprimentá-la pelo seu excelente *bom gosto*.



Residência Warford.

Quinta-feira, 18 de junho.

– Por favor, ouça isto, mamãe – pediu lady Clara. Ela sacudiu o *Spectacle*, pigarreou e começou a ler: – “Parece que a relação que se iniciou há alguns dias entre certo lorde e uma jovem viúva francesa não foi resolvida e eles voltaram aos sussurros e gracejos mais uma vez. Ontem à noite, jantaram no hotel Claredon, em companhia do duque e da duquesa que os apresentaram na semana passada, no Teatro da Rainha, como nossos leitores devem lembrar. Madame usava um vestido de *velours epinglé* cor-de-rosa, que tinha um corpete drapeado, dobras por todo o busto e costas ajustadas. E mangas muito curtas e volumosas abertas na frente para mostrar...”

Quando ela leu a parte dos “sussurros e gracejos”, lorde Adderley deixou sua cadeira e foi até a lareira, onde ficou olhando para a coleção de flores de murano de lady Warford. Ele não prestou atenção ao resto do recital, que trazia todos os perniciosos detalhes sobre as roupas de madame e da duquesa.

Adderley fora visitar a noiva como fazia, obrigatoriamente, todas os dias, menos às terças-feiras, quando a família não estava em casa para receber ninguém. Era mais como ir ao dentista todos os dias para extrair um dente, pensava Adderley. Ele não tinha certeza se conseguiria suportar essa rotina por muito mais tempo: a tagarelice incessante de Clara e a polidez fria da mãe.

– “Sussurros e gracejos”, realmente – disse lady Warford. – Eu não ficaria surpresa se Longmore quebrasse a cara de Tom Foxe por essa imprudência.

– Acho mais fácil Harry achar graça – replicou Clara. – Mas é interessante, lorde Adderley, que tudo esteja resolvido entre eles, não acha?

– Tenho quase certeza de que o encontro para jantar deve ter sido marcado antecipadamente – falou ele. – Aposto que a dama não queria desagradar os amigos. Ela conhece o duque e a duquesa há anos, pelo que entendi.

– Então, meu irmão deve ter aproveitado a oportunidade para fazer as pazes com madame. Ele sabe ser sedutor quando quer.

– Se Longmore deseja ser sedutor, só podemos concluir que está decidido a conquistar o interesse de madame – afirmou lady Warford. – Eu tive um pressentimento de que seria assim desde o primeiro instante em que a vi no teatro. Ah, bem, poderia ter sido pior.

Uma garçonne ou bailarina.

– Acho que você vai gostar dela, mamãe. Parece uma pessoa agradável. Pelo menos não será uma

nora insuportável.

– Nora? – assustou-se Adderley. – Você já os colocou no altar?

– Acredito que seja apenas uma questão de tempo – opinou Clara.

– Mas, no outro dia, você parecia não gostar dela... – replicou Adderley.

– Isso foi antes de você me contar que Harry havia ferido os sentimentos dela. Eu sei quanto meu irmão gosta de provocar.

– Uma chocante falta de tato – concordou lady Warford. – Infelizmente, Longmore sabe demonstrar falta de tato em várias línguas.

– De qualquer maneira, lady Bartham pedirá que ela seja apresentada à mamãe hoje à noite e, ao que tudo indica, isso acontecerá caso aceitemos ou não.

– Eu não vejo alternativa a não ser concordar que ela me seja apresentada – disse lady Warford. – Nunca se pode ter certeza com Longmore, mas, no caso de ele ter sentimentos verdadeiros por essa jovem, prefiro começar o relacionamento de maneira amigável. Se não der em nada, tudo continuará bem. A temporada está quase terminando e ninguém precisará vê-la de novo até o próximo ano. Até lá, quem sabe o que vai acontecer?

– É verdade – concordou Adderley. – Quem sabe? – Ele saiu de perto da lareira. – Acho melhor não ultrapassar o meu tempo de visita. Sei que as damas precisam descansar e se preparar para o baile desta noite.

Elas nem tentaram impedi-lo. Adderley se despediu com grande delicadeza, se não com grande cordialidade. Quando estava saindo, feliz de ir embora tanto quanto elas estavam felizes – sabia ele – por vê-lo partir, ouviu Clara comentar:

– Mal posso esperar para ver o que madame de Veirion vestirá.

Ele engoliu um sorriso e foi embora. “Sussurros e gracejos”, hein... Aquela coquete danadinha. Deixe o *Spectacle* publicar o que quiser. Deixe todos pensarem o que quiserem.

Ele sabia da verdade a respeito dela.



Baile da condessa de Bartham.

Quinta-feira à noite.

Longmore observou lady Bartham se aproximar.

– Seja lá o que você faça – disse ele, em voz baixa –, *não* cumprimente minha mãe com aquela reverência.

– Mas que reverência? – indagou madame.

– Você sabe do que estou falando. A reverência que faz você parecer uma bailarina no papel de Rainha das Fadas.

– Mas que absurdo. Por que eu faria isso?

Longmore não teve tempo de responder, pois lady Bartham estava pertinho dele, cheia de sorrisos. Um momento depois, ela estava conduzindo madame para conhecer a mãe de Longmore.

Ele a deixou ir na frente, enquanto observava como todos olhavam para madame. O vestido azul já

parecia lindo na loja. Agora, estava de tirar o fôlego. Os delicados bordados em prata formavam um desenho entrelaçado sobre a camada superior do crepe azul, que flutuava sobre a camada de baixo, toda de cetim. Uma renda graciosa enfeitava as mangas, onde havia também brilhantes. Sob a luz dos candelabros, era como ver raios de sol brilhando sobre um mar azul.

O vestido tinha um decote baixo, que ajudava a exibir melhor as toneladas de diamantes que ela usava – e que, com sorte, ninguém descobriria terem sido pagos pelo duque de Clevedon na joalheria Rundell and Bridge.

Longmore olhou ao redor do salão, com casualidade, observando lorde Adderley perto da sala de bebidas, com um sorriso de satisfação nos lábios.



– Minha querida lady Warford, permita-me apresentar-lhe madame de Veirrion – falou lady Bartham.

Lady Warford se aprumou na cadeira e ficou mais tensa. Seus olhos azuis foram direto para madame, como se ela quisesse ler as entranhas da moça. Por um instante, madame se perguntou se lady Bartham havia cometido um erro ou se houvera um mal-entendido. As damas deviam perguntar umas às outras se elas desejavam ser apresentadas a alguém, para evitar situações embaraçosas. E se lady Warford tivesse concordado e depois mudado de ideia?

Mon dieu, estou prestes a ser esnobada, pensou ela. E no maior evento da temporada.

Mas nada do que aconteceu dentro de madame foi demonstrado do lado de fora. Exteriormente, ela trazia nos lábios um sorriso amigável, mas sem bajulações. Afinal de contas, madame de Veirrion possuía enorme fortuna. Em Paris, ela era alguém importante.

Lady Warford meneou a cabeça graciosamente.

– Madame.

– Lady Warford.

Madame não retribuiu o meneio. Em vez disso, fez uma das reverências das Noirots, a mesma que Longmore lhe pedira que não fizesse. Nesse momento, ela ouviu todos os que estavam por perto prenderem a respiração.

Quando madame se levantou, lady Warford estava um olhar especulativo.

Longmore aproximou-se.

– Meu Deus, madame, é apenas a minha mãe, não é Luís XIV. Vocês, franceses, sempre levando tudo ao extremo.

– Que extremo é esse do qual está falando? Essa é *madame la marquise*, certo? O que há de errado no meu jeito de cumprimentar sua tão elegante *maman*? A quem, aliás, peço perdão. – Madame virou-se para lady Warford. – A senhora vai me perdoar, eu peço, por favor, madame de... ah, não. É lady Warford. Meu inglês ainda não está muito bom.

– Tenho certeza de que a senhora irá dominá-lo com o passar do tempo, madame de Veirrion. Como parece ter dominado... outras coisas. – Lady Warford lançou um olhar para o filho antes de voltá-lo para madame. – Esse é o seu primeiro baile londrino?

– Sim, madame... Lady Warford. É meu *début* na sociedade, graças à grande gentileza de sua amiga, lady Bartham.

– Mas é claro que eu precisava convidá-la – concordou lady Bartham. – Seria impensável que a dama mais comentada da cidade não estivesse em meu baile.

– Com certeza – disse lady Warford, sorrindo com doçura.

Lady Bartham emendou, com uma risada:

– E eu também não poderia deixar de convidar outra dama que deu muito o que falar, a duquesa de Clevedon.

– Como a maioria das conversas acontece em inglês – falou Longmore –, madame está na feliz posição de não entender a maior parte delas. Ouso dizer que ela mal compreendeu três palavras em dez dessa nossa conversa. Madame, a senhora está com um olhar um tanto atordoado... Acho que precisa de uma bebida. Lady Bartham, mamãe, Clara, se nos permitem, vamos nos retirar.

Ele a levou embora.

Capítulo dezessete

Se o Sr. Brinsley Sheridan fosse um libertino perdulário e extravagante, cujo casamento fosse um astucioso arranjo com seus impacientes credores, seríamos os primeiros a condenar e deplorar o passo que foi dado.

Jornal da Corte, sábado, 13 de junho de 1835.

Eles dançaram.

Não era bem o que Sophia esperava. Ela estava tão focada em seu plano e em representar seu papel que quase se esqueceu de que não era uma atriz em um palco, mas uma dama participando de um baile.

A música começou enquanto Longmore a conduzia para longe de sua mãe. Em outro momento, lord e lady Bartham começaram a dançar, não um com o outro, mas com os pares que as regras de etiqueta exigiam.

– Ah, a desculpa perfeita para não ter que ficar conversando. – Ele levou Sophia para o meio dos casais que estavam rodopiando e seu braço descansou na cintura dela, que prendeu a respiração.

– Eu não... não tenho muita certeza... Já faz muito tempo que eu...

– Eu a conduzirei – disse ele, em francês. – Deixe comigo, madame. *Confie em mim.*

Momentos depois, ele a estava guiando durante a valsa e Sophia se esqueceu de negócios, estratégias e vilões. Naquele momento, só havia um homem e o movimento de seu corpo atlético e confiante, seguro e totalmente masculino na dança e em tudo o mais.

Deram voltas e voltas no salão. Sophia sentia como se estivesse flutuando entre nuvens de seda e cetim, brancas e tons pastel, joias fulgurantes, pretas e cinza, tudo rodando ao seu redor, enquanto estrelas coloridas brilhavam em meio às nuvens: esmeraldas, rubis, pérolas e diamantes – acima de tudo, diamantes – cintilando sob as milhares de estrelas dos candelabros de cristal.

Era como um conto de fadas.

De quantos eventos ela havia participado no papel de criada? Quantas vezes descrevera tais cenas para os leitores do *Spectacle*?

Mas sempre as descrevera do lado de fora, olhando para dentro.

Sophia não dançava havia muito tempo. Desde Paris. E nunca participara de nada parecido com o que estava vendo. Nunca dançara nos braços de um homem a quem...

Amava.

Sophia olhou para cima e descobriu que ele estava olhando para ela, com um leve sorriso e um brilho de prazer nos olhos negros: prazer e algo mais que ela não conseguiu definir.

– Menina travessa – disse ele, em francês. – O que eu lhe disse sobre a reverência? E por que eu achei que você prestaria alguma atenção em minhas palavras?

– Tive motivo – respondeu ela, na mesma língua.

Era muito mais fácil conversar daquele jeito do que usando o inglês claudicante de madame. O francês lhe vinha naturalmente. Assassinar a língua inglesa em um francês de estilo crível demandava

esforço.

– Você sempre tem.

– Em primeiro lugar, como é um movimento de balé, essa reverência cativa as pessoas – explicou Sophia. – Segundo, ela exhibe o vestido de uma maneira que nenhum outro movimento consegue fazer.

– Nem este? Vestidos não são desenhados para serem mais atraentes e belos durante a dança?

– Você está aprendendo – brincou ela.

– Por autodefesa, como Clevedon.

Ele desviou o olhar e ela o seguiu. Marcelline e o duque estavam dançando. Estava claro para qualquer um que os visse por que ele quebrara uma regra básica de sua classe e se casara com uma lojista. Ninguém podia deixar de notar também que ele se casara com uma mulher que o amava. Marcelline não estava escondendo suas emoções. Estava sendo ela mesma: uma mulher profundamente apaixonada pelo marido.

Ela merecia essa sorte enorme, pensou Sophia. Fizera o melhor de um casamento ruim com um charmoso galanteador, que era seu primo. E, quando a cólera chegou e destruiu seu mundo, todos os que viviam nele e tudo pelo qual trabalharam, ela juntou o que restara da família e trouxe todos para a Inglaterra, com um punhado de moedas e um desejo implacável de vencer.

Sophia afastou o olhar da irmã.

– Se você entende tudo isso sobre o vestido, então sabe que eu tive outros motivos. É verdade que este e outros vestidos foram feitos para serem lindos parados e mais ainda em movimento. Mas eu lhe peço que se lembre de outra missão... a que nos levou até Hortence Horrorosa. Você lembra?

– Como se fosse possível esquecer. Sua verruga, em especial, está profundamente gravada em minha mente.

– Nós fomos até lá para ver se tudo permanecia igual à velha Trapos, ou se estava diferente e mais ameaçador. Eu precisava ver o vestido de sua mãe porque elas fariam o melhor trabalho para ela. Ficou melhor do que costumam fazer, mas, ainda assim, não se compara aos nossos. Mas como fazer sua mãe perceber isso?

– Não estou entendendo o que isso tem a ver com a reverência.

– Não lhe ocorreu que, no momento em que eu estava sendo apresentada à sua mãe, ela estava cercada por trabalhos da Maison Noiro? Lady Bartham, lady Clara e eu estávamos usando as criações de Marcelline. Sua mãe não poderia deixar de notar a diferença entre o que ela está usando e o que nós estamos vestindo. Ela pode levar algum tempo para entender, mas nós plantamos a semente.

– Negócios – concluiu ele. – A reverência era um negócio.

– Publicidade.

– Madame, a senhora me deixa tonto...

Ele a fez rodopiar pelo salão, o que a levou a deixar de lado os negócios. Como pôde um dia pensar que a valsa era apenas uma dança? Valsar com ele era como fazer amor. Tocando, mas não acariciando. Segurando, mas não abraçando. Uma premência e um calor crescentes sem nenhuma forma de aliviá-los, sem um clímax.

Ela estava perto dele o suficiente para sentir o calor de seu corpo e a maneira como a respiração dele se acelerava. Era profundamente íntimo, como a sensação da mão dele em sua cintura. Parecia que ela pertencia àquele lugar, que sempre pertencera. Ela pensou nas mulheres ao seu redor: como podiam

dançar com a mesma intimidade com homens a quem não amavam?

Como vou conseguir parar?, pensou ela. *Como voltarei para a minha vida sem ele?*

Perguntas sem o menor sentido. Eles armaram um jogo e esse caso de amor não passava de uma eventualidade. Apenas um tolo completo o transformaria em uma tragédia romântica.

Ela não tinha tempo para ser tola. Tinha um trabalho a fazer. Se cometesse um erro, a vida de uma jovem estaria arruinada... e levaria consigo a esperança, os sonhos e anos de trabalho duro de três mulheres.

Entretanto, era difícil ser fria e calculista enquanto dançava com Longmore.

A música parou cedo demais. Sophia queria continuar, jogar os braços ao redor do pescoço dele e beijá-lo, sem pensar em nada, sem soltá-lo, porque...

Porque, por um curto período de tempo, ela soubera como era viver de verdade no mundo dele, e não como uma intrusa. Por um curto período, ela soube como era ser especial naquela maneira curiosa que seus ancestrais foram: não porque tivessem sido grandes artesãos, inventores ou corajosos soldados, ou porque tivessem contribuído com algo de valor para a humanidade, mas porque haviam nascido especiais: eram aristocratas de verdade.

Acima de tudo, porém, Sophia imaginara – ou acreditara, ou mesmo sentira no coração cínico e negro das Noirot – que ela era especial para Longmore.

Talvez fosse. Mas ela sabia como aquela história iria terminar. Pois bem, era hora de colocar um fim naquela tragicomédia. Ou farsa. Ela não estava certa do que era.



Algum tempo depois.

Longmore observou quando madame começou a abrir caminho no meio dos cavalheiros. Naquele instante, ele ficou com a mãe, que também a estava observando.

Assim como Adderley, do outro lado do salão.

– Você permite que outros homens lhe passem a perna? – indagou a mãe. – Se eu fosse você, Harry, não teria muita certeza sobre ela. Você pode até ter sido o primeiro a abrir a porta, mas esses outros podem muito bem aproveitar a porta aberta.

No momento, não havia ninguém por perto, exceto uma senhora bem idosa – mais uma das amigas de vovó Warford – que era completamente surda. Por um tempo, eles tiveram que dizer a mesma coisa seis ou sete vezes e repetir a resposta com a mesma frequência, mas agora a cabeça caía sobre seu imenso colo e ela estava roncando.

Embora ninguém pudesse ouvi-los, ele ficou surpreso. Lançou um olhar inquisidor para a mãe.

– Não me olhe desse jeito – disse ela, zangada. – Só demonstra quanto você é idiota.

– Não posso evitar. A dama não me parece o tipo de mulher que você escolheria para ser minha esposa, mas aqui está você, me empurrando para o altar.

– Ela não tem mesmo nada a ver com o tipo que eu escolheria.

Ele franziu as sobrancelhas.

– O inglês dela é uma atrocidade. Definitivamente não deve ter tido uma educação apropriada.

- Algumas pessoas simplesmente não têm aptidão para línguas.
- Com ou sem aptidão, acho que ela pode ser uma cabeça de vento. Mas é uma moça muito atraente...
- Com uma fortuna muito atraente.
- Não seja vulgar.
- Se ela não tivesse nenhum dinheiro, você não estaria insistindo para que eu fosse atrás dela. E não vejo qual é o motivo da pressa.

Ele olhou para a pista de dança, em cujo canto estava Adderley, observando madame.

– Ah, mas olhe só, madame está dançando com o terceiro filho de lady Bartham. Seria uma enorme pena se ele conquistasse o coração da moça e sua grande fortuna.

– Seria uma grande pena se você perdesse qualquer moça para aquela criatura tão inexperiente – retrucou a mãe. – Mas faça como quiser, Harry. Você sempre faz. Sua irmã também. Deus me enviou os filhos mais desobedientes do mundo. Se Clara tivesse me ouvido, não estaria nessa situação horrorosa. A cada dia eu gosto menos desse Adderley... Olhe só para ele. Duas danças com Clara e ele a abandona. Quando penso nos homens que ela poderia ter tido... Ah, é demais para mim. Veja: está comendo madame com os olhos. Como ousa?

– Todos a estão comendo com os olhos.

– E você parece não se importar com isso.

– Acho que é o tipo de situação com a qual a pessoa precisa se acostumar. Ela chama a atenção aonde quer que vá.

Ela observou madame durante algum tempo, franzindo o cenho.

– Sabe de uma coisa, Harry? Ela me lembra alguém.

A dança estava no fim e Longmore viu Adderley caminhando em direção à madame.

– Ah, não, meu caro! Divirta-se se quiser, mas não com minha viúva alegre.

– Por que ele não o faria? – provocou a mãe. – Ela não lhe pertence. Você não faz nada para manter o interesse dela.

– Ele é que não tem motivo para manter o interesse dela quando está noivo de minha irmã. Isso sem mencionar que madame me prometeu essa dança.

– Não faça escândalo, Harry. Muito menos aqui.

– Mamãe, você está me ofendendo. Eu *nunca* faço escândalo.

Ele não correu para o outro lado do salão nem empurrou ninguém para que saísse de seu caminho. Lorde Longmore não precisava disso. Bastava ter no rosto determinada expressão e as pessoas logo abriam caminho para sua passagem.



Quando Longmore chegou até eles, Adderley estava com o corpo colado demais ao de madame, tentando lhe dizer algo.

– Sinto muito por interromper o *tête-à-tête* – disse Longmore –, mas essa dança é minha.

– Acho que se enganou – replicou Adderley. – Madame me prometeu essa dança.

Madame olhou para os dois homens com aparente surpresa. Então, sua expressão tornou-se pesarosa.

– Que situação desagradável – disse ela. – Queira me perdoar, lorde Add'lee. Lorde Lun-mour fala

corretamente. Prometi essa dança a ele. Minha memória abominável... peço que me perdoe. Mas o senhor terá a próxima dança.

– Infelizmente acho que não será possível – disse Longmore. – Como esta é a dança que precede a ceia, terei o privilégio de levá-la para o salão.

– *C'est exact* – confirmou ela. – Eu tinha esquecido.

– Como a senhora se esquece com facilidade... – disse Longmore.

Ela lhe lançou um olhar de poucos amigos. Em seguida, ofereceu um olhar mais afetuoso a Adderley.
– Eu o verei na ceia, lorde Add'lee. Se eu não estiver fatigada demais.

Adderley meneou a cabeça e saiu, ainda sorrindo com afetação. Longmore o observou se afastar antes de se virar de novo para madame.

– Madame acha que minha companhia pode ser fatigante?

– Não foi isso o que disse. O senhor está distorcendo minhas palavras.

– E também a direção de seu olhar?

– Não compreendi muito bem.

– Percebi o olhar que a senhora lançou para ele. Nunca me considere um gênio, mas sei reconhecer um olhar coquete quando vejo um.

– E por que eu não deveria ser coquete? Por que temos essa mesma discussão tantas vezes? Por acaso tenho uma coleira em meu pescoço, como um cachorro? Não sou seu cãozinho na coleira, lorde Lunmour. Não pertencço ao senhor.

– Talvez não, mas o cavalheiro pertence à minha irmã, como já lhe expliquei. Muitas e muitas vezes.

– Isso é monstruoso. Do que o senhor me acusa? De tentar roubar esse homem de sua irmã?

– No outro dia, a senhora parecia pensar que ele precisava ser roubado.

Ela ignorou o comentário.

– Eu estava irritada e falei algumas tolices. Mas conheci sua mãe há poucos minutos e sua irmã perdoou o meu erro. Por que eu iria querer que ficassem aborrecidas comigo? Sou uma estrangeira. Sozinha. Sem ninguém para me proteger. Só tenho meus amigos para cuidar de mim e fico feliz quando faço amizades.

– Também fico feliz quando a senhora faz amizades. Entretanto, quando a senhora se torna amigável demais...

– Não! Eu só fui amável. – Os olhos azuis brilharam na direção dele. – Eu flertei um pouco com ele, do jeito que todas as mulheres fazem. Não sei por que o senhor pensa que estou errada ao agir assim. O *senhor* não me disse uma única palavra especial.

– Eu disse, se me lembro bem – respondeu ele. – O que mais a senhora deseja, madame?

O rosto de madame ficou vermelho.

– Acho que o senhor brinca comigo.

– É isso o que pensa? Que estou brincando com seus sentimentos?

– Parece que o senhor considera isso uma grande piada.

– E não é?

Lágrimas cintilaram nos olhos dela e, naquele momento, ele soube que Sophia não estava apenas interpretando um papel – ou, se estava, esse papel aproximava-se muito da realidade.

– Sim – disse ela. – É, sim. Uma piada hilariante. Ha-ha-ha.

Ela deu meia-volta, criando um torvelinho de cetim e renda, e foi embora, movendo os quadris, o queixo para cima, atravessando todo o salão de baile.



Sophia mal havia virado as costas para Longmore quando lorde Adderley surgiu em seu caminho.

– Pensei que havia prometido essa dança a Longmore.

– Acho que estou *fatiguée*. – Ela abriu o leque com força e o abanou com raiva na frente do rosto. – E com muito calor. – Ele deve ter pensado que aquela reação acalorada foi para ele. – Perdi a vontade de dançar. Perdi o prazer em ficar neste baile.

– Eu também – disse ele, em seu francês carregado de sotaque inglês. – E a senhora sabe o motivo.

Ela o encarou por cima do leque.

– Eu sei?

– Eu já não lhe disse? – A voz dele estava baixa e trêmula. – Eu já não me abri para a senhora? Cada palavra que escrevi veio do fundo do meu coração. A senhora sabe que estou em agonia. Por que me tortura?

Ela olhou ao redor.

– O senhor está sendo indiscreto. Alguém pode ouvir.

– Precisamos resolver isso. Todos os dias, a senhora muda de ideia.

– Todos os dias! – exclamou ela. – Quantos dias já se passaram? Dias, milorde. Não anos, nem meses ou semanas. Poucos dias. Poucas cartas. – Ah, sim, ela havia respondido a carta dele. Ela lhe dera razão para ter esperanças e desespero. Ela o encorajara, enquanto parecia rejeitá-lo e, ao mesmo tempo, estar indecisa. Mas tomara o cuidado de nunca escrever nada que fosse indeciso o bastante nem que o rejeitasse o suficiente para ele desistir. – Peço que o senhor não me pressione.

– Não tenho tempo para esperar. Se a senhora pretende pisotear meu coração, faça-o agora. Mate a minha esperança, mas faça-o depressa, pelo amor de Deus, e me livre desse tormento.

Ela se afastou. Ele a seguiu.

– O senhor me apressa. Uma mulher não deve ser apressada quando se trata do coração.

– Eu soube que meu coração lhe pertencia no instante em que a vi. Percebi imediatamente que fomos feitos um para o outro.

Assim que ouviu falar de minha enorme fortuna.

Um criado se aproximou, carregando uma bandeja com taças de champanhe. Madame balançou a cabeça para ele, que se dirigiu até o casal.

– Não podemos conversar aqui – disse ela. – Muito movimento. Muita gente.

– Todos vão cear agora – avisou ele. – Não haverá momento melhor. Preciso saber esta noite. Não haverá outra. Preciso de uma resposta hoje.

– O senhor é muito impetuoso.

Porque ela alimentou essa impetuosidade.

– Madame, o tempo está correndo para mim.

– Ah, sim. O senhor vai se casar.

– Isso está em suas mãos.

– Não consigo suportar a ideia de afastá-lo daquela bela moça. Partir o coração dela? Não sou esse tipo de mulher.

Enquanto conversavam, ela não parava, mas continuava caminhando a passos lentos, permitindo que ele a seguisse.

– Partir o coração dela? Ela mal me suporta, como a senhora sabe muito bem. Toda a família dela me despreza. Se não fosse por um momento de estupidez, eu seria livre.

– Um momento de estupidez? E como vou saber que não sou mais um momento de estupidez em sua vida?

– Que provas a senhora deseja?

Eles chegaram às portas envidraçadas, que, naquela noite quente, estavam abertas para permitir a circulação de ar pelo salão. Do outro lado, a varanda, envolta por uma balaustrada de pedra. Um pouco da luz do salão de baile iluminava o local. À esquerda uma parte da balaustrada permanecia nas sombras. Do outro lado da varanda, lampiões iluminavam os jardins. Muito romântico. Ela sorriu para si mesma.

Sophia passou pelas portas envidraçadas e encaminhou-se para onde não havia muita luz.

– Que provas? – indagou ele, mais uma vez.

– Eu não quero ter um caso – disse ela, em voz baixa. – Sempre fui fiel a meu marido. Não sou uma mulher depravada. Não serei sua amante. Não sou uma cortesã.

– Eu não quero uma amante!

É claro que não. A manutenção de uma amante custava caro.

– Minhas intenções são as melhores – garantiu ele. – Posso provar.

Ela o encarou.

– Eu posso provar – prosseguiu ele. – Venha comigo... Podemos chegar à Escócia em menos de dois dias... e nos casar assim que chegarmos lá.

– Fugir? O senhor faria isso?

– E por que não? Sheridan fugiu há pouco tempo. E, ao contrário dele, não precisamos temer que nos sigam.

Ela colocou a mão sobre o coração e se afastou dele.

– Madame?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Afaste-se. Preciso pensar. Não foi assim que planejei. Eu não estava preparada. – Enquanto falava, ela ajeitou o vestido rapidamente. – Nunca sonhei que o senhor iria tão longe. Fugir comigo? Isso vai aborrecer seus amigos. Pode ser a sua desgraça.

– Não me importo – disse ele. – Se eu tiver a senhora, nada mais me importará. Madame, eu imploro. – Ele colocou as mãos nos ombros dela e a virou, tomando-a nos braços. – Fuja comigo.

– Não! – gritou ela. – Não! Pare! Socorro!

Enquanto gritava, em francês e inglês, ela o empurrou. Ao fazê-lo, o elegante corpete do vestido escorregou e apareceu um pouco, revelando a caríssima renda de seda de sua camisa de baixo.

No mesmo instante, bem na hora, uma pequena multidão correu para a varanda, com lady Clara na frente. Adderley pulou para longe de Sophia, como se ela tivesse contraído uma doença de forma repentina.

– Mas que diabo? O que é isso?

– Está bem claro o que é isso – respondeu lady Clara. Ela se aproximou de Adderley e lhe deu um

tapa na cara. – Seu monstro! Traidor falso e desprezível!

– Que vergonha! – gritou uma voz na multidão.

– Você me enoja – disse lady Clara. – Não vou me casar com você. O mundo pode pensar o que quiser de mim, mas eu não me casaria com você nem que fosse o último homem na face da Terra.

– Mas eu não...

– Uma vergonha!

– Que horror!

Outras vozes se juntaram ao coro. Marcelline abriu caminho entre os observadores e foi até Sophia.

– *Ma pauvre dame!* – Ela olhou para Adderley. – *Quel monstre!*

– Mas eu nunca...

– Animal! – gritou uma voz.

– Selvagem!

– Mas que diabo está acontecendo?

Longmore abriu caminho em meio à multidão. Olhou para Sophia. Olhou para Adderley. Avançou para cima do rapaz.

Clevedon o puxou de volta.

– Não! – gritou ele. – Não suje suas mãos.

– Não vale o esforço! – vociferou alguém.

– Deixe que ele apodreça – disse outro.

– Não em minha varanda! – exclamou lady Bartham.

Ela estava perto da porta envidraçada. Ao seu lado, lady Warford. Com a luz do salão de baile iluminando as duas mulheres, elas pareciam anjos vingadores.

– Lorde Adderley, devo pedir que se retire – solicitou lady Bartham. – E o senhor jamais deve retornar aqui.



Longmore sabia o que deveria fazer.

– Não bata nele, de jeito nenhum – aconselhou Clevedon, com a concordância das três irmãs Noirots.

Aquele era o momento de Clara, disseram todos. Deixe que ela o faça, deixe que todos os que a julgaram possam ver. Assim, Longmore deixou que Clara batesse em Adderley. Mas o canalha tentou escapar e o fogo subiu aos olhos de Longmore.

Ele foi atrás de Adderley. Não havia dado nem três passos quando ouviu a voz de madame, trêmula, quase chorando:

– Lorde Lun-mour. – Ele se virou. Ela estava sendo abraçada pela irmã, e seu lindo vestido estava desalinhado. Algumas lágrimas desciam pelo seu rosto. – Por favor, leve-me de volta ao meu hotel.

A visão do vestido em desalinhado obscureceu sua visão. Só pensava em matar Adderley, mas os grandes olhos azuis o detiveram. Ele inspirou e expirou profunda e lentamente. Voltou para perto dela.

– É claro, madame.

Ele a pegou no colo e a carregou – atravessando o salão, passando por convidados boquiabertos, que

sussurravam entre si –, percorreu o corredor e desceu as escadas, saindo da casa.

Ele a segurava, o rosto dela enterrado em seu ombro, enquanto uma carruagem foi logo chamada para transportá-los. Em poucos minutos, a carruagem dos anfitriões chegou. Ele logo a colocou ali dentro. Quando viraram a esquina e saíram do campo de visão da Residência Bartham, ele comentou:

– Acho que deu certo.

Ela estava encostada nele, os olhos lacrimejando, o corpo tremendo. O tremor parou, ela se sentou, pegou o lenço mais fino do mundo e secou rapidamente as lágrimas.

– Quase perfeito – respondeu.

– Quase?

– Não era para você ter ido atrás de Adderley, pensando em assassiná-lo. Na verdade, não era para você ter ido atrás dele de jeito nenhum. Eu não expliquei? Você se esqueceu do passo seguinte? Ele investiria sobre sua... sei lá o quê.

– Minha tia – completou ele, voltando o olhar para a janela.

Ele era um boçal. De vez em quando, era um *grande* boçal.

– Não queríamos que fosse resolvido com sopapos. Queríamos que ele passasse uma grande vergonha, da mesma forma que envergonhou sua irmã.

Ele se ajeitou no assento e fechou os olhos.

– Eu sei.

– Mas esqueceu. Não se pode esquecer coisas assim. Você quase estragou tudo.

– Ele tocou em você – disse Longmore.

– Por três segundos.

– Ele viu seu corpete.

– Um centímetro dele. Assim como todos os outros viram. A ideia era essa.

– Eu sei. Mas sou um homem apaixonado, e um homem apaixonado não age de maneira racional.

Os dois ficaram em silêncio.

Do lado de fora, o bater das ferraduras e das rodas era totalmente audível. Ele identificou vozes a distância. Um sino tocou em algum lugar.

– Algo precisa ser feito.

– Ah, mas você já fez. Várias vezes. Em dois lugares diferentes. Usando várias manobras.

Nós fazemos amor.

– Acho que terei que me casar com você.



Sophia sentiu o choro brotando dolorosamente no peito. Porém, o afastou.

– Duas propostas em uma só noite – disse ela. – Acho que o brilho dos diamantes tem o poder de fritar o cérebro masculino.

– É isso o que eu gosto em você. Tão romântica...

Ela se virou para Longmore.

– Ora, é uma piada, não é? Para nós dois. Se eu também não fizer piada, vou chorar. E acho que já chorei muito esta noite.

– Aquilo foi de mentira.

– Eu não sei bem a diferença – retrucou ela.

– E aquilo, por mais estranho que pareça, é outra coisa que gosto em você. De qualquer maneira, minha mãe quer que eu me case com você.

– Você quer dizer que ela quer que você se case com madame.

– Ela a considera bonita, mas não muito inteligente. Mas deve achar que isso nos torna compatíveis, uma vez que não tenho nada de especial no quesito mental.

– Você não pode se casar com madame. Nem comigo.

– Então, o que você propõe que façamos? – indagou ele.

– Não sei – respondeu ela.

– Então, *pense*. Você tirou a minha irmã de uma situação que todos consideravam irreparável. Não tenho dúvidas de que possa criar um plano para nós dois. É preciso. Não tem algum plano ardiloso para fazer com que minha mãe adore você?

– Com o tempo, posso fisgá-la para a Maison Noiroit. Posso convencê-la a me tolerar como sua modista. Entretanto, fazê-la me amar está fora de questão. Imagine como ela se sentiria.

– Sentimentos – disse ele em voz alta.

– Ela é mulher. É mãe. Tente se colocar no lugar dela. Clevedon casou-se com a minha irmã, não com a filha dela. Então, você decide se casar comigo... a irmã da mulher que arruinou todos os planos que ela havia feito.

– É tão importante assim que a minha mãe a aprove?

Eu não compreendo. Minha família não fez nada a não ser destruir outras famílias. Por gerações. Não sou uma boa pessoa. Não sou virtuosa. Sou uma trapaceira. Mas eu não quero ser assim.

– Seus pais irão deserdá-lo. Essa é a arma mais poderosa que possuem. Talvez a única.

– Então, acho que vou ter que morar nos aposentos acima da loja e deixar que minha esposa me sustente.

– Harry... – disse ela.

Ele a encarou.

– Você sabe que isso é um absurdo. Leonie é quem comanda as finanças. Marcelline e eu não somos boas com dinheiro, só em gastá-lo.

Ele a olhou por um longo instante. Então, soltou um suspiro.

– Estamos condenados. Nesse caso...

Longmore a puxou para seus braços.

Capítulo dezoito

Na maioria das ruas principais da metrópole, são exibidos xales, musselinas, enfeites para vestidos e várias outras mercadorias. Durante o dia, com a utilização de espelhos e, à noite, de candelabros, auxiliados pelas luzes cintilantes dos lampiões, proporcionando aos estrangeiros uma visão quase tão deslumbrante quanto a das ficções poéticas orientais das Mil e uma noites.

Guia do comércio inglês, 1818.

Na sexta-feira, o *Spectacle* forneceu todos os detalhes do incidente ocorrido no baile de lady Bartham – que havia mesmo prometido que seu evento seria o grande acontecimento do fim da temporada –, junto com longas descrições dos vestidos usados pelas personagens principais de todo o drama.

Na sábado, o *Spectacle* informou aos seus leitores que madame de Veirion havia desaparecido de Londres de maneira tão misteriosa quanto sua forma de chegar. Ela tinha deixado o hotel Clarence na sexta-feira à noite, embarcando em uma carruagem para quatro pessoas. Essa foi a última informação que o *Spectacle* conseguiu descobrir.

No domingo, o *Spectacle* relatou que lorde Adderley fora banido de todos os clubes que frequentava.

Na segunda-feira, o jornal anunciou que lorde Adderley fugira de Londres no meio da noite. Seus credores, segundo o jornal, saíram em seu encalço.

Na terça-feira, Sophia estava sentada à escrivaninha, na área de trabalho que dividia com as irmãs. Escrevia uma descrição do vestido que lady Bartham usaria na noite seguinte, no Almack's. Embora o texto não fosse aparecer no *Spectacle* antes de quinta-feira, adiantava o trabalho, aproveitando os momentos de calma da loja. Com o aumento de clientes da aristocracia e o alvoroço dos eventos de fim de temporada, havia mais vestidos para descrever do que antes.

Graças à madame de Veirion, a Maison Noiroth passaria incólume pelo dia de pagamento. Sophia estava concentrada na descrição do chapéu, quando Mary veio lhe dizer que sua presença havia sido requisitada na sala de consultas privativas.

Quando entrou no local, encontrou lorde Longmore, lady Clara e lady Warford, todos estudando o vestido cor de ameixa. Agora, três pares de olhos a encaravam.

Sophia não deu nenhum passo para trás. Não deixou seus olhos se arregalarem nem fez nenhuma exclamação. Simplesmente assumiu a expressão de uma modista que se interessava em dar toda a atenção aos clientes.

Lady Warford franziu a testa e, em seguida, arfou.

– Madame de Veirion? – disse ela. – Mas pensei...

Ela se interrompeu quando olhou mais para baixo e analisou a roupa de Sophia. Era um traje elegante e moderno, como deve ser a roupa de uma modista. Entretanto, não tinha nada a ver com o que uma grande dama, como madame de Veirion, usaria.

Sophia fez uma reverência. Era a reverência das Noiroths. Não tinha sido necessário, mas ela a fez

assim mesmo, talvez para irritar lorde Longmore, que, na quinta-feira à noite, havia feito amor com ela no caminho para o hotel, depois no próprio hotel e, em seguida, desaparecera, esquecendo-se de sua existência.

– Sim, é madame – confirmou Longmore. – Mas não é. É uma das temíveis irmãs Noirots, mamãe. Essa é Sophia, a que se permitiu ser atacada naquela noite para salvar Clara de um casamento infeliz.

O coração de Sophia bateu forte. Ela não disse nada. Tentou também não demonstrar qualquer reação, embora fosse muito difícil fazê-lo ao mesmo tempo que sentia o coração subir-lhe à boca.

Lady Warford olhou para a filha, para o filho e, em seguida, para Sophia.

– Foi um plano artiloso, criado pela Srta. Noirot – prosseguiu ele. – Ela agiu assim porque Clara é a cliente favorita da loja e elas não queriam perdê-la. E também porque, ao que parece, gostam muito dela. – Ele fez uma pequena pausa. – Eu amo a Srta. Noirot, mas estou em uma situação muito difícil. Ela se recusa a se casar comigo, a não ser que você a aprove.

– Casar! – Uma palavra. O grito de dor de uma mãe.

– Ela se recusa a se casar comigo, a não ser que você a aprove – repetiu Longmore.

Lady Warford fechou os olhos e seu corpo oscilou um pouco.

– Talvez seja melhor sentar-se, mamãe – sugeriu Clara.

Lady Warford arregalou os olhos.

– Não precisa. Estou perfeitamente bem. – Seu queixo se ergueu. – Uma modista. *Outra* modista.

Ela olhou ao redor e Sophia viu a expressão perdida em seu olhar.

– Milady – começou Sophia.

– Talvez, afinal de contas, eu deva mesmo me sentar – disse lady Warford.

Longmore puxou uma cadeira para ela.

– Aquela cena no baile de lady Bartham. Ela foi... armada?

– Armada até o último detalhe – respondeu Longmore. – Arquetada pela Srta. Noirot. Ela pensou nisso enquanto estávamos voltando de Portsmouth. Isso também foi obra da Srta. Noirot. Sem ela, eu jamais teria encontrado Clara.

– Ah, Harry... – suspirou lady Warford.

– Ela se recusa a se casar comigo, a não ser que você a aprove – repetiu ele. – Você tinha gostado bastante dela antes.

– Ah, por favor – disse Sophia. – Era diferente. Eu era uma dama com uma grande fortuna. O dinheiro cura muitos males, como você sabe muito bem. Não brinque com os sentimentos de sua mãe.

Ela se dirigiu à mãe dele.

– Milady, talvez a senhora queira algo para fortalecê-la. – Sem esperar pelo consentimento, ela pegou a garrafa de conhaque, que ficava guardada em um armário para uma emergência, como desmaios ou convulsões repentinas, algo não muito incomum em uma loja que lidava com mulheres. Enquanto servia, continuou: – Não posso imaginar o que passou na cabeça de lorde Longmore para submetê-la a um choque desses. E sem prepará-la, como posso perceber.

– Se eu tivesse dito à nossa mãe o que pretendia fazer, ela não teria vindo.

– Mas eu vim – afirmou lady Warford, pausadamente. – Quero dizer, eu acreditei que vinha para ver o que poderia ser aproveitado... do enxoval de Clara. – Os olhos dela lacrimejaram. – Para aquele casamento horrórico. Com aquele sujeito abominável. E você...

– Ela me salvou, mamãe – afirmou lady Clara. – Ela me salvou duas vezes.

Lady Warford virou-se para a filha. Seu olhar era de puro amor, o que fez o coração de Sophia doer. Sua própria mãe jamais a olhara daquele jeito... quando estava por perto... quando se lembrava de que tinha filhas.

Ela entregou o conhaque a lady Warford, que o bebeu. Ficou olhando para a taça por algum tempo. Ninguém disse nada. O coração de Sophia estava batendo com tanta força que ela imaginou que todos conseguissem ouvi-lo. Pensou que ia desmaiar. Mas se controlou, mantendo no rosto uma expressão neutra com educado interesse. Respeitosa, mas sem exageros. Uma modista nunca devia...

– Acho que, talvez... – recomeçou lady Warford. Ela fez uma pausa. – Acho que, talvez, eu possa... gostar dela.

Os dois filhos disseram, ao mesmo tempo:

– Por favor, mamãe!

– Vamos lá, mamãe!

O olhar de lady Warford dirigiu-se a Sophia.

– Não é nada razoável esperar que eu a ame em tão pouco tempo – comentou ela. – Por outro lado... Todos esperaram.

– Por outro lado, você me fez... um enorme favor. – Ela fez uma pausa e se recompôs. – Um favor impossível de retribuir. Isso é muito irritante de sua parte. Mas você tem boa aparência, pelo menos. E sua irmã é uma duquesa. Isso tem grande valor. De qualquer maneira, ninguém consegue segurar Harry quando ele enfia alguma coisa na cabeça.

– Isso é suficiente, Sophia? – perguntou Longmore. – Não é exatamente o que você desejava, mas acho que é o melhor que ela pode fazer.

Sophia engoliu o choro.

– Sim, terá que ser suficiente. Eu vou tentar fazer com que ela me ame mais... Até lá, é suficiente... terá que ser... porque... porque eu ficaria muito infeliz sem você.

Ela se jogou nos braços dele.



Na sexta-feira, um dia depois do último Baile da Rainha, a Srta. Sophia Noiro e o conde de Longmore se casaram no salão vermelho da Residência Clevedon, mediante uma licença especial. A festa contou com um número de convidados muito maior do que o do casamento do próprio duque. Dessa vez, junto com as irmãs da noiva, a sobrinha e a maioria das tias de Clevedon, lorde e lady Warford e seus cinco outros filhos também participaram.

Algum tempo depois, após o café da manhã servido na cerimônia, o marquês e a marquesa voltaram para sua casa e ficaram sentados, cada um com seus pensamentos, no silêncio da sala de estar.

– Esse seu vestido é novo, querida? – perguntou lorde Warford.

– Sim – respondeu lady Warford, surpresa.

O marido nunca prestava atenção ao que ela vestia. Só se preocupava com as contas das costureiras e, algumas vezes, queixava-se delas, mas isso era tudo.

– Muito adequado – disse ele. – Ele me faz lembrar da moça com quem me casei.

Ela enrubesceu um pouco.

– É mesmo?

– É.

Ele se levantou, fechou a porta da sala e a trancou. E algumas coisas aconteceram naquela noite, coisas que fizeram a marquesa se esquecer de mencionar um pensamento curioso que tivera e que se relacionava aos olhos de sua nova nora.



Após o desjejum servido na cerimônia do casamento, os recém-casados partiram para Lancashire, pois as irmãs decidiram que a sociedade precisava de algum tempo para se esquecer de madame de Veirrion antes de conhecer a nova lady Longmore.

Longmore e Sophia pernoitaram na estalagem Angel, a cerca de 50 quilômetros de Londres. Foi ali que, depois que seu marido criteriosamente desatou cada laço e desabotoou cada botão de sua roupa, depois que fez amor com cada milímetro de seu corpo e quando ainda estava deitado, indefeso, em um estado de êxtase pós-coito, Sophia se desvencilhou de seu abraço, sentou-se na cama e disse:

– Há algo que preciso lhe contar.

– Sempre há – retrucou ele.

– Eu devia ter contado antes do casamento. Marcelline ficou pasma por eu não ter dito nada.

– Uma confissão? – Ele se apoiou nos cotovelos. – Você cometeu um assassinato? Tem um marido louco preso no sótão? Não, é impossível, você era virgem.

– Essa era a única pureza que havia em mim.

– Nunca fui um grande devoto da pureza.

O olhar de Longmore se voltou para os seios dela. A luz do lampião fazia com que parecessem brilhar, como duas lindas luas. Mas não luas cheias. Mais como luas crescentes, com uma deliciosa elevação, mais ou menos como a ponta do nariz dela.

– Olhe bem nos meus olhos – pediu ela.

– Em um minuto. Estou admirando seus seios. Acho que eu poderia escrever um poema sobre eles. São simplesmente esplêndidos. E sobre suas nádegas também. São perfeitas. Você devia ser modelo para estátuas de Vênus. Mas não quero um monte de devassos devorando você com os olhos. Prefiro guardá-la só para mim.

– Eu amo você – disse ela.

– Você não tem outra saída. Sou perfeito para você.

– É mesmo. Você me entende. E é por isso que tenho certeza de que não vai levar a mal o que eu vou revelar agora.

– Isso está me soando ameaçador.

– Nada ameaça você – afirmou ela. – Olhe nos meus olhos.

Ele olhou.

– E então? – disse ela.

– São incrivelmente azuis. Uma cor incomum.

– É o azul dos DeLuceys.

– É óbvio que é de família. Interessante como sua irmã mais velha não puxou esses olhos, mas a filha dela, sim.

Os grandes olhos azuis se arregalaram.

– Qual era a confissão?

– Então, você *sabia*?

– Algumas vezes, eu sei somar dois e dois. Todas aquelas pistas que você deixou escapar sobre seu passado. Eu sabia que tinha que haver uma história, mas estava ocupado demais tentando seduzi-la para fazê-la revelar. Mas hoje, de repente, tudo ficou claro para mim.

– Hoje? Antes, durante ou depois da cerimônia?

– Faz diferença?

– Sim, porque Marcelline disse que eu me casei enganando você.

– Bem, isso teria sido ainda mais divertido, mas não é verdade. Eu sabia exatamente onde estava me metendo. Ouso dizer que sempre soube. Sabia que você não era igual a ninguém. Sabia que não era tediosa.

– Ninguém jamais acusou os DeLuceys de serem tediosos – comentou ela.

– Mas eu não tinha entendido até todos se juntarem para o casamento. Estavam todos ali: você, a duquesa, Leonie e Lucie. Lembrei-me de lady Durwich falando sobre os DeLuceys. Lembrei-me de como você respondeu, fazendo uma brincadeira. Lembrei-me de como você mergulhou naquela longa e tediosa descrição do vestido de minha irmã.

– Para despistar você.

– E deu certo. Até hoje. Então ficou claro como água. E pensei: “Por Júpiter, esse dia está ficando cada vez melhor. Meu casamento vai provocar um ataque cardíaco na sociedade. Vão achar que a Revolução está prestes a acontecer, ou que o Apocalipse se aproxima. Consegui convencer a mulher mais diabólica que conheci a mentir sobre amor, honra e obediência a mim pelo resto de nossas vidas...”

– Mas isso não foi mentira – replicou Sophia. – Exceto pela parte da “obediência”.

– “E ela é uma das *Terríveis DeLuceys*. Eu me casei com um membro de uma gangue.” Meu coração saltou. E eu quase morri de tanto rir.

Sophia esboçou um ligeiro sorriso.

– Eu tinha certeza de que você não se importaria.

– Eu, me importar? É perfeito.

– Você é perfeito. E acho que merece uma recompensa por não cair no chão de tanto rir, atrapalhando a solenidade da ocasião.

– Isso quase me custou a vida.

Sophia escorregou de novo para os braços dele.

– Uma *grande* recompensa – afirmou ela. – Só há mais uma coisa.

Ela acariciou o peito do marido e foi descendo a mão.

– Qualquer coisa – disse ele.

– *Ninguém jamais poderá saber.*

Agradecimentos

Este livro só foi possível graças ao apoio de:

Minha perspicaz e edificante editora, May Chen;

Minha incansável agente, Nancy Yost;

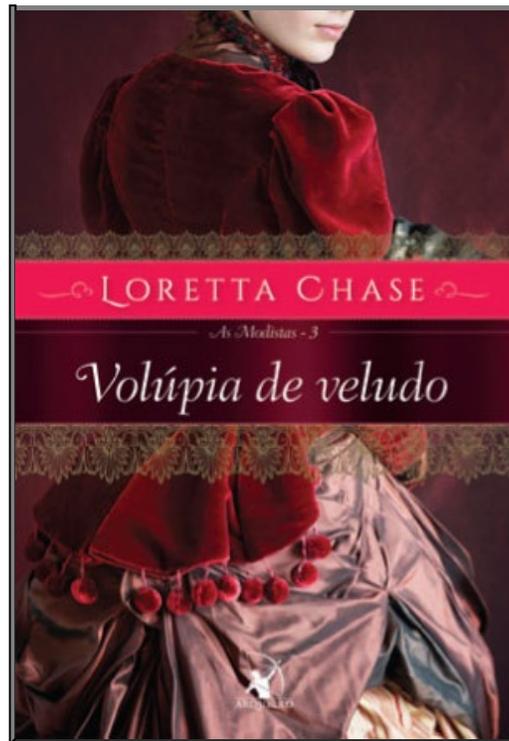
Minha espirituosa amiga, conhecedora de moda e parceira de blog, Isabella Bradford, também conhecida como Susan Holloway Scott;

Minha muito paciente conselheira francesa Valerie Kerxhalli;

Minhas leais, divertidas e loucas irmãs: Cynthia, Vivian e Kathy;

E, acima de tudo, meu inteligente e corajoso marido, Walter, um herói em todos os dias de minha vida.

CONHEÇA O PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE
VOLÚPIA DE VELUDO



Capítulo um

BRITISH INSTITUTION. – MESTRES DO PASSADO. Essa exposição anual é o melhor ponto de partida para se compreender a mesquinhez de nossos nobres quando esconderam suas pinturas do grande público – criando para as obras de arte um verdadeiro território exclusivo.

Revista literária *The Athenæum*, 30 de maio de 1835.

*British Institution, Pall Mall, Londres.
Quarta-feira, 8 de julho.*

Ele estava deitado, completamente nu, a não ser por um pano que cobria suas partes masculinas. Com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados e a boca parcialmente aberta, dormia profundamente, sem perceber que sátiros brincavam com sua armadura e tentavam acordá-lo em vão.

A mulher estava reclinada ao seu lado, descansando o cotovelo sobre uma almofada vermelha. Ao contrário dele, ela estava completamente vestida, com uma roupa de linho com acabamentos dourados, de olhos bem abertos. Ela o observava com uma expressão indecifrável. Será que seus lábios insinuavam um sorriso, uma expressão severa, ou sua mente estaria em outro lugar?

A mente de Leonie Noiroth lhe ofereceu dezesseis respostas diferentes, mas nenhuma foi satisfatória. Entretanto, era fácil descobrir o que o casal estivera fazendo antes que o homem – o deus romano Marte – pegasse no sono.

Ela estava diante de uma obra de Botticelli intitulada *Vênus e Marte*. Estava tão absorta pelo quadro que não sabia nem em que planeta se encontrava. Permaneceu na frente do quadro, sem tirar os olhos. Poderia contar cada pincelada, tentando entender profundamente o seu significado. A única coisa que não conseguia fazer era desligar-se dele.

Ela poderia ter ficado ali até que um dos funcionários a mandasse sair. Mas um barulho, súbito como um trovão, interrompeu a paz do ambiente.

Ela pulou, tropeçou e bateu em uma parede que não deveria estar lá. Não, não era uma parede. Era algo grande, quente e vivo. Tinha cheiro de homem: sabão de barba, goma e lã. Duas mãos masculinas e enluvadas tocaram seus ombros com leveza e a colocaram de volta na posição vertical.

Ela se virou depressa e olhou para cima.

Oh, Deus! Ou, mais precisamente, Oh, Marte.

Talvez ele não fosse exatamente igual à imagem da pintura, principalmente porque o tal homem estava completamente vestido e com roupas caras. Mas o nariz, a testa e a boca eram muito parecidos. E também, principalmente, o formato dos olhos. Só que os dele, ao contrário dos olhos do deus da guerra, estavam abertos.

Eram verdes, pontilhados de ouro, como seus cabelos claros. E aqueles cachos eram iguais aos de Marte, atraentemente indisciplinados. Algo difícil de descrever em seus olhos e boca insinuava outros tipos de rebeldia: a boca quase sorrindo e os olhos bem abertos, que demonstravam inocência. Ou seria estupidez?

– Fiquei tão emocionado que acabei colocando meu pé debaixo do seu – disse ele. – Peço-lhe mil desculpas.

Não era um estúpido.

Mas estava perto demais. Leonie nunca permitia que ninguém se aproximasse tanto. Em Paris, isso teria sido fatal. Era arriscado até mesmo em Londres. Ela guardou para si todos os seus receios, como havia muitos anos estava acostumada a fazer.

– Espero que não tenha lhe causado nenhum dano permanente – disse Leonie.

Ela olhou para baixo. As botas dele eram imaculadas. O laçao as havia lustrado até conseguir um brilho espantoso; a poeira de Londres era obrigada a se afastar delas, cega por tamanho brilho.

Os olhos verdes dele também desceram para os pés de Leonie.

– Um pé pequenino, embrulhado em um pouco de cetim e uma tira de couro, me causar danos? Quase impossível, não acha?

– Os pedaços de cetim e couro têm nome, são *brodequins* – explicou ela. – E meus pés não são tão pequenos, mas é muito gentil de sua parte dizer isso.

– Nessas circunstâncias, eu precisava dizer alguma coisa agradável. Deveria também apresentar alguma razão plausível para estar tão perto da senhorita. Ou uma razão cavalheiresca, como, por exemplo, ter a intenção de protegê-la de cavaletes em queda. Mas, se o fizesse, a senhorita me tomaria por idiota. Como qualquer um pode ver, o possível objeto agressor está a alguns metros de distância.

O sol intermitente decidiu atravessar a claraboia naquele instante. Seus raios caíram sobre a cabeça mesclada de ouro do cavalheiro à sua frente.

– Talvez milorde tenha se deixado hipnotizar pelo quadro. E tenha perdido a noção do que o cerca.

– Essa sim é uma boa desculpa. Mas, como o quadro me pertence e já tive tempo mais que suficiente para admirá-lo, a desculpa não me serve.

– É seu? – perguntou ela.

Leonie não lera o nome do proprietário que o emprestara, no fim do catálogo. Imaginava que a obra pertencesse ao rei ou a algum duque.

– Quer dizer, eu não sou Botticelli, como a senhorita já deve ter percebido, uma vez que o sujeito está morto há alguns séculos. Eu me chamo Lisburne.

Leonie se controlou, colocou os negócios na dianteira da mente e folheou seu livro mental de registros, onde guardava um compêndio particular da aristocracia da Grã-Bretanha, assim como todos os detalhes importantes que saíam nos jornais de fofocas e das bocas de suas clientes mexeriqueiras.

Não teve nenhuma dificuldade para localizar o nome dele, pois ela havia atualizado o livro havia poucos dias: *Lisburne* era Simon Blair, o quarto marquês de Lisburne. Aos 27 anos, era o único filho do pranteado terceiro marquês de Lisburne, cuja viúva acabara de se casar de novo e agora residia na Itália.

Lorde Lisburne, que também vivera fora nos últimos cinco ou seis anos, tinha chegado havia duas semanas, acompanhado de seu primo de primeiro grau e grande amigo, lorde Swanton.

Leonie tinha ido à galeria por causa do visconde de Swanton.

Ela olhou de novo para o quadro. Em seguida, olhou ao redor, pela primeira vez. Foi então que percebeu por que ninguém se aproximara dela ou impedira sua visão. Em outras paredes da galeria havia paisagens, mortes históricas e mitológicas, batalhas e coisas do gênero, além de temas religiosos. O Botticelli não tinha nada a ver com o resto. Nenhuma pregação, nenhuma violência e, definitivamente, nenhuma inocência bucólica.

– Uma escolha interessante – comentou ela.

– Ele se sobressai, não acha? – perguntou ele. – Hoje em dia, ninguém parece gostar muito de Botticelli. Meus amigos me aconselharam a optar por uma cena de batalha.

– Em vez disso, o senhor escolheu o desfecho.

Por um instante, os olhos verdes se deslocaram para a pintura e, em seguida, de volta para ela.

– Eu juraria que, na cena anterior, eles estavam fazendo amor.

– E eu poderia jurar que ela o subjugou.

– Ah, mas ele irá se levantar de novo para... para lutar outra vez – afirmou ele.

– Sem dúvida.

Leonie se virou de frente para o quadro e se aproximou da obra, embora soubesse que se arriscava a cair de cabeça nela. De novo. Ela já vira outras pinturas igualmente belas. Por exemplo, no Louvre. Mas essa...

O proprietário se colocou ao lado de Leonie. Por um instante, admiraram o quadro em silêncio e ela sentiu uma aguda consciência da presença física que estava ao seu lado.

– A expressão de Vênus me intriga – disse ela. – Fico imaginando quais devem ser seus pensamentos.

– Há uma diferença entre homens e mulheres – comentou ele. – Ele está dormindo e ela está pensando.

– Alguém precisa pensar. E, com frequência, quem faz isso é a mulher.

– Sempre me pergunto por que elas não pegam no sono.

Ela abriu a bolsa, retirou dali um pequeno cartão e o entregou a lorde Lisburne. Era um belo cartão de visitas, como deveria ser, uma vez que seu estabelecimento era o mais importante do setor, em Londres.

Ele o estudou por algum tempo.

– Sou uma das proprietárias – explicou ela.

Ele a encarou.

– A senhorita não é a que se casou com meu primo, Longmore?

Ela não poderia se surpreender pelo fato de ele ser primo de seu mais recente cunhado. Todos na alta sociedade pareciam estar relacionados uns com os outros de alguma maneira.

– Não, quem se casou foi a minha irmã, Sophia. Para referências futuras, ela é a loura.

Essa era a maneira como a sociedade se referia às três proprietárias da Maison Noiro: as Três Irmãs, algumas vezes as Três Bruxas ou as Três Messalinas Francesas.

A morena, a loura e a ruiva.

Sobre a autora



Loretta Lynda Chekani nasceu em 1949 numa família albanesa. Assim que aprendeu a escrever, passou a pôr no papel as histórias que inventava. Formou-se em inglês pela Clark University, onde trabalhou meio período como professora ao mesmo tempo que escrevia roteiros.

Foi quando conheceu um produtor que a inspirou a publicar suas histórias e acabou se casando com ele. Com o sobrenome do marido, Loretta Chase vem publicando romances históricos desde 1987, pelos quais ganhou vários prêmios. Pela editora Arqueiro, além dos livros da série *As Modistas*, também lançou *O último dos canalhas* e *O príncipe dos canalhas*, vencedor do prêmio RITA, da Associação Americana de Escritores de Romances.

www.lorettachase.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo um](#)
[Capítulo dois](#)
[Capítulo três](#)
[Capítulo quatro](#)
[Capítulo cinco](#)
[Capítulo seis](#)
[Capítulo sete](#)
[Capítulo oito](#)
[Capítulo nove](#)
[Capítulo dez](#)
[Capítulo onze](#)
[Capítulo doze](#)
[Capítulo treze](#)
[Capítulo quatorze](#)
[Capítulo quinze](#)
[Capítulo dezesseis](#)
[Capítulo dezessete](#)
[Capítulo dezoito](#)
[Agradecimentos](#)
[Conheça o próximo livro da série](#)
[Sobre a autora](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)